



Sto. Afonso de Ligório

**Preparação
para a morte**

**Considerações
sobre as
verdades eternas**

**Tradução de
Celso de Alencar
Edição Pdf de Fl. Castro
2004**

Oh Momentum, a quo pendet Eternitas!



Estampa desenhada por Sto. Afonso

DEDICATÓRIA

*À Imaculada e sempre Virgem Maria,
À cheia de graça,
À bendita entre todos os filhos de Adão,
À Pomba, à Rola, a dileta de Deus,
Honra do gênero humano, delícia da Santíssima Trindade,
Habitáculo de amor,
Modelo de humildade,
Espelho de todas as virtudes.
Mãe do belo amor,
Mãe da santa esperança e Mãe de misericórdia,
Advogada dos desgraçados,
Amparo dos fracos, Luz dos cegos e saúde dos enfermos,
Âncora de confiança,
Cidade de refúgio, Porta do céu,
Arca da vida, Íris da paz, Porto de salvação,
Estrela do mar e Mar de doçura,
Intercessora dos pecadores,
Esperança dos desesperados, Socorro dos desamparados,
Consoladora dos aflitos,
Alívio dos moribundos e Alegria do universo:*

*Um afetuoso e amante servo,
ainda que indigno e vil,
humildemente dedica esta obra*

ADVERTÊNCIA IMPORTANTE SOBRE O OBJETIVO DESTA OBRA

Pediram-me algumas pessoas que lhes proporcionasse um livro de considerações sobre as verdades eternas e que se destinasse às almas zelosas de sua perfeição e do progresso no caminho da vida espiritual. Outras reclamavam um compêndio de matérias próprias para as prédicas em missões e exercícios espirituais. Para não multiplicar livros, trabalhos e despesas, entendi ser conveniente escrever a obra presente na forma que se vai ler, a fim de que possa servir para ambos os fins. Encontrarão nela os leigos assunto para meditar, por meio de três pontos em que é dividida cada consideração, e, como qualquer desses pontos pode servir para uma meditação completa, adicionei-lhes afetos e súplicas. Rogo ao leitor que se não enfade ao ver que nestas orações se pede continuamente a graça da perseverança e a do amor de Deus, porque estas são as duas graças mais necessárias para alcançar a salvação eterna.

A graça do amor divino — disse São Francisco de Sales — é aquela que contém em si todas as demais, porque a virtude do amor para com Deus traz consigo todas as outras virtudes. Quem ama a Deus é humilde, casto, obediente, mortificado... possui, enfim, as virtudes todas.

Por isso, dizia Santo Agostinho: “Ama a Deus e faze o que quiseres,” pois aquele que ama a Deus evitará a todo transe ofendê-lo e só procurará agra-

dar-lhe em tudo.

Quanto à graça da perseverança, é por meio dela que se alcança a salvação eterna. Disse São Bernardo que o céu foi prometido aos que começam a viver santamente, mas que não é dado senão aos que perseveram até ao fim.

Ora, a graça da perseverança, segundo ensinam os Santos Padres, só se concede àqueles que a pedem. Portanto — afirma S. Tomás, — requer-se contínua oração para entrar na glória, segundo o disse antes Nosso Salvador: “Convém orar sempre e não desfalecer” (Lc 18,1). Tal é a causa por que muitos pecadores, ainda que hajam sido perdoados, não perseveram na graça de Deus: alcançam o perdão mas se esquecem de pedir a Deus a perseverança, principalmente no tempo das tentações, e recaem miseravelmente. Ainda que o dom da perseverança seja inteiramente gratuito e não o possamos merecer por nossas obras, podemos, todavia, — diz o Pe. Suárez, — obtê-lo infalivelmente pela oração, segundo já havia dito Santo Agostinho.

Esta necessidade da oração demonstraremos desenvolvidamente em outro opúsculo, que em breve publicaremos, intitulado: A Oração, o grande meio, obra essa que, apesar de breve e, portanto, de baixo custo, é fruto de largo trabalho e, no meu pensar, utilíssima para todos.

Atrevo-me assim a assegurar que, entre todos os

livros espirituais, não há nem pode haver nenhum mais útil nem mais necessário para alcançar a salvação eterna do que esse que trata da oração.

A fim de que as presentes considerações possam servir para a pregação dos sacerdotes, que têm poucos livros ou que não dispõem de tempo para os ler, acrescentei-lhes alguns textos da Escritura e passagens dos Santos Padres. Estas citações, ainda que breves, encerram elevado conceito, como convém à pregação da palavra de Deus. É de observar que os três pontos de cada consideração formam um sermão completo. Por isso, procurei recolher, em muitos autores, os afetos que me pareceram mais próprios para mover o ânimo, expondo-os com variedade e concisão, a fim de que o leitor escolha aqueles que mais lhe agradem e os desenvolva à sua vontade.

Seja tudo para a glória de Deus.

Viva Jesus, nosso amor, e Maria, nossa esperança.

CONSIDERAÇÃO I

Retrato de um homem que acaba de expirar

Pulvis es et in pulverem reverteris.

És pó e em pó te hás de tornar (Gn 3,19)

PONTO I

Considera que és pó e que em pó te hás de converter. Virá o dia em que será preciso morrer e apodrecer num fosso, onde ficarás coberto de vermes. A todos, nobres e plebeus, príncipes ou vassallos, estará reservada a mesma sorte. Logo que a alma, com o último suspiro, sair do corpo, passará à eternidade, e o corpo se reduzirá a pó.

Imagina que estás em presença de uma pessoa que acaba de expirar. Contempla aquele cadáver, estendido ainda em seu leito mortuário: a cabeça inclinada sobre o peito; o cabelo em desalinho e banhado ainda em suores da morte, os olhos encovados, as faces descarnadas, o rosto acinzentado, os lábios e a língua cor de chumbo; hirto e pesado o corpo. Treme e empalidece quem o vê. Quantas pessoas, à vista de um parente ou amigo morto, mudaram de vida e abandonaram o mundo.

É ainda mais horrível o aspecto do cadáver quando começa a corromper-se. Nem um dia se passou após o falecimento daquele jovem, e já se

percebe o mau cheiro. É preciso abrir as janelas e queimar incenso; é mister que prontamente levem o defunto à igreja, ou ao cemitério, e o entreguem à terra para que não infeccione toda a casa. Mesmo que aquele corpo tenha pertencido a um nobre ou potentado, não servirá senão para que exale ainda fetidez mais insuportável, — disse um autor.

Vês o estado a que chegou aquele soberbo, aquele dissoluto! Ainda há pouco, via-se acolhido e cortejado pela sociedade; agora tornou-se o horror e o espanto de quem o contempla. Os parentes apressam-se a afastá-lo de casa e pagam aos coveiros para que o encerrem em um esquife e lhe dêem sepultura. Há bem poucos instantes ainda se apregoava a fama, o talento, a finura, a polidez e a graça desse homem; mas apenas está morto, nem sua lembrança se conserva.

Ao ouvir a notícia de sua morte, limitam-se uns a dizer que era homem honrado; outros, que deixou à família grande riqueza. Contristam-se alguns, porque a vida do falecido lhes era proveitosa; alegram-se outros, porque vão ficar de posse de tudo quanto tinha. Por fim, dentro em breve, já ninguém falará nele, e até seus parentes mais próximos não querem ouvir falar dele para não se lhes agravar a dor que sentem. Nas visitas de condolências, trata-se de outro assunto; e, quando alguém se atreve a mencionar o falecido, não falta um parente que advirta: Por caridade, não pronuncies mais o seu nome! Considera que as-

sim como procedes por ocasião da morte de teus parentes e amigos, assim os outros agirão na tua. Os vivos entram no cenário do mundo para desempenhar seu papel e ocupar os lugares dos mortos; mas do apreço e da memória destes pouco ou nada cuidam.

A princípio, os parentes se afligem por alguns dias, mas se consolam depressa com a parte da herança que lhes couber e, talvez, parece que até a tua morte os regozija. Naquela mesma casa onde exalaste o último suspiro, e onde Jesus Cristo te julgou, passarão a celebrar-se, como dantes, banquetes e bailes, festas e jogos. E tua alma, onde estará então?

AFETOS E SÚPLICAS

Agradeço-vos, meu Jesus Redentor, o não me terdes deixado morrer quando incorrera no vosso desagrado! Há quantos anos já, mereci estar no inferno! Se eu tivesse morrido naquele dia, naquela noite, que teria sido de mim por toda a eternidade? Senhor, dou-vos graças por esse benefício. Aceito minha morte em satisfação de meus pecados e aceito-a tal qual me quiserdes enviar; mas, já que haveis esperado até esta hora, esperai mais um pouco ainda. Dai-me tempo de chorar as ofensas que vos fiz, antes que chegue o dia em que tereis de julgar-me.

Não quero resistir, por mais tempo, ao vosso chamado. Talvez, estas palavras que acabo de ler,

sejam para mim vosso último convite! Confesso que não mereço misericórdia. Tantas vezes me tendes perdoado, e eu, ingrato, tornei a vos ofender! Senhor, já que não sabeis desprezar nenhum coração que se humilha e se arrepende (Sl 50,19), eis aqui um traidor, que arrependido recorre a vós! Por piedade, não me repilais de vossa presença (Sl 50,13). Vós mesmo dissestes: “aquele que vem a mim, não o desprezarei” (Jo 6,37). É verdade que vos ofendi mais que os outros, porque mais que os outros fui favorecido por vossa luz e vossa graça. Mas anima-me o sangue que por mim derramastes, e me fez esperar o perdão se me arrepender sinceramente. Sim, Sumo Bem de minha alma, arrependo-me de todo o coração de vos ter desprezado.

Perdoai-me e concedei-me a graça de vos amar para o futuro. Basta de ofensas. Não quero, meu Jesus, empregar o resto de minha vida em injuriar-vos; quero unicamente empregá-la em chorar sem cessar os ultrajes que vos fiz, e em amar-vos de todo o coração. Ó Deus, digno de amor infinito! Ó Maria, minha esperança, rogai a Jesus por mim!

PONTO II

Cristão, para compreenderes melhor o que és — disse São João Crisóstomo — “aproxima-te de um sepulcro, contempla o pó, a cinza e os vermes, e chora”. Observa como aquele cadáver, de amarelo que é, se vai tornando negro. Não tarda a aparecer

por todo o corpo uma espécie de penugem branca e repugnante. Sai dela uma matéria pútrida, nasce uma multidão de vermes, que se nutrem das carnes. Às vezes, se associam a estes os ratos para devorar aquele corpo, saltando por cima dele, enquanto outros penetram na boca e nas entranhas. Caem a pedaços as faces, os lábios e o cabelo; descarna-se o peito, e em seguida os braços e as pernas. Quando as carnes estiverem todas consumidas, os vermes passam a se devorar uns aos outros, e de todo aquele corpo só resta afinal um esqueleto fétido que com o tempo se desfaz, desarticulando-se os ossos e separando-se a cabeça do tronco.

“Reduzido como a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio” (Dn 2,35). Isto é o homem: um pouco de pó que o vento dispersa.

Onde está agora aquele cavalheiro a quem chamavam alma e encanto da conversação? Entra em seu quarto; já não está ali. Visita o seu leito; foi dado a outro. Procura suas roupas, suas armas; outros já se apoderaram de tudo. Se quiseres vê-lo, acerca-te daquela cova onde jaz em podridão e com a ossada descarnada. Ó meu Deus! A que estado ficou reduzido esse corpo alimentado com tanto mimo, vestido com tanta gala, cercado de tantos amigos? Ó santos, como haveis sido prudentes: pelo amor de Deus — fim único que amastes neste mundo — soubestes mortificar a vossa carne. Agora, os vossos ossos,

como preciosas relíquias, são venerados e conservados em urnas de ouro. E vossas belas almas gozam de Deus, esperando o dia final para se unir a vossos corpos gloriosos, que serão companheiros e partícipes da 5 glória sem fim, como o foram da cruz durante a vida. Este é o verdadeiro amor ao corpo mortal: fazê-lo suportar trabalhos, a fim de que seja feliz eternamente, e negar-lhe todo prazer que o possa lançar para sempre na desdita.

AFETOS E SÚPLICAS

Eis aqui, meu Deus, a que se reduzirá também este meu corpo, por meio do qual tanto vos tenho ofendido: presa dos vermes e da podridão! Mas não me aflijo, Senhor; antes me regozijo de que assim se tenha que corromper e consumir-se esta carne que me fez perder a vós, meu Sumo Bem. O que me contrista é ter-vos causado tanto desgosto, indo à procura de míseros prazeres. Não quero, porém, desconfiar da vossa misericórdia. Vós esperastes por mim para me perdoar (Is 30,18). E quereis perdoar-me se me arrependo. Sim, arrependo-me, ó Bondade infinita, de todo o meu coração, de vos ter desprezado. Direi com Santa Catarina de Gênova: “Meu Jesus, nunca mais pecarei, nunca mais pecarei”. Não quero abusar por mais tempo da vossa paciência.

Não quero esperar, meu amor crucificado, para vos abraçar quando me fordes apresentado pelo

confessor na hora da morte. Desde já, vos abraço; desde já, vos recomendo minha alma. Como esta minha alma tem passado tantos anos sem amar-vos, dai-me luz e força para que vos ame no resto de minha vida. Não esperarei, não, para amar-vos, até que se aproxime a hora derradeira. Desde já, vos abraço e estreito ao coração, prometendo jamais vos abandonar.

Ó Virgem Santíssima, uni-me a Jesus Cristo, alcançando-me a graça de não o perder nunca!
PONTO III

Neste quadro da morte, caro irmão, reconhece-te a ti mesmo, e considera o que virás a ser um dia: “Recorda-te que és pó, e em pó te converterás”. Pensa que dentro de poucos anos, quiçá dentro de alguns meses ou dias, não serás mais que vermes e podridão. Este pensamento fez de Jó um grande santo: “À podridão eu disse: tu és meu pai; aos vermes: sois minha mãe e minha irmã”.

Tudo se há de acabar, e se perderes tua alma na morte, tudo estará perdido para ti. “Considera-te desde já como morto, — disse São Lourenço Justiniano — pois sabes que necessariamente hás de morrer” . Se já estivesses morto, que não desejarias ter feito por Deus? Portanto, agora que vives, pensa que algum dia cairás morto. Disse São Boaventura que o piloto, para governar o navio, se coloca na extremidade traseira do mesmo; assim o homem, para

levar a vida boa e santa, deve imaginar sempre o que será dele na hora da morte. Por isso, exclama São Bernardo: “Considera os pecados de tua mocidade e cora; considera os pecados da idade viril e chora; considera as desordens da vida presente, e estremece”, e apressa-te em remediá-la prontamente.

São Camilo de Lélis, ao aproximar-se de alguma sepultura, fazia estas reflexões: Se estes mortos voltassem ao mundo, que não fariam pela vida eterna? E eu, que disponho de tempo, que faço eu por minha alma? Este Santo pensava assim por humildade; mas tu, querido irmão, talvez com razão receies ser considerado aquela figueira sem fruto, da qual disse o Senhor: “Três anos já que venho a buscar frutas a esta figueira, e não os achei” (Lc 13,7).

Tu, que há mais de três anos estás neste mundo, quais os frutos que tens produzido? Considera — disse São Bernardo — que o Senhor não procura somente flores, mas quer frutos; isto é, não se contenta com bons propósitos e desejos, mas exige a prática de obras santas. É preciso, pois, que saibas aproveitar o tempo que Deus, em sua misericórdia, te concede, e não esperes com a prática do bem até que seja tarde, no instante solene quando te diz: Vamos, chegou o momento de deixar este mundo. Depressa! O que está feito, está feito.

AFETOS E SÚPLICAS

Aqui me tendes, Senhor; sou aquela árvore que

há muitos anos merecia ouvir de vós estas palavras: “Cortai-a, pois, para que de balde há de ocupar terreno?” (Lc 13,7). Nada mais certo, porque, em tantos anos que estou no mundo, ainda não dei frutos senão cardos e espinhos do pecado. Mas vós, Senhor, não quereis que desespere. Dissestes a todos: aquele que me procurar, achar-me-á (Mt 7,7). Procuvo-vos, meu Deus, e quero receber vossa graça. Detesto, de todo o coração, as ofensas que cometi e quisera morrer de dor por elas. No passado fugi de vós, mas agora prefiro vossa amizade à posse de todos os reinos do mundo. Não quero mais resistir ao vosso chamamento. Quereis-me todo para vós e sem reserva entrego-me inteiramente. Na cruz, destes-vos todo a mim; todo me dou a vós.

Senhor, vós dissestes: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a darei” (Jo 14,14). Meu Jesus, confiado nessa grande promessa, pelo vosso santo nome e pelos vossos méritos, peço a vossa graça e o vosso amor. Fazei que deles se replete minha alma, onde antes morava o pecado. Agradeço-vos por me terdes inspirado o pensamento de dirigir-vos esta oração, sinal evidente de que quereis ouvir-me. Ouvi-me, pois, meu Jesus! Concedei-me grande amor por vós, dai-me um grande desejo de agradar-vos e depois a força de cumpri-lo.

Ó Maria, minha excelsa intercessora, escutai-me vós também e rogai a Jesus por mim!

CONSIDERAÇÃO II

Tudo se acaba com a morte

Finis venit; venit finis.

O fim chega; chega o fim (Ez 7,6)

PONTO I

Os mundanos só consideram feliz a quem goza dos bens deste mundo: honras, prazeres e riquezas. Mas a morte acaba com toda esta ventura terrestre. “Que é vossa vida? É um vapor que aparece por um momento” (Tg 4,15). Os vapores que a terra exala, quando sobem ao ar, sob o efeito dos raios solares oferecem, às vezes, aspecto vistoso; mas quanto tempo dura essa aparência brilhante? Ao sopro do menor vento, tudo desaparece. Aquele poderoso do mundo, hoje tão acatado, tão temido e quase adorado, amanhã, quando estiver morto, será desprezado, olvidado e amaldiçoado. A morte obriga a deixar tudo. O irmão do grande servo de Deus Tomás de Kempis ufanava-se de ter construído casa magnífica. Um de seus amigos, porém, observou-lhe que notava um grave defeito.

— Qual? — perguntou ele.

— O defeito que encontro nela — respondeu-lhe

o amigo — é que mandaste fazer uma porta.

— Como? — retorquiu o dono da casa — a porta é um defeito? — Sim — acrescentou o outro — porque virá o dia em que, por essa porta, deverás sair morto, deixando a casa e tudo o mais que te pertence.

A morte, enfim, despoja o homem de todos os bens deste mundo.

Que espetáculo ver arrancar este príncipe de seu próprio palácio para nunca mais entrar nele, e considerar que outros tomam posse de seus móveis, de seus tesouros e de todos os demais bens! Os servos deixam-no na sepultura coberto apenas com uma veste suficiente para cobrir-lhe as carnes; já não há quem os estime nem quem o adule; nem se levam em conta as ordens que deixou. Saladino, conquistador de muitos reinos da Ásia, ordenou, ao morrer, que, quando transportassem seu corpo à sepultura, um soldado precedesse o esquife, levando suspensa de uma lança a mortalha e gritasse: “Eis aqui tudo quanto Saladino leva para a sepultura!” Quando o cadáver de um príncipe desce à sepultura, desfazem-se suas carnes, e nos restos mortais não se conserva indício algum que os distinga dos outros. “Contempla os sepulcros, — disse São Basílio — e não poderás distinguir quem foi o servo e quem o amo”. Na presença de Alexandre Magno, certo dia, Diógenes mostrou-se mui absorvido em procurar alguma coisa entre um montão de ossos humanos.

— Que procuras aí? — perguntou Alexandre, com curiosidade.

— Procuo — respondeu Diógenes — o crânio do rei Filipe, vosso pai, e não o encontro. Mostrai-me, se o podeis encontrar.

Neste mundo todos os homens nascem em condições desiguais, mas a morte os iguala — disse Sêneca. Horácio dizia também que a morte nivela os cetros e os cajados. Numa palavra, quando a morte chega, finis venit, tudo se acaba e tudo se deixa; de todas as coisas deste mundo nenhuma levamos para a tumba.

AFETOS E SÚPLICAS

Senhor, já que me fazeis reconhecer que tudo quanto o mundo estima não passa de fumo e demência, dai-me força para livrar-me dele antes que a morte me arrebate. Infeliz de mim, que tantas vezes, por míseros prazeres e bens terrenos, vos ofendi e perdi a vós que sois o Bem infinito! Ó meu Jesus, médico celestial, volvei os vossos olhos para minha pobre alma; vede as feridas que eu mesmo lhe abri com meus pecados, e tende piedade de mim. Mas, para me curar, quereis também que me arrependa das ofensas que vos fiz. Já que me arrependo de coração, curai-me, agora que podeis fazê-lo (Sl 40,5). Esqueci-me de vós; mas vós não me esquecestes, e agora me dais a entender que até quereis olvidar minhas ofensas, se eu as detestar (Ez 18,21).

Sim, detesto e aborreço-as mais que todos os males. Esquecei, pois, meu Redentor, as amarguras que vos causei. Doravante, prefiro perder tudo, até a vida, a perder a vossa graça. De que me serviriam, sem ela, todos os bens do mundo? Dignai-vos ajudar-me, Senhor, já que conheceis minha fraqueza.

O inferno não deixará de tentar-me; prepara mil assaltos para me reduzir de novo à condição de seu escravo. Mas vós, meu Jesus, não me abandoneis! Quero ser escravo de vosso amor. Sois meu único Senhor, que me criastes, que me remistes e que me amastes sem limites. Sois o único que mereceis amor, e só a vós é que eu quero amar.

PONTO II

Achando-se Filipe II, rei de Espanha, às portas da morte, mandou vir seu filho à sua presença e, abrindo o mando real com que se cobria, mostrou-lhe o peito já roído de vermes, dizendo: Príncipe, vede como se morre e como se acabam todas as grandezas deste mundo. Foi com razão que Teodoreto disse que a morte não teme riquezas, nem poder, nem púrpura; e que tanto os vassallos como os príncipes se tornam presa de corrupção. Assim, todo aquele que morre, ainda que seja príncipe, nada leva consigo ao túmulo. Toda a sua glória acaba no leito mortuário (Sl 48,18).

Refere Santo Antônio que, na morte de Alexandre Magno, exclamara um filósofo: “Aí está quem ontem calcava a terra aos pés; hoje é pela terra oprimido.

Ontem cobiçava a terra inteira; hoje basta-lhe um espaço de sete palmos. Ontem dirigia exércitos inumeráveis através do mundo; hoje uns poucos coveiros o levam ao túmulo”. Mas escutemos, antes de tudo, o que disse o próprio Deus: “Por que se ensoberbece o pó e a cinza?” (Eclo 10,9). Homem, não vês que és pó e cinza, de que te orgulhas? Para que te serve consumir teus anos e teu espírito em adquirir grandezas deste mundo? Virá a morte e então se dissiparão todas essas grandezas e todos os teus projetos (Sl 145,4).

Quão preferível foi a morte de São Paulo Eremita, que viveu sessenta anos em uma gruta, à de Nero, imperador de Roma! Quanto mais feliz a morte de São Félix, simples frade capuchinho, do que a de Henrique VIII, que passou sua vida entre as pompas reais, mas sendo inimigo de Deus! É preciso considerar, porém, que os Santos, para alcançar morte semelhante, abandonaram tudo: pátria, delícias e quantas esperanças o mundo lhes oferecia, para abraçarem vida pobre e menosprezada.

Sepultaram-se em vida sobre a terra, para não serem sepultados no inferno depois da morte. Como, porém, os mundanos podem esperar morte feliz, vivendo, como vivem, em pecados, prazeres terrestres e ocasiões perigosas? Deus preveniu os pecadores que na hora da morte o procurarão e não o hão de achar (Jo 7,34). Disse que então já não será tempo de misericórdia, mas sim de justa vingança (Dt

32,15).

A razão nos ensina esta mesma verdade, porque, na hora da morte, o mundano se achará fraco de espírito, obscurecido e duro de coração pelos maus hábitos que contraiu; as tentações então manifestar-se-ão mais violentas, e ele, que em vida se acostumou a render-se e a deixar-se vencer, como resistirá naquele transe? Seria necessária uma graça extraordinária e poderosa para lhe transformar o coração. Mas será Deus obrigado a lha conceder? Ou talvez a mereceu pela vida desordenada que levou? E, no entanto, trata-se nessa ocasião da desdita ou da felicidade eterna. Como é possível, ao pensar nisto, que aquele que crê nas verdades da fé não renuncie a tudo para entregar-se inteiramente a Deus, que nos julgará segundo nossas obras?

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, Senhor! quantas noites passei sem vossa graça! Em que estado miserável se achava então a minha alma! Vós a odiáveis, e ela queria vosso ódio! Estava condenado ao inferno; só faltava executar a sentença.

Meu Deus, dignastes aproximar-vos de mim, incitando-me ao perdão. Mas quem me assegurará que agora já me haveis perdoado? Ó meu Jesus, devo viver nesse receio até que venhais julgar-me? Contudo, a dor que sinto de vos ter ofendido, meu desejo de amar-vos e sobretudo vossa Paixão, é Redentor

meu, dão-me a confiança de que me acho em vossa graça. Arrependo-me de vos ter ofendido, ó Soberano Bem, e amo-vos sobre todas as coisas. Prefiro perder tudo a perder a vossa graça e o vosso amor. Quereis que sinta alegria o coração que vos procura (1Cr 16,10). Detesto, Senhor, as injúrias que vos fiz; inspi-rai-me confiança e coragem. Não me lanceis em rosto minha ingratidão, que eu mesmo reconheço e detesto. Dissestes que não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva (Ez 33,11). Pois bem, meu Deus, eu renuncio a tudo e me converto a vós: é a vós a quem procuro, a vós a quem eu quero, a vós a quem eu amo sobre todas as coisas.

Dai-me vosso amor e nada mais vos peço.

Ó Maria, que sois minha esperança, alcançai-me a santa perseverança.

PONTO III

David compara a felicidade na vida presente ao sonho de um homem que desperta (Sl 72,20), e, comentando estas palavras, escreve um autor: “Parecem grandes os bens deste mundo; mas, na realidade, nada são, e duram pouco, semelhante ao sonho, que se esvai. O pensamento de que com a morte tudo se acaba, inspirou a São Francisco de Borja a resolução de dar-se inteiramente a Deus. Incumbiram-no de acompanhar o cadáver da imperatriz Isabel de Granada. Quando abriram o ataúde, foi tal o aspecto horrível que ofereceu e o cheiro que exalou, que afu-

gentou toda a gente. Só São Francisco, guiado pela luz divina, ficou a contemplar nesse cadáver a vaidade do mundo, e olhando-o disse: “Sois, então, a minha imperatriz? Sois aquela, diante da qual tantos grandes reverentes te ajoelharam? Isabel, para onde foi vossa majestade, vossa beleza? É assim — concluiu ele de si para consigo — que acabam as grandezas e as coroas do mundo! Não sirvo mais a um senhor que me possa ser roubado pela morte! E desde então se consagrou inteiramente ao amor do Crucificado, fazendo voto de abraçar o estado religioso quando sua esposa morresse, o que depois efetivamente cumpriu, entrando na Companhia de Jesus.

Tinha razão, portanto, esse homem desiludido, quando escreveu sobre um crânio humano: “Quem pensa na morte, tudo lhe parece vil”.

Quem medita na morte, não pode amar a terra. Por que, entretanto, há tantos desgraçados que amam este mundo? Porque não pensam na morte. Miseros filhos de Adão — diz-nos o Espírito Santo, — por que não arrancais do coração os afetos terrenos, que fazem amar a vaidade e a mentira? (Sl 4,3). O que aconteceu a teus antepassados, sucederá também a ti; eles moraram nesta mesma casa, dormiram nesse mesmo leito, mas já não existiu: o mesmo acontecerá a ti.

Entrega-te, pois, a Deus, meu caro irmão, antes que chegue a morte.

Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje (Ecl 9,10); porque o dia presente passa e não volta; e amanhã a morte poderia apresentar-se e nada te permitiria fazer. Procura, sem demora, libertar-te do que te afasta de Deus. Rompe, sem tardança, com todo laço que te prende aos bens da terra, antes que a morte os venha arrebatat. Bem-aventurados os que, ao morrer, já se acham mortos para as afeições terrenas (Ap 14,13). Estes não temem a morte, antes a desejam e abraçam alegremente.

Em vez de separá-los dos bens que amam, une-os ao Sumo Bem, que é o único objeto digno de amor e que os tornará eternamente felizes.

AFETOS E SÚPLICAS

Agradeço-vos, meu amado Redentor, o terdes esperado por mim.

Que teria sido de mim, se me tivésseis dado a morte quando tão afastado de vós me encontrava? Benditas sejam para sempre a misericórdia e paciência com que me tratastes! Rendo-vos sinceras graças pelos dons e luzes com que me enriquecestes. Não vos amava, nem me importava então ser amado por vós. Agora, vos amo de todo o coração e a pena que mais me acabrunha é ter desagradado à vossa infinita bondade.

Atormenta-me esta dor: tormento, entretanto, que é doce, pois me traz a esperança de que já me per-

doastes! Oxalá, dulcíssimo Jesus, tivesse morrido mil vezes, antes de vos ter ofendido! Tremo só em pensar que no futuro posso tornar a vos ofender. Ah, Senhor: Fazei-me antes morrer da morte mais dolorosa do que permitir que de novo perca a vossa graça. Já fui escravo do inferno; agora sou vosso servo, ó Deus de minha alma! Dissestes que amais a quem vos ama. (Pe 8,17). Amo-vos, pois; sou vosso e vós sois meu.

Como ainda posso perder-vos futuramente, peço-vos a graça de antes morrer que de novo vos perder. Se tantos benefícios me dispensastes sem que eu os pedisse, já não receio me negueis este que vos peço agora. Não permitais que vos perca. Concedei-me vosso amor e nada mais desejo.

Maria, minha esperança, intercedei por mim.

CONSIDERAÇÃO III

Brevidade da vida

Quae est vita vestra? Vapor est ad modicum
parens.

Que é vossa vida? É vapor que aparece por
um instante (Tg 4,14)

PONTO I

Que é nossa vida? Assemelha-se a um tênue vapor que o ar dispersa e desaparece completamente. Todos sabemos que temos de morrer. Muitos, porém, se iludem, imaginando a morte tão afastada que jamais houvesse de chegar. Jó, entretanto, nos adverte que a vida humana é brevíssima: “O homem, vivendo breve tempo, brota como flor e murcha” (Jó 14,1-2). Foi esta mesma verdade que Isaías anunciou por ordem do Senhor. “Clama — disse-lhe — que toda a carne é erva... verdadeira erva é o povo; seca a erva, e cai a flor” (Is 40,6-8). A vida humana é, pois, semelhante à de uma planta. Chega a morte, seca a erva; acaba a vida e murcha, cai a flor das grandezas e dos bens terrenos.

A morte corre ao nosso encontro mais rápido que um corredor. E nós, a cada instante, corremos para ela (Jo 9,25). A cada passo, a cada respiração chegamos mais perto da morte. “Este momento em que escrevo — disse São Jerônimo — faz-me caminhar para a morte.” “Todos temos de morrer, e nós des-

lizamos como a água sobre a terra, a qual não volta para trás” (2Sm 14,14). Vê como corre o regato para o mar; suas águas não retrocedem; assim, meu irmão, passam teus dias e cada vez mais te acercas da morte. Prazeres, divertimentos, faustos, lisonjas e honras, tudo passa. E o que fica? “Só me resta o sepulcro” (Jó, 17,1). Seremos lançados numa cova e, ali, entregues à podridão, privados de tudo. No transe da morte, a lembrança de todos os gozos que em vida desfrutamos e bem assim das honras adquiridas só servirá para aumentar nossa mágoa e nossa desconfiança de obter a salvação eterna. Dentro em breve, o pobre mundano terá que dizer: minha casa, meus jardins, esses móveis preciosos, esses quadros raríssimos, 10 aqueles vestuários já não serão para mim! “Só me resta o sepulcro”.

Ah! com que dor profunda há de olhar para os bens terrestres aquele que os amou apaixonadamente! Mas essa mágoa já não valerá senão para aumentar o perigo em que se acha a salvação. A experiência nos tem provado que tais pessoas, apegadas ao mundo, mesmo no leito da morte, só querem que se lhes fale de sua enfermidade, dos médicos que se possam consultar, dos remédios que os aliviem. Mas, logo que se trata da alma, enfadam-se e pedem descansar, porque lhes dói a cabeça e não podem ouvir conversação. Se, por acaso, respondem, é confusamente e sem saberem o que dizem. Muitas vezes, o confessor lhes dá a absolvição, não porque os acha bem preparados, mas porque já não há tempo a per-

der. Assim costumam morrer aqueles que pensam pouco na morte.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Senhor e Deus de infinita majestade! Envergonho-me de aparecer ante vossa presença. Quantas vezes injurieei vossa honra, preferindo à vossa graça um indigno prazer, um ímpeto de cólera, um pouco de barro, um capricho, um fumo leve! Adoro e beijo vossas santas chagas, que vos infligi com meus pecados. Pelas mesmas espero meu perdão e salvamento. Fazei-me conhecer, ó Jesus, a gravidade da ofensa que cometi, sendo como sois a fonte de todo o bem e eu vos abandonei para saciar-me em águas corruptas e envenenadas. Que me resta de tantas ofensas, senão angústia, remorsos e méritos para o inferno? “Meu pai, não sou digno de chamar-me vosso filho” (Lc 15,21). Não me abandoneis, pai.

Verdade é que não mereço a graça de chamar-me vosso filho. Mas morrestes para salvar-me. Dissestes, Senhor: “Convertei-vos a mim e eu me voltarei para vós” (Zc 1,3). Renuncio, pois, a todas as minhas satisfações. Deixo no mundo quantos prazeres se me podem oferecer e me converto a vós.

Perdoai-me, pelo sangue que derramastes por mim. Senhor, arrependo-me e vos amo sobre todas as coisas. Não sou digno de vos amar, mas vós, que mereceis tanto amor, não desprezeis o amor de um coração que em outro tempo vos desprezava. A fim

de que vos amasse, não me deixastes morrer quando me achava em estado de pecado.

Quero amar-vos na vida que me resta, e não amar a nada mais que a vós. Assisti-me, meu Deus; dai-me o dom da perseverança e o vosso santo amor.

Maria, meu refúgio, recomendai-me a Jesus Cristo.

PONTO II

Exclamava o rei Ezequias: “Minha vida foi cortada como por tecelão.

Quando ainda estava urdindo, ele me cortou” (Is 38,12). Quantas pessoas andam preocupadas a tecer a teia de sua vida, ordenando e combinando com arte seus mundanos desígnios, quando os surpreende a morte e rompe tudo! Ao pálido resplendor da última luz todas as coisas deste mundo se obscurecem: aplausos, prazeres, pompas e grandezas.

Grande segredo o da morte! Sabe mostrar-nos o que não vêem os amantes do mundo. As mais cobiçadas fortunas, os postos mais elevados, os triunfos mais estupendos, perdem todo o seu esplendor considerados à vista do leito mortuário. Convertem-se então em indignação contra nossa própria loucura as idéias que tínhamos formado de certa felicidade ilusória. A sombra negra da morte cobre e obscurece até as dignidades régias.

Durante a vida, nossas paixões nos apresentam os bens do mundo de modo mui diferente do que são. A morte, porém, lhes tira o véu e os mostra na sua realidade: fumo, logo, vaidade e miséria. Meu Deus, para que servem depois da morte riquezas, domínio e reinos, quando, ao morrer, temos apenas necessidade de um ataúde de madeira e de uma mortalha para cobrir o corpo? Para que servem honras, se apenas nos darão um cortejo fúnebre ou pomposas exéquias, que de nada nos aproveitarão se a alma está perdida? Para que serve formosura do corpo, se não restam mais que vermes, podridão espantosa e, pouco depois, pó infecto? Ele me reduziu a ser como a fábula do povo, e sou um ludíbrio diante deles (Jó 17,6). Morre um ricoço, um governador, um capitão, e por toda parte sua morte será apregoada. Mas, se viveu mal, virá a ser censurado pelo povo, exemplo da vaidade do mundo e da justiça divina, e escarmento para muitos. Na cova será confundido com os cadáveres dos pobres. “Grandes e pequenos ali estão” (Jó 3,19). De que lhe serviu a galhardia do seu corpo, se agora não passa de um montão de vermes? De que lhe valeu a autoridade que possuía, se agora seus restos mortais estão condenados a apodrecer numa vala e a sua alma arrojada nas chamas do inferno? Oh! que desdita ser para os demais objeto de semelhantes reflexões, e não as haver feito em benefício próprio! Persuadamo-nos, portanto, que, para remediar as desordens da consciência, não é apropriado o tempo da morte, mas sim o da vida.

Apressemos-nos a pôr mãos à obra naquilo que então não poderemos fazer. Tudo passa e fenece depressa (1Cor 7,29). Procuremos agir de modo que tudo nos sirva para conquistar a vida eterna.

AFETOS E SÚPLICAS

Ó Deus de minha alma, ó bondade infinita! Tende compaixão de mim, que tanto vos tenho ofendido. Sabia que, pecando, perdia vossa graça, e quis perdê-la. Dizei-me, Senhor, o que devo fazer para recuperá-la.

Se quereis que me arrependa de meus pecados, deles me arrependo de todo o coração, e tanto que quisera morrer de dor por havê-los cometido. Se quereis que espere o vosso perdão, espero-o pelos merecimentos de vosso sangue. Se quereis que vos ame sobre todas as coisas, tudo deixo, renuncio a todos os prazeres que o mundo me pode oferecer, e vos amo mais que todos os bens, ó amabilíssimo Salvador meu! Se quereis, enfim, que vos peça alguma graça, ousou pedir-vos as seguintes: que não permitais vos torne a ofender e que me concedais vos ame verdadeiramente; depois fazei de mim o que quiserdes.

Maria, esperança minha, alcançai-me estas duas graças. É de vós que as espero.

PONTO III

Que grande loucura expor-se ao perigo de uma

morte infeliz e começar com ela uma eternidade desditosa, por causa dos breves e miseráveis deleites desta vida tão curta! Oh, quanta importância tem esse último instante, esse último suspiro, esta última cena! Vale uma eternidade de gozos ou de tormentos. Vale uma vida sempre feliz ou sempre desgraçada. Consideremos que Jesus Cristo quis morrer vítima de tanta amargura e ignomínia para nos obter morte venturosa. Com este fito nos dirige tantas vezes seu convite, dá-nos suas luzes, nos admoesta e ameaça, tudo para que procuremos concluir a hora derradeira na graça e na amizade de Deus.

Até um pagão, Antístenes, a quem perguntaram qual era a maior dita deste mundo, respondeu que era uma boa morte. Que dirá, pois, um cristão, a quem a luz da fé ensina que nesse momento começa a eternidade e se toma um dos dois caminhos, o do eterno sofrimento ou o da eterna alegria? Se numa bolsa metessem dois bilhetes: um com a palavra inferno, outro com a palavra glória, e tivesses que tirar à sorte um deles para seguir imediatamente ao lugar indicado, que precaução não tomarias para tirar o que desse entrada para o céu? Os desgraçados, condenados a jogar a vida, como tremem ao estender a mão para lançar os dados, dos quais depende sua vida ou morte.

Com que espanto te verás próximo desse momento solene em que poderás dizer a ti mesmo: Deste momento depende minha vida ou minha morte e-

terna! Decide-se agora se hei de ser eternamente feliz ou desesperado para sempre. Refere São Bernardino de Sena que certo príncipe, ao expirar, dizia aterrorizado: Eu, que tantas terras e palácios possuo neste mundo, não sei, se morrer esta noite, que mansão irei habitar! Se crês, meu irmão, que hás de morrer, que existe eternidade, que se morre só uma vez, e que, dado este passo em falso, o erro é irreparável para sempre e sem esperança de remédio: por que não te decides, desde o momento em que isto lêes, a praticar quanto puderes para te assegurar uma boa morte? Era a tremer que Santo André Avelino dizia: Quem sabe a sorte que me estará reservada na outra vida: salvar-meei? Tremia um São Luís Beltrão de tal maneira que, em muitas noites, não lograva conciliar o sono, acabrunhado pelo pensamento que lhe dizia: Quem sabe se te condenarás? E tu, meu irmão, que de tantos pecados és culpado, não tremes? Apressa-te em tomar o remédio oportuno; decide entregar-te inteiramente a Deus, e começa, desde já, uma vida que não te aflija, mas proporcione consolo na hora da morte. Dedicaste à oração; frequenta os sacramentos, evita as ocasiões perigosas e, se tanto for preciso, abandona o mundo para assegurar tua salvação, persuadido de que, quando esta se trata, não há confiança que baste.

AFETOS E SÚPLICAS

Quanta gratidão vos devo, meu amado Salvador!
Como pudestes prodigalizar tantos benefícios a um

traidor e ingrato para convosco? Criastes-me, e, criando-me, já prévieis quantas ofensas vos havia de fazer um dia. Remistes-me, morrendo por mim, e, já então, víeis toda a ingratidão com que havia de proceder. Apenas entrando no mundo, afastei-me de vós; entreguei-me à morte, à corrupção, mas vós, por vossa graça, me restituístes à vida. Estava cego e me abristes os olhos. Tinha-vos perdido, e fizestes que vos tornasse a encontrar. Era vosso inimigo e me oferecestes vossa amizade.

Ó Deus de misericórdia, fazei-me conhecer o muito que vos devo e que chore as ofensas que vos fiz. Vingai-vos de mim, dando-me dor profunda de meus pecados; mas não me castigueis, privando-me de vossa graça e do vosso amor.

Ó Pai Eterno, abomino e detesto acima de tudo os ultrajes que fiz.

Tende piedade de mim, por amor de Jesus Cristo! Olhai vosso Filho morto na cruz, e desça sobre mim o seu sangue divino para lavar a minha alma. Ó Rei do meu coração, venta o vosso Reino. Estou resolvido a repelir toda a afeição que não seja por vós. Amo-vos sobre todas as 12 as coisas; vinde reinar em minha alma. Fazei com que vos ame como único objeto de meu amor. Desejo agradar-vos quanto me for possível no tempo da vida que me resta. Abençoai, meu Pai, este meu desejo, e concedei-me a graça de permanecer sempre unido a vós. Consagro-vos todas as minhas afeições e doravante só quero ser vosso, ó

meu tesouro, minha paz, minha esperança, meu amor, meu tudo! Tudo espero de vós pelos merecimentos de vosso Filho.

Ó Maria, minha Rainha e minha Mãe, ajudai-me pela vossa intercessão! Mãe de Deus, rogai por mim.

CONSIDERAÇÃO IV

Certeza da morte

Statutum est hominibus semel mori.

Foi estabelecido aos homens morrer uma só vez (Hb 9,27)

PONTO I

A sentença de morte foi escrita para todo o gênero humano: É homem, deves morrer. Dizia Santo Agostinho: “Só a morte é certa; os demais bens e males nossos são incertos”. É incerto se o recém-nascido será rico ou pobre, se terá boa ou má saúde, se morrerá moço ou velho. Tudo isto é incerto, mas é indubitavelmente certo que deve morrer.

Magnatas e reis também serão ceifados pela

morte, a cujo poder não há força que resista. Resiste-se ao fogo, à água, ao ferro, ao poder dos príncipes, mas não se pode resistir à morte¹. Conta Vicente de Beauvais que um rei da França, achando-se no termo da vida, exclamava: “Com todo o meu poder, não posso conseguir que a morte espere mais uma hora!” Quando chega esse momento, não podemos retardá-lo nem por um instante sequer.

Por muitos anos, querido leitor, que ainda tenhas de viver, há de chegar um dia, e nesse dia uma hora, que te será a última. Tanto para mim, que escrevo, como para ti, que lês este livro, está decretado o dia, o instante, em que nem eu poderei mais escrever nem tu ler. “Quem é o homem que viverá e não verá a morte?” (Sl 89,49). Está proferida a sentença. Nunca existiu homem tão néscio que se julgasse isento da morte. O que sucedeu a teus antepassados, também sucederá a ti. De quantas pessoas, que, no princípio do século passado, viviam em tua pátria, nenhuma existe com vida. Até os príncipes e monarcas deixarão este mundo. Não subsistirá deles mais que um mausoléu de mármore com inscrição pomposa que somente serve para nos patentear que dos grandes deste mundo só resta um pouco de pó resguardado por aquelas lajes. São Bernardo pergunta: “Dize-me: onde estão os amadores do mundo? E responde: Nada deles resta, senão cinzas e vermes”.

É mistér, portanto, que não procuremos essa fortuna perecedora, mas a que não tem fim, já que nos-

sas almas são imortais. De que te serviria ser feliz neste mundo, — ainda que a verdadeira felicidade não se pode encontrar numa alma que vive afastada de Deus — se depois tens de ser desgraçado eternamente? Já tens preparado tua casa a teu gosto, mas reflete que cedo terás de deixá-la para ir apodrecer numa cova. Talvez alcançaste uma dignidade que te torna superior aos outros, mas a morte virá e te igualará aos mais vis plebeus deste mundo.

AFETOS E SÚPLICAS

Infeliz de mim, que durante tantos anos só pensei em ofender-vos, ó Deus de minha alma! Passaram-se já esses anos; a minha morte talvez esteja próxima, e não acho em mim senão remorso e arrependimento.

Ah, Senhor, tivesse eu sempre vos servido! Quão insensato fui! Em tantos anos de vida, não adquiri méritos para a outra vida, mas, ao contrário, me endividei para com a justiça divina! Meu amado Redentor, dai-me agora luz e ânimo para acertar minhas contas. Talvez a morte não esteja longe; quero preparar-me para esse momento decisivo da minha felicidade ou da minha desgraça eterna. Mil graças dou-vos por terdes esperado até agora por mim. Já que me haveis dado tempo para remediar o mal cometido, aqui estou, meu Deus, dizei-me o que desejais que faça por vós. Quereis que me arrependa das ofensas que vos fiz? Arrependo-me delas e as detesto de toda a minha alma. Quereis que empregue em amar-vos os

anos e os dias que me restam de vida? Pois bem, assim o farei, Senhor. Ó meu Deus, já no passado mais de uma vez formei esta mesma resolução, mas minhas promessas se converteram depois em outros tantos atos de infidelidade. Não, meu Jesus, não quero mostrar-me ingrato a tantos benefícios que me dispensastes. Se agora, pelo menos, não mudar de vida, como é que na hora da morte poderei esperar perdão e alcançar a glória? Tomo, pois, nesta hora, a firme resolução de dedicar-me verdadeiramente ao vosso serviço. Mas vós, Senhor, ajudai-me e não me abandoneis. Já que não me abandonastes quando vos ofendi, espero com maior confiança vosso socorro agora que estou resolvido a sacrificar tudo para vos agradar.

Permitir que vos ame, ó Deus digno de infinito amor! Recebei o traidor que, arrependido, se prostra a vossos pés e vos pede misericórdia. Amo-vos, meu Jesus, de todo o meu coração e mais que a mim mesmo. Sou vosso; disponde de mim e de tudo que me pertence, como vos aprouver.

Concedei-me a perseverança em vos obedecer; dai-me vosso amor, e fazei de mim o que quiserdes.

Maria, mãe, refúgio e esperança minha, a vós me recomendo; a vós entrego minha alma; rogai a Jesus por mim.

PONTO II

É certo, pois que todos fomos condenados à morte. Todos nascemos — disse São Cipriano — com a corda ao pescoço, e a cada passo que damos mais nos aproximamos da morte. Meu irmão, assim como foste inscrito no livro do batismo, assim, um dia, o serás no registro dos mortos. Assim como, às vezes, mencionas teus antepassados, dizendo: meu pai, meu tio, meu irmão, de saudosa memória, o mesmo dirão de ti teus descendentes. Como muitas vezes tens ouvido planger os sinos pela morte dos outros, assim outros ouvirão que os tocam por ti.

Que dirias de um condenado à morte que se encaminhasse ao patíbulo galhofando e rindo-se, olhando para todos os lados e pensando em teatros, festins e divertimentos? E tu, neste momento, não caminhas também para a morte? E em que pensas? Contempla nessas sepulturas teus parentes e amigos, cuja sentença já foi executada. Que terror se apodera de um condenado, quando vê seus companheiros pendentes da forca e já mortos! Observa esses cadáveres; cada um deles diz: “Ontem, a mim; hoje, a ti” (Eclo 38,23). O mesmo te repetem, todos os dias, os retratos de teus parentes já falecidos, os livros, as casas, os leitos, as roupas que deixaram.

Que loucura extrema, não pensar em ajustar as contas da alma e não aplicar os meios necessários para alcançar uma boa morte, sabendo que temos de morrer, que depois da morte nos está reservada uma

eternidade de gozo ou de tormento, e que desse ponto depende o sermos para sempre felizes ou desgraçados! Temos compaixão dos que morrem repentinamente e não se acham preparados para a morte e, contudo, não tratamos de nos preparar, a fim de não nos acontecer o mesmo. Cedo ou tarde, quer estejamos apercebidos, quer de improviso, pensemos ou não na morte, ela há de vir; e a toda hora, a cada instante nos vamos aproximando do nosso patíbulo, ou seja da última enfermidade que nos deve tirar deste mundo.

Em cada século, as casas, as praças, as cidades enchem-se de novos habitantes. Os antigos estão no túmulo. Assim como para estes passaram os dias da vida, assim virá o tempo em que nem tu nem eu, nem pessoa alguma das que vivemos atualmente, existirá na terra. Todos estaremos na eternidade, que será, para nós, ou intérmino dia de gozo, ou noite eterna de tormentos. Não há aqui meio termo. É certo, e é de fé que um ou outro destino nos espera.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu amado Redentor! Não me atrevera a aparecer diante de vós, se não vos visse pregado à cruz, despedaçado, escarnecido e morto por minha causa. Grande é minha ingratidão, porém maior é ainda vossa misericórdia. Muito grandes foram meus pecados, maiores são vossos méritos. Em vossas chagas, em vossa morte ponho minha esperança.

Mereci o inferno desde o primeiro momento do meu pecado e, apesar disso, voltei a ofender-vos mil e mil vezes. E vós, não só me haveis conservado a vida, mas com extrema bondade e amor me oferecistes o perdão e a paz. Como posso rezear que me afasteis agora que vos amo, e que não desejo senão vossa graça? Sim, amo-vos de todo o coração, ó meu Senhor, e meu único anseio é amar-vos. Adoro-vos, e pesa-me de ter-vos ofendido, não tanto porque mereci o inferno, como por ter desprezado a vós, meu Deus, que tanto me amais. Abri, pois, meu Jesus, o tesouro de vossa bondade, e acrescentai misericórdia a misericórdia. Fazei com que eu não torne a ser ingrato para convosco e mudai completamente o meu coração, a fim de que seja todo vosso, e inflamado sempre pelas chamas do vosso amor, já que outrora vos menosprezou, preferindo os vis prazeres deste mundo.

Espero alcançar o paraíso, para vos amar sempre; e ainda que ali não poderei tomar lugar entre os inocentes, colocar-me-ei ao lado dos penitentes, desejando, entre estes, amar-vos mais que os inocentes.

Para glória da vossa misericórdia, veja o céu como arde em vosso amor um pecador que tanto vos ofendeu. Tomo hoje a resolução de entregar-me todo a vós, e de só pensar em vos amar. Ajudai-me com vossa luz e graça, a fim de que cumpra este desejo, inspirado também por vossa bondade.

Ó Maria, Mãe da perseverança, alcançai-me a graça de ser fiel à minha promessa!

PONTO III

A morte é certa. Tantos cristãos sabem-no, o crêem, o vêem e, entretanto, vivem no esquecimento da morte como se nunca tivessem de morrer! Se depois desta vida não houvesse nem paraíso nem inferno, seria possível pensar menos na morte do que se pensa atualmente? Daí procede a má vida que levam.

Meu irmão, se queres viver bem, procura passar o resto dos teus dias sem perder de vista a morte. Quanto aprecia com acerto as coisas e dirige suas ações sensatamente aquele que as aprecia e dirige pela idéia de que deve morrer! (Ecl 41,3). A lembrança da morte — disse São Loureço Justiniano — desprende o coração de todas as coisas terrenas. Todos os bens do mundo se reduzem a prazeres sensuais, riquezas e honras (1Jo 2,16).. Aquele, porém, que considera que em breve não será mais que ó e que, em baixo da terra, servirá de pasto aos vermes, despreza todos esses bens.

Foi efetivamente pensando na morte que os santos desprezaram os bens terrestres. Por este motivo, São Carlos Borromeu conservava sobre sua mesa um crânio humano; tinha a morte continuamente diante dos olhos. O cardeal Barônio tinha gravado no anel esta inscrição: “Memento mori”: Lembra-te que

tens de morrer. O venerável Pe. Juvenal Ancina, bispo de Saluzzo, gravara numa caveira estas palavras: “Fui o que és; serás o que sou”. Um santo ermitão, a quem perguntaram na hora da morte por que se mostrava tão contente, respondeu: Tantas vezes tive a morte diante dos olhos, que agora, quando se aproxima, não vejo coisa nova.

Que loucura seria a de um viajante que só cuidasse de ostentar luxo e grandezas nas localidades por onde teria de passar, sem pensar sequer que depois teria de viver miseravelmente no lugar onde durante toda a sua vida ia residir? E não será igualmente demente aquele que procura ser feliz neste mundo, onde são poucos os dias que tem de passar, e se arrisca a ser desgraçado no outro, onde viverá eternamente? Quem pede emprestado um objeto, pouca afeição lhe pode ter, porque sabe que em breve o tem de restituir. Os bens da terra são todos dados de empréstimo; é, pois, grande loucura tomar-lhes afeição, porque dentro de pouco tempo temos de abandoná-los. A morte de tudo nos privará. Todas as nossas propriedades e riquezas acabar-se-ão com o último suspiro, com o funeral, com o trajeto ao túmulo. A casa que mandaste construir passará às mãos de outrem; o túmulo será morada do teu corpo até ao dia do juízo, depois do qual passará ao céu, ou ao inferno, onde tua alma já lhe terá precedido.

AFETOS E SÚPLICAS

Tudo, portanto, se há de acabar para mim na ho-

ra da morte? Nada me restará, meu Deus, senão o pouco que fiz por vosso amor. Que estou esperando? Que a morte venha e me encontre no estado miserável de culpas em que me acho atualmente? Se morresse neste momento, bem inquieto ficaria, e bem aflito quanto à vida passada. Não, meu 15 Jesus, não quero morrer assim. Agradeço-vos por me terdes dado tempo para amar-vos, chorar os meus pecados. Quero começar desde já.

Pesa-me de todo o coração o ter-vos ofendido, e amo-vos sobre todas as coisas, Suprema Bondade, mais que a minha própria vida. Dou-me todo a vós, meu Jesus; abraço-vos, vos aperto ao coração e desde este momento vos recomendo minha alma (Sl 31,6). Não quero esperar, para vo-la dar, até ao momento em que se lhe ordene sair deste mundo. Não quero guardar minha súplica para quando me chamardes. “Ó Jesus, sede para mim Jesus”. Salvai-me agora, perdoai-me e concedei-me a graça do vosso amor! Quem sabe se esta consideração, que hoje leio, seja o último aviso que me dais e a derradeira misericórdia para comigo? Estendei a vossa mão, meu Amor, e fazei-me sair da minha tibieza.

Dai-me eficaz fervor e amorosa obediência a tudo que quereis de mim.

Ó Pai Eterno, pelo amor de Jesus Cristo, concedei-me a santa perseverança e o dom de amar-vos durante o resto da minha vida.

Ó Maria, mãe de misericórdia, pelo amor que tendes ao vosso Jesus, alcançai-me estas duas graças, a perseverança e o amor!

CONSIDERAÇÃO V

Incerteza da hora da morte

Estote parati, quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Estai prevenidos, porque na hora em que menos pensais virá o Filho do Homem (Lc 12,40).

PONTO I

É certíssimo que todos devemos morrer, mas não sabemos quanto.

“Nada há mais certo que a morte. — diz Idiota — porém nada mais incerto que a hora da morte”. Meu irmão, estão fixados ano, mês, dia, hora e momento em que terás que deixar este mundo e entrar na eternidade; porém nós o ignoramos. Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de estarmos sempre bem preparados, nos disse que a morte virá como um ladrão, oculto e de noite (1Ts 5,2). Outras vezes nos exorta a que estejamos vigilantes, porque, quando menos o esperamos, virá Ele a julgar-nos (Lc 12,40). Disse São Gregório que Deus nos oculta, para nosso

bem, a hora da morte, a fim de que estejamos sempre preparados para morrer. Disse São Bernardo: a morte pode levar-nos em qualquer momento e em qualquer lugar; por isso, se queremos morrer bem e salvar-nos, é preciso que a estejamos esperando em qualquer tempo ou lugar.

Ninguém ignora que deve morrer; mas o mal está em que muitos vêem a morte a tamanha distância que a perdem de vista. Mesmo os anciãos mais decrepitos e as pessoas mais enfermas não deixam de alimentar a ilusão de que hão de viver mais três ou quatro anos. Eu, porém, digo o contrário: Devemos considerar quantas mortes repentinas vemos em nossos dias. Uns morrem caminhando, outros sentados, outros dormindo em seu leito. É certo que nenhum deles julgava morrer tão subitamente, no dia em que morreu. Afirmo, ademais, que de quantos no decorrer deste ano morreram em sua própria cama, e não de repente, nenhum deles imaginava que devia acabar sua vida neste ano. São poucas as mortes que não chegam inesperadas.

Assim, pois, cristão, quando o demônio te provoca a pecar, pretextando que amanhã confessarás, dize-lhe: Quem sabe se não será hoje o último dia da minha vida? Se esta hora, se este momento, em que me apartasse de Deus, fosse o último para mim, de modo que já não restasse tempo para reparar a falta, que seria de mim na eternidade? Quantos pobres pecadores tiveram a infelicidade de ser surpreendidos

pela morte ao recrearem-se com manjares intoxicados e foram precipitados no inferno? “Assim como os peixes caem no anzol, assim são colhidos os homens pela morte num momento ruim”. (Ecl 9,12). O momento ruim é exatamente aquele em que o pecador ofende a Deus.

Diz o demônio que tal desgraça não nos há de suceder; mas é preciso responder-lhe: E se suceder, que será de mim por toda a eternidade?

AFETOS E SÚPLICAS

Senhor, não é este o lugar em que me devia achar agora, mas sim no inferno, tantas vezes merecido por meus pecados. Mas São Pedro me adverte que “Deus nos espera com paciência e amor, não querendo que ninguém se perca, mas que todos se convertam à penitência” (2Pd 3,9). Por isso, meu Deus, tivestes paciência extremada para comigo e me suportastes. Não quereis que me perca, mas que, arrependido e penitente, me converta a Vós. Sim, meu Senhor, retorno a vós, prostro-me a vossos pés e peço misericórdia. Para me perdoardes, Senhor, é preciso grande e extraordinária misericórdia (Sl 51,3), porque vos ofendi com pleno conhecimento do que fazia. Outros pecadores também vos ofenderam, mas não dispunham das luzes que me outorgastes.

Apesar disso, mandais que me arrependa de minhas culpas e espere o vosso perdão. Pesa-me, meu querido Redentor, de todo o coração de vos ter ofen-

dido e espero o perdão pelos merecimentos de vossa Paixão.

Ó meu Jesus, que sois inocente, que quisestes morrer qual réu na cruz e derramar todo o vosso sangue para lavar minhas culpas! Ó sangue inocente, lavai as culpas de um penitente! Ó Pai Eterno, perdoai-me por amor a Cristo Jesus! Atendei-lhe as súplicas agora que, como meu advogado, intercede por mim. O perdão, porém, não me basta, ó Deus digno de amor infinito; desejo ainda a graça de amar-vos. Amo-vos, ó Soberano Bem, e vos ofereço para sempre meu corpo, minha alma, minha vontade, minha liberdade. Doravante, não só quero evitar as ofensas graves, mas também as mais leves, e fugir de toda a má ocasião. Livrai-me, por amor de Jesus, de toda ocasião em que possa ofender-vos. Livrai-me do pecado, e castigai-me depois como quiserdes.

Aceito todas as enfermidades, dores e perdas que vos aprouver enviar-me, contanto que não perca vosso amor e vossa graça. Prometestes dar tudo que vos for pedido (Jo 16,24). Rogo-vos que me concedais somente a perseverança e o vosso amor.

Ó Maria, Mãe de misericórdia, rogai por mim, que confio em vós!

PONTO II

O Senhor não nos quer ver perdidos. Por isso, com ameaça de castigo, não cessa de advertir-nos

que mudemos de vida. “Se não vos converterdes, vibrará sua espada” (Sl 7,13). Vede — disse em outra parte — quantos são os desgraçados que não quiseram emendar-se, e a morte repentina os surpreendeu quando não esperavam, quando viviam despreocupados, julgando terem ainda muitos anos de vida (1Ts 5,3). Disse-nos também: “Se não fizerdes penitência, todos haveis de perecer”. Por que tantos avisos do castigo antes de infligi-lo, senão porque quer que nos corrijamos e evitemos morte funesta. Quem dá aviso para que nos acautelemos, não tem a intenção de matar-nos — disse Santo Agostinho.

É mister, pois, que preparemos nossas contas antes que chegue o dia do vencimento. Se durante a noite de hoje devesse morrer, e ficasse decidida assim a tua salvação eterna, estarias bem preparado? Quanto não darias, talvez, para obter de Deus a trégua de mais um ano, um mês, um dia sequer! Por que agora, já que Deus te concede tempo, não pões em ordem tua consciência? Acaso não pode ser este teu último dia de vida? “Não tardes em te converter ao Senhor, e não o adies, porque sua ira poderá irromper de súbito e no tempo da vingança te perderás” (Ecl 5,7). Para salvar-te, meu irmão, debes abandonar o pecado.

E se algum dia hás de abandoná-lo, por que o não deixas desde já? (Santo Agostinho). Esperas, talvez, que chegue a morte? Mas esse instante não é tempo do perdão, senão da vingança. “No tempo da

vingança, te perderás”.

Se alguém te deve soma considerável, tratas de assegurar o pagamento por meio de obrigação escrita, firmada pelo devedor; dizes: Quem sabe o que pode suceder? Por que, então, deixas de usar da mesma precaução, tratando-se da alma, que vale muito mais que o dinheiro? Por que não dizes também: quem sabe o que pode ocorrer? Se perderes aquela soma, não estará ainda tudo perdido e ainda que com ela perdesse todo o patrimônio, ficaria a esperança de o poder recuperar. Mas se, ao morrer, perdesse a alma, então, sim, tudo estaria irremediavelmente perdido, sem esperança de recobrar coisa alguma.

Cuidas em arrolar todos os bens de que és possuidor, com receio 17 de que se percam quando sobrevier morte repentina. E se esta morte imprevista te achasse na inimidade para com Deus? Que seria de tua alma na eternidade?

AFETOS E SÚPLICAS

Ah! meu Redentor, derramastes todo o vosso sangue, destes a vida para salvar minha alma, e eu, quantas vezes a perdi, confiando em vossa misericórdia! Abusei de vossa bondade para vos ofender; mereci, por isso, que me deixásseis morrer e precipitásseis no inferno.

Estamos, pois, como que numa competição. Vós

usando piedade comigo, eu vos ofendendo; vós a correr para mim; eu fugindo de vós; vós, dando-me tempo para reparar o mal que pratiquei, eu, valendo-me desse tempo para acrescentar injúria a injúria. Senhor, fazei-me conhecer a grandeza das ofensas que vos fiz, e a obrigação que tenho de amar-vos.

Ah! meu Jesus! Como podeis amar-me ao ponto de ir à minha procura, quando eu vos repelia? Como cumulastes de tantos benefícios a quem de tal modo vos ofende? De tudo isto vejas quando desejais não me ver perdido. Arrependo-me de ter ultrajado a vossa infinita bondade.

Aceitai, pois, esta ovelha ingrata que volta a vossos pés. Recebe-ia e ponde-a aos ombros para que não fuja mais. Não quero apartar-me de vós, mas amar-vos e pertencer-vos inteiramente. E desde que seja vosso, gostosamente aceitarei qualquer trabalho. Que desgraça maior poderia afligir-me do que viver sem vossa graça, afastado de vós, que sois meu Deus e Senhor, que me criou e que morreu por mim? Ó malditos pecados, que fizestes? Induzistes-me a ofender a meu Salvador, que tanto me amou.

Assim como vós, meu Jesus, morrestes por mim, assim deverei eu morrer por vós. Morrestes pelo amor que me tendes. Eu deverei morrer de dor por vos ter desprezado. Aceito a morte como e quando vos aprouver enviá-la. Mas, já que até agora pouco ou nada vos hei amado, não quisera morrer assim. Dai-me vida para que vos ame antes de morrer.

Para isso, renovai meu coração, feri-o, inflamai-o com o vosso santo amor. Atendei-me, Senhor, por aquela ardentíssima caridade que vos fez morrer por mim. Amo-vos de toda a minha alma. Não permitais que vos perca. Dai-me a santa perseverança. Dai-me o vosso amor.

Maria Santíssima, minha Mãe e meu refúgio, sede minha advogada!

PONTO III

“Estai preparados” — O Senhor não disse que nos preparemos ao aproximar-se a morte, mas que estejamos preparados. No transe da morte, nesse momento cheio de perturbação, é quase impossível pôr em ordem uma consciência embaraçada. Isto nos diz a razão. Nesse sentido Deus também advertiu-nos, dizendo que não virá então perdoar, mas vingar o desprezo que fizéssemos da sua graça (Rm 12,19).

“Justo castigo — disse Santo Agostinho — para aquele que não quis salvar-se quando pôde; agora, quando quer, não o pode”. Dirá todavia alguém: Quem sabe? talvez nesse momento me converta e me salve.

Mas quem é tão néscio e se lança num poço dizendo: Quem sabe? atirando-me, talvez fique com vida e não morra? Ó meu Deus, que é isto? Quanto o pecado cega o espírito e faz perder até a razão! Quando se trata do corpo, os homens falam como

sábios, e como loucos, quando se trata da alma.

Meu irmão, quem sabe se esta reflexão que lê será o último aviso que Deus te envia? Preparemos sem demora para a morte, a fim de que não nos encontre de improviso. Santo Agostinho disse que o Senhor nos oculta a última hora da vida com o fim de que todos os dias estejamos preparados para morrer (Hom. XIII). São Paulo nos previne que devemos procurar a salvação não só temendo mas tremendo (Fl 2,12). Conta Santo Antonino que certo rei da Sicília, para manifestar a um particular o grande medo com que se sentava no trono, o fez sentar à mesa com uma espada suspensa sobre sua cabeça por um fio delgado, de sorte que o convidado, vendo-se nessa terrível situação, mal podia levar à boca uma migalha de alimento. Todos estamos em semelhante perigo, já que dum instante para outro pode cair sobre nós a espada da morte, resolvendo o negócio da eterna salvação.

Trata-se da eternidade. “Se a árvore cair para o norte ou para o sul, em qualquer lugar onde cair aí ficará” (Ec 11,3). Se na morte nos acharmos na graça de Deus, qual não será a alegria da alma vendo que tudo está seguro, que já não pode perder a Deus e que, para sempre, será feliz? Mas, se a morte surpreende a alma em estado de pecado, que desespero se apoderará do pecador ao dizer: “Então erramos” (Sb 5,6), e para minha desgraça já não há remédio em toda a eternidade! Foi este receio que fez exclam-

mar o Beato P. M. Ávila, apóstolo da Espanha, quando lhe anunciaram a aproximação da morte: “Oh! se tivesse um pouco mais de tempo para me preparar para a morte!” Foi por isso que o abade Agatão, ainda que morresse depois de haver exercido a penitência durante muitos anos, dizia: “Que será de mim? Quem conhece 18 os juízos de Deus?” Também Santo Arsênio tremia à vista da morte e, perguntando-lhe os seus discípulos a causa, respondeu: “Meus filhos, já não é novo em mim esse temor: tive-o sempre, em toda a minha vida”. Mais que ninguém tremia o Santo Jó, dizendo: “Que será de mim quando Deus se levanta para me julgar, e que lhe direi se me interrogar? (Jó 31,14).

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Deus! Quem me tem amado mais do que vós? E quem vos desprezou e ofendeu mais do que eu? Ó sangue, ó chagas de Cristo, sois minha esperança! Pai Eterno, não olheis meus pecados. Fitai as chagas de Jesus Cristo; contemplai vosso Filho muito amado, que morre de dor por mim e vos implora que me perdoeis. Pesa-me do íntimo de minha alma, meu Criador, de vos ter ofendido. Criastes-me para que vos ame, e vivi como se me tivésseis criado para vos ofender. Pelo amor de Jesus Cristo, perdoai-me e dai-me a graça do vosso amor.

Se outrora resisti à vossa santa vontade, agora já

não quero resistir, mas fazer tudo o que me ordenais. Ordenais que deteste os ultrajes que voz fiz: detesto-os de todo o coração. Ordenais que me resolva a não vos tornar a ofender; pois bem, faço o firme propósito de antes perder mil vezes a vida do que a vossa graça. Ordenais que vos ame de todo o coração; pois bem, de todo o coração vos amo e a nada quero amar senão a vós. De hoje em diante, sereis o único amado de minha alma, o meu único amor. Peço-vos o dom da perseverança, e de vós o espero obter. Pelo amor de Jesus Cristo, fazei com que vos seja sempre fiel e possa dizer com São Boaventura: “Um só é meu amado; um só é meu amor.” Não quero que minha vida sirva para vos desagradar, senão para chorar as ofensas que voz fiz e para vos amar muito.

Ó Maria, minha Mãe, intercedei por todos os que a vós se recomendam e rogai também a Jesus por mim!

CONSIDERAÇÃO VI

Morte do pecador

Angustia superveniente, pacem requirent, et non erit; conturbatio super conturbationem veniet.

Sobrevindo a aflição, procurarão a paz e a não encontrarão; virá confusão sobre confusão (Ez 7,25-26)

PONTO I

Os pecadores afastam a lembrança e o pensamento da morte, e procuram a paz (ainda que jamais a encontrem), vivendo em pecado.

Quando, porém, se virem em face da eternidade e nas agonias da morte, já não poderão escapar aos tormentos de sua má consciência, nem encontrar a paz que procuram. Pois, como pode encontrá-la uma alma carregada de culpas, que, como víboras, a mordem? Que paz poderão gozar pensando que em breve deverão comparecer ante Cristo Jesus, cuja lei e amizade desprezaram até então? “Confusão sobre confusão” (Ez 7,26).

O anúncio da morte próxima, a idéia de se separar para sempre de todas as coisas do mundo, os remorsos da consciência, o tempo perdido, o tempo que falta, o rigor do juízo de Deus, a eternidade infeliz que espera o pecador, todas estas coisas produzirão perturbação terrível que acabrunha e confunde o espírito e aumenta a desconfiança. E neste estado de confusão e desespero, o moribundo passará à outra vida.

Abraão, confiando na palavra divina, esperou em Deus contra toda a esperança humana, e por este motivo foi insigne o seu merecimento (Rm 4,18). Mas os pecadores, por desdita sua, iludem-se quando esperam, não só contra a esperança, mas também contra a fé, quando desprezam as ameaças que Deus

faz aos obstinados. Receiam a morte infeliz; mas não temem levar a vida má. Quem lhes dá, pois, a certeza de que não hão de morrer subitamente feridos por um raio? E ainda que tivessem nesse momento tempo de se converter, quem lhes assegura que realmente se converterão? Santo Agostinho teve de lutar doze anos para vencer suas más inclinações. Como é que um moribundo, que teve quase sempre a consciência manchada, poderá fazer facilmente uma conversão verdadeira, no meio dos sofrimentos, das dores de cabeça e da confusão da morte? Digo conversão verdadeira, porque então não bastará dizer e prometer com os lábios, mas será preciso que palavras e promessas saiam do fundo do coração. Ó Deus, que confusão e susto os do pobre enfermo que se descuida de sua consciência, quando se vir oprimido pelo peso dos pecados, do temor do juízo, do inferno e da eternidade! Que confusão e angústia produzirão nele tais pensamentos, quando se achar desfalecido, a mente obscurecida, e entregue às dores da morte já próxima! Confessar-se-á, prometerá, chorará, pedirá perdão a Deus, mas sem saber o que faz. Nesse caos de agitação, de remorso, de agonia e ansiedade, passará à outra vida.

Diz com razão um autor que as súplicas, as lágrimas e promessas do pecador moribundo são comparáveis às do indivíduo que se vê assaltado por um inimigo que lhe aponta o punhal ao peito e o ameaça de morte. Infeliz quem cai de cama na inimizade de Deus, e dali passa para a eternidade!

AFETOS E SÚPLICAS

Ó chagas de Jesus, vós sois a minha esperança! Desesperaria do perdão de minhas culpas e da salvação eterna, se não vos mirasse como fonte de graça e misericórdia, por meio da qual Deus derramou todo o seu sangue, a fim de purificar minha alma de tantas faltas cometidas.

Adoro-vos, pois, ó sacrossantas chagas! e em vós confio. Detesto e amaldição mil vezes os prazeres indignos com que ofendi a meu Redentor e miseravelmente perdi sua amizade. Contemplando-vos renasce minha esperança, e se encaminham para vós as minhas afeições.

Ó amantíssimo Jesus, mereceis que todos os homens vos amem de todo o coração; e, apesar de que eu tanto vos haja ofendido e desprezado vosso amor, vós me haveis suportado e até convidado a procurar o perdão. Ah, meu Salvador, não permitais que vos torne a ofender e que me condene. Que tormento sofreria no inferno à vista do vosso sangue e dos atos de misericórdia que por mim fizestes! Eu vos amo, Senhor, e quero amar-vos sem cessar. Dai-me a perseverança; desenraizai do meu coração todo o amor que não seja o vosso e infundi em minha alma o firme desejo e a verdadeira resolução de não amar no futuro senão a vós, ó meu Sumo Bem.

Ó Maria, Mãe amorosa, guiai-me até Deus, e fazei que seja todo seu antes de morrer!

PONTO II

Não uma só, senão muitas serão as angústias que hão de afligir o pobre pecador moribundo. Ver-se-á atormentado pelos demônios, porque estes terríveis inimigos empregam nesse transe todos os seus esforços para perder a alma que está prestes a sair desta vida. Sabem que lhes resta pouco tempo para apoderar-se dela e que, escapando-se agora, jamais será sua (Ap 12,12). Não estará ali apenas um só, mais muitos demônios hão de rodear o moribundo para o perder. Dirá um: “Nada temas, que te restabelecerás”. Outro exclamará: “Tu, que durante tantos anos foste surdo à voz de Deus, esperas agora que ele tenha misericórdia de ti?” “Como — intervém outro — poderás reparar os danos que fizeste, restituir as reputações que prejudicaste?” Outro, enfim, dirá: “Não vês que todas as tuas confissões foram nulas, sem contrição, sem propósito? Como podes agora renová-las?’ Por outro lado, o moribundo se verá rodeado por suas culpas. Estes pecados, como outros tantos verdugos — disse São Bernardo, acercar-se-ão dele e lhe dirão: “Somos a tua obra, e não te deixaremos.

Acompanhar-te-emos à outra vida, e contigo nos apresentaremos ao eterno Juiz”. Quisera então o moribundo desembaraçar-se de tais inimigos, mas para consegui-lo seria preciso detestá-los e converter-se de Deus de todo o coração. O espírito, porém, está coberto de trevas, e o coração endurecido. “O cora-

ção duro será oprimido de males no fim; e quem ama o perigo, nele perecerá” (Eclo 3,27).

Afirma São Bernardo que o coração, obstinado no mal durante a vida, se esforçará, no momento da morte, para sair do estado de condenação; mas não chegará a livrar-se dele, e, oprimido por sua própria malícia, terminará a sua vida no mesmo estado. Tendo amado o pecado, amava também o perigo da condenação. É por isso justamente que o Senhor permitirá que ele pereça nesse perigo, no qual quis viver até à morte. Santo Agostinho disse que aquele que não abandona o pecado antes que o pecado abandone a ele, dificilmente poderá na hora da morte detestá-lo como é devido, pois tudo o que fizer nessa emergência, o fará obrigadamente.

Quão infeliz é o pecador obstinado que resiste à voz divina! O ingrato, ao invés de se entregar e enternecer à voz de Deus, se endurece mais e mais, à semelhança da bigorna sob os golpes do martelo (Jó 41,15). Para seu justo castigo, achar-se-á neste estado, na hora da morte, às portas da eternidade. “O coração duro será oprimido de males no fim”. Por amor às criaturas — disse o Senhor — os pecadores me voltaram as costas. À hora da morte recorrerão a Deus, e Deus lhes dirá 20 “Agora recorreis a mim? Pedi socorro às criaturas, já que foram elas os vossos deuses” (Jr 2,27). Deste modo falar-lhe-á o Senhor, porque, mesmo que a Ele se dirijam, não será com verdadeira disposição de se converterem. Dizia

São Jerônimo que ele tinha por certo, pois a experiência lho manifestara, que não alcançaria bom fim aquele que até ao fim houvesse levado vida má.

AFETOS E SÚPLICAS

Socorrei-me e não me abandoneis, amado Salvador meu! Vejo minha alma ferida pelos pecados; as paixões me violentam, oprimem-me os maus hábitos. Prostro-me a vossos pés. Tende piedade de mim e livrai-me de tantos males. “Em vós, Senhor, esperei; não seja confundido eternamente” (Sl 30,2). Não permitais que se perca uma alma que em vós confia (Sl 73,19). Pesa-me de vos ter ofendido, ó infinita Bondade! Confesso que hei cometido muitas faltas, mas a todo custo quero emendar-me. Se não me ajudardes, porém, com vossa graça, estarei perdido. Recebei, Senhor, este rebelde que tanto vos ultrajou. Refleti que vos custei o sangue e a vida. Pelos merecimentos de vossa paixão e morte, recebei-me em vossos braços e dai-me a santa perseverança.

Estava já perdido, e me chamastes. Já não quero resistir, e me consagro a vós. Prendei-me ao vosso amor, e não permitais que me perca, perdendo de novo vossa graça. Jesus meu, não o permitais! Não o permitais, ó Maria, Rainha de minha alma; enviai-me a morte, e ainda mil mortes, mas que não perca de novo a graça do vosso divino Filho!

PONTO III

Caso digno de admiração! Deus não cessa de ameaçar o pecador com o castigo de uma morte infeliz. “Virá um dia em que me invocarão e então já não os atenderei” (Pr 1,28). Esperam, porventura, que Deus dê ouvidos a seu clamor quando estiver na desgraça? (Jó 27,9). Rir-me-ei de sua morte e escarnecerei de sua miséria (Pr 1,26). “Rir-se Deus significa não querer de usar de misericórdia” (São Gregório).

“A mim pertence a vingança, e eu lhes darei a paga a seu tempo, quando seu pé resvalar” (Dt 32,15). O mesmo ameaça o Senhor em outros lugares da Escritura, e, não obstante, os pecadores vivem tão tranqüilos e seguros, como se Deus lhes houvesse prometido o perdão e o paraíso na hora da morte. É verdade, sempre que o pecador se converter Deus prometeu perdoar. Mas não disse que o pecador se converterá no transe da morte. Pelo contrário, repetiu muitas vezes que aquele que vive em pecado, em pecado morrerá (Jo 8,21-24) e que, se na morte o procurar, não o encontrará (Jo 7,34). É mister, pois, procurar a Deus, enquanto o podemos encontrar (Is 55,6), porque virá tempo em que já não será possível encontrá-lo. Pobres pecadores! pobres cegos que se contentam com a esperança de se converter na hora da morte, quando já não o poderão fazer! Disse Santo Ambrósio: “Os ímpios não aprenderão a praticar o bem, senão quando já não é tempo”. Deus quer

que todos os homens se salvem; mas castiga os pecadores obstinados.

Se infeliz, em estado de pecado, fosse acometido repentinamente por mal violento e perdesse os sentidos, que compaixão não inspiraria a todos os que o vissem morrer sem sacramentos e sem sinal de contrição! E que contentamento teriam todos se ele, voltando a si, pedisse a absolvição, fazendo atos de arrependimento! Mas, não é um louco aquele que, tendo tido tempo de por em ordem a sua consciência, permanecesse no pecado, ou voltasse a pecar, expondo-se assim ao perigo de ser surpreendido pela morte quando, talvez, não pudesse arrepender-se? Espantamo-nos ao ver morrer alguém de repente, e, contudo, quantas pessoas se expõem voluntariamente ao perigo de morrer assim, estando em pecado! Peso e balança são os juízos do Senhor” (Pr 16,11). Não fazemos caso das graças que o Senhor nos dá; mas Ele as conta e mede, e quando as vê desprezadas até ao limite que fixa sua justiça, abandona o pecador no pecado, e o deixa morrer neste estado. Desgraçado daquele que difere a conversão até ao último dia! Como diz Santo Agostinho: “Penitencia, quae ab infirmo petitur, infirma est”. E São Jerônimo dizia que, cem mil pecadores que teimam viver no pecado até a morte, apenas um só se salvará no momento supremo. São Vicente Ferrer afirmava que a salvação de um desses pecadores seria um milagre maior que a ressurreição de um morto. Que arrependimento se pode esperar na hora derradeira de quem

viveu amando o pecado até àquele instante? Conta Belarmino que, assistindo a um moribundo e tendo-o exortado a fazer o ato de contrição, lhe respondeu o enfermo que não sabia o que era contrição, lhe respondeu o enfermo que não sabia o que era contrição. Tratou Belarmino de lho explicar, mas disse-lhe o doente: “Padre, não compreendo, nem estou agora capaz de entender essas coisas”. E nesse estado faleceu, “dando visíveis sinais de sua condenação”, segundo o testemunho escrito de Belarmino. É para o pecador justo castigo — disse Santo Agostinho — o esquecer-se de si próprio na morte, depois de ter esquecido a Deus durante a vida.

O Apóstolo dá-nos este aviso: “Não vos enganeis, de Deus não se pode zombar. Aquilo que o homem semeia, isto também colherá. Aquele que semeia em sua carne, da carne colherá corrupção” (Gl 6,7). Seria zombar de Deus o viver no desprezo de suas leis e alcançar depois eterna recompensa e glória. “Mas Deus não pode ser burlado”. O que nesta vida se semeia, recolhe-se na outra. Aquele que semeia proibidos prazeres carnis, não recolhe, por conseguinte, senão corrupção, miséria e morte eterna.

Cristão, aquilo que se diz relativamente aos outros, aplica-se também a ti. Se te visses no transe da morte, abandonado dos médicos, privado do uso dos sentidos e já agonizando: quanto não rogarias a Deus que te concedesse ainda um mês, uma semana de vida para regular as contas de tua consciência?!

Deus te dá agora esse tempo preciso. Agradece-lhe, pois, e remedeia sem demora o mal que tens feito, aplicando todos os meios precisos para te achares em estado de graça quando a morte vier, porque então já não será tempo de o fazer.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Deus! Quem, como vós, teria tido tanta paciência para comigo? Se não fosse infinita vossa bondade, não ousaria esperar perdão.

Mas o meu Deus morreu para me perdoar e para me salvar, ordena-me, pois, que tenha esperança: nele esperarei... Se me espantam e me condenam os meus pecados, vossos merecimentos e promessas me animam. Prometestes a vida da graça a quem voltar a vossos braços.

Convertei-vos e vivei (Ez 18,32). Prometestes abraçar o que a vós acudir: Convertei-vos a mim e eu me voltarei para vós (Zc 1,3). Dissestes que não sabeis desprezar o que se arrepende e se humilha (Sl 50,19).

Aqui me tendes, Senhor: a vós recorro; reconheço-me merecedor de mil infernos e arrependo-me de vos ter ofendido. Proponho firmemente não tornar a ofender-vos, mas amar-vos sempre. Não permitais que continue ingrato a tanta bondade. Pai eterno, pelos méritos da obediência de Jesus Cristo, que morreu para vos satisfazer, fazei com que obedeça à

vossa vontade até à morte. Amo-vos, meu Sumo Bem; e pelo amor que vos tenho quero obedecer-vos em tudo. Dai-me a santa perseverança; dai-me vosso amor, e nada mais vos peço. Maria, minha mãe, rogai por mim.

CONSIDERAÇÃO VII

Sentimentos de um moribundo não acostumado a pensar na morte

Disponde domui tuae, quia morieris tu, et non vives.

Dispõe de tua casa, porque morrerás e não viverás (Is 38,1).

PONTO I

Imagina que te achas junto a um enfermo a quem restam poucas horas de vida... Pobre enfermo! Considera como o oprimem e angustiam as dores, os desfalecimentos, a asfixia e falta de respiração, o suor frio e o entorpecimento até ao ponto de quase não ouvir, quase não compreender e quase não falar... Entretanto, a sua maior desgraça consiste em que, estando próximo à morte, em vez de pensar na alma e de preparar as contas para a eternidade, só pensa nos médicos, nos remédios, para se livrar da doença

que o vai vitimando. Não são capazes de pensar em outra coisa que em si mesmos, disse São Lourenço Justiniano, falando dos moribundos desta espécie... Mas, certamente, os parentes e amigos lhe manifestarão o perigoso estado em que se acha?... Não; não há entre todos eles nenhum que se atreva a lhe falar na morte e adverti-lo de que deve receber os santos sacramentos. Todos se escusam de lhe falar para não molestá-lo.

Ó meu Deus, dou-vos graças mil porque na hora da morte fazeis que seja assistido pelos queridos confrades de minha congregação, os quais, sem outro interesse que o de minha salvação, me ajudarão a todos a bem morrer.

No entanto, ainda que se lhe não anuncie a aproximação da morte, o pobre enfermo, vendo a confusão da família, as consultas dos médicos, os remédios multiplicados, freqüentes e violentos, que aplicam, se enche de angústia e terror, entre contínuos assaltos de receio, desconfiança e remorsos, dizendo de si para si: quem sabe se terá chegado o fim de meus dias?... Quem não sentirá quando, enfim, recebe a notícia da sua morte próxima! Dispõe as coisas de tua casa, porque morrerás e não viverás... (Is 38,1). Que mágoa terá ao saber que sua enfermidade é mortal, que é tempo de receber os sacramentos, de se unir com Deus e de despedir-se do mundo!... Despedir-se do mundo! Mas como?... Há de abandonar tudo, a casa, a cidade, os parentes e amigos, as so-

ciudades, os jogos, os divertimentos?... Sim, tudo. Ante o tabelião, já presente, escreve-se esta despedida com a fórmula: Deixo a tal pessoa; deixo... E que levará consigo? Apenas uma pobre mortalha, que dentro em breve se deverá consumir com ele próprio na sepultura.

Que perturbação e que tristeza sentirá o moribundo quando vir as lágrimas da família, o silêncio dos amigos, que, mudos, o cercam, pois não têm ânimo para falar! Maior angústia lhe darão os remorsos da consciência, que nesse momento se manifestam vivíssimos pelas desordens da vida passada, depois de tantos convites e luzes, depois de tantos avisos dos padres espirituais, de tantas resoluções tomadas, mas nunca executadas ou depressa esquecidas. “Pobre de mim, dirá o moribundo, que recebi de Deus tantas luzes, tanto tempo para pôr em ordem a minha consciência, e não o fiz! E eis que agora que me vejo no transe da morte! Que me teria custado evitar esta ocasião, afastar-me daquela amizade, confessar-me todas as semanas?... E ainda que isto fosse muito custoso, não o devia fazer para salvar minha alma, que vale mais que tudo?... Ah, se tivesse executado aquela boa resolução que tinha formado, se tivesse continuado, como então comecei, quanto estaria hoje contente! Mas não o fiz e agora já não é tempo de fazê-lo”...

Os sentimentos destes moribundos, que durante a vida desprezaram a consciência, se assemelham

aos dos condenados que, sem fruto nem remédio, choram no inferno seus pecados como causa de suas penas.

AFETOS E SÚPLICAS

São estes, Senhor, os sentimentos e angústias que teria, se neste momento me avisassem do fim próximo... Dou-vos fervorosas graças por estas considerações e por haver-me dado tempo para emendar-me.

Não, meu Deus, não quero mais afastar-me de vós. Repetidas vezes me haveis procurado e se agora resistir e não me entregar a vós, fundamente deveria temer que me abandonásseis para sempre. Destes-me um coração para vos amar; mas dele fiz mau uso, amando as criaturas e não a vós, Criador e Redentor meu, que por mim destes a vida.

Não apenas deixei de vos amar, mas mil vezes vos hei desprezado e ofendido; e sabendo que o pecado vos desgostaria em extremo, não hesitei em cometê-lo... Ó Jesus meu, arrependo-me e de todo o coração detesto o mal! Quero mudar de vida, renunciando a todos os prazeres mundanos para somente vos amar e servir, ó Deus de minha alma! Tendes-me dado grandes provas de vosso amor, quisera também, antes de morrer, dar-vos algumas do meu amor... Aceito, desde já, todas as enfermidades e cruzes que me enviais, todos os trabalhos e desprezos que receber dos homens. Dai-me forças para supor-

tar tudo em paz, por vosso amor, como desejo. Amovos, Bondade infinita; amo-vos sobre todas as coisas. Aumentai meu amor e concedei-me a santa perseverança...

Maria, minha esperança, rogai a Jesus por mim!

PONTO II

Como no momento da morte brilham e resplandecem as verdades da fé para maior tormento do moribundo que viveu mal, especialmente se era pessoa consagrada a Deus e que, portanto, tinha mais facilidade e tempo para servi-lo, mais inspirações e melhores exemplos! Ó Deus, que dor sentirá essa pessoa ao pensar e dizer: Repreendi os outros e fui pior do que eles; deixei o mundo, e vivi preso às vaidades e às afeições do mundo!... Que remorsos terá ao considerar que, com as graças que Deus lhe concedeu, não já um cristão, mas até um pagão se tornaria santo! Que dor não sofrerá, recordando-se que menosprezou as práticas de piedade como fraquezas de espírito, e aprovou certas máximas mundanas, frutos de estima e de amor próprio, por exemplo, como a de não humilhar-se, não mortificar-se, não recusar os prazeres que lhes ofereciam.

O desejo dos pecadores perecerá (Sl 111, 10). Quanto desejaremos ter na hora da morte o tempo que agora perdemos!... Refere São Gregório em seus Diálogos, que havia um tal Crisanto, homem rico, mas de maus costumes, o qual, na hora da morte,

dirigiu-se aos demônios, que visivelmente apareciam para arrebatá-lo a alma, gritando: Dai-me tempo, dai-me tempo até amanhã. Mas estes lhe responderam: “Insensato! agora pedes tempo? Não o tiveste e perdeste e o empregaste em pecar? E o pedes agora, quando já não há para ti?” O desgraçado continuava a gritar e a pedir socorro. Havia ali perto um monge, seu filho, chamado Máximo, e o moribundo lhe dizia: Ajuda-me, meu filho; Máximo, socorre-me! No entanto, com o rosto chamejante, revolvia-se furioso no seu leito, até que, nessa agitação e gritos de desespero, expirou miseravelmente.

Vede como estes desgraçados, durante a vida, se comprazem em sua loucura, mas na hora da morte abrem os olhos e reconhecem sua demência passada. Mas isto apenas lhes serve para aumentar sua desconfiança de remediar o mal que fizeram. E correndo neste estado, deixam grande incerteza sobre sua salvação... Creio, meu irmão, que, ao leres este ponto, dirás a ti mesmo que é grande verdade. Pois, se assim é, maior será tua loucura se, conhecendo estas verdades, não te emendares a tempo. Esta mesma leitura, que acabas de fazer, ser-te-á, na hora da morte, como nova espada de dor.

Eia, pois, coragem! Já que ainda tens tempo de evitar morte tão deplorável, apressa-te a aplicar o remédio, sem esperar por ocasião oportuna a que não há de oferecer nenhuma esperança. Não o deixes para outro mês, nem o adies por uma semana...

Quem sabe se esta luz que Deus, em sua misericórdia, te concede, será a última exortação que te faz?... É necessidade não querer pensar na morte, que é certa e da qual depende a eternidade. Mas loucura ainda maior é pensar na morte e não preparar-se para morrer bem. Faze agora as reflexões e resoluções que farias se estivesses nesse transe. Aquilo que agora fizeres, o farás com fruto, e naquela hora será em vão. Agora, com esperança de salvação; então, com desconfiança de alcançá-la...

Ao despedir-se de Carlos V um personagem que abandonava o mundo para dedicar-se ao serviço de Deus, perguntou o imperador por que deixava a corte. Respondeu aquele: "É necessário, para salvar-se, que, entre a vida desordenada e a morte, exista um intervalo de penitência".

AFETOS E SÚPLICAS

Não, meu Deus, não quero continuar a abusar de vossa misericórdia.

Agradeço-vos a luz com que me iluminais agora, e prometo mudar de vida, pois reconheço que já não podeis suportar minha ingratidão...

Acaso, posso eu querer que me envieis ao inferno, ou que me entregeis a uma vida relaxada, que seria maior castigo que a própria morte? Prostro-me a vossos pés para rogar que me recebais em vossa

graça. Não o mereço, mas vós, Senhor, dissestes: “Em qualquer dia em que o ímpio se converter, a impiedade não o prejudicará” (Ez 33,12). Se no passado, meu Jesus, ofendi vossa infinita bondade, hoje arrependo-me de todo o coração, e espero de vós o perdão. Direi com Santo Anselmo: Não permitais, Senhor, que se perca a minha alma, já que a resgastastes com vosso sangue. Não olheis minha ingrati-dão, mas sim o amor que vos fez morrer por mim, não obstante ter perdido vossa graça. Vós, Senhor, não perdestes o poder de má restituir. Tende compaixão de mim, ó amado Redentor meu! Perdoai-me e dai-me a graça de vos amar.

Eu vos prometo que somente a vós quero amar. Se, pois, me escolhestes para outorgar-me vosso amor, eu vos elejo, ó Soberano Bem, para amar-vos sobre todo outro bem... Precedestes-me carregando a cruz; eu vos seguirei com a cruz que me derdes para levar, abraçando os trabalhos e as mortificações. Para gozo do meu espírito, basta-me que não me priveis de vossa graça...

Maria Santíssima, minha esperança, alcançai-me de Deus a perseverança e a graça de o amar: e nada mais peço.

PONTO III

Para o moribundo que, durante sua existência,

não zelou o bem de sua alma, serão espinhos todos os objetos que se lhe apresentarem.

Espinhos a lembrança dos prazeres gozados, dos triunfos e das vaidades do mundo. Espinhos a presença dos amigos que o visitem e as coisas que eles lhe recordarão. Espinhos os sacerdotes que o assistem, e os sacramentos que deve receber, confissão, comunhão e extrema-unção; até o crucifixo que apresentam será como espinho de remorso, porque o pobre moribundo verá na santa imagem quão pouco correspondeu ao amor de um Deus que morreu para salvá-lo.

“Grande foi minha insensatez! — dirá então o enfermo. — Podia ter-me santificado com as luzes e os meios que o Senhor me ofereceu; podia ter levado vida feliz na graça de Deus, e que me resta depois de tantos anos perdidos, senão desconfiança e angústia e remorso de consciência, e contas severas a dar a Deus? Difícil é agora a salvação de minha alma...” E quando fará ele tais reflexões?... Quando está para se extinguir a lâmpada da vida, quando está a finalizar a cena deste mundo, quando se encontra face a face com as duas eternidades, a feliz e a desgraçada, quando está prestes a exalar o último suspiro, de que dependem a bem-aventurança ou a condenação permanentes, eternas, enquanto Deus for Deus. O que daria então para dispor de mais um ano, um mês, uma semana sequer, em juízo perfeito, porque naquele estado de enfermidade, aturdida a mente,

oprimido o peito, alterado o coração, nada pode fazer, nada pode meditar, nem conseguir que o espírito abatido leve a cabo um ato meritório! Sente-se como encerrado num fosso escuro, onde tudo é confusão, onde nada percebe senão a grande ruína que o ameaça e à qual se vê na impossibilidade de fugir...

Pedirá tempo. Mas ser-lhe-á dito: Proficiscere, parte: em seguida prepara tuas contas como melhor puderes neste agitado momento, e parte sem demora. Não sabes que a morte nunca espera, nem tem consideração com ninguém? Oh! com que terror o enfermo refletirá: nesta manhã ainda vivo; à noite talvez já esteja morto! Hoje estou ainda em meu quarto; amanhã estarei na sepultura... e minha alma: onde estará?... Que susto quando vir preparar o círio fúnebre; quando sentir o suor frio da morte; quando ouvir seus parentes dizer que sairá do quarto para nunca mais entrar; quando começar a perder a vista, e por último, quando acenderem a luz que há de brilhar no derradeiro instante de sua vida. Ó luz bendita, quantas verdades descobrirás então! Como farás ver as coisas diferentes do que são agora! Como farás conhecer que todos os bens deste mundo são vaidades, loucuras e mentiras!... Mas de que servirá compreender estas verdades, quando já não haverá tempo para se aproveitarem?

AFETOS E SÚPLICAS

Não quereis, Senhor, a minha morte, mas que me converta e viva.

Profunda gratidão me inspiram vossa paciência em esperar por mim até hoje, e as graças que me outorgastes. Conheço o erro que cometi, preferindo à vossa amizade os vis e míseros bens pelos quais vos desprezei.

Arrependo-me de todo o coração de ter-vos ofendido. Não deixeis, pois, de assistir-me com vossa luz e vossa graça, nos dias que me restam de vida, a fim de que possa conhecer e praticar o que deva fazer para emendar minha vida. Que proveito teria, se aprendesse estas verdades, mas já não houvesse tempo de me corrigir?... “Não entregues às feras as almas que te louvam” (Sl 73,19). Quando o demônio me excitar a ofender-vos de novo, rogo-vos, ó Jesus, pelos merecimentos de vossa Paixão, que me livreis de recair em pecado e de voltar à escravidão do inimigo. Fazei que sempre recorra a vós, e que não cesse de encomendar-me a vós enquanto durar a tentação. Vosso sangue é minha esperança, e vossa bondade o meu amor. Amo-vos, ó Deus, digno de amor infinito; fazei que vos ame sempre e que conheça as coisas de que devo afastar-me para ser todo vosso como desejo. Dai-me forças para executar esta resolução. Vós, Rainha do céu e minha Mãe, rogai por mim, pobre pecador. Fazei que nas tentações não deixe de recorrer a Jesus, e a vós, que, pe-

la vossa intercessão, preservais de cair em pecado a quantos invocam vosso auxílio.

CONSIDERAÇÃO VIII

Morte do justo

Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.

E' preciosa na presença de Deus a morte de seus Santos (Sl 115,15).

PONTO I

Considerada a morte à luz deste mundo, nos espanta e inspira temor; mas, segundo a luz da fé, é desejável e consoladora. Parece terrível aos pecadores; mas aos olhos dos justos se apresenta amável e preciosa. Preciosa, — disse São Bernardo — porque é o termo dos trabalhos, a coroa da vitória, a porta da vida". E, na verdade, a morte é termo de penas e trabalhos. O homem nascido de mulher vive curto tempo e está sujeito a muitas misérias (Jó 14,1). Eis aí o que é a nossa vida, curta e cheia de misérias, enfermidades, inquietações e sofrimentos.

Os mundanos, desejosos de longa vida — diz

Sêneca — que procuram senão mais prolongado tormento? (Ep 101). Que é continuar a viver — exclama Santo Agostinho — senão continuar a sofrer?. A vida presente — disse Santo Ambrósio — não nos foi dada para repousar, mas para trabalhar, e, por meio destes trabalhos, merecer a vida eterna (Serm. 45). Com razão, afirma Tertuliano que Deus abrevia o tormento de alguém, quando lhe abrevia a vida. Ainda que a morte tenha sido imposta por castigo do pecado, são tantas as misérias desta vida, que, como disse Santo Ambrósio — mais parece alívio o morrer do que castigo.

Deus chama bem-aventurados aos que morrem na sua graça, porque acabam os trabalhos e começam a descansar. “Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Desde hoje — disse o Espírito Santo — que descansem de seus trabalhos” (Ap 14,13).

Os tormentos que afligem os pecadores na hora da morte não afligem os Santos. “As almas dos justos estão nas mãos de Deus, e não os atingirá o tormento da morte” (Sb 3,1). Não temem os Santos aquela ordem de sair desta vida, que tanto amedronta aos mundanos, nem se afligem por terem de deixar os bens da terra, porque nunca apegaram a eles o seu coração. “Deus do meu coração — repetiram sempre; Deus meu por toda a eternidade” (Sl 72,26). Sois felizes, — escrevia o Apóstolo a seus discípulos, que tinham sido despojados de seus bens por terem

confessado a Cristo. — Suportastes essa perda com alegria, sabendo que vos esperava patrimônio mais excelente e duradouro (Hb 10,34). Não se afligem os Santos por terem de deixar honras mundanas, pois sempre as desprezaram e as tiveram na conta do que são efetivamente: fumo e vaidade, e somente estimaram a honra de amar a Deus e de ser por Ele amados. Não se afligem por terem de deixar seus parentes, porque somente os amaram em Deus, e, ao morrer, os deixam recomendados àquele Pai celestial que os ama mais do que eles; e esperando salvar-se, crêem que melhor lhes poderão ajudar lá no céu do que ficando na terra. Em suma: todos aqueles que disseram sempre durante a vida Meu Deus e meu tudo, repetem-no ainda com maior consolo e ternura no momento da morte.

Quem morre no amor de Deus, não se inquieta com as dores que acompanham a morte, antes se compraz nelas, considerando que a vida vai-se acabar e que já não terá mais a sofrer por Deus nem a testemunhar-lhe novas provas de amor. Assim, com afeto e paz, lhe oferece os últimos restos da sua vida e consola-se, unindo o sacrifício de sua morte ao sacrifício que Jesus Cristo ofereceu por nós na cruz a seu eterno Pai. Desta maneira morre satisfeito, dizendo: “Em seu seio dormirei e descansarei em paz” (Sl 4,8). Que felicidade morrer entregando-se nos braços de Cristo, que nos amou até à morte, e que quis sofrer morte tão cruel para alcançar-nos morte doce e consoladora!

AFETOS E SÚPLICAS

O' amado Jesus, que para dar-me morte feliz quisestes sofrer morte crudelíssima no Calvário! Quando vos tornarei a ver?... A primeira vez que vos verei será quando me julgardes, no momento de expiar.

Que vos direi então?... E vós, que me direis?... Não quero esperar até que chegue este instante para pensar nisso; quero meditá-lo desde já.

Dir-vos-ei: "Senhor: vós, amado Redentor meu, morrestes por mim..."

Houve tempo em que vos ofendi, e fui ingrato para convosco e não merecia perdão. Mas, ajudado por vossa graça, procurei emendar-me, e no resto de minha vida chorei meus pecados, e vós me perdoastes.

Perdoai-me de novo agora que estou a vossos pés e outorgai-me vós mesmo a absolvição geral de minhas culpas. Não merecia mais amar-vos, por ter desprezado vosso amor. Mas vós, Senhor, por vossa misericórdia atraístes meu coração, que, se não vos tem amado como mereceis, amou-vos sobre todas as coisas, deixando tudo para vos agradecer... Que me direis agora?... Verdade é que a glória de vos contemplar no vosso reino é altíssima distinção de que não sou digno; mas não poderei viver afastado de vós, especialmente agora que me mostrastes a vossa excelsa formosura. Peço-vos, pois, o paraíso, não

para poder gozar mais, mas para melhor vos amar. Nem quero tampouco entrar nessa pátria de santidade e ver-me entre aquelas almas puras, manchado como estou agora por minhas culpas. Mandai que antes me purifique, mas não me expulsem para sempre de vossa presença... Basta que algum dia, quando vos aprover, me chameis ao paraíso para que ali cante eternamente as vossas misericórdias. Por agora, meu amado Jesus, dai-me vossa bênção e garanti-me que sou vosso, que sereis sempre meu, que vos amarei e me amareis para sempre... Aparto-me agora de vós, Senhor, para ir às chamas purificadoras; mas vou contente, porque ali hei de amar-vos, Redentor meu, meu Deus e meu tudo...

Vou contente, sim, mas sabeis que, enquanto estiver longe de vós, essa separação temporal será minha maior pena. Contarei, Senhor, os instantes até que me chameis... Tende compaixão de uma alma que vos ama com todas as suas forças, e que suspira por ver-vos para melhor vos amar". Assim, meu Jesus, espero então falar-vos. Até lá, vos peço a graça de viver de modo que possa dizer-vos então o que agora acabo de pensar. Concedei-me a santa perseverança, dai-me o vosso amor... e ajudai-me.

Ó Maria, mãe de Deus, rogai a Jesus por mim!

PONTO II

Deus lhes enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte (Ap 21,4). Na hora da

morte, o Senhor limpará dos olhos de seus servos as lágrimas que derramaram na vida, em meio dos trabalhos, temores e perigos contra o inferno. O maior consolo de uma alma amante de seu Deus, quando sente a proximidade da morte, será pensar que em breve estará livre de tanto perigo de ofender a Deus, como há no mundo, de tanta tribulação espiritual e de tantas tentações do demônio. A vida presente é uma guerra contínua contra o inferno, na qual sempre corremos o risco de perder a Deus e a nossa alma.

Disse Santo Ambrósio que neste mundo caminhamos constantemente entre redutos do inimigo, que estende laços à vida da graça.

Este perigo fez exclamar a São Pedro de Alcântara, quando se achava agonizando: “Retirai-vos, meu irmão, — dirigindo-se a um religioso que, ao prestar-lhe serviço, o tocava com veneração — retirai-vos, pois vivo 26 ainda e por consequência estou em perigo de me perder”. Por este mesmo motivo se regozijava Santa Teresa cada vez que ouvia soar a hora do relógio; alegrava-se por ter passado mais uma hora de combate, dizendo: “Posso pecar e perder a Deus em cada instante de minha vida”. É por isto que todos os Santos sentiam consolo ao saberem que iam morrer: pensavam que em breve se acabariam os combates e os perigos e teriam assegurada a inefável dita de jamais poder perder a Deus.

Lê-se, na vida dos Padres, que um deles, de idade avançada, na hora da morte, ria-se enquanto seus

companheiros choravam. E como lhe perguntassem o motivo de seu contentamento, respondeu: “E por que é que chorais, sendo que vou descansar de meus trabalhos?”.

Também Santa Catarina de Sena disse ao morrer: “Consolai-vos comigo, porque deixo este vale de lágrimas e vou para a pátria da paz”. Se alguém — disse São Cipriano — habitasse numa casa cujas paredes ameaçassem ruínas, cujo pavimento e teto estremecessem, quanto não desejaria sair dela?... Nesta vida tudo ameaça ruína da alma: o mundo, o inferno, as paixões, os sentidos rebeldes, tudo nos leva ao pecado e à morte eterna. Quem me livrará — exclamava o Apóstolo — deste corpo de morte? (Rm 7,24). Que alegria sentirá a alma quando ouvir: “Vem, minha esposa, sai do lugar do pranto, da cova dos leões que te quiseram devorar e fazer perder a graça divina (Ct 4,11). Por isso, São Paulo, desejando morrer, dizia que Jesus Cristo era a sua única vida, e que estimava a morte como o maior tesouro que pudesse ganhar, já que por meio dela alcançaria a vida que jamais tem fim (Fp 2,21).

Grande obséquio faz Deus à alma em estado de graça, retirando-a deste mundo, onde poderia transviar-se e perder a amizade divina (Sb 4,11). Feliz aquele que nesta vida está unido a Deus; mas, como o navegante não pode dizer-se seguro enquanto não chega ao porto e ao abrigo da tormenta, assim uma alma só pode ser verdadeiramente feliz, quando sai

da vida na graça de Deus. Louva a ventura do navegante que chegou ao porto — disse Santo Ambrósio... Se o navegante se alegra quando, após tantos perigos, está a chegar ao porto desejado, quanto mais se não deve alegrar aquele que está próximo a assegurar sua eterna salvação? Ademais, neste mundo não podemos viver sem culpas, ao menos leves; porque sete vezes cairá o justo (Pr 21,16). Mas aquele que sai desta vida, cessa de ofender a Deus. Que é a morte — disse o mesmo Santo — senão o sepulcro dos vícios?. Mais um motivo para os que amam a Deus desejarem vivamente a morte. O venerável P. Vicente Caraffa consolava-se ao morrer, dizendo: Terminando minha vida, acabam minhas ofensas a Deus. E o já citado Santo Ambrósio dizia: Para que desejamos mais longa vida, se, quanto mais longa for, de maior peso de pecado nos carregará? O que falece na graça de Deus chega ao estado feliz de não saber nem poder ofendê-lo mais. O morto não sabe pecar. Eis o motivo por que o Senhor louva mais os mortos que os vivos, ainda que sejam santos (Ec 4,2). Não faltou quem ordenasse que, à hora da morte, lha anunciassem por estes termos: Alegra-te, que chegou o tempo em que não mais ofenderás a Deus.

AFETOS E SÚPLICAS

“Em tuas mãos encomendo meu espírito. Tu me remiste, Senhor, Deus da Verdade” (Sl 30,6). Ó doce Redentor meu, que seria de mim se me tivésseis en-

tregado à morte quando me achava afastado de vós?...

Estaria no inferno, onde não vos poderia amar. Agradeço-vos o não me terdes abandonado, e me concederdes tantas graças para atrair o meu coração. Arrependo-me de vos ter ofendido. Amo-vos sobre todas as coisas. Rogo-vos que sempre me façais conhecer o mal que cometi, desprezando-vos, e o grande amor que merece vossa infinita bondade.

Amo-vos, e, se assim vos apraz, desejo morrer cedo para evitar o perigo de tornar a perder vossa santa graça, e para estar seguro de vos amar eternamente. Dai-me, pois, ó amado Jesus, durante o tempo que me resta de vida, força e ânimo para vos servir antes que chegue a morte. Dai-me força para vencer a tentação e as paixões, sobretudo aquelas que na vida passada mais me levaram a ofender-vos. Dai-me paciência para sofrer as enfermidades e as ofensas que do próximo receber. Eu, por vosso amor, perdôo a todos os que me ofenderam, e vos suplico que lhes outorgueis as graças que desejarem. Dai-me força para que seja mais diligente em evitar as faltas veniais que a miúdo cometo. Ajudai-me, meu Salvador, tudo espero de vossos méritos...

Deposito toda a minha confiança em vossa intercessão, ó Maria, minha mãe e minha esperança!

PONTO III

A morte não é somente o fim dos nossos trabalhos, senão também a porta da vida, como disse São Bernardo. Necessariamente, deve passar por esta porta quem quiser entrar a ver a Deus (Sl 117,20). São Jerônimo dirigia à morte esta súplica: O' morte, minha irmã, se me não abres a porta, não posso ir gozar da presença do meu Senhor! (Ct 5,2).

São Carlos Borromeu, tendo visto em um dos seus aposentos um quadro que representava um esqueleto com a foice na mão, mandou chamar o pintor e ordenou-lhe que substituísse aquela foice por uma chave de ouro, querendo assim inflamar-se mais do desejo de morrer, porque a morte nos abre o céu e nos proporciona a visão de Deus.

Disse São João Crisóstomo que, se um rei tivesse mandado preparar para alguém suntuosa habitação no seu próprio palácio, e, no entanto, os mandasse viver num estábulo, quanto esse homem não desejaria sair do estábulo para ir morar no palácio régio!... Assim, nesta vida, a alma do justo, unida ao corpo mortal, se sente como num cárcere, donde há de sair para habitar o palácio dos céus; é por esta razão que David dizia: "Livrai minha alma da prisão" (Sl 141,8). E o santo velho Simeão, quando tinha nos braços o Menino-Jesus, não lhe soube pedir outra graça, senão a da morte, a fim de ver-se livre do cárcere desta vida: "Agora, Senhor, despede o teu servo... (Lc 2,29), isto é, adverte Santo Ambrósio, — pe-

de ser despedido, como se estivesse preso à força”. Por essa mesma graça suspirava o Apóstolo, quando dizia: “Tenho desejo de me ver livre desta carne, e estar com Cristo” (Fl 3,32).

Quanta alegria sentiu o copeiro do Faraó ao saber de José que dentro em pouco sairia da prisão e voltaria ao exercício de seu posto. E uma alma que ama a Deus não se regozijará ao pensar que em breve sairá da prisão deste mundo para ir gozar a Deus? Enquanto vivemos unidos ao corpo, estamos impedidos de ver a Deus, e como em terra estranha, fora da pátria. Com razão disse São Bruno que a nossa morte não se deve chamar morte, senão vida.

Daí vem o chamar-se nascimento a morte dos Santos, porque nesse instante nascem para a bem-aventurança eterna, que não terá fim. “Para o justo — disse Santo Atanásio — não há morte, apenas trânsito, porque, para ele, morrer não é outra coisa que passar para a eternidade feliz. “Ó morte amável! — exclama Santo Agostinho — quem não tem te desejará, pois és fim dos trabalhos, termo das angústias, princípio do descanso!” E com instância pedia: Oxalá morresse, Senhor, para vos poder ver! O pecador teme a morte — diz São Cipriano, — porque da vida temporal passará à morte eterna¹¹, mas não aquele que, estando na graça de Deus, há de passar da morte à vida. Na vida de São João, o Esmoler, se refere que um homem rico dera ao Santo esmolas avultadas, a fim de pedir este a Deus vida longa para

o único filho que ele tinha. Mas o moço morreu pouco tempo depois. Como o pai se lamentasse dessa morte inesperada, Deus lhe enviou um anjo que lhe disse: “Pediste longa vida para teu filho, pois saibas que já está no céu gozando da eterna felicidade.” Tal é a graça que vos alcança Jesus Cristo, segundo a promessa que foi feita pelo profeta Oséias: O’ morte, eu hei de ser a tua morte (Os 13,14). Cristo, morrendo por nós, fez com que a morte se transformasse em vida. Aqueles que conduziram ao suplício o mártir São Piôncio, perguntaram-lhe maravilhados como podia ir tão alegremente para a morte. “Ah! — respondeu o Santo, — estais enganados! Não vou para a morte e sim para a vida”. Do mesmo modo também a mãe do jovem Sinforiano exortava seu filho quando estava para sofrer o martírio: “Ó meu filho, não vão tirar-te a vida, senão para convertê-la em outra melhor!”

AFETOS E SÚPLICAS

Ó Deus de minha alma! Ofendi-vos em minha vida passada, afastando-me de vós; mas vosso Divino Filho vos honrou na cruz com o sacrifício de sua vida. Em consideração dessa honra que vos tributou vosso Filho amantíssimo, perdoai-me as injúrias que vos fiz. Arrependo-me, Senhor, de vos ter ofendido, e prometo amar somente a vós doravante. De vós espero minha eterna salvação, assim como reconheço que todos os bens que possuo, houve-os de vossa graça, pois todos são dons de vossa bondade. “Pela graça

de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10). Se, pelo passado, vos ofendi, espero honrar-vos eternamente, louvando vossa misericórdia... Sinto vivíssimo desejo de vos amar... Sois vós, Senhor, que mo inspirais, e vos dou, meu amor, fervorosas graças.

Continuai, continuai a ajudar-me como agora, que espero ser vosso, inteiramente vosso. Renuncio aos prazeres deste mundo. Que maior gozo, Senhor, posso ter que comprazer-me em vós, meu Senhor, que sois tão amável e que tanto me tendes amado? Só vos peço amor, ó Deus de minha alma! Amor e sempre amor espero pedir-vos, até que, morrendo em vosso amor, alcance o reino do verdadeiro amor, onde, sem o pedir, de amor me abrase, não cessando de vos amar nem um momento por toda a eternidade, e com todas as minhas forças.

Maria, minha Mãe, que tanto amais a Deus e tanto desejais que seja amado, fazei que muito o ame nesta vida, a fim de que possa amá-lo para sempre na eternidade!

CONSIDERAÇÃO IX

Paz do justo na hora da morte

Justorum animae in manu Dei sunt; non tanget illos tormentum mortis; visi sunt oculis insipientium mori, illi autem sunt in pace.

As almas dos justos estão na mão de Deus e não os tocará o tormento da morte. Pareceu

aos olhos dos insensatos que morriam; mas eles estão em paz (Sb 3,1).

PONTO I

Justorum animae in manu Dei sunt. Se Deus tem em suas mãos as almas dos justos: quem é que poderá lhas arrebatá-las? Certo é que o inferno não deixa de tentar e perseguir os próprios Santos na hora da morte, mas Deus, — diz Santo Ambrósio, — não cessa de assisti-los, aumentando seu socorro à medida em que cresce o perigo de seus servos fiéis¹. O servo de Eliseu ficou consternado quando viu a cidade cercada de inimigos. Mas o Santo animou-o, dizendo: “Não temas, porque há mais gente conosco que da parte deles” (4Rs 6,16), e em seguida mostrou-lhe um exército de anjos enviados por Deus para a sua defesa. O demônio não deixará de tentar o moribundo, mas acudirá também o Anjo da Guarda para confortá-lo; virão os santos protetores; virá São Miguel, destinado por Deus para a defesa dos servos fiéis, no combate derradeiro; virá a Virgem Santíssima, e acolhendo sob o seu manto quem foi seu devoto, derrotará os inimigos; virá Jesus Cristo mesmo a livrar das tentações essa ovelha inocente ou penitente, cuja salvação lhe custou a vida. Dar-lhe-á a esperança e a força necessária para vencer nessa batalha, e a alma, cheia de valor, exclamará: “O Senhor se fez meu auxiliador” (Sl 29,11). “O senhor é a minha luz e a minha salvação: que tenho a rezear?” Sl

26,1). Deus é mais solícito para salvar-nos do que o demônio para perder-nos; porque Deus nos tem mais amor que aborrecimento nos tem o demônio.

Deus é fiel — disse o Apóstolo, e não permite que sejamos tentados além das nossas forças (1Cor 10,13). Dir-me-eis que muitos santos morreram com receio da sua salvação. Respondo que são pouquíssimos os exemplos de pessoas que, depois de uma vida boa, tenham morrido com esse temor. Vicente de Beauvais diz que o Senhor permite, às vezes, que isto ocorra a alguns justos, a fim de, na hora da morte, purificá-los de certas faltas leves. Por outra parte, lemos que quase todos os servos de Deus morreram com o sorriso nos lábios. Todos tememos na morte o juízo de Deus; mas, assim como os pecadores passam desse temor ao horrendo desespero, os justos passam do temor à esperança.

Segundo refere Santo Antonino, São Bernardo, estando enfermo, sentia-se receoso e estava tentado de desconfiança, mas, lembrando-se dos merecimentos de Jesus Cristo, dissipou-se-lhe todo o temor, e dizia: Vossas chagas são meu merecimento. Santo Hilarião temia também, mas exclamou logo alegremente: “Que temes tu, minha alma? Cerca de setenta anos serviste a Cristo; e agora temes a morte?” O que equivale a dizer: Que temes, minha alma, depois de haver servido a um Deus fidelíssimo, que não sabe abandonar os que lhe foram fiéis durante a vida? O Padre José de Scamaca, da Companhia de

Jesus, respondeu aos que lhe perguntaram se morria com esperança: Então! Servi acaso a Maomé para duvidar da bondade de meu Deus, até ao ponto de temer que não queira salvar-me? Se na hora da morte vier a atormentar-nos o pensamento de termos alguma vez ofendido a Deus, recordemos que o Senhor prometeu esquecer os pecados dos penitentes (Ez 18,31-32). Dirá alguém talvez: Como poderemos estar seguros de que Deus nos perdoou?... Essa mesma pergunta se fez São Basílio⁴, e respondeu, dizendo: Não só odiei a iniquidade, mas a abominei. Aquele que detesta o pecado pode estar certo de que Deus lhe perdoou. O coração do homem não vive sem amor: ou ama a Deus ou ama as criaturas. Mas quem é que ama a Deus? Aquele que observa os seus mandamentos (Jo 14,21). Portanto, aquele que morre observando os preceitos de Deus, morre amando a Deus; e o que ama a Deus, nada tem a temer (Jo 4,18).

AFETOS E SÚPLICAS

Ó Jesus! Quando chegará o dia em que vos possa dizer: Deus eu, já não vos posso perder? Quando poderei vos contemplar face a face, certo de amar-vos com todas as minhas forças por toda a eternidade? Ah, Sumo Bem e meu único amor! Enquanto viver, estarei sempre em perigo de ofender-vos e perder vossa graça. Houve um tempo de desleixo em que não vos amei, em que desprezei vosso amor...

Pesa-me 29 dele com toda a minha alma, e espero que me tenhais perdoado, pois vos amo de todo o coração e desejo fazer quanto possa para amar-vos e vos ser agradável. Mas como ainda estou em perigo de negar-vos meu amor e de afastar-me de vós outra vez, rogo-vos, meu Jesus, minha vida e meu tesouro, que não o permitais... Se tão grande desgraça tiver de me suceder, fizeti-me antes morrer neste momento da morte mais dolorosa que escolhereis, que assim o desejo e vo-lo peço. Meu Pai, pelo amor de Jesus Cristo, não me deixeis cair em tão grande ruína! Castigai-me como vos aprouver. Mereço-o e o aceito, mas livrai-me do castigo de ver-me privado do vosso amor e da vossa graça. Meu Jesus, recomendai-me ao vosso Pai! Maria, minha Mãe, rogai por mim ao vosso divino Filho; alcançai-me a perseverança em sua amizade e a graça de amá-lo; e depois que faça de mim o que lhe aprouver.

PONTO II

“As almas dos justos estão nas aos Deus e não os tocará o tormento da morte. Pareceu, aos olhos dos insensatos, que morriam, mas elas estão na paz” (Sb 3,1). Parece aos olhos dos insensatos que os servos de Deus morrem na aflição e contra sua vontade, do mesmo modo como os mundanos. Mas não é assim, porque Deus bem sabe consolar os seus filhos no derradeiro transe, e comunicar-lhes, mesmo entre as dores da morte, maravilhosa doçura, como antecipado sabor da glória que brevemente lhes dá

de outorgar. Assim como os que morrem em pecado começam já a sentir no leito mortuário algo das penas do inferno, pelo remorso, pelo terror e pelo desespero, os justos, ao contrário, com seus atos frequentíssimos de amor a Deus, seus desejos e esperanças de gozar a presença do Senhor, já antes de morrer começam a desfrutar aquela santa paz que depois gozarão plenamente no céu. A morte dos Santos não é castigo, mas sim recompensa.

Quando dá o sono a seus amados, eis aqui a herança do Senhor (Sl 126,2-3). A morte daquele que ama a Deus não é morte, mas sono; de sorte que bem poderá exclamar: Dormirei e repousarei na paz do Senhor (Sl 4,8).

O Padre Soares morreu em tão doce paz, que disse ao expirar: “Nunca pude imaginar que a morte me trouxesse tal suavidade”! O Cardeal Barônio foi admoestado por seu médico que não pensasse tanto na morte; ao que ele respondeu: “Por que não? Aca-so hei de temê-la? Não a receio; ao contrário, amo-a”. Segundo refere Santero, o Cardeal Ruffens, preparando-se para morrer pela fé, mandou que lhe trouxessem o seu melhor traje, dizendo que ia às bodas. Quando avistou o patíbulo, atirou para longe o báculo em que se apoiava, e exclamou: Eia, meus pés, caminhai depressa, que o paraíso está perto. Antes de morrer, entoou o “Te Deum” para render graças a Deus de o fazer mártir da fé, e, cheio de alegria, ofereceu a cabeça ao verdugo. São Francisco

de Assis cantava na hora da morte e convidou a que o acompanhassem os demais religiosos presentes. “Meu Pai, — disse-lhe o irmão Elias, — ao morrer, antes devemos chorar do que cantar”. “Pois eu, — replicou o Santo, — não posso fazer outra coisa senão cantar, porque vejo que dentro em breve irei gozar a Deus”. Uma religiosa de Santa Teresa, ao morrer na flor de sua idade, disse às irmãs que choravam ao redor dela: “Ó meu Deus! Por que é que chorais vós? Vou encontrar-me com meu Jesus Cristo... Alegrai-vos comigo, se me amais”. Conta o Padre Granada que um caçador encontrou, certa vez, um solitário moribundo todo coberto de lepra, mas que estava a cantar. Disse-lhe o caçador: “Como é que podeis cantar nesse estado?” — E o ermitão respondeu: “Irmão, entre Deus e mim não se interpõe outra muralha que este meu corpo, e como agora vejo que se vai ela caindo aos pedaços, que se desmorona o cárcere, e que, em breve, verei a Deus, me regozijo e canto”. Semelhante desejo de ver a Deus nutria Santo Inácio, o mártir, quando disse que, se as feras vissem devorá-lo, ele mesmo as provocaria para que o fizessem. Santa Catarina de Gênova não podia consentir que se considerasse a morte como desgraça, e exclamava: “Ó morte querida, quanto és mal apreciada! Por que não vens a mim, que te chamo noite e dia?”. Santa Teresa de Jesus desejava tanto a morte que o não morrer era sua morte, e com esse sentimento compôs sua célebre poesia: Morro, porque não morro... Tal a morte dos Santos.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus e Sumo Bem, se pelo passado não vos amei, agora me entrego, porém, todo a vós. Renuncio a todas as criaturas e vos escolho como meu único amor, amabilíssimo Senhor meu. Dizei o que quereis de mim, pois estou decidido a cumprir vossa santa vontade... Jamais tornarei a vos ofender; em vosso serviço quero empregar o resto de minha vida. Dai-me força e ânimo para que compense com meu amor a ingratidão de que usei para convosco. Há muitos anos já que merecia arder nas chamas do inferno; mas vós esperastes e até me procurastes para me atrair todo a vós. Fazei agora que arda no fogo do vosso santo amor. Amo-vos, Bondade infinita. Quereis ser o único objeto do meu amor, e é justo, porque ninguém me amou tanto como vós, e porque unicamente a vós quero amar, e farei quanto puder para vos ser agradável.

Fazei de mim o que quiserdes. Basta que vos ame e que me ameis... Maria, minha Mãe, ajudai-me e rogai por mim a Jesus!

PONTO III

Por que há de temer a morte quem espera depois da mesma ser coroado no céu? — disse São Cipriano. — Como pode temê-la quem sabe que, morrendo na graça, alcançará seu corpo a imortalidade? (1Cor 15,33).

Para aquele que ama a Deus e deseja vê-lo — nos diz Santo Agostinho, — pena é a vida e alegria é a morte. São Tomás de Vilanova disse também: “Se a morte acha o homem dormindo, vem como ladrão, despoja-o, mata-o e o lança no abismo do inferno; mas, se o encontra vigilante, saúda-o como enviada de Deus, dizendo: O Senhor te espera para as bodas; vem, que te conduzirei ao reino bem-aventurado a que aspirais”.

Com quanta alegria espera a morte aquele que se acha na graça de Deus, a fim de poder ver a Jesus e ouvi-lo dizer: “Muito bem, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco, te porei sobre muito” (Mt 25,21).

Que consolação não darão então as penitências, as orações, o desprendimento dos bens terrenos e tudo que se fez por Deus! Aquele que amou a Deus gozará então o fruto de suas boas obras (Is 3,10). Persuadido desta verdade, o Padre Hipólito Durazzo, da Companhia de Jesus, jamais se entristecia, mas se alegrava quando morria algum religioso dando sinais de salvação. “Não seria absurdo — disse São Crisóstomo — crer na glória eterna, e lastimar aquele que para lá se dirige?” Especial consolação darão nesse momento as homenagens prestadas à Mãe de Deus, os rosários e as visitas, os jejuns praticados aos sábados em honra da Virgem, o haver pertencido às Congregações marianas... Virgo fidelis chamamos a Maria e, na verdade, fidelíssima se mostra para

consolar a seus devotos em sua última hora! Um moribundo, que em vida fora servo devotíssimo da Virgem, contou ao Padre Binetti: “Nunca pude imaginar, meu Pai, quanto consolo traz na hora da morte o pensamento de ter sido devoto de Maria Santíssima...

Ó Padre, se soubesse o contentamento que sinto por ter servido a esta minha Mãe!... Sou incapaz para lho explicar!...” Que gozo sentirá quem amou e ama a Jesus Cristo, e muitas vezes o recebeu na Sagrada Comunhão, ao ver chegar o seu Senhor, no Santo Viático, para acompanhá-lo no seu trânsito para a outra vida. Feliz quem pôde dizer-lhe com São Filipe: “Eis aqui o meu amor; meu amor aqui está; dai-me o meu amor!” E se alguém disser: Quem sabe a morte que me está reservada?...

Quem sabe se por fim terei morte infeliz?... — perguntar-lhe-ei por minha vez: Qual é a causa da morte?... Unicamente o pecado. Logo, é a este que devemos temer, e não a morte. “Claro está — diz Santo Ambrósio, — que a amargura vem da culpa, não da morte”. O temor não deve existir na morte, mas na vida. Quereis perder o receio da morte?... Vivei bem. Aquele que teme o Senhor, será feliz no fim (Ecl 1,13).

O Padre La Colombière tinha por moralmente impossível que pudesse ter morte má quem foi fiel a Deus durante a vida. Santo Agostinho dizia: “Não pode morrer mal quem tenha vivido bem”. Aquele que está preparado para morrer não teme nenhum gênero

de morte, mesmo que seja a repentina (Sb 4,7). Já que só podemos ir gozar de Deus por meio da morte, convém que lhe ofereçamos o que por necessidade temos de restituir-lhe, como diz São João Crisóstomo, e consideremos que aquele que oferece sua vida a Deus, pratica o ato mais perfeito de temor que pode oferecer-lhe, porque, abraçando de boa vontade a morte que Deus se a paz enviar-lhe, do modo e no tempo que quiser, torna-se semelhante aos Santos Mártires. Aquele que ama a Deus deseja a morte e por ela suspira, pois ao morrer se unirá eternamente a Deus e se verá livre do perigo de perdê-lo. É, portanto, sinal de túbio amor de Deus não ter desejo de ir depressa gozar de sua vista, assegurando-se assim a dita de jamais perdê-lo. Amemo-lo, pois, o mais que pudermos nesta vida, que só para este fim deve servir-nos; isto é, para crescer no amor divino. O grau de amor que tivermos na hora da morte será igual ao desejo que nutrimos em nos unir a Deus na bem-aventurança eterna.

AFETOS E SÚPLICAS

Uni-me a vós, meu Jesus, de tal modo que não me seja possível apartar-me de vós. Fazei-me todo vosso antes de morrer, a fim de que vos seja agradável a primeira vez que vos vir. Já que me procurastes quando fugia de vós, não me repilais agora que vos procuro. Perdoai-me todos os desgostos que vos causei, pois doravante só quero amar-vos e servir-vos. Sacrificastes-vos por mim, dando vosso sangue

e vossa vida por meu amor. Por vós, ó Jesus meu, quisera consumir-me em vosso amor santíssimo... Ó Deus de minha alma! Quero amar-vos muito nesta vida, para vos amar em seguida na eternidade... Atráí, Padre Eterno, o meu coração; desprendei-o dos afetos terrenos, penetrai-o, 31 inflamai-o todo no amor a vós... Ouvi-me pelos merecimentos de Jesus Cristo. Dai-me a santa perseverança e a graça de vo-la pedir sempre...

Maria, minha Mãe, amparei-me e alcançai-me a graça de pedir sempre a vosso divino Filho a santa perseverança.

CONSIDERAÇÃO X

Meios de preparar-se para a morte

Memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis.

Lembra-te de teus novíssimos, e não pecarás jamais (Ecl 7,40).

PONTO I

Todos cremos que temos de morrer, que só uma vez havemos de morrer e que não há coisa mais importante que esta, porque do instante da morte depende a eterna bem-aventurança ou a eterna desgraça.

Todos sabemos também que da boa ou má vida depende o ter boa ou má sorte. Como se explica, pois, que a maior parte dos cristãos vivem como se nunca devessem morrer, ou como se importasse pouco morrer bem ou mal? Vive-se mal porque não se pensa na morte: “Lembra-te de teus novíssimos, e não pecarás jamais.” É preciso persuadirmo-nos de que a hora da morte não é o momento próprio para regular contas e assegurar com elas o grande negócio da salvação. As pessoas prudentes deste mundo tomam, nos negócios temporais, todas as precauções necessárias para obter tal benefício, tal cargo, tal casamento conveniente, e, com o fim de conservar ou

restabelecer a saúde do corpo, não deixam de empregar os remédios adequados. Que se diria de um homem que, tendo de apresentar-se ao concurso de uma cadeira, esperasse, para adquirir a indispensável habilitação, até ao momento de acudir aos exercícios? Não seria um louco o comandante de uma praça que esperasse vê-la sitiada para fazer provisões de víveres e armamentos? Não seria insensato o navegante que aguardasse a tempestade para munir-se de âncoras e cabos?... Tal é, todavia, o procedimento do cristão que difere até à hora da morte o regular o estado de sua consciência. “Quando cair sobre eles a destruição como uma tempestade...

então invocar-me-ão e não os escutarei... Comerão os frutos do seu mau proceder” (Pr 1,27.28.31).

A hora da morte é tempo de confusão é de tormenta. Então os pecadores implorarão o socorro do Senhor, mas sem conversão verdadeira, unicamente com o receio do inferno, em que se vêem próximos a cair. É por este motivo justamente que não poderão provar outros frutos que os de sua má vida. “Aquilo que o homem semeou, isto também colherá” (Gl 6,8). Não bastará receber os Sacramentos, mas será preciso morrer detestando o pecado e amando a Deus sobre todas as coisas.

Como, porém, poderá aborrecer os prazeres ilícitos aquele que até então os amou?... Como amará a Deus sobre todas as coisas aquele que até esse instante tiver amado mais as criaturas do que a Deus? O

Senhor chamou loucas — e na verdade o eram — as virgens que queriam preparar as lâmpadas quando já chegava o esposo. Todos temem a morte repentina, que impede regular as contas da alma. Todos confessam que os Santos foram verdadeiros sábios, porque souberam preparar-se para a morte antes que essa chegasse... E nós, que fazemos nós? Queremos correr o perigo de nos prepararmos para bem morrer, quando a morte nos estiver já próxima? Façamos agora o que nesse transe quiséramos ter feito... Oh! quanto é terrível então recordar o tempo perdido, e sobretudo o tempo mal empregado!... O tempo que Deus nos concedeu para merecer, mas que passou para nunca voltar.

Que angústia nos dará o pensamento de que já não é possível fazer penitência, freqüentar os sacramentos, ouvir a palavra de Deus, visitar Jesus Sacramentado, fazer oração! O que está feito, está feito (Lc 16,21).

Seria necessário ter então mais presença de espírito, mais tranqüilidade e serenidade para confessar-se bem, para dissipar graves escrúpulos e tranqüilizar a consciência... mas já não é tempo! (Ap 10,6).

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Deus! se tivesse morrido naquela ocasião que sabeis, onde estaria eu agora? Agradeço-vos o terdes esperado por mim e por todo esse tempo que

deveria ter passado no inferno, desde o momento em que vos ofendi. Dai-me luz e conhecimento do grande mal que fiz, perdendo voluntariamente vossa graça, que merecestes para mim com o sacrifício da cruz... Perdoai-me, meu Jesus, que me arrependo de todo o coração e sobre todos os males de ter menosprezado vossa bondade infinita. Espero que já me haveis perdoado... Ajudai-me, meu Salvador, para que não volte a perder-vos jamais... Ah! Senhor! Se tornasse a vos ofender depois de ter recebido de vós tantas luzes e tantas graças, não mereceria um inferno criado de propósito para mim?... Não o permitais pelos merecimentos do sangue que por mim derramastes! Dai-me a santa perseverança; dai-me vosso amor... Amo-vos, meu Sumo Bem; jamais quero deixar de vos amar. Tende, meu Deus, misericórdia de mim, pelo amor de Jesus Cristo. Recomendai-me a Deus, ó Virgem Maria! que vossos rogos nunca são desatendidos por esse Senhor que tanto vos ama.

PONTO II Já que é certo, meu irmão, que tens de morrer, prostra-te aos pés do Crucifixo; agradece-lhe o tempo que sua misericórdia te concede para regular tua consciência, e passa em revista a seguir todas as desordens de tua vida passada, especialmente as de tua mocidade. Considera os mandamentos divinos: recorda os cargos e ocupações que tiveste, as amizades que cultivastes; anota tuas faltas e faz — se ainda a não fizeste — uma confissão geral de toda a

tua vida... Oh! quanto contribui a confissão geral para pôr em boa ordem a vida de um cristão.

Cuida que essa conta sirva para a eternidade, e trata de resolvê-la como se a apresentasses no tribunal de Jesus Cristo. Afasta de teu coração todo afeto mau e todo rancor ou ódio. Satisfaz qualquer motivo de escrúpulo acerca dos bens alheios, da reputação lesada, de escândalos dados, e propõe firmemente fugir de todas as ocasiões em que possas perder a Deus. Pensa que aquilo que agora parece difícil, impossível te parecerá no momento da morte.

O que mais importa é que resolvas pôr em execução os meios de conservar a graça de Deus. Esses meios são: ouvir Missa diariamente; meditar nas verdades eternas; fazer, ao menos uma vez por semana, a confissão e receber a comunhão; visitar todos os dias o Santíssimo Sacramento e a Virgem Maria; assistir aos exercícios das congregações ou irmandades a que pertences; praticar a leitura espiritual; fazer todas as noites exame de consciência; escolher alguma devoção especial à Virgem, como jejuar todos os sábados, e, por fim, propor recomendar-se a Deus e à sua Mãe Santíssima, invocando a miúdo, sobretudo no tempo da tentação, os santíssimos nomes de Jesus e Maria.

Tais são os meios com que podemos alcançar uma boa morte e a salvação eterna.

Exercer essas práticas será sinal evidente de

nossa predestinação.

Pelo que diz respeito ao passado, confiai no sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que vos dá estas luzes porque quer salvar-vos, e esperai na intercessão de Maria, que vos obterá as graças necessárias. Com a vida assim regulada, e a esperança posta em Jesus e Maria, quanto nos ajuda Deus, e que força não adquire a alma! Coragem, pois, meu leitor, entrega-te todo a Deus, que te chama, e começa a gozar dessa paz que até agora, por culpa tua, não experimentaste. Pode, porventura, uma alma desfrutar paz maior que a de poder dizer todas as noites, ao descansar: se viesse esta noite a morte, morreria, segundo espero, na graça de Deus!? Que consolação se, ao ouvir o fragor do trovão, ao sentir a terra tremer, pudermos esperar resignadamente a morte, se Deus assim o tiver determinado!

AFETOS E SÚPLICAS

Quanto vos agradeço, Senhor, as luzes que me dais!... Não obstante ter eu tantas vezes vos abandonado e me afastado de vós, não me abandonastes. Se o tivésseis feito, cego estaria eu, como quis sê-lo na vida passada; encontrar-me-ia obstinado em minhas culpas, e não teria vontade nem de renunciar a elas nem de vos amar. Sinto agora dor grandíssima de vos ter ofendido, vivo desejo de estar na vossa graça, e profundo aborrecimento daqueles malditos prazeres que me fizeram perder vossa amizade. Todos estes afetos são graças que de vós procedem e

que me induzem a esperar que queirais me perdoar e me salvar... É, pois, a vós, Senhor, que, apesar de meus muitos pecados, não me abandonais e desejais minha salvação, que me entrego inteiramente; afligeme de todo o coração o ter-vos ofendido, e proponho querer antes perder mil vezes a vida do que vossa graça... Amo-vos, Soberano Bem; amo-vos, meu Jesus, que por mim morrestes, e espero por vosso preciosíssimo sangue que jamais tornarei a afastar-me de vós.

Não, meu Jesus, não quero perder-vos outra vez, mas sim amar-vos eternamente. Conservai sempre e aumentai meu amor para convosco, o que vos suplico pelos vossos próprios merecimentos...

Maria, minha esperança, rogai por mim a Jesus!

PONTO III

É necessário o cuidado de nos acharmos em qualquer tempo, como quiséramos estar na hora da morte. “Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor” (Ap 14,13). Diz Santo Ambrósio que morrem felizmente aqueles que ao morrer já estão mortos para o mundo, ou seja desprendidos dos bens que por força então hão de deixar. Por isso, é necessário que desde já aceitemos o abandono de nossa fazenda, a separação de nossos parentes e de todos os bens terrenos. Se não o fizermos voluntariamente durante a vida, forçosa e necessariamente o teremos de fazer na morte, com a diferença de que então não será

sem grande dor e grave perigo de nossa salvação eterna. Adverte-nos, neste propósito, Santo Agostinho, que constitui grande alívio, para morrer tranqüilo, regular em vida os interesses temporais, fazendo previamente as disposições relativas aos bens que temos de deixar, a fim de que na hora derradeira somente pensemos em nossa união com Deus. Convirá então só ocupar-se das coisas de Deus e da glória, pois são demasiadamente preciosos os últimos momentos da vida para dissipá-los em assuntos terrenos. No transe da morte se completa e se aperfeiçoa a coroa dos justos, porque é então que se recolhe a melhor soma de méritos, abraçando as dores e a própria morte com resignação ou amor.

Mas não poderá ter na morte estes bons sentimentos quem neles não se exercitou durante a vida. Para este fim alguns fiéis praticam, com grande aproveitamento, a devoção de renovar em cada mês o protesto da morte, com todos os atos em tal transe próprios de um cristão, e isto depois de receber os sacramentos da confissão e comunhão, imaginando que se acham moribundos e a ponto de sair desta vida.

O que se não faz na vida, difícil é fazê-lo na morte. A grande serva de Deus, irmã Catarina de Santo Alberto, filha de Santa Teresa, suspirava na hora da morte, exclamando: “Não suspiro, minhas irmãs, por temor à morte, pois há vinte e cinco anos que a espero; suspiro porque vejo tantos pecadores iludidos que

esperam para reconciliar-se com Deus até à hora da morte, quando apenas poderão pronunciar o nome de Jesus”.

Examina, pois, meu irmão, se teu coração tem apego a qualquer coisa da terra, a determinadas pessoas, honras, riquezas, casa, sociedade ou diversões, e considera que não hás de viver aqui eternamente.

Virá o dia, talvez próximo, em que deverás deixar tudo. Por que, neste caso, manter o afeto nessas coisas, correndo risco de ter morte inquieta?...

Oferece-te, desde já, por completo a Deus, que pode, quando lhe aprouver, privar-te desses bens. Quem quiser morrer resignado, há de ter resignação desde agora em todos os acidentes contrários que lhe possam suceder; e há de afastar de si os afetos às coisas da terra. — Afigura-te que vais morrer — diz São Jerônimo — e facilmente conseguirás desprezar tudo.

Se ainda não escolheste estado de vida, toma aquele que na hora da morte querias ter escolhido e que possa proporcionar-te um trânsito mais consolador à eternidade. Se já tens um estado, fazê tudo que ao morrer quiseras ter feito nesse estado. Procede como se cada dia fosse o último da vida, cada ação a derradeira que praticas; a última oração, a última confissão, a última comunhão. Imagina que estás moribundo, estendido sobre o leito, e que ouves a-

quelas palavras imperiosas: Sai deste mundo. Quanto estes pensamentos nos podem ajudar a caminhar bem e a menosprezar as coisas mundanas! “Bem-aventurado aquele servo, a quem o seu senhor, quando vier, achar procedendo assim” (Mt 24,46). Aquele que espera a toda hora a morte, ainda que esta venha subitamente, não pode deixar de morrer bem.

AFETOS E SÚPLICAS

Todo cristão, quando se lhe anuncia a hora da morte, deve estar preparado para dizer o seguinte: Senhor, restam-me poucas horas de vida; quero empregá-las em amar-vos quanto posso, para entrar na eternidade amando-vos. Pouco me resta para vos oferecer, mas ofereço-vos estas dores e o sacrifício que vos ofereceu por mim Jesus Cristo na cruz. Poucas e breves são, Senhor, as penas que padeço, em comparação com as que hei merecido; mas, tais como são, abraço-as em sinal do amor que vos tenho.

Resigno-me a todos os castigos que me queirais infligir nesta e na outra vida. Contanto que possa amar-vos eternamente, castigai-me quanto vos aprouver. Peço não me priveis de vosso amor. Reconheço que não mereço amar-vos por haver tantas vezes desprezado o vosso amor, mas vós não podeis repelir uma alma arrependida. Pesa-me, ó Suma Bondade, de vos ter ofendido. Amo-vos com todas as veras do meu coração, e em vós deposito toda a minha confiança, ó Redentor meu! Nas vossas mãos cha-

gadas encomendo a minha alma... Ó meu Jesus, para salvar-me derramastes todo o vosso sangue. Não permitais que me aparte de vós (Sl 30,6). Amo-vos, Eterno Deus, e espero amar-vos durante toda a eternidade... Virgem e Mãe minha, ajudai-me na minha última hora! Entrego-vos minha alma! Dizei a vosso Filho que tenha piedade de mim! A vós me recomendo: livrai-me da condenação eterna!

CONSIDERAÇÃO XI

Valor do tempo

Fili, conserva tempus.

Filho, aproveita o tempo (Sr 4,23)

PONTO I

Diligencia, meu filho, — diz o Espírito Santo, — em empregar bem o tempo, porque é a coisa mais preciosa, riquíssimo dom que Deus concede ao homem mortal. Até os próprios gentios tinham conhecimento de seu valor. Sêneca dizia que nada pode equivaler ao valor do tempo. Com maior estimação ainda o apreciaram os Santos. Afirma São Bernardino de Sena¹ que um só momento vale tanto como Deus, porque nesse instante, com um ato de contrição ou de amor perfeito, pode o homem adquirir a graça divina e a glória eterna.

O tempo é um tesouro que só se acha nesta vida, mas não na outra, nem no céu, nem no inferno. É este o grito dos condenados: Oh! se tivéssemos uma hora!"... Por todo o preço comprariam uma hora a fim de reparar sua ruína; porém, esta hora jamais lhes será dada. No céu não há pranto; mas se os bem-aventurados pudessem sofrer, chorariam o tempo perdido na sua vida mortal, o qual lhes poderia ter servido para alcançar grau mais elevado na glória; porém, já se passou a época de merecer. Uma religiosa beneditina, depois da morte, apareceu radiante de glória a uma pessoa e lhe revelou que gozava plena felicidade, mas, se algo pudesse desejar, seria unicamente voltar ao mundo para sofrer mais e assim alcançar maior mérito. Acrescentou que de boa vontade sofreria até ao dia do juízo a dolorosa enfermidade que a levou à morte, contanto que conseguisse a glória que corresponde ao mérito de uma só Ave-Maria.

E tu, meu irmão, em que empregas o tempo?... Por que sempre adias para amanhã o que podes fazer hoje? Reflete que o tempo passado desapareceu e já não te pertence; que o futuro não depende de ti.

Só dispões do tempo presente para agir... Ó infeliz! — adverte São 35 Bernardo, — por que ousas contar com o vindouro, como se Deus tivesse posto o tempo em seu poder?". E Santo Agostinho disse: Como te podes prometer o dia de amanhã, se não dispões de uma hora de vida? "Daí conclui Santa Te-

resa: “Se não estiveres preparado hoje para morrer, teme morrer mal...”

AFETOS E SÚPLICAS

Dou-vos graças, meu Deus, pelo tempo que me concedeis para reparar as desordens de minha vida passada. Se chegasse a morrer neste momento, a maior de minhas penas seria pensar no tempo que perdi!... Ah! Senhor meu, destes-me o tempo para vos amar e empreguei-o a ofender-vos. Merecia ser lançado no inferno desde o primeiro momento em que me aparteí de vós; mas chamastes-me à penitência e me perdoastes. Prometi jamais tornar a ofender-vos, entretanto quantas vezes voltei a injuriar-vos e vós ainda me perdoastes!... Bendita seja eternamente a vossa misericórdia! Se não fosse infinita, como teria podido aturar-me tanto tempo? Quem poderia ter comigo a paciência que vós tivestes?... Quanto me pesa ter ofendido um Deus tão bom!...

Meu querido Salvador, mesmo que fosse somente pela paciência que tínheis comigo, deveria estar inflamado de amor por vós. Não permitais que viva por mais tempo ingrato ao amor que me tendes demonstrado.

Desprendeí-me de tudo e atraí-me ao vosso amor... Não, meu Deus, não quero continuar a perder o tempo que me dais para remediar as faltas cometidas, mas empregá-lo todo no vosso serviço e no vosso amor. Amo-vos, bondade infinita, e espero amar-

vos eternamente.

Mil graças vos dou, Virgem Maria, por terdes sido minha advogada na consecução deste tempo da vida. Auxiliai-me agora e fazei que o empregue sem reserva em amar o vosso Filho, meu Redentor, e a vós também, minha Rainha e minha Mãe!

PONTO II

Nada há mais precioso que o tempo e não há coisa menos estimada nem mais desprezada pelos mundanos. Isto deplora São Bernardo, dizendo: 3"Passam rapidamente os dias de salvação, e ninguém reflete que esses dias desaparecem e jamais voltam". Vede aquele jogador que perde dias e noites na tavolagem. Perguntai-lhe o que fez e responderá: "Passar o tempo". Vede o ocioso que se entretém horas inteiras na rua a ver quem passa, ou a falar em coisas obscenas ou inúteis. Se lhe perguntam o que está fazendo, dirá que não faz mais do que passar o tempo. Pobres cegos, que assim vão perdendo tantos dias, dias que nunca mais voltam! Ó tempo desprezado! tu serás a coisa que os mundanos mais desejam no transe da morte... Queremos então dispor de mais um ano, mais um mês, mais um dia; mas não o terão, e ouvirão dizer que já não haverá mais tempo (Ap 10,6). O que não daria então cada um deles para ter mais uma semana, um dia de vida, a fim de poder melhor ajustar as contas da alma!... Ainda que fosse para alcançar só uma hora — disse São Lourenço Justiniano — dariam todos os seus bens. Mas não

obterão essa hora de trégua... Pronto, dirá o sacerdote que o estiver assistindo, apressa-te a sair deste mundo; já não há mais tempo para ti.

Por isso, exorta o profeta a que nos lembremos de Deus e procuremos sua graça antes que a luz se nos extinga (Ecl 12,1-2). Que apreensão não sentirá um viajante ao notar que se transviou no caminho, quando, por ser já noite, não lhe é possível reparar o engano!... Tal será a mágoa na morte do que tiver vivido muitos anos sem empregá-los no serviço de Deus. “Virá a noite em que ninguém poderá fazer mais nada” (Jo 9,4). Então o momento da morte será para ele o tempo da noite, em que nada mais poderá fazer. “Clamou contra mim o tempo” (Lm 1,15). A consciência recordar-lhe-á todo o tempo que teve e que empregou em prejuízo de sua alma; todas as graças que recebeu de Deus para se santificar e de que não quis aproveitar; e ver-se-á depois privado de todos os meios de fazer o bem. Por isso exclamará gemendo: Como fui insensato!... Ó tempo perdido, em que podia ter-me santificado!... Mas não o fiz e agora já não é tempo de o fazer... De que servem tais suspiros e lamentações, quando a vida está prestes a terminar e a lâmpada se vai extinguindo, vendo-se o moribundo próximo do solene instante de que depende a eternidade?

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Jesus! santificastes toda a vida para salvar minha alma; nem um instante deixastes de vos

oferecer por mim ao Eterno Pai, a fim de me alcançar perdão e salvação... e eu, ao cabo de tantos anos de vida neste mundo, quanto tempo empreguei em vosso serviço? As recordações de meus atos fazem-me remorsos de consciência. O mal foi grande. O bem pouquíssimo e cheio de imperfeições, de tibieza, de amor próprio e de distrações. Ah, meu Redentor, tudo isto tem sido porque olvidei o que por mim fizestes! Esqueci-vos, Senhor, mas vós não vos esquecestes de mim; viestes a procurar-me e repetidas vezes 36 me oferecestes o vosso amor enquanto eu fugia de vós. Aqui estou, ó bom Jesus; não quero resistir por mais tempo, nem pensar que me abandonareis. Pensa-me, meu soberano Bem, de ter-me afastado de vós pelo pecado. Amo-vos, bondade infinita, digna de infinito amor. Não permitais que perca o tempo que vossa misericórdia me concede.

Lembrai-vos, amado Salvador meu, do amor que me tendes e das dores que por mim padecestes. Faizei que esqueça tudo na vida que me resta, exceto penar só em vos agradar. Amo-vos, meu Jesus, meu amor, meu tudo. Prometo fazer freqüentíssimos atos de Amor. Concedei-me a santa perseverança, como espero, confiado nos merecimentos de vosso sangue precioso...

E em vossa intercessão confio, ó Maria, minha Mãe querida!

PONTO III

Devemos caminhar pela via do Senhor enquanto temos vida e luz, porque esta logo desaparece na morte (Lc 12,40). Então já não é tempo para preparar-se, mas de estar pronto (Jo 12,35). Quando chega a morte, não se pode fazer nada: o que está feito está feito... Ó Deus! Se alguém soubesse que em breve se decidiria a causa de sua vida ou morte, ou de toda a sua fortuna, com que ardor não procuraria um bom advogado, diligenciaria para que os juízes conhecessem nitidamente as razões que lhe assistem, e trataria de empregar os meios para obter sentença favorável!... O que fazemos nós? Sabemos com certeza que muito brevemente, no momento em que menos o pensamos, se há de julgar a causa do maior negócio que temos, isto é, do negócio de nossa salvação eterna... e ainda perdemos tempo? Dirá talvez alguém: "Sou ainda moço; mais tarde me converterei a Deus". Sabe — respondo — que o Senhor amaldiçoou aquela figueira que achou sem frutos, posto que não fosse estação própria, como observa o Evangelho (Mc 11,13). Com este fato quis Jesus Cristo dar-nos a entender que o homem, em todo tempo, sem excetuar a mocidade, deve produzir frutos de boas obras, senão será amaldiçoado e nunca mais dará frutos no futuro. Nunca jamais coma alguém fruto de ti (Mc 11,14). Assim falou o Redentor àquela árvore, e do mesmo modo amaldiçoa a quem ele chama e lhe resiste... Circunstância digna de admiração! Ao demônio parece breve a duração de nossa vida, e é por isso que

não deixa escapar ocasião de nos tentar. “Desceu a vós o demônio com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo” (Ap 12,12). De sorte que o inimigo não perde nem um instante para desgraçar-nos e nós não aproveitamos, o tempo para nos salvar! Outro dirá: Qual é o mal que faço?... Ó meu Deus! E já não é um mal perder o tempo em jogos e conversações inúteis, que de nada servem à nossa alma? Acaso nos dá Deus esse tempo para que assim o percamos? Não, diz o Espírito Santo: *Particula boni doni non te praetereat* (Ecl 14,14). Aqueles operários de que fala São Mateus não faziam nenhum mal; somente perdiam o tempo, e é por isso que o dono da vinha os repreendeu: “Que estais aqui todo o dia ociosos?” (Mt 20). No dia do juízo, Jesus Cristo nos pedirá conta de toda palavra ociosa. Todo o tempo que não é empregado para Deus, é tempo perdido. E o Senhor nos diz: “Qualquer coisa que possa fazer tua mão, fá-la com instância; porque nem obra, nem razão de sabedoria, nem ciência haverá no sepulcro, para onde caminhas célere” (Ecl 9,10). A venerável irmã Joana da Santíssima Trindade, filha de Santa Teresa, dizia que na vida dos Santos não há dia de amanhã; só o há na vida dos pecadores, que dizem sempre “mais tarde, mais tarde” e é assim que chegam à morte. “É agora o tempo favorável” (2Cor 6,2). “Se hoje ouvirdes a sua voz, não queirais endurecer vossos corações” (Sl 94,8). Hoje Deus te chama a fazer o bem; faze-o hoje mesmo, porque amanhã talvez já não terás tempo, ou Deus não te chamará.

E, se por desgraça na vida passada empregaste o tempo em ofender a Deus, procura agora expiar essa falta no resto de tua vida mortal, como resolveu fazer o rei Ezequias: “Repassarei diante de ti todos os meus anos com a amargura de minha alma” (Is 38,15). Deus te prolonga a vida para que resgates o tempo perdido: “Recobrando o tempo, pois que os dias são maus” (Ef 5,16); ou ainda, segundo comenta Santo Anselmo: “Recuperarás o tempo se fizeres o que descuidaste de fazer”.

São Jerônimo diz de São Paulo que, não obstante ser o último dos apóstolos, tornou-se o primeiro em méritos pelos seus trabalhos depois da vocação. Consideremos ao menos que em cada instante podemos ganhar maior cópia de bens eternos. Se nos cedessem a propriedade do terreno que pudéssemos percorrer num dia, ou o dinheiro que pudéssemos contar num dia, que de esforços não faríamos! Pois, se podemos adquirir em um instante tesouros eternos, por que havemos de malgastar o tempo? O que podes fazer hoje não diga que o farás amanhã, porque o dia de hoje se perderá e não mais voltará. Quando São Francisco de Borja ouvia falar das coisas mundanas, elevava o coração a Deus com tão santos afetos que não sabia responder quando lhe perguntavam qual era o seu sentir acerca do que haviam dito. Repreenderam-no por isso, e ele contestou que antes preferia parecer homem rude do que perder futilmente o tempo.

AFETOS E SÚPLICAS

Não, meu Deus, não quero perder o tempo que me haveis concedido por vossa misericórdia... Mereci estar já no inferno, gemendo sem esperança. Dou-vos, pois, fervorosas graças por me terdes conservado a vida. Desejo, nos dias que me restam, viver somente para vós. Se estivesse no inferno, choraria desesperado e sem fruto. Agora chorarei as ofensas que cometi contra vós e, chorando-as, estou certo de que mas perdoareis, segundo assegura o Profeta (Is 30,19). No inferno me seria impossível amar-vos; agora vos amo e espero amar-vos sempre.

No inferno jamais poderia pedir a vossa graça; agora ouço que dizeis: “Pedi e recebereis” (Jo 16,24). Posto que ainda é tempo para vos pedir graças, duas são as que vos peço: Concedei-me, ó Deus, a perseverança no vosso santo serviço e dai-me o vosso amor; depois fazei de mim o que quiserdes. Fazei que, em todos os instantes que me restam da vida, eu me recomende a vós, dizendo: “Ajudai-me, Senhor... Senhor, tende piedade de mim; fazei que não vos ofenda; fazei que vos ame”.

Virgem Santíssima, minha mãe, alcançai-me a graça de me recomendar sempre a Deus e pedir-lhe seu santo amor e a perseverança.

CONSIDERAÇÃO XII

Importância da salvação

Rogamus autem vos, fratres... ut vestrum negotium agatis.

Mas vos rogamos, irmãos, a avançar cada vez mais (1Ts 4,10).

PONTO I

O negócio da eterna salvação é, sem dúvida, o mais importante, e, contudo, é aquele de que os cristãos mais se esquecem. Não há diligência que não se efetue, nem tempo que não se aproveite para obter algum cargo, ganhar uma demanda, ou contratar tal casamento...

Quantos conselhos, quantas precauções se tomam! Não se come, não se dorme!... E para alcançar a salvação eterna? Que se faz? Que procedimento se segue?... Nada se costuma fazer; ao contrário, tudo o que se faz é para perdê-la, e a maior parte dos cristãos vive como se a morte, o juízo, o inferno, a glória e a eternidade não fossem verdades da fé, mas apenas fábulas inventadas pelos poetas. Quanta aflição quando se perde um processo ou uma colheita e quanto cuidado para reparar o prejuízo!... Quando se extravia um cavalo ou um cão, quantas diligências para encontrá-los. Muitos perdem a graça de Deus, e

entretanto dormem, riem-se e gracejam!... Coisa estranha, por certo! Não há quem não core ao passar por negligente nos negócios do mundo, e a ninguém causa rubor olvidar o grande negócio da salvação, que mais do que tudo importa. Confessam que os Santos são verdadeiros sábios porque só trabalharam para salvar-se, enquanto eles atendem a todas as coisas do mundo, sem se importar com sua alma. Mas vós — disse São Paulo — vós, meus irmãos, pensai unicamente no magno assunto de vossa salvação, pois constitui o negócio da mais alta importância.

Persuadamo-nos, pois, de que a felicidade eterna é para nós o negócio mais importante, o negócio único, o negócio irreparável se não o pudermos realizar.

É, sem contestação, o negócio mais importante, porque é das mais graves conseqüências, em vista de se tratar da alma, e, perdendo-se esta, tudo está perdido. Devemos estimar a alma — disse São João Crisóstomo — como o mais precioso dos bens. Para compreender esta verdade, basta considerar que Deus sacrificou seu próprio Filho à morte para salvar nossas almas (Jo 3,16). O Verbo Eterno não vacilou em resgatá-las com seu próprio sangue (1Cor 6,20). De maneira que — disse um Santo Padre, — parece que o homem vale tanto como Deus.

Daí esta palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo: “Que dará o homem em troca de sua alma”? (Mt

16,26). Se tem tamanho valor a alma, qual o bem do mundo que poderá dar em troca o homem que a vem a perder? Razão tinha São Filipe Néri em chamar de louco ao homem que não trabalhava na salvação de sua alma. Se houvesse na terra homens mortais e homens imortais e aqueles vissem estes se aplicarem afanosamente às coisas do mundo, procurando honras, riquezas e prazeres terrenos, dir-lhes-iam sem dúvida: “Quanto sois insensatos! podeis adquirir bens eternos e só pensais nas coisas miseráveis e passageiras, condenando-vos a penas eternas na outra vida!... Deixai-os, pois; nesses bens só devem pensar os desventurados que, como nós, sabem que tudo se acaba com a morte!...” Isto, porém, não é assim: todos somos imortais... Como se haverá, portanto, aquele que, por causa dos miseráveis prazeres do mundo, perde a sua alma?... Como se explica — disse Salviano — que os cristãos creiam no juízo, no inferno, na eternidade, e vivam sem receio de nenhuma dessas coisas?.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah! meu Deus! De que me serviriam tantos anos de vida que me concedestes para adquirir a salvação eterna?... Vós, Redentor meu, resgatastes minha alma com o vosso sangue e me entregastes para que a salvasse; entretanto eu apenas me tenho aplicado em perdê-la, ofendendo-vos, que tanto me haveis amado! De todo o coração, agradeço-vos que ainda me concedeis tempo para reparar o mal que fiz.

Perdi a alma e vossa santa graça; arrependo-me, Senhor, e detesto sinceramente os meus pecados. Perdoai-me, pois que estou firmemente resolvido a perder todos os bens, inclusive a vida, mas não quero perder a vossa amizade. Amo-vos sobre todas as coisas e tenho a firme vontade de amar-vos sempre, ó Sumo Bem, digno de infinito amor! Ajudai-me, meu Jesus, a fim de que esta minha resolução não seja semelhante a meus propósitos anteriores, que foram outras tantas infidelidades.

Fazei que morra, antes que volte a ofender-vos e deixe de vos amar...

Ó Maria, minha esperança, salvai-me, obtendo para mim o dom da perseverança!

PONTO II

A salvação eterna não é só o mais importante, senão o único negócio que nesta vida nos impende (Lc 10,42). São Bernardo deplora a cegueira dos cristãos que, qualificando de brinquedos infantis certos passatempos da infância, chamam negócios sérios suas ocupações mundanas. Maiores loucuras são as néscias puerilidades dos homens.

“Que aproveita ao homem — disse o Senhor — ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? (Mt 16,26). Se tu te salvas, meu irmão, nada importa que no mundo hajas sido pobre, perseguido e desprezado. Salvando-te, acabar-se-ão os males e serás feliz

por toda a eternidade. Mas, se te enganares e te perderes, de que te servirá no inferno haveres desfrutado de todos os prazeres do mundo, teres sido rico e cortejado? Perdida a alma, tudo está perdido: honras, divertimentos e riquezas.

Que responderás a Jesus Cristo no dia do juízo? Se um rei enviasse um embaixador a uma grande cidade, a fim de tratar de um negócio importante, e esse ministro, em vez de ali dedicar-se à missão que lhe fora confiada, só se ocupasse de banquetes, festas e espetáculos, de modo que por sua negligência fracassasse a negociação, que contas poderia dar ao rei à sua volta? Do mesmo modo, ó meu Deus, que conta poderá dar ao Senhor no dia do juízo, aquele que, colocado neste mundo, não para divertir-se, nem enriquecer, nem adquirir honras, senão para salvar sua alma, infelizmente a tudo atendeu, menos à sua alma? Os mundanos não pensam no presente e nunca no futuro. São Filipe Néri, falando certa vez em Roma com um jovem talentoso chamado Francisco Nazzera, assim se expressou: “Tu, meu filho, terás carreira brilhante: serás bom advogado, depois prelado, a seguir cardeal, quem sabe? talvez Papa... mas depois? e depois? Ide, disse-lhe alfim, pensai nestas últimas palavras.” Foi Francisco para casa e, meditando no sentido daquelas palavras “e depois? e depois?” abandonou os negócios terrenos, deixou o mundo para ingressar na mesma congregação a que pertencia São Filipe Néri, e aí ocupar-se somente em servir a Deus.

Este é o único negócio, porque só temos uma alma. Certo príncipe solicitou a Bento XII uma graça que não podia ser concedida sem pecado.

Respondeu o Papa ao embaixador: “Dizei a vosso soberano que, se eu tivesse duas almas, poderia sacrificar uma por ele e reservar a outra para mim, mas como só tenho uma, não quero perdê-la”. São Francisco Xavier dizia que no mundo há um só bem e um só mal. O único bem, salvar-se; condenar-se, o único mal. A mesma verdade expunha Santa Teresa e suas religiosas: “Minhas irmãs, uma alma e uma eternidade”; o que quer dizer: há uma alma, e perdida esta, tudo está perdido; há uma eternidade, e a alma, uma vez perdida, para sempre o será. Por isso, David suplicava a Deus, e dizia: Senhor, uma só coisa vos peço: salvai-me a alma, e nada mais quero (Sl 26,4).

Com receio e com temor trabalhai na vossa salvação (Fl 2,12).

Quem não receia nem teme perder-se, não se salvará, porque para se salvar é preciso trabalhar e empregar violência (Mt 11,12). Para alcançar a salvação é necessário que, na hora da morte, apareça a nossa vida semelhante à de Nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 8,29). Para este fim devemos esforçar-nos em evitar as ocasiões perigosas e empregar os meios necessários para conseguir a salvação. “O reino dos céus não se dará aos indolentes — diz São Bernardo, — senão aos que trabalharam no serviço do Senhor”.

Todos desejariam salvar-se, mas sem o menor incômodo. “O demônio — diz Santo Agostinho — trabalha sem repouso para perder-te, e tu, tratando-se de tua felicidade ou de tua desgraça eterna, tanto te descuidas?”.

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Deus! quanto vos agradeço terdes permitido que me ache agora a vossos pés e não no inferno, que tantas vezes mereci! De que me serviria a vida que me reservais, se continuasse a viver privado de vossa graça?... Ah, nunca mais será assim! Volteivos a costas, e vos perdi, meu Sumo Bem!... Mas arrependo-me de todo o coração... Oxalá tivesse eu morrido antes mil vezes! Perdi-vos, mas vosso Profeta me assegura que sois todo bondade e que vos deixais achar pelas almas que vos procuram. Se no passado me afastei de vós, ó Rei de minh’alma, agora vos procuro... A vós somente procuro, Senhor. Amar-vos com todas as minhas forças. Aceitai-me e não vos indignéis de que vos ame este coração que outrora vos desprezou. Ensinai-me o que tenho a fazer para vos agradar (Sl 143,10), pois desejo pô-lo em prática. Ó meu Jesus, salvai esta alma que redimistes com vossa vida e vosso sangue.

Dai-me a graça de vos amar sempre nesta vida e na outra. Assim o espero pelos vossos infinitos merecimentos.

E também, Maria Santíssima, por vossa poderosa

intercessão.

PONTO III

Negócio importante, negócio único, negócio irreparável. Não há falta que se possa comparar, diz Santo Eusébio, ao desprezo da salvação eterna. Todos os demais erros podem ter remédio. Perdidos os bens, é possível readquirir outros por meio de novos trabalhos. Perdido um emprego, pode ser recuperado. Ainda no caso de perder a vida, se salvar a alma, tudo está preparado. Mas para quem se condena, não há possibilidade de remédio. Morre-se uma vez, e perdida uma vez a alma, está perdida para sempre. Só resta o pranto eterno com os outros míseros insensatos do inferno, cuja pena e maior tormento consiste em pensar que para eles já não há mais tempo de remediar sua desdita (Jr 8,20). Perguntai a esses sábios do mundo, mergulhados agora no fogo infernal, perguntai-lhes o que sentem e pensam; se estão contentes por terem feito fortuna na terra, mesmo que se condenaram à eterna prisão.

Escutai como gemem dizendo: Erramos, pois... (Sb 5,6). Mas de que lhes serve agora reconhecer o seu erro, quando já a condenação é irremediável para sempre? Qual não seria o pesar daquele que, tendo podido prevenir e evitar com pouco esforço a ruína de sua casa, a encontrasse um dia desabada, e só então considerasse seu próprio descuido, quando

não houvesse já remédio possível? Esta é a maior aflição dos réprobos: pensar que perderam sua alma e se condenaram por sua culpa (Os 13,9). Disse Santa Teresa que, se alguém perde, por sua culpa, um vestido, um anel ou outro objeto, perde a tranqüilidade e, às vezes, não come nem dorme. Qual será, pois, ó meu Deus, a angústia do condenado quando, ao entrar no inferno, se vir sepultado naquele cárcere de tormentos, e, atendendo à sua desgraça, considerar que durante toda a eternidade não há de chegar remédio algum! Sem dúvida exclamará: “Perdi a alma e o paraíso, perdi a Deus; tudo perdi para sempre, e por quê? por minha culpa! E se alguém objetar: Mesmo que cometa este pecado, porque hei de me condenar?... Acaso, não poderei salvar-me? Responder-lhe-ei: Também pode ser que te condenes”. Ainda direi que até há mais probabilidade em favor de tua condenação, porque a Santa Escritura ameaça com este tremendo castigo aos pecadores obstinados, como tu o és neste instante. “Ai dos filhos que desertam!” (Is 30,1) — diz o Senhor. — “Ai daqueles que se afastam de mim” (Os 7,13). E não pões ao menos, com esse pecado cometido, a tua salvação eterna em grande perigo e grande incerteza? E qual é este negócio que assim se pode arriscar? Não se trata de uma casa, de uma cidade, de um emprego; trata-se, — diz São João Crisóstomo, — de padecer uma eternidade de tormentos e de perder um paraíso de delícias. E este negócio, que tanto te deve importar, queres arriscá-lo por um talvez? “Quem sabe — dizes, — quem sabe se me condenarei? Espero

que Deus mais tarde me há de perdoar”.

E entretanto?... Entretanto, por ti mesmo te condenas ao inferno.

Por acaso te atirarias a um poço, dizendo: talvez escape da morte? — Não, de certo. Como podes expor tua eterna salvação numa tão frágil esperança, num quem sabe? Oh! quantos, por causa dessa maldita falsa esperança, se perderam!... Não sabes que a esperança dos obstinados no pecado não é esperança, mas presunção e ilusão que não promovem a misericórdia divina, mas provocam sua indignação? Se dizes que presentemente não estás em estado de resistir às tentações, à paixão dominante, como resistirás mais tarde, quando, em vez de aumentar, te faltará a força pelo hábito de pecar? Por uma parte, a alma estará mais cega e mais endurecida na malícia, e por outra faltar-lhe-á o auxílio divino... Acaso, esperas que Deus aumente para ti suas luzes e suas graças depois que tu hajas aumentado ilimitadamente tuas faltas e pecados?

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Jesus! Atendendo à morte que por mim padeceste, aumentai minha esperança. Temo que, no fim de minha vida, o demônio me faça cair em desespero, em vista das inúmeras infidelidades que para convosco hei cometido. Quantas vezes prometi não tornar a ofender-vos, movido pelas luzes que me haveis dado, e voltei a afastar-me de vós na espe-

rança do perdão. Foi por não me haverdes castigado, que tanto vos ofendi! Porque usastes de misericórdia para comigo, que tantos ultrajes vos fiz!? Dai-me, meu Redentor, antes que deixe esta vida, profundo e verdadeiro arrependimento de meus pecados. Pesa-me, ó Suma Bondade, de vos ter ofendido, e prometo firmemente antes morrer mil vezes que separar-me de vós... Permiti, entretanto, que ouça as palavras que dissestes a Santa Madalena: “Teus pecados estão perdoados” (Lc 7,48), e inspirai-me grande dor de minhas culpas antes que chegue o transe da morte. Doutro modo, receio que essa hora vá trazer-me inquietação e desgraça. Naquele momento extremo, vossa presença não me cause receio, meu Jesus crucificado! Se morresse agora, antes de chorar minhas culpas, antes de vos amar, então vossas chagas e vosso sangue me causariam mais susto que esperança. Não vos peço, pois, consolo e bens terrestres para o resto da vida. Peço-vos somente amor e dor. Ouvi-me, amantíssimo Salvador, por aquele amor que vos fez sacrificar por mim a vida no Calvário...

Maria, minha Mãe, alcançai-me estas graças unidas à da perseverança até à morte.

CONSIDERAÇÃO XIII

Vaidade do mundo

Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur? Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder sua alma? (Mt 16,26)

PONTO I

Numa viagem marítima, um filósofo antigo, de nome Aristipo, naufragou com o navio em que ia, perdendo todos os bens. Pôde, entretanto, chegar salvo à terra, e os habitantes do país a que arribou, entre os quais Aristipo gozava de grande fama por seu saber, o indenizaram de tudo que havia perdido. Admirado, escreveu logo a seus amigos e patrícios incitando-os a que aproveitassem o seu exemplo, e que somente se premunissem das riquezas que nem com os naufrágios se podem perder. É isto exatamente o que nos recomendam nossos parentes e amigos que já chegaram à eternidade. Advertem-nos para que este mundo procuremos adquirir antes de tudo os bens que nem a morte nos faz perder. O dia da morte é chamado o dia da perda, porque nele perdemos as honras, as riquezas e os prazeres, enfim, todos os bens terrenos. Por esta razão diz Santo Ambrósio que não podemos chamar nossos a esses bens, porque os não podemos levar conosco para o outro mundo; somente as virtudes nos acompanham para a eternidade.

“De que serve, pois — diz Jesus Cristo (Mt 16,26) — ganhar o mundo inteiro, se à hora da morte, perdendo a alma, tudo perde?”... Oh! quantos jovens, penetrados desta grande máxima, resolveram entrar na clausura! Quantos anacoretas conduziu ao deserto! A quantos mártires moveu a dar a vida por Cristo! Por meio destas máximas soube Santo Inácio de Loiola chamar para Deus inúmeras almas, entre elas a alma formosíssima de São Francisco Xavier, que, residindo em Paris, ali se ocupava em pensamentos mundanos. “Pensa, Francisco — lhe disse um dia o Santo, — pensa que o mundo é traidor, que promete e não cumpre; mas, ainda que cumprisse o que promete, jamais poderia satisfazer teu coração. E supondo que o satisfizesse, quanto tempo poderá durar essa felicidade? Mais que tua vida? E no fim dela, levarás tua dita para a eternidade? Existe, porventura, algum poderoso que tenha levado para o outro mundo uma moeda sequer ou um criado para seu serviço? Há algum rei que tenha levado consigo um pedaço de púrpura em sinal de dignidade?...” Movido por estas considerações, São Francisco Xavier renunciou ao mundo, seguiu a Santo Inácio de Loiola e se tornou um grande Santo.

Vaidades das vaidades (Ecl 1,2). Assim chamou Salomão aos bens do mundo, depois de ter experimentado, como ele mesmo confessou, todos os prazeres da terra (Ecl 2,10). Soror Margarida de Sant’Ana, carmelita descalça, filha do imperador Rodolfo II, dizia: “Para que servem os tronos da hora da

morte?...” Coisa admirável! Tremem os Santos ao pensar em sua salvação eterna. Tremia o Padre Ségneri, que, todo assustado, perguntava a seu confessor: “Que me dizeis, Padre, salvar-me-ei?” Tremia Santo André Avelino quando, gemendo, exclamava: “Quem sabe se me salvarei!” Esse mesmo pensamento afligia a São Luís Bertram, e o fez levantar-se muitas noites do leito, exclamando: “Quem sabe se me condenarei?...” E contudo os pecadores vivem em estado de condenação, e dormem, e riem, e se divertem!

AFETOS E SÚPLICAS

Ah! Jesus, meu Redentor! De todo o coração vos agradeço por me terdes dado a conhecer minha insensatez e o mal que cometi afastando-me de vós, que por mim sacrificastes sangue e vida. Em verdade, não merecíeis da minha parte ser tratado como vos tratei. Se a morte me ferisse agora, que acharia em mim senão pecados e remorsos de consciência, que me tornariam bem angustiosos os últimos momentos? Confesso, meu Salvador, que fiz mal, que a mim mesmo me enganei, trocando o Bem Supremo pelos míseros prazeres deste mundo.

Arrependo-me de todo o coração, e vos suplico, pelas dores que na cruz sofrestes, me deis a mim tão grande dor de meus pecados, que me faça chorar durante o resto de minha vida as culpas que cometi.

Perdoai-me, meu Jesus; prometo nunca mais vos

ofender, e amar-vos sempre. Sei que não sou digno de vosso amor, porque o desprezei tantas vezes; mas também sei que amais a quem vos ama... (Pr 8,17).

Amo-vos, Senhor; amai-me, pois, também. Não quero tornar a perder vossa amizade e graça. Renuncio a todos os prazeres e a todas as 42 pompas deste mundo, contanto que me ameis... Ouvi-me, meu Deus, por amor de Jesus Cristo, que vos pede não me arrojais de vosso coração.

A vós me ofereço inteiramente e vos consagro minha vida, meus sentidos, minha alma, meu corpo, minha vontade e minha liberdade.

Aceitai, Senhor, a oferta e não me desprezeis como mereço, por ter desprezado tantas vezes vosso amor... (Sl 50,13).

Virgem Santíssima, minha Mãe, rogai por mim a Jesus. Em vossa intercessão confio.

PONTO II

É mister pesar os bens na balança de Deus e não na do mundo, que é falsa e enganadora (Os 12,71). Os bens do mundo são desprezíveis, não satisfazem e acabam depressa. “Meus dias passaram mais depressa que um correio; passaram como um navio...” (Jo 9,25-26).

Passam e fogem velozes os breves dias desta vida; e que resta por fim dos prazeres terrenos? Passaram como navios. O navio não deixa vestígio de sua passagem (Sb 5,10). Perguntemos a todos esses ricos, sábios, príncipes, imperadores, que estão na eternidade, o que acham ali de suas passadas grandezas, pompas e delícias deste mundo. Todos responderão: Nada, nada. Ó homens, exclama Santo Agostinho, vós considerais somente os bens que possui aquele magnata; atentai também nas coisas que leva consigo ao sepulcro: um cadáver pestilento e uma mortalha que com ele se consumirá. Quando morre algum dos grandes, apenas se fala dele algum tempo; depois até sua memória se perde (Sl 9,7). E se caem no inferno, que farão e que dirão ali?... Chorarão, dizendo: Para que nos serviram o luxo e a riqueza? Tudo agora se passou como sombra (Sb 5,8-9) e nada nos resta senão penas, pranto e desespero sem fim.

“Os filhos do século são mais prudentes em seus negócios que os filhos da luz” (Lc 18,8). Causa pasmo ver quão prudentes são os mundanos no que diz respeito às coisas da terra. Que passos não dão para adquirir honras ou fortuna! Quantos cuidados para conservar a saúde do corpo!... Escolhem e empregam os meios mais adequados, os médicos mais afamados, os melhores remédios, o clima mais saudável... e, entretanto, quão descuidados são para a alma!... E, no entanto, é certo que a saúde, as honrarias e as riquezas devem acabar-se um dia, ao passo

que a alma, imortal, não tem fim. “Observemos — disse Santo Agostinho — quanto sofre o homem pelas coisas que ama desordenadamente”. Quanto não sofrem os vingativos, ladrões e licenciosos para atingir seus malvados desígnios? E para o bem da alma nada querem sofrer. Ó Deus! À luz do círio que na hora da morte se acende, naquele momento de grandes verdades, os mundanos reconhecem e confessam sua grande loucura. Então desejariam ter renunciado ao mundo e levado vida santa.

O Pontífice Leão XI disse na hora da morte: “Em vez de ser Papa, melhor fora para mim ter sido porteiro no meu convento”. Honório III, também Pontífice, exclamou ao morrer: “Melhor teria feito, se ficasse na cozinha de minha comunidade para lavar a louça”. Filipe II, rei de Espanha, chamou seu filho na hora da morte, e, depois de afastar a roupa, lhe mostrou o peito roído de vermes, dizendo: “Vê, príncipe, como se morre, e como se acabam as grandezas do mundo”. Depois exclamou: “Por que não fui eu, em vez de monarca, simples frade leigo de qualquer ordem!” Mandou depois que lhe pusessem ao pescoço uma cruz de madeira; e tendo disposto todas as coisas para sua morte, disse a seu herdeiro: Quis, meu filho, que estivesse presente a este ato, para que visses como, no fim da vida, o mundo trata ainda os próprios reis. Sua morte é igual à dos mais pobres da terra. Aquele que melhor tiver vivido, esse é que achará junto de Deus mais alto favor”. E este mesmo filho, que foi depois Filipe III, ao morrer com apenas 43 a-

nos de idade, disse: “Atendei, meus súditos, a que no meu necrológio somente se fale do espetáculo que tendes presente. Dizei que na morte de nada serve o título de rei, a não ser para sentir-se maior tormento de o haver sido... Oxalá, em vez de ser rei, tivesse vivido em um deserto servindo a Deus!... Ir-me-ia agora apresentar com mais confiança entre seu tribunal, e não correria tamanho risco de me condenar!...” De que valem, porém, tais desejos no transe da morte, senão para maior desespero e pena de quem não amou a Deus durante a vida? Dizia, por isto, Santa Teresa: “Não se deve fazer caso das coisas que acabam com a vida. A verdadeira vida consiste em viver de modo que nada se tenha a recear da morte...” Portanto, se desejamos compreender o que valem os bens da terra, consideremo-los do leito da morte e digamos logo: Aquelas riquezas, estas honras, estes prazeres, se acabarão um dia. É necessário, assim, que procuremos santificar-nos e enriquecer-nos somente dos bens únicos que hão de acompanhar-nos sempre e que constituirão nossa dita por toda a eternidade.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Redentor!... Sofrestes tantos sacrifícios e tantas ignomínias por meu amor, e eu amei tanto os prazeres e as vaidades do mundo, que por sua causa fui levado a calcar aos pés inúmeras vezes a 43 vossa graça. Mas, ainda que vos desprezasse, não deixáveis de me procurar; por isso, ó meu Jesus, não

posso temer que me abandonareis agora que vos procuro e amo de todo o coração, e me dói mais de vos ter ofendido que se tivesse sofrido qualquer outro mal. Ó Deus de minha alma, não quero tornar a ofender-vos nem nas coisas mínimas.

Fazei-me conhecer aquilo que vos desagrada e que não o pratique por nada deste mundo. Fazei que saiba o que vos é agradável e o ponha em execução. Quero amar-vos verdadeiramente; e por vós, Senhor, aceitarei gostosamente todos os sofrimentos e todas as cruces que me vierem. Dai-me a resignação de que necessito. Queimai, cortai... Castigai-me nesta vida, a fim de que na outra possa amar-vos eternamente.

Maria, minha Mãe, a vós me recomendo; não deixeis de rogar a Jesus por mim.

PONTO III

“O tempo é breve... os que se servem do mundo, sejam como se dele não se servissem, porque a figura deste mundo passa...” (1Cor 7,31). Que é com efeito nossa vida temporal senão uma cena que passa e se acaba logo? “Passa a figura deste mundo”, quer dizer, a aparência, a cena de comédia. “O mundo é como um teatro — diz Cornélio a Lápide; — desaparece uma geração e outra lhe sucede. Quem representou o papel de rei, não levará consigo a púrpura...”

dize-me, ó cidade, ó casa, quantos donos tiveste?” Quando acaba a peça, o rei deixa de ser rei, o Senhor deixa de ser senhor. Possuis agora essa quinta ou palácio; mas virá a morte e outros passarão a ser donos de tudo.

A hora da morte faz esquecer todas as grandezas, honras e vaidades do mundo (Ecl 11,29). Casimiro, rei da Polônia, morreu de repente, quando, achando-se à mesa com grandes do reino, levava aos lábios a taça para beber. Rapidamente acabou para ele a cena do mundo... O imperador Celso foi assassinado oito dias depois de ter sido elevado ao trono, e assim acabou para Celso a peça da vida. Ladislau, rei da Boêmia, jovem de dezoito anos, esperava a sua esposa, filha do rei da França, e lhe preparava grandes festejos, quando certa manhã o acometeu dor veementíssima da qual caiu fulminado. Expediram-se imediatamente correios, advertindo a esposa que voltasse para a França, porque para Ladislau o drama do mundo já tinha acabado... Este pensamento da vaidade do mundo fez santo a Francisco de Borja que (como em outro lugar dissemos), ao ver o cadáver da imperatriz Isabel, falecida no meio das grandezas e na flor da idade, resolveu entregar-se inteiramente a Deus, dizendo: “Assim acabam as grandezas e coroas do mundo?... Não quero servir a senhor que me possa ser roubado pela morte”.

Procuremos, pois, viver de maneira que à hora de nossa morte não se nos possa dizer o que se disse

ao néscio mencionado no Evangelho: “Insensato, nesta noite hão de exigir de ti a entrega de tua alma; e as coisas que juntaste, para quem serão? (Lc 12,20). E logo acrescenta São Lucas: Assim é que sucede a quem enriquece para si, e não é rico aos olhos de Deus (Lc 12,21). Mais adiante se diz: Procurai entesourar para o céu, onde não chegam os ladrões nem rói a traça” (Mt 6,20); ou seja, procurai enriquecer, não com os bens do mundo, senão de Deus, com virtudes e merecimentos que estarão convosco eternamente no céu. Façamos, pois, todo o esforço para adquirir o grande tesouro do amor divino. “Que possui o rico, se não tem caridade? E se o pobre tem caridade, que não possui?” — diz Santo Agostinho. — Quem possui todas as riquezas, mas não possui a Deus, é o mais pobre do mundo. Mas o pobre que possui a Deus possui tudo... E quem é que possui a Deus? Aquele que o ama. “Quem permanece na caridade, em Deus permanece, e Deus nele” (Mt 4,16).

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus, não quero que o demônio volte a reinar na minha alma, mas que vós sejais meu único dono e senhor... Quero renunciar a tudo para alcançar vossa graça, que prefiro a mil coroas e mil reinos. E a quem deveria amar senão a vós, amabilidade infinita, bem infinito, beleza, bondade, amor infinitos? Na vida passada, enjeitei-vos pelas criaturas e isto será sempre para mim profunda dor que me atraves-

sará o coração por vos ter ofendido, que tanto me tendes amado. Mas já que me haveis atraído com vossa graça, espero que não hei de ver-me privado novamente de vosso amor. Tomai, ó meu Amor, toda a minha vontade e tudo o que me pertence e fazei de mim o que vos aprouver. Peço-vos perdão por minhas culpas e desordens passadas. Nunca mais me queixarei das disposições da vossa providência, porque sei que todas elas são santas e ordenadas para meu bem. Fazei, pois, meu Deus, o que quiserdes, e eu vos prometo aceitar com alegria, e dar-vos graças...

Fazei que vos ame, e nada mais pedirei... Basta de riquezas, basta de honras, basta de mundo. A meu Deus, só a meu Deus quero.

E vós, bem-aventurada Virgem Maria, modelo de amor a Deus, alcançai-me que, ao menos no resto de minha vida, vos acompanhe nesse amor. É em vós, Senhora, que confio.

CONSIDERAÇÃO XIV

A vida presente é uma viagem para a eternidade

Ibit homo in domum aeternitatis suae.

Irá o homem à casa de sua eternidade (Ecl 12,5)

PONTO I

Ao considerar que neste mundo tantos malvados vivem na prosperidade, e tantos justos, ao contrário, vivem cheios de tribulações, os próprios pagãos, unicamente com o auxílio da luz natural, reconheceram a verdade de que, existindo Deus, e sendo Ele justíssimo, deve haver outra vida onde os ímpios serão castigados e os bons recompensados.

Ora, o que os pagãos conheceram, seguindo as luzes da razão, confessamo-lo nós, cristãos, também pela luz da fé. “Não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da que está por vir” (Hb 13,14).

A terra não é nossa pátria, mas apenas lugar de trânsito, por onde passamos para chegar em breve à casa da eternidade (Ecl 12,5). Assim, meu leitor, a casa em que moras não é tua própria casa, é uma hospedaria que bem cedo, e quando menos o pensas, terás que deixar; e os primeiros a expulsar-te dela, quando vier a morte, serão teus parentes e amigos... Qual será, pois, tua verdadeira casa? Uma cova será a morada do teu corpo até ao dia do juízo,

e tua alma irá à casa da eternidade, ao céu, ou ao inferno. Por isso, nos diz Santo Agostinho: “És hóspede que passa e vê”. Néscio seria o viajante que, tendo de visitar de passagem um país, quisesse empregar ali todo o seu patrimônio na compra de imóveis, que ao cabo de poucos dias teria de abandonar.

Considera, por conseguinte, diz o Santo, que estás de passagem neste mundo, e não ponhas teu afeto naquilo que vêes. Vê e passa, e procura uma boa morada, onde para sempre poderás viver.

Feliz de ti se te salvas!... Quão formosa a glória!... Os palácios mais suntuosos dos reis são como choças em comparação à cidade celeste, única que se pode chamar Cidade de perfeita formosura (Lm 2,15). Ali não haverá nada que desejar. Vivereis na gozosa companhia dos Santos, da divina Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, e sem recear nenhum mal. Vivereis, em suma, abismados num mar de alegrias, de contínua beatitude, que, durará sempre (Is 35,10). E esta alegria será tão grande perfeita, que por toda a eternidade e em cada instante parecerá sempre nova... Se, ao contrário, te condenares, desgraçado de ti! Sentir-te-ás submerso num mar de fogo e de tormentos, desesperado, abandonado de todos e privado de teu Deus... E por quanto tempo?...

Acaso ao terem decorrido cem anos ou mil, tua pena estará cumprida? Oh, nunca acabará!... Passarão mil milhões de anos e de séculos e o inferno que sofreres estará começando!... Que é um milhar de

anos em comparação da eternidade? Menos que um dia já passado... (Sl 89,4) Queres saber agora qual será tua habitação na eternidade?... Será a que mereceres; a que fabricas tu mesmo com tuas obras.

AFETOS E SÚPLICAS

Eis aí Senhor, a morada que mereci pelo meu procedimento: o cárcere do inferno, onde devia estar depois que cometi o primeiro pecado mortal, gemendo abandonado por vós e sem esperança de poder tornar a vos amar!... Bendita seja para sempre vossa misericórdia, porque esperou por mim e me deu tempo de remediar as faltas! Bendito seja para sempre o sangue de Jesus Cristo, que me mereceu essa misericórdia!... Não quero, meu Deus, abusar mais de vossa paciência.

Arrependo-me de todo o coração de vos ter ofendido, não tanto por ter merecido o inferno, como por ter ultrajado vossa infinita bondade.

Nunca mais, meu Deus, nunca mais. Antes morrer que tornar a vos ofender. Se estivesse já no inferno, ó meu Sumo Bem, não poderia já amar-vos, nem vós poderíeis amar-me. Amo-vos, Senhor, e quero ser por vós amado. Bem sei que não o mereço; mas o merece Jesus Cristo, que se sacrificou na cruz para que pudésseis perdoar e amar.

Por amor de vosso divino Filho, dai-me, pois, ó Pai Eterno, a graça de sempre vos amar de todo o

coração... Amo-vos, meu Pai, que me destes o vosso Filho Jesus. Amo-vos, Filho de Deus, que morrestes por mim. Amo-vos, ó Mãe de Jesus Cristo, que pela vossa intercessão me alcançastes tempo de penitência. Alcançai-me agora, ó Senhora minha, a dor de meus pecados, o amor para com Deus e a santa perseverança.

PONTO II

Se a árvore cair para a parte do meio-dia ou para a do norte, em qualquer lugar onde cair, ali ficará (Ecl 11,3). Para o lado em que cair, na hora da morte, a árvore de tua alma, ali ficará para sempre. Não há, pois, termo médio: ou reinar eternamente na glória, ou gemer como escravo no inferno. Ou sempre ser bem-aventurado, num mar de dita inefável, ou ficar para sempre desesperado num abismo de tormentos.

São João Crisóstomo, considerando que aquele rico, qualificado de feliz no mundo, foi logo condenado ao inferno, enquanto que Lázaro, tido como infeliz porque era pobre, foi depois felicíssimo no céu, exclama: “Ó infeliz felicidade, que trouxe ao rico eterna desventura!... Ó feliz desdita, que levou o pobre à felicidade eterna!” De que serve inquietar-se, como fazem alguns, dizendo: “Sou réprobo ou predestinado?...” Quando se derruba uma árvore, para que lado cai?... Cai para onde está inclinada... Para que lado te inclinas, meu irmão?... Que vida levas?... Procura inclinar-te sempre para Deus; conserva-te na sua graça, evite o pecado, e assim te salvarás e serás

predestinado ao céu. Para evitar o pecado, tenhamos presente sempre o grande pensamento da eternidade, como com razão lhe chama Santo Agostinho. Este pensamento moveu muitos jovens a abandonar o mundo e a viver na solidão para se ocuparem unicamente dos negócios da alma. E acertaram efetivamente, pois agora no céu se regozijam de sua resolução, e poderão regozijar-se por toda a eternidade.

Uma senhora, divorciada de Deus, converteu-se e foi ter com o beato M. Ávila, que se limitou a dizer-lhe: Pensai, senhora, nestas duas palavras: sempre, nunca. O Padre Paulo Ségnéri, por um pensamento que teve certa vez da eternidade, não pôde conciliar o sono, e desde então se entregou à vida mais austera.

Refere Dressélio que um bispo, dominado pelo pensamento da eternidade, levava vida santíssima, repetindo sem cessar de si para si estas palavras: “a cada instante estou às portas da eternidade”. Certo monge encerrou-se num túmulo e não cessava de exclamar: “Ó eternidade, eternidade!...” “Quem crê na eternidade — dizia o citado Padre Ávila — e não vive como santo, devia estar encerrado numa casa de doidos!”

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus, tende piedade de mim!... Saiba que, pecando, me condenava eu mesmo às penas eternas, e apesar disso quis me opor à vossa vontade

santíssima... Por quê?... Por um prazer miserável...

Perdoai-me, Senhor, que me arrependo de todo coração. Não me rebelarei nunca contra vossa santa vontade. Desgraçado de mim se me tivésseis feito morrer no tempo da minha má vida! Estaria já no inferno, aborrecendo vossa vontade. Mas agora estimo-a e quero estimá-la sempre.

Ensinai-me e ajudai-me a cumprir no futuro vosso divino beneplácito (Sl 142,10). Nunca mais vos quero contradizer, ó Bondade infinita; mas vos dirigirei unicamente esta súplica: “Faça-se vossa vontade, assim na terra como no céu”. Fazei que cumpra plenamente vossa vontade e nada mais desejo. Pois que outra coisa quereis, meu Deus, senão meu bem e minha salvação? Ah, Pai Eterno, ouvi-me por amor de Jesus Cristo, que me ensinou a pedir-vos tudo em seu nome: Fiat voluntas tua! Fiat voluntas tua! “Faça-se a vossa vontade!...” Oh! ditoso de mim, se passar o resto da vida e morrer fazendo vossa vontade!...

Ó Maria, bem-aventurada Virgem, que executastes sempre com toda a perfeição a vontade de Deus, alcançai-me por vossos méritos que a cumpra até ao fim de minha vida.

PONTO III

“Irá o homem à casa de sua eternidade” (Ecl 12,5) disse o profeta...

“Irá”, para significar que cada qual há de ir à morada que quiser.

Não será levado, mas irá por sua própria e livre vontade. Deus quer certamente que nos salvemos todos; mas não quer salvar-nos à força.

Põe diante de nós a vida e a morte (Ecl 15,18) e ser-nos-á dado o que escolhermos (Ecl 15,18). Jeremias disse também que o Senhor nos deu dois caminhos, o da glória e o do inferno (Jr 21,8). A nós cabe escolher. Mas quem se empenha em andar pela senda do inferno, como poderá chegar à glória? É de admirar que, ainda que todos os pecadores queiram salvar-se, eles mesmos se condenam ao inferno, dizendo: espero salvar-me. Mas quem será tão louco — disse Santo Agostinho — que tome veneno moral com esperança de curar-se?... No entanto, quantos insensatos se dão a morte a si próprios, pecando, e dizem: “mais tarde pensarei no remédio...” Ó deplorável ilusão, que a tantos tem arrastado ao inferno! Não sejamos tão imprevidentes; consideremos que se trata da eternidade.

Se tanto trabalho se dá o homem para adquirir uma casa cômoda, espaçosa, saudável e bem situada, como se tivesse certeza de que a poderia habitar durante toda a vida, por que se mostra tão descuidado quando se trata da casa que deve ocupar eternamente? — disse Santo Euquério¹. — Não se trata de uma morada mais ou menos cômoda ou 46 espaçosa, mas de viver em um lugar cheio de delícias, entre os

amigos de Deus, ou num abismo de todos os tormentos, entre a turba infame dos celerados, hereges e idólatras... E isto por quanto tempo?... Não por vinte nem por quarenta anos, senão por toda a eternidade. Grande negócio, sem dúvida! Não é coisa de momento, mas de suma importância.

Quando São Tomás More foi condenado à morte por Henrique VIII, Luísa, sua esposa, procurou persuadi-lo a consentir no que o rei queria.

Tomás lhe replicou: Dize-me, Luísa, vês que já sou velho. Quanto tempo ainda poderei viver? — Poderás viver ainda vinte anos — disse a esposa. — Oh! triste negócio! — exclamou então Tomás. — Por vinte anos de vida na terra, querias que perdesse uma eternidade de ventura e que me condenasse à eterna desdita?” Iluminai-nos, ó Deus! Se a doutrina da eternidade fosse duvidosa, se não passasse de opinião provável, ainda assim deveríamos procurar com empenho viver bem para não nos expormos, caso essa opinião fosse verdadeira, a ser eternamente infelizes. Mas essa doutrina não é duvidosa, senão certa; não é mera opinião, senão verdade de fé: “Irá o homem à casa da eternidade...” (Ecl 12,5). “É a falta de fé — diz Santa Teresa — a causa de tantos pecados e da condenação de tantos cristãos!...”

Reavivemos, pois, nossa fé, dizendo: “Creio na vida eterna!” Creio que depois desta vida há outra que não acaba nunca. Tendo sempre presente este pensamento, lancemos mãos dos meios convenientes

tes para assegurar a salvação. Freqüentemos os sacramentos, façamos meditação diária, pensemos em nossa salvação e fuçamos das ocasiões perigosas. E se for preciso, fuçamos do mundo, porque nenhuma precaução é demais para nos assegurar a eterna salvação. “Não há cautela que seja excessiva quando periga a eternidade” — diz São Bernardo.

AFETOS E SÚPLICAS

Não há, pois, meu Deus, termo médio: ou ser sempre feliz, ou para sempre desgraçado; ou hei de lançar-me num mar de venturas, ou num pélagó de tormentos; ou convosco na glória, ou eternamente no inferno separado de vós. Sei com certeza que muitas vezes mereci o inferno, mas também sei com certeza que perdoais ao que se arrepende e livrais de eterna condenação ao que espera em vós. Dissestes: “Clamará a mim... e eu o livrarei e glorificarei” (Sl 90,15). Perdoai-me, pois, meu Senhor, e livrai-me do inferno. Pesa-me, ó Sumo Bem, sobre todas as coisas de vos ter ofendido. Restabelecei-me na vossa graça e dai-me vosso santo amor. Se já estivesse no inferno, não poderia amar-vos, mas vos odiaria eternamente... E, no entanto, que mal fizestes para que vos odiasse?... Amastes-me até ao extremo de morrer por mim; sois digno de infinito amor. Não permitais, Senhor, que me aparte de vós; amo-vos e quero amar-vos sempre. “Quem me separará do amor de Cristo?” (Rm 13,35). Ah, meu Jesus, só o pecado me pode separar de vós. Não o permitais, eu vo-lo exoro, pelo sangue que der-

ramastes por mim. Dai-me antes a morte...

Ó Rainha e minha Mãe! Assisti-me com vossas orações; fazei que morra mil vezes, antes que me separe do amor do vosso divino Filho!

CONSIDERAÇÃO XV

Da malícia do pecado mortal

Filios enutrivi et exaltavi; ipsi autem spreverunt me.

Filhos criei e engrandeci-os; mas eles me desprezavam (Is 1,2).

PONTO I

Que faz aquele que comete pecado mortal?... Injuria a Deus, desonra-o e, no que depende dele, cobre-o de amargura.

Primeiramente, o pecado mortal é uma ofensa grave que se faz a Deus. A malícia de uma ofensa, diz São Tomás, se mede pela pessoa que a recebe e pela pessoa que a comete. A ofensa feita a um simples particular é sem dúvida um mal; mas constitui delito maior se é feita a uma pessoa de alta dignidade, e muito mais grave quando visa o rei... E Quem é

Deus? É o Rei dos reis (Ap 17,14). Deus é a Majestade infinita, perante quem todos os príncipes da terra e todos os santos e anjos do céu são menos que um grão de areia (Is 40,15). Diante da grandeza de Deus, todas as criaturas são como se não existissem (Is 40,17). Eis o que é Deus... E o homem, o que é?... Responde São Bernardo: saco de vermes, pasto de vermes, que cedo o hão de devorar. O homem é um miserável que nada pode, um cego que nada vê; pobre e nu, que nada possui (Ap 3,17). E este verme miserável se atreve a injuriar a Deus? exclama o mesmo São Bernardo. Com razão, pois, afirma o Doutor Angélico, que o pecado do homem contém uma malícia quase infinita¹.

Por isso, Santo Agostinho chama, absolutamente, o pecado mal infinito.

Daí se segue que todos os homens e todos os anjos não poderiam satisfazer por um só pecado, mesmo que se oferecessem à morte e ao aniquilamento. Deus castiga o pecado mortal com as penas terríveis do inferno; contudo, esse castigo é, segundo dizem todos os teólogos, *citra condignum*, isto é, menor que a pena com que tal pecado deveria ser castigado.

E, na verdade, que pena bastará para castigar como merece um verme que se rebela contra seu Senhor? Somente Deus é Senhor de tudo, porque é o Criador de todas as coisas (Et 13,9). Por isso, todas as criaturas lhe devem obediência. “Obedecem-lhe os

ventos e os mares” (Mt 9,27). “O fogo, o granizo, a neve e o gelo”... executam suas ordens (Sl 148,8). Mas o homem, quando peca, que faz senão dizer a Deus: Senhor, não quero servir-te (Sm 2,20).

O Senhor lhe diz: “Não te vingues”, e o homem responde: quero vingar-me. “Não te aposses dos bens alheios”, e deseja apoderar-se deles. “Abstém-te do prazer impuro”, e não se resolve a privar-se dele.

O pecador fala a Deus do mesmo modo que o ímpio Faraó, quando Moisés lhe comunicou a ordem divina de que desse liberdade ao povo de Israel. Aquele temerário respondeu: “Quem é o Senhor, para que eu obedeça à sua voz?... Não conheço o Senhor” (Êx 5,2). O pecador diz a mesma coisa: Senhor, não te conheço; quero fazer o que me agrada.

Em suma: na presença de Deus mesmo lhe falta o respeito e se afasta dele e nisto consiste propriamente o pecado mortal: o ato com que o homem se alheia de Deus. Disto se lamentava o Senhor, dizendo: Ingrato foste, “tu me abandonaste”; eu jamais quisera apartar-me de ti; “tu me voltaste as costas” (Sm 15,6).

Deus declarou que aborrece o pecado, de modo que não pode deixar de aborrecer a quem o comete (Sb 14,9). Quando o homem peca, ousa declarar-se inimigo de Deus e combate frente a frente contra Ele (Jo 12,25). Que dirias de visses uma formiga a lutar

com um soldado?...

Deus é esse onipotente Senhor, que, com um ato de sua vontade, arrancou do nada o céu e a terra (2Mc 7,28). E, se quisesse, por um sinal seu, poderia aniquilá-los (2Mc 8,18). O pecador, quando consente no pecado, levanta a mão contra Deus, e “com colo erguido”, isto é, com orgulho, corre a insultar a Deus; arma-se de grossa cerviz (Jo 15,25) (símbolo de ignorância), e exclama: “Que grande mal é o pecado que fiz?... Deus é bom e perdoa aos pecadores...” Que injúria! que temeridade! que cegueira tão grande!

AFETOS E SÚPLICAS

Eis-me aqui, meu Deus! A vossos pés está o rebelde temerário, que tantas vezes em vossa presença se atreveu a vos injuriar e a vos voltar as costas, mas agora implora a vossa piedade. Vós, Senhor, dissestes: Clama a mim e te ouvirei (Jr 33,3). Reconheço que o inferno é pouco castigo para mim; mas sabeis que tenho maior dor de vos ter ofendido, ó Bondade infinita, que se tivesse perdido tudo o que me pertence, sem excetuar a vida. Perdoai-me, Senhor, e não permitais que vos torne a ofender. Haveis esperado por mim, a fim de que vos amasse 48 e bendissemos para sempre vossa misericórdia. Oh! sim, eu vos amo e bendigo, e espero que, pelos merecimentos de meu Senhor Jesus Cristo, nunca mais me separarei do vosso amor. Ele me livrará do pecado no futuro. Dou-vos mil graças pelas luzes e pelo

desejo que me dais de amar-vos sempre. Tomai posse de todo o meu ser, alma, corpo, faculdades, sentidos, vontade e liberdade. Sou vosso, salvai-me (SI 118,94).

Sois o único Bem, o único Amável, sede meu amor. Dai-me fervor vivíssimo no nosso amor, pois, já que tanto vos ofendi, não me pode bastar o amor simples, mas um desejo de amar-vos muito a fim de compensar as ofensas que vos fiz. De vós, que sois onipotente, espero alcançá-lo... Também, ó Maria, o espero das vossas orações, que são onipotentes junto de Deus.

PONTO II

O pecador não só ofende a Deus, mas também o desonra (Rm 2,23). Com efeito, renunciando à graça divina por um miserável prazer, menospreza e rejeita a amizade de Deus. Se o homem perdesse esta soberana amizade para ganhar um reino ou ainda o mundo inteiro, não há dúvida que faria um mal imenso, pois a amizade de Deus vale mais que o mundo e que mil mundos. E por que será que se ofende a Deus? (SI 10,13). Por um punhado de terra, por um ímpeto de ira, por um prazer brutal, por uma quimera, por um capricho (Ez 13,19). Quando o pecador começa a deliberar consigo mesmo se deve ou não dar consentimento ao pecado, toma, por assim dizer, em suas mãos, a balança e se põe a considerar o que pesa mais, se a graça de Deus ou a ira, a quimera, o prazer... E quando, por fim, dá o consentimento, de-

clara que para ele vale mais aquela quimera ou aquele prazer que a amizade divina. Vede, pois, como Deus é menosprezado pelo pecador. Davi, ao considerar a grandeza e majestade de Deus, exclamava: “Senhor, quem há que vos seja semelhante? (Sl 34,10). Mas Deus, ao contrário, vendo-se comparado pelos pecadores a uma satisfação vilíssima e posposto a ela, lhes diz: “A quem me comparastes e igualastes”? (Is 40,25).

De modo que, exclama o Senhor: vale aquele prazer mais que minha graça? (Ecl 23,35). Não terias pecado, se soubesses que ao cometê-lo perderias uma das mãos, ou dez escudos, ou menos talvez. Assim, diz Salviano, só Deus parece tão vil a teus olhos que merece ser posposto a um ímpeto de cólera, a um gozo indigno.

Além disso, quando o pecador, para satisfazer qualquer paixão, ofende a Deus, converte em sua divindade essa paixão, porque nela põe o seu último fim. Assim diz São Jerônimo: “Aquilo que alguém deseja, se o venera, é para ele um Deus. Vício no coração é ídolo no altar.” Do mesmo modo diz São Tomás: “Se amas os prazeres, estes são teu Deus”. E São Cipriano: “Tudo quanto o homem antepõe a Deus, converte-o em seu Deus”. Quando Jeroboão se revoltou contra o Senhor, procurou levar consigo o povo à idolatria, e, apresentando os ídolos, disse-lhes: “Aqui estão, Israel, os teus deuses” (3Rs 12). De modo semelhante procede o demônio; apresenta

ao pecador os prazeres e lhe diz: “Que tens que ver com Deus?... Eis aqui o teu deus: é esta paixão, este prazer.

Toma-os e abandona a Deus”. É isto o que faz o pecador, dando o seu consentimento: adora no seu coração o prazer em lugar de Deus.

“Vício no coração é ídolo no altar”.

Se ao menos os pecadores não desonrassem a Deus em sua presença!...

Mas injuriam-no e o desonram face a face, porque Deus está presente em todos os lugares (Sm 23,24). O pecador o sabe. E, apesar de tudo, atreve-se a provocar o Senhor na mesma presença divina (Is 65,3).

AFETOS E SÚPLICAS

Vós, Senhor, sois o bem infinito, e muitas vezes vos hei preterido por vil prazer que, apenas gozado, logo desaparece. Mas vós, apesar de vos ter desprezado, ofereceis-me agora o perdão, se o quiser aceitar, e prometeis receber-me na vossa graça, se me arrepender de vos ter ofendido. Sim, meu Senhor, dói-me de todo o coração tanta ofensa e detesto meus pecados mais que todos os males. Retorno a vós e espero que me recebereis e me abraçareis como a um filho. Agradeço-vos, ó infinita Bondade! Ajudai-me, Senhor, e não permitais que novamente vos afaste de mim. Não deixará o inferno de tentar-me;

mas vós sois mais poderoso que ele. Bem sei que não me apartarei jamais de vós se a vós sempre me recomendar. Esta é a graça que vos suplico: que sempre me recomende a vós e vos implore como o faço agora, dizendo: Senhor, ajudai-me; dai-me luz, força, perseverança... Dai-me o paraíso e, sobretudo, concedei-me vosso amor, que é a verdadeira glória da alma. Amo-vos, Bondade infinita, e quero sempre amar-vos. Ouvi-me, pelo amor de Cristo-Jesus...

Ó Maria, refúgio dos pecadores, socorrei a um pecador que quer amar a Deus!

PONTO III

O pecador injúria, desonra a Deus, e, no que toca sua parte, o cobre de amargura, pois não há amargura mais sensível do que ver-se pago com ingratidão pela pessoa amada em extremo favorecida. E a que se atreve o pecador?... Ofende ao Deus que o criou e tanto o amou, que deu por seu amor o sangue e a vida. E o homem o expulsa de seu coração ao cometer um pecado mortal. Deus habita na alma que o ama.

“Se alguém me ama... meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele nossa morada” (Jo 14,23). Notai a expressão faremos morada; Deus vem a essa alma e nela fixa sua mansão; de sorte que não a deixa, a não ser que a alma o expulsa. “Não abandona se não é abandonado”, como diz o Concílio de Trento. E já que sabeis, Senhor, que aquele ingrato

há de expulsar-vos, por que não o deixais desde já? Abandonai-o, parti antes que vos faça tão grande ofensa... Não, diz o Senhor; não quero deixá-lo, senão esperar que ele formalmente me despeça.

Assim, quando a alma consente no pecado, diz a seu Deus: Senhor, apartai-vos de mim (Jo 31,14). Não o diz por palavras, mas de fato, como adverte São Gregório. Bem sabe o pecador que Deus não pode harmonizar com o pecado. Bem vê que, pecando, obriga Deus a afastar-se dele. Rigorosamente, é como se lhe dissesse: Já que não, podeis ficar com meu pecado e tendes de afastar-vos de mim, — ide quando vos aprover. E expulsando a Deus da alma, deixa entrar o inimigo que dela toma posse. Pela mesma porta por onde sai Deus, entra o demônio. “Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, entram e moram ali” (Mt 12,45). Ao batizar-se um menino, o sacerdote exorciza o inimigo, dizendo-lhe: “Sai daqui, espírito imundo, e dá lugar ao Espírito Santo”; porque a alma do batizado, ao receber a graça, converte-se em templo de Deus (1Cor 3,16). Quando, porém, o homem consente no pecado, efetua precisamente o contrário, dizendo a Deus, que reside na sua alma: “Sai daqui, Senhor, e cede lugar ao demônio”. É disto de que se queixa o Senhor a Santa Brígida quando lhe diz que, ao despedi-lo, o pecador procedia como aqueles que expulsassem o seu rei do próprio trono: “Sou como um rei banido de seu próprio reino, elegendo-se em meu lugar um péssimo ladrão...” Que mágoa não sentiríeis se rece-

bêsseis grave ofensa duma pessoa, a quem tivésseis feito grande benefício? Esta mesma mágoa causais a Deus, que chegou a dar sua vida para vos salvar. Clama o Senhor a dar sua vida para vos salvar. Clama o Senhor à terra e ao céu para que se compadeçam dele à vista da ingratidão com que o tratam os pecadores: “Ouvi, ó céus; tu, ó terra, escuta... Filhos criei e engrandeci...

mas eles me desprezaram” (Is 1,2). Em suma, os pecadores afligem com seus pecados o coração do Senhor... (Is 63,10) Deus não está sujeito à dor, mas — como disse o Padre Medina — se fosse suscetível de sofrer, um só pecado mortal bastaria para o fazer morrer, pelo infinito pesar que lhe causaria. Assim, pois, afirma São Bernardo, “o pecado, quanto em si é, dá morte a Deus”. De modo que o pecador, ao cometer um pecado mortal, fere, por assim dizer, a seu Senhor, e nada omite para tirar-lhe a vida, se pudesse (Sl 30,4). Segundo a expressão de São Paulo, calca aos pés o Filho de Deus (Hb 10,29), e despreza tudo o que Jesus Cristo fez e sofreu para tirar o pecado do mundo.

AFETOS E SÚPLICAS

Assim, meu Redentor, todas as vezes em que pequei vos expulsei de minha alma, e fiz tudo para vos tirar a vida, se pudésseis morrer.

Ouço-vos dizer: “Que mal te fiz ou em que te contristei para me causares tanto desgostos... Pergun-

tais-me, Senhor, que mal me fizestes?...

Destes-me o ser, morrestes por mim: é este o mal que me haveis feito!...

Que hei de responder?... Confesso, Senhor, que mereci mil vezes o inferno, e que mui justamente já me poderíeis ter condenado a ele.

Lembrai-vos, porém, do amor que vos fez morrer por mim na cruz; lembrai-vos do sangue que por meu amor derramastes, tende compaixão de mim... Mas já sei, Senhor: não quereis que desespere, e me dizeis que estais à porta de meu coração (deste coração que vos expulsou), e que bateis nele com vossas inspirações para entrar, pedindo-me que vos abra... (Ap 3,20; Ct 5,2). Sim, meu Jesus, estou resolvido a apartar-me do pecado; dói-me de todo o coração de vos ter ofendido e vos amo sobre todas as coisas. Entrai, meu amor; a porta está aberta; entrai, e não vos afasteis mais de mim. Abrasai-me com vosso amor, e não permitais que torne a separar-me de vós... Não, meu Deus, não queremos mais separar-nos. Abraço-vos e aperto-vos a meu coração...

Dai-me a santa perseverança....

Maria, minha Mãe, socorrei-me sempre; rogai por mim a Jesus, e alcançai-me a dita de jamais perder a sua graça.

CONSIDERAÇÃO XVI

Da misericórdia de Deus

Superexaltat autem misericordia iudicium.
A misericórdia triunfa sobre o juízo (Tg 2,13).

PONTO I

A bondade é comunicativa por natureza, isto é, tende a transmitir aos outros os seus bens. Deus, que por sua natureza é a bondade infinita¹, sente vivo desejo de comunicar-nos sua felicidade e, por isso, propende mais à misericórdia do que ao castigo. Castigar — diz Isaías — é obra alheia às inclinações da vontade divina. “Levantar-se-á para fazer a sua obra (ou vingança), obra que lhe é alheia, obra que lhe é estranha” (Is 28,21). Quando o Senhor castiga nesta vida, é para fazer misericórdia na outra (Sl 59,3). Mostra-se irritado a fim de que nos emendemos e detestemos o pecado (Sl 5). Se nos manda algum castigo, é porque nos ama e nos quer livrar das penas eternas (Sl 6). Quem poderá admirar e louvar suficientemente a misericórdia com que Deus trata os pecadores, esperando-os, chamando-os, acolhendo-os quando voltam para Ele?... E antes de tudo, que graça valiosíssima nos concede Deus em esperar pela nossa penitência!... Quando o ofendeste, meu irmão, o Senhor te podia ter feito morrer, mas, ao contrário, te esperou; e, em vez de castigar-te, te cumulou de

bens e te conservou a vida em sua paternal providência. Fingia não ver teus pecados, a fim de que te convertesses (Sb 2,24).

E como é isto, Senhor! Vós que não podeis ver um só pecador, vedes tantos e vos calais? (Hb 1,15). Vedes aquele impudico, aquele vingativo, esse blasfemo, cujos pecados crescem dia-a-dia e não os castigais? Por que tanta paciência?... Deus espera o pecador, a fim de que se arrependa e desse modo lhe perdoe e o salve (Is 30,18).

Disse Santo Tomás que todas as criaturas, o fogo, a água, a terra, o ar, por natural instinto se prestam a castigar o pecador pelas ofensas feitas ao Criador: mas Deus, pela sua misericórdia, os impede.... Vós, Senhor, aguardais o ímpio para que se serve de vossa clemência para vos ofender? (Is 26,15) Por que tamanha paciência?... Porque Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e se salve (Ez 22,11).

Ó paciência divina! Disse Santo Agostinho que, se Deus não fosse Deus, pareceria injusto pela sua paciência para com o pecador³, pois esperar, assim, pelo homem que se vale daquela paciência para continuar a pecar, parece em certo modo uma injustiça contra a honra divina.

“Nós pecamos — continua dizendo o mesmo Santo, — entregamo-nos ao pecado (alguns há que vivem em paz com o pecado, dormem no pecado

meses e anos inteiros), regozijamo-nos no pecado (pois não poucos até se gloriam de seus delitos), e vós usais de misericórdia”.

Parece que teimosamente combatemos contra Deus; nós, provocando a sua vingança, Ele, convidando-nos ao perdão.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus e Senhor! Reconheço que sou digno de estar no inferno (Jo 17,13). Graças, porém, à vossa misericórdia não me acho nele, mas sim prostrado a vossos pés e conhecedor do vosso preceito em que me ordenais que vos ame. “Ama o Senhor teu Deus” (Mt 22,37). Dizeis-me que quereis perdoar-me se me arrepender das injúrias que vos fiz...

Sim, meu Deus; já que desejais que vos ame, mesmo que seja um miserável rebelde contra vossa soberana majestade, amo-vos de todo o coração, e me dói ter-vos ofendido; isto me aflige mais que qualquer outra desgraça que me pudesse suceder. Iluminai-me, pois, ó Bondade infinita, e fazei-me conhecer a horrenda malícia de minhas culpas. Não; não resistirei mais à vossa voz, nem tornarei a injuriar a um Deus que tanto me ama, e que tantas vezes e com tanto amor me perdoou... Ah, se nunca vos tivesse ofendido, Jesus de minha alma! Perdoai-me e fazei que de hoje em diante a nada ame mais do que a vós; que somente viva para vós, que morrestes por mim; e que somente por vosso amor sofra, já que por

mim tanto padecestes. Eternamente me tendes amado; concedei-me que durante toda a eternidade arda eu no vosso amor.

Tudo espero, ó meu Salvador, de vossos infinitos merecimentos.

Em vós confio, Virgem Santíssima, pois com vossa intercessão me haveis de salvar.

PONTO II

Consideremos, além disso, a misericórdia de Deus, quando chama o pecador à penitência... Adão, depois de ter-se rebelado contra Deus, escondeu-se. Mas o Senhor, que tinha perdido Adão, vai à procura dele e, quase a soluçar, o chama: “Onde estás, Adão?...” (Gn 3,9) “Palavras de um pai — diz o Padre Pereira — que procura o filho que perdeu”. O mesmo tem feito Deus contigo muitas vezes, meu irmão.

Fugias de Deus, e Deus te chamava, ora com inspirações, ora com remorsos da consciência, já por meio de prédicas, já com atribulações ou com a morte de teus amigos. Parece que, falando de ti, Jesus Cristo exclamava: “Meu filho, quase perdi a voz a chamar-te” (Se 63,4).

Considerai, pecadores — diz Santa Teresa, — que vos chama aquele Senhor que um dia vos há de julgar.

Quantas vezes, cristão, te mostraste surdo à voz de Deus? Há muito merecias que não te chamasse mais. Deus, entretanto, não cessa de chamar-te, porque deseja que estejas em paz com ele e assim te possas salvar... Quem é aquele que te chama assim? Um Deus de infinita majestade. E quem eras tu senão um verme miserável e vil?... E para que te chama? Não pode ser senão para te restituir a vida da graça que tinhas perdido. “Convertei-vos e vivei”. (Ez 18,32). Para recuperar a graça divina, seria pouco passar a vida inteira no deserto. Deus, porém, se ofereceu dar-te de novo sua graça em um momento, e tu a recusaste. E, contudo, Deus não te abandona, mas acerca-se de ti e, solícito, te procura, e, lamentando-se, te diz: “Meu filho, por que queres te condenar?” (Ez 18,31).

Quando o homem comete um pecado mortal, expõe Deus de sua alma (Jo 19,14). Que faz Deus, porém?... Conserva-se à porta dessa alma ingrata e clama (Ap 3,20); pede à alma que o deixe entrar (Ct 5,5), e roga até cansar-se (Jr 15,6). Sim, diz São Dionísio Areopagita, Deus corre, como amante desesperado, atrás do pecador, exortando-o a que não se perca. É exatamente o que São Paulo exprimia quando escrevia a seus discípulos: “Rogamo-vos por Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (2Cor 5,20). Belíssima é a reflexão que sobre este texto faz São João Crisóstomo. Diz: “O próprio Cristo vos roga. E que vos roga? Que vos reconcilieis com Deus. De sorte que ele não é inimigo vosso, senão vós dele”. O

Santo faz ver que não é o pecador que se deve esforçar para conseguir que Deus se mova à reconciliação com ele, mas que só lhe é preciso resolver-se a aceitar a amizade divina, porque é ele e não Deus que se nega a fazer a paz.

Ah! como este bondosíssimo Senhor corre sem cessar atrás de tantos pecadores e lhes vai dizendo: “Ingratos! não fujais de mim... Por que fugis? Dizei-me. Quero fazer-vos bem, e somente procuro tornar-vos felizes... Por que vos quereis perder?” — Mas, Senhor, que é que fazeis? Para que empregar tanta paciência e tanto amor para com estes rebeldes? Que compensação esperais deles? Que honra procurais em vos mostrardes tão apaixonado por estes miseráveis vermes da terra que fogem de vós? “Que ser é o homem para que o engrandeças?...

ou por que pões sobre ele o teu coração?” (Jo 7,17).

AFETOS E SÚPLICAS

Aqui tendes, Senhor, a vossos pés um ingrato que vos pede misericórdia; Meu Pai, perdoai-me. Ou so chamar-vos Pai, porque assim quereis que vos chame. Não mereço compaixão, porque, quanto mais bondoso fostes para comigo, tanto mais ingrato mostrei-me para convosco. Por esta mesma bondade que vos moveu, meu Deus, a não me desamparar quando fugia de vós, recebei-me agora quando volto para vós. Inspirai-me, meu Jesus, grande dor das ofensas

que vos fiz, e dai-me vosso beijo de paz. Arrependo-me, sobretudo, das ofensas que vos fiz, e as detesto e abomino, unindo este aborrecimento ao que sentistes vós, ó Redentor meu, no horto de Getsêmani. Perdoai-me, pelos merecimentos do precioso sangue que por mim derramastes naquele horto. Prometo resolutamente nunca mais afastar-me de vós e banir de meu coração todo afeto que não seja para vós. Jesus, meu amor, amo-vos sobre todas as coisas, quero amar-vos sempre e somente amar a vós. Mas dai-me, Senhor, força, para consegui-lo. Fazei-me inteiramente vosso.

Ó Maria, minha esperança, Mãe de misericórdia, compadecei-vos de mim e rogai por mim a Deus.

PONTO III

Os príncipes da terra, às vezes, julgam ser baixaza fitar os vassallos que lhes vêm pedir perdão. Não é assim, porém, que Deus procede conosco. “Não voltará de vós o rosto, se contritos a ele vos chegardes” (2Par 30,9). Não, Deus não oculta sua face aos que se convertem. Ao contrário, ele mesmo os convida e promete recebê-los logo que se apresentem...

(Jr 3,1; Zc 1,3) Oh, com quanto amor e ternura Deus abraça o pecador que volta para ele! Jesus Cristo claramente no-lo ensina por meio da parábola do Bom Pastor, que, falando da ovelha perdida, a põe

amorosamente aos ombros (Lc 15,5) e convida seus amigos para que com ele se regozigem (Lc 15,6). E São Lucas acrescenta: “Haverá gozo no céu por um pecador que faz penitência” (Lc 15,7). O mesmo manifestou o Redentor na parábola do Filho pródigo, quando declarou que ele próprio é aquele pai que, ao ver voltar o filho perdido, corre-lhe ao encontro, e, antes que lhe fale, o abraça e cobre de beijos, e nem mesmo com essas ternas carícias pode expressar o consolo que sente (Ez 18,21-22).

O Senhor chega até a assegurar que, quando o pecador se arrepende, ele risca da memória as ofensas, como se nunca houvessem existido. Veja-se o que diz: “Vinde e argüi-me; se vossos pecados forem cor de escarlata, tornar-se-ão brancos como a neve” (Is 1,18; Ez 18,21- 22), ou ainda: “Vinde, pecadores, se não vos perdoar, repreendi-me e acusai-me de infidelidade...” Mas, não, Deus não sabe desprezar um coração que se humilha e se arrepende (Sl 50,19).

Gloria-se o Senhor de usar de misericórdia, perdando aos pecadores (Is 30,18). E quando perdoadá?... Num instante (Is 30,19). Pecador, diz o Profeta, não terás que chorar muito. Enquanto derramas a primeira lágrima, o Senhor terá piedade de ti (Is 30,19). Não procede Deus conosco como nós para com ele. Deus nos chama e nós não queremos atendê-lo. Deus, não. Logo que nos arrependemos, nos responde prontamente e logo nos perdoadá.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus!... Contra quem me atrevi a resistir?... Contra vós, Senhor, que sois a própria bondade, que me criastes e morrestes por mim, que me tendes conservado, apesar de minhas reiteradas infidelidades...

A consideração da paciência com que me tendes tratado deveria bastar para que meu coração vivesse ardendo perpetuamente em vosso amor.

Quem poderia ter aturado as ofensas que vos fiz, como vós a sofrestes? Desgraçado seria eu se tornasse a vos ofender e me condenasse! A misericórdia com que me distinguistes seria para mim, ó Deus, um inferno mais intolerável que o próprio inferno. Não, meu Redentor, não permitais que torne a separar-me de vós. Prefiro morrer... Reconheço que vossa misericórdia já não pode suportar minha maldade. Arrependo-me, porém, ó sumo Bem, de vos ter ofendido; amo-vos de todo o coração e proponho consagrar-vos por completo o resto da vida... Ouvi-me, Pai eterno, e pelos merecimentos de Jesus Cristo, concedei-me a santa perseverança e vosso santo amor. Ouvi-me, meu Jesus, pelo sangue que derramastes por mim: *Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti.*

Ó Maria, minha Mãe, volvei a mim vossos olhos misericordiosos: *Illos tuos misericordes oculos ad me converte; e uni-me inteiramente a Deus.*

CONSIDERAÇÃO XVII

Abuso da divina misericórdia

Ignoras quoniam benignitas Dei ad poenitentiam te adducit?

Não sabes que a benignidade de Deus te convida à penitência? (Rm 2,4)

PONTO I

Lê-se na parábola do joio que, tendo crescido num campo essa má erva juntamente com a boa semente, os servos quiseram arrancá-la (Mt 13,29). O Senhor, porém, lhes objetou: “Deixai-a crescer; mais tarde a arrancaremos para lançá-la ao fogo” (Mt 13,30). Infere-se desta parábola, por um lado, a paciência de Deus para com os pecadores, e por outro o seu rigor para com os obstinados. Diz Santo Agostinho que o demônio seduz os homens por duas maneiras: “Com desespero e com esperança”. Depois que o pecador cometeu o delito, arrasta-o ao desespero pelo temor da justiça divina; mas, antes de pecar, excita-o a cair em tentação pela esperança na divina misericórdia. É por isso que o Santo nos adverte, dizendo: “Depois do pecado tenha esperança na divina misericórdia; antes do pecado tema a justiça divina”. E assim é, com efeito. Porque não merece a misericórdia de Deus aquele que se serve da mesma para ofendê-lo. A misericórdia é para quem teme a Deus e não para o que dela se serve com o propósito de não temê-lo.

Aquele que ofende a justiça — diz o Abulense — pode recorrer à misericórdia; mas a quem pode recorrer o que ofende a própria misericórdia? Será difícil encontrar um pecador a tal ponto desesperado que queira expressamente condenar-se. Os pecadores querem pecar, mas sem perder a esperança da salvação. Pecam e dizem: Deus é a própria bondade; mesmo que agora peque, mais tarde confessar-me-ei. Assim pensam os pecadores, diz Santo Agostinho¹. Mas, meu Deus, assim pensaram muitos que já estão condenados.

“Não digas — exclama o Senhor — a misericórdia de Deus é grande: meus inumeráveis pecados me serão perdoados com um ato de contrição” (Ecl 5,6). Não faleis assim — nos diz o Senhor — e por quê? “Porque sua ira está tão pronta como sua misericórdia; e sua cólera fita os pecadores” (Ecl 5,7). A misericórdia de Deus é infinita; mas os atos dela, ou seja, os de comiseração, são finitos. Deus é clemente, mas também é justo. “Sou justo e misericordioso — disse o Senhor a Santa Brígida, — e os pecadores só pensam na misericórdia”. Os pecadores — escreve São Basílio — só querem considerar a metade. “O Senhor é bom; mas também é justo. Não queiramos considerar unicamente uma das faces de Deus”. Tolerar quem se serve da bondade de Deus para mais o ofender — dizia o Padre Ávila — fora antes injustiça que misericórdia.

A clemência foi prometida a quem teme a Deus e

não a quem abusa dela. Et misericordia ejus timentibus eum, como exclama em seu Cântico a Virgem Santíssima. A justiça ameaça os obstinados, porque, como diz Santo Agostinho, a veracidade de Deus resplandece mesmo em suas ameaças.

Acautelai-vos — diz São João Crisóstomo — quando o demônio (não Deus) vos promete a misericórdia divina com o fim de que pequeis.

Ai daquele — acrescenta Santo Agostinho — que para pecar confia na esperança!...4 A quantos essa vã ilusão tem enganado e levado à perdição.

Desgraçado daquele que abusa da bondade de Deus para ofendê-lo mais!... Lúcifer — como afirma São Bernardo — foi castigado por Deus com tão assombrosa presteza, porque, ao rebelar-se, esperava não ser punido. O rei Manassés pecou; converteu-se em seguida, e Deus lhe perdoou. Mas para Amon, seu filho, que, vendo quão facilmente seu pai havia conseguido o perdão, entregou-se à má vida com a esperança de também ser perdoado, não houve misericórdia. Por essa causa — diz São João Crisóstomo — Judas se condenou, porque se atreveu a pecar confiando na clemência de Jesus Cristo. Em suma: se Deus espera com paciência, não espera sempre. Pois, se o Senhor sempre nos tolerasse, ninguém se condenaria; ora, é larga a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ele (Mt 7,13). Quem ofende a Deus, fiado na esperança de ser perdoado, “é um escarnecedor e não

um penitente”, diz Santo Agostinho.

Por outra parte, afirma São Paulo que de “Deus não se pode zombar” (Gl 6,7). E seria zombar de Deus o querer ofendê-lo sempre que quiséssemos e desejar, a seguir, o paraíso. Quem semeia pecados, não pode esperar outra coisa que o eterno castigo no inferno (Gl 6,8). O laço com que o demônio arrasta quase todos os cristãos que se condenam é, sem dúvida, esse engano com que os seduz, dizendo-lhes: “Pecai livremente, porque, apesar de todos os pecados, haveis de salvar-vos”.

O Senhor, porém, amaldiçoa aquele que peca na esperança de perdão.

A esperança depois do pecado, quando o pecador deveras se arrepende, é agradável a Deus, mas a dos obstinados lhe é abominável.

Tal esperança provoca o castigo de Deus, assim como seria passível de punição o servo que ofendesse a seu patrão, precisamente porque é bondoso e amável.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus! Eis aqui um dos que vos têm ofendido porque éreis bom para mim!... Ó Senhor, esperai-me ainda. Não me abandoneis, pois espero, com o auxílio de vossa graça, não tornar a dar-vos motivo para que me deixeis. Arrependo-me, ó Bondade infinita, de vos ter ofendido, cansando vossa paciência.

Agradeço-vos por me terdes esperado até agora. De hoje em diante não tornarei a ser, como hei sido, um miserável traidor. Já que tendes esperado para verme convertido em fervoroso amante de vossa bondade, crede, como espero, que esse dia ditoso já despontou. Amo-vos sobre todas as coisas; estimo a vossa graça mais que todos os reinos do mundo, e a perdê-la preferira perder mil vezes a vida. Meu Deus, por amor de Jesus Cristo, concedei-me, juntamente com vosso santo amor, o dom da perseverança até à morte. Não permitais que de novo volte a trair-vos ou deixe de vos amar.

E vós, Virgem Maria, minha esperança, alcançai-me a perseverança final e nada mais vos peço.

PONTO II

Dirá, talvez, alguém: Já que Deus usou para comigo de tanta clemência no passado, espero que a terá também no futuro. Eu, porém, lhe respondo: E por ter sido Deus tão misericordioso contigo, queres de novo ofendê-lo? Desse modo — diz São Paulo — desprezas a bondade e paciência de Deus. Ignoras que se o Senhor te suportou até agora, não foi para que continuasses a ofendê-lo, senão para que te penitencies do mal que fizeste? (Rm 2,4) E se tu, fiado na divina misericórdia, não temes abusar dela, o Senhor te retirará. “Se não vos converterdes...

entesará o seu arco e tem-no preparado (Sl 7,13). Minha é a vingança, e eu lhes darei a paga a seu tempo (Dt 32,35). Deus espera; mas, chegada a hora da justiça, já não espera e castiga então.

Deus aguarda o pecador a fim de que se emende (Is 19,18); mas, quando vê que o tempo concedido para os pecados só serve para 54 multiplicá-los, vale-se desse mesmo tempo para empregar a justiça (Lm 1,15). De sorte que o próprio tempo concedido, a mesma misericórdia outorgada, servirão para que o castigo seja mais rigoroso e o abandono mais imediato. “Medicamos Babilônia e não há sanado. Abandonemo-la”.

(Jr 51,9). E como é que Deus nos abandona? Ou envia a morte ao pecador, que assim morre sem arrepende-se, ou o priva das graças abundantes e só lhe deixa a graça suficiente com que o pecador se poderia salvar, mas não se salva. Obcecada a mente, endurecido o coração, dominado por maus hábitos, a salvação lhe será moralmente impossível; e assim ficará, senão em absoluto, pelo menos moralmente abandonado. “Derrubar-lhe-ei o muro, e ficará exposta...” (Is 5,5).

Que castigo! Triste indício quando o dono rompe o cercado e deixa entrar na vinha os que quiserem, homens e animais: é prova de que a abandona. É o que faz Deus, quando abandona uma alma: tira-lhe a sebe do temor, dos remorsos de consciência e a deixa nas trevas. Penetram, então, nela todos os mons-

tros do vício (Sl 103,20). O pecador, entregue a essa obscuridade, desprezará tudo: a graça divina, a glória, avisos, conselhos e censuras; escarnecerá até de sua própria condenação (Pr 18,3).

Deus o deixará nesta vida sem castigo, e nisto consistirá seu maior castigo. “Compadeçamo-nos do ímpio... não aprenderá (jamais) justiça”.

(Is 26,10). Referindo-se a esse texto, diz São Bernardo: “Não quero essa misericórdia, mais terrível que a ira”. (Serm. 42, in Ct). Terrível castigo, quando Deus deixa o pecador em seus pecados, e parece que nem lhe pede contas deles (Sl 10,4). Dir-se-á que já não se indigna contra ele (Ez 16,42) e que lhe permite gozar quanto neste mundo deseja (Sl 80,13). Desgraçados os pecadores que prosperam na vida mortal! É sinal de que Deus os reserva para aplicar-lhes sua justiça na vida eterna! Jeremias pergunta: “Por que o caminho dos ímpios passa em prosperidade?” (Jr 12,1). E responde em seguida: “Reúne-os como o rebanho destinado ao matadouro” (Jr 12,3). Não há, pois, maior castigo do que deixar Deus ao pecador amontoar pecados sobre pecados, segundo o que diz David: “pondo maldade sobre maldade... Riscados sejam do livro dos vícios” (Sl 28,28-29). Observa Belarmino: “Não existe castigo mais terrível do que o pecado tornar-se pena do pecado”. Fora melhor a um desses infelizes que o Senhor o tivesse feito morrer após o primeiro pecado; porque, morrendo mais tarde, terá a padecer tantos infernos quantos

foram os pecados cometidos.

AFETOS E SÚPLICAS

Bem reconheço, meu Deus, que, no miserável estado em que me acho, mereci ser privado da vossa luz e da vossa graça. Pela inspiração, porém, que me dais e ouvindo-vos a voz que me chama à penitência, estou persuadido, entretanto, de que não me abandonastes. Já que assim é, multiplicai, meu Senhor, vossa misericórdia sobre minha alma; aumentai-me a luz divina e o desejo de vos amar e servir. Transformai-me, ó meu Deus; de traidor e rebelde que fui, convertei-me em fervoroso amante de vossa bondade, a fim de que chegue para mim o venturoso dia em que parta para o céu e louve eternamente as vossas misericórdias.

Vós, Senhor, quereis perdoar-me, e eu só desejo que me outorgueis vosso perdão e vosso amor. Dói-me, ó Bondade infinita, de vos ter ofendido tantas vezes. Amo-vos, ó sumo Bem, porque mo ordenais, e porque sois digníssimo de ser amado. Fazei, pois, meu Redentor, que vos ame este pecador por vós tão amado, e com tal paciência por vós esperado. Tudo espero de vossa bondade inefável. Espero amar-vos sempre no futuro, até à more e por toda a eternidade (SI 83,2).

Que vossa clemência, meu Jesus, seja constante objeto de meus louvores! Louvarei também, por todo o sempre, a vossa misericórdia, ó Maria, pelas graças

inumeráveis que me tendes alcançado. À vossa intercessão as devo. Assisti-me, Senhora minha, auxiliai-me e alcançai-me a santa perseverança.

PONTO III

Lê-se na Vida do Padre Luís de Lanusa que, certo dia, dois amigos passeavam juntos em Palermo. Um deles, chamado César, que era ator, vendo o seu companheiro pensativo em extremo, disse-lhe: “Apostaria que te foste confessar, e por isso estás tão preocupado... Eu não quero acolher tais escrúpulos... Escuta: Disse-me um dia o Padre Lanusa que Deus me concedia ainda doze anos de vida, e que, se nesse tempo não me emendasse, morreria de má morte. Viajei depois por muitos países; sofri de diversas doenças, uma das quais me levou às portas da morte...

É neste mês que se completam os famosos doze anos, e sinto-me disposto como nunca...” Após esta fala, César convidou seu amigo a ver, no sábado seguinte, a estréia de uma comédia de sua autoria...

Naquele sábado, dia 24 de novembro de 1668, quando César se dispunha a entrar em cena, foi acometido subitamente de uma congestão e veio a morrer repentinamente nos braços de uma atriz. Assim acabou a comédia. Pois bem, meu irmão, quando o demônio, por meio da tentação, te excita outra vez ao pecado, se quiseres condenar-te podes cometer

livremente o pecado; mas então não digas que desejas tua salvação.

Quando quiseres pecar, considera-te como condenado, e imagina que Deus dita tua sentença, dizendo: Que mais posso fazer por ti, ingrato, além do que já fiz? (Is 5,4). Já que queres condenar-te, condena-te, condena-te, pois... a culpa é tua.

Dirás, acaso: onde está então a misericórdia de Deus?... Desgraçado! Não te parece misericórdia o ter-te Deus suportado tanto tempo, apesar de tantos pecados? Prostrado diante dele e com o rosto em terra, devias estar a render-lhe graças e dizendo: “Graças à misericórdia do Senhor é que não temos sido condenados” (Lm 3,2). Cometendo um só pecado mortal, incorreste em delito maior do que se tivesses calcado aos pés o primeiro soberano do mundo. E tantos e tais tens cometido que, se essas ofensas fossem feitas a teu irmão, este não as teria aturado... Deus, entretanto, não somente te esperou, mas te vem chamando muitas vezes, e oferece-te o perdão. Que mais devia fazer? (Is 5,4). Se Deus tivesse necessidade de ti, ou se o houvesse honrado com grandes serviços, poderia ter-se mostrado mais clemente contigo? Se depois disto tornastes a ofendê-lo, farias que sua divina misericórdia se trocasse em indignação e castigo.

Se aquela figueira, encontrada estéril por seu dono, não desse fruto depois do ano concedido como prazo para cultivá-la, quem ousaria esperar que se

lhe desse mais tempo e não fosse cortada? Escuta, pois, o que diz Santo Agostinho: “Ó árvore infrutuosa! o golpe de derrubada foi diferido. Mas não te creias mais segura, porque serás cortada!” A pena foi adia-da — diz o Santo, — mas não suprimida. Se tornares a abusar da misericórdia divina, o castigo te atingirá: serás cortado. Esperas, portanto, que o próprio Deus te envie ao inferno? Mas, se te envia, já o sabes, jamais haverá remédio para ti. O Senhor se cala, mas não para sempre. Quando chega a hora da justiça, quebra o silêncio.

“Isto fizeste, e eu calei-me. Pensaste iniquamente que eu seria como tu; argüir-te-ei e porei (tudo) diante de teu rosto” (Sl 49,21). Porá diante dos teus olhos os atos da divina misericórdia e fará com que eles mesmos te julguem e condenem.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus, que desgraça para mim, se, depois de ter recebido a luz que agora me dais, voltasse a ser infiel, cometendo traição. Essas luzes são sinais de que quereis perdoar-me. Arrependo-me, ó Sumo Bem, de todas as ofensas que fiz à vossa infinita bondade. Por vosso preciosíssimo sangue, espero, com certeza, o perdão. Mas, se tornasse a afastar-me de vós, reconheço que mereceria o inferno, criado de propósito para mim. Tremo, Deus de minha alma, à vista da possibilidade de tornar a perder vossa graça. Muitas vezes já vos prometi ser fiel, e depois, infelizmente, tornei a rebelar-me contra vós... Não o

permitais, Senhor; não me deixeis cair na imensa desgraça de ver-me convertido outra vez em inimigo vosso. Dai-me outro castigo, mas este, não. “Não permitais que me aparte de vós”. Se prevedes que vos hei de tornar a ofender, fazei antes que perca a vida. Aceito a morte mais dolorosa que ter de chorar a desdita de ver-me privado de vossa graça. Ne permittas me separari a te. Repito-o, meu Deus, e fazei que o repita sempre: “Não permitais que me separe de vós. Amo-vos, meu caríssimo Redentor, e não quero mais separar-me de vós”. Pelos merecimentos de vossa morte, concedei-me amor tão fervoroso que convosco me una estreitamente e jamais possa desprender-me de vós.

Ajudai-me, ó Virgem Maria, por vossa intercessão; alcançai-me a santa perseverança e o amor para com Cristo Jesus.

CONSIDERAÇÃO XVIII

Do número dos pecados

Quia non profertur cito contra malos sententia, i-
deo filii hominum perpetrant mala.

Porquanto o não ser proferida sentença logo contra os maus, é causa de os filhos dos homens cometerem crimes sem temor algum (Ecl 8,11).

PONTO I

Se Deus castigasse imediatamente a quem o ofende, não se veria, sem dúvida, tão ultrajado como o é atualmente. Mas, porque o Senhor não sói castigar logo, senão que espera benignamente, os pecadores cobram ânimo para ofendê-lo. É preciso, porém, considerar que Deus espera e é pacientíssimo, mas não para sempre. É opinião de muitos Santos Padres (de São Basílio, São Jerônimo, Santo Ambrósio, São Cirilo de Alexandria, São João Crisóstomo, Santo Agostinho e outros) que Deus, assim como determinou para cada homem o número dos dias de vida, e dotes de saúde e de talento que lhe quer outorgar (Sb 11,21), assim, também, contou e fixou o número de pecados que lhe quer perdoar. E, completo esse número, já não perdoa mais, diz Santo Agostinho¹. Eusébio de Cesaréia² e os outros Padres acima citados afirmam o mesmo. E não falaram estes Padres sem fundamento, mas baseados na Sagrada Escritura. Diz o Senhor, em certo lugar do texto, que adiava a ruína dos amorreus porque ainda não estava completo o número de suas culpas (Gn 15,16). Em outra parte diz: “Não terei no futuro misericórdia de Israel (Os 1,6). Já por dez vezes me provocaram. Não verão a terra” (Nm 14,22-23). E no livro de Jo se lê: “Tendes selado, como num saco, as minhas culpas” (Jo 14,17). Os pecadores não tomam conta dos seus delitos, mas Deus enumera-os bem, a fim de os deci-

frar quando a seara estiver madura, isto é, quando estiver completo o número de pecados (Joel 3,13). Em outra passagem lemos: “Não estejas sem temor da ofensa que te foi perdoada e não amontoes pecado sobre pecado” (Ecl 5,5). Ou seja: é preciso, pecador, que tremas ainda dos pecados que já te perdoei; porque, se lhes acrescentares outro poderá ser que este novo pecado com aquele complete o número e então não haverá misericórdia para ti. Ainda mais claramente, em outra passagem, diz a Escritura: “O Senhor espera com paciência (as nações) para castigá-las quando se completar a conta dos pecados, e então virá o dia do juízo” (2Mc 6,14). De sorte que Deus espera o dia em que se completa a medida dos pecados, e depois castiga.

A Escritura oferece-nos muitos exemplos de tais castigos, especialmente o de Saul, que, por ter reincidido na desobediência ao Senhor, foi abandonado por Deus de tal modo, que, ao rogar a Samuel que por ele intercedesse, lhe disse: “Rogo-te que tomes sobre ti o meu pecado e venhas comigo para adorar ao Senhor” (1Rs 15,25). Ao que Samuel respondeu: “Não irei contigo, porque desprezaste a palavra do Senhor, e o Senhor te repeliu” (1Rs 15,26). Temos também o exemplo do rei Baltasar que, achando-se num festim a profanar os vasos do templo, viu mão misteriosa a escrever na parede: Mane, Thecel, Phares.

Veio o profeta Daniel e explicou assim as pala-

vras: “Foste pesado na balança e achado demasiadamente leve” (Dn 5,27), dando-lhe a entender que o peso de seus pecados havia inclinado até ao castigo a balança da justiça divina. E, com efeito, Baltasar foi morto naquele mesma noite (Dn 5,30). Quantos não há a quem sucede a mesma desgraça! Vivem longos anos em pecado; mas, quando se completa o número que lhes foi fixado, a morte dos arrebatados e são precipitados no inferno (Jo 21,13). Quantos procuram investigar o número das estrelas que existem, saber a quantidade dos anjos no céu, e computar os anos de vida dos homens; mas quem se atrever a indagar do número de pecados que Deus quer perdoar-lhes...? Tenhamos, pois, salutar temor. Quem sabe, meu irmão, se, depois do primeiro deleite ilícito, ou do primeiro mau pensamento em que consintas, ou do próximo pecado em que incorras, Deus ainda te perdoará?

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus, dou-vos fervorosas graças! Quantas almas, menos culpadas que eu, estão agora no inferno, enquanto eu vivo ainda fora daquele cárcere eterno, e com esperança de alcançar, se o quiser, perdão e glória!... Sim, meu Deus, desejo ser perdoado. Arrependo-me de todo o coração de vos ter ofendido, porque injurieei a vossa Bondade infinita.

Eterno Pai, contemplai vosso divino Filho morto na cruz por mim (Sl 83,10), e, em consideração de seus merecimentos, tende misericórdia 57 de minha

alma. Proponho antes morrer do que tornar a ofender-vos.

Sem dúvida, devo temer que, em vista dos pecados que cometi e das graças que me concedestes, uma nova culpa venha completar a medida e eu seja justamente condenado... Ajudai-me, pois, com vossa graça, que de vós espero luz e graça para vos ser fiel. Se previrdes que tornarei a ofender-vos, dai-me a morte antes que perca a vossa graça.

Amo-vos, meu Deus, sobre todas as coisas, e mais do que a morte receio a desgraça de apartar-me de vós outra vez. Por piedade, não o permitais...

Maria, minha Mãe, alcançai-me a santa perseverança.

PONTO II

Dirá talvez o pecador que Deus é Deus de misericórdia... Quem o nega?... A misericórdia do Senhor é infinita; mas, apesar dela, quantas almas se condenam todos os dias? Deus cura os que têm boa vontade (Is 61,1). Perdoa o pecado, mas não pode perdoar a vontade de pecar...

Replicará o pecador que ainda é muito jovem... És moço?... Deus não conta os anos, conta as culpas. Ora, a medida dos pecados não é igual para todos. A um perdoa Deus cem pecados; a outro, mil; outro, ao segundo pecado, se verá precipitado no inferno. A quantos condenou após o primeiro pecado!

Refere São Gregório que um menino de cinco anos, por ter proferido uma blasfêmia, foi lançado no inferno. Segundo revelou a Santíssima Virgem à bem-aventurada Benedita de Florença, uma menina de doze anos fora condenada por seu primeiro pecado.

Outro menino, de oito anos de idade, também morreu com o primeiro pecado e se condenou. Lemos no Evangelho de São Mateus que o Senhor, a primeira vez em que achou a figueira sem fruto a amaldiçoou, e a árvore secou (Mt 21,19). Em outro lugar diz o Senhor: “Depois das maldades que o povo de Damasco cometeu três e quatro vezes, eu não mudarei o meu decreto” (não revogarei os castigos que lhe tenho decretado) (Am 1,3). Algum temerário talvez ouse perguntar por que Deus perdoa a tal pecador três culpas e não quatro. Neste ponto é preciso adorar os inefáveis juízos de Deus e exclamar com o Apóstolo: “Ó profundidade das riquezas da sabedoria e ciência de Deus! Quão incompreensíveis são seus juízos e imperscrutáveis seus caminhos” (Rm 11,33). O Senhor sabe, diz Santo Agostinho, a quem há de perdoar e a quem não. Àqueles a quem se concede misericórdia, gratuitamente se concede a mesma, e àqueles a quem se lha nega, com justiça lhes é negada”.

Replicará a alma obstinada que, tendo ofendido tantas vezes a Deus, e Deus lhe tendo perdoado, espera que ele ainda lhe perdoará um novo pecado... Mas porque Deus não o tem castigado até esta hora,

segue-se que sempre há de proceder assim? Encher-se-á a medida e o castigo virá. Sem interromper as relações com Dalila, esperava Sansão salvar-se das mãos dos filisteus, como antes tinha feito (Jt 16,20); mas nesta última vez foi preso e perdeu a vida. — “Não digas — exclama o Senhor — pequei, e qual a adversidade que me sobreveio? (Ecl 5,4).

Porque o Altíssimo, ainda que nos tolere, dá-nos o que merecemos” (Ecl 5,4), isto é: chegará o dia em que tudo lhe pagaremos, e quanto maior tiver sido a misericórdia tanto maior será a pena. Afiança-nos São João Crisóstomo que há mais para recear quando Deus tolera um pecador obstinado, do que quando lhe aplica o castigo sem detença.

Com efeito, observa São Gregório, todos aqueles a quem Deus espera com mais paciência, são depois, se perseverarem na sua ingratidão, castigados com mais rigor⁵; e muitas vezes acontece, acrescenta o mesmo Santo, que os que foram por mais tempo tolerados por Deus, morrem de improviso sem ter tempo de se converter. Especialmente, quanto maiores tenham sido as luzes que Deus te haja dado, tanto maiores serão tua cegueira e obstinação no pecado, se a tempo não fizeres penitência. “Era-lhe melhor — diz São Pedro — não ter conhecido o caminho da justiça, que depois do conhecimento voltar-lhe as costas” (2Pd 2,21). São Paulo diz que é (moralmente) impossível que uma alma ilustrada por luzes celestes, quando reincidir no pecado, se converta de novo (Hb

6,4.6).

Terríveis são as palavras do Senhor contra aqueles que não querem atender a seu convite: “Já que vos chamei e dissestes: não... eu também me riirei na hora da vossa morte e vos escarnecerei” (Pr 1,24-26). Note-se que as palavras eu também significam que, assim como o pecador zombou de Deus, confessando-se, fazendo propósitos e não os cumprindo nunca, assim o Senhor zombará dele na hora da morte.

O sábio diz além disso: “Como cão que volta ao que vomitou, assim é o imprudente que recai na sua loucura” (Pr 26,11). Dionísio, o Cartuxo, desenvolve este pensamento e diz que tão abominável e asqueroso como o cão que devora o que tinha vomitado, se faz odioso a Deus o pecador que volta a cometer os pecados de que se arrependeu no sacramento da Penitência.

AFETOS E SÚPLICAS

Eis me aqui, Senhor, a vossos pés. Sou como o cão repugnante e asqueroso, que tantas vezes voltei a deleitar-me com o que antes tinha detestado. Não mereço perdão, meu Redentor. O precioso sangue, porém, que por mim derramastes, me alenta e me obriga a esperar...

Quantas vezes vos ofendi e vós me perdoastes! Prometi não tornar a ofender-vos e daí a pouco de

novo recaí, e vós outra vez me concedestes perdão! Que devo esperar, pois? Que me envieis ao inferno ou que me abandoneis a meus pecados, castigo maior que o próprio inferno? Não, meu Deus; quero emendar-me, e, para vos ser fiel, ponho em vós toda minha confiança e prometo recorrer sempre a vós quando me vir assediado de tentações. No passado fei-me em minhas promessas e resoluções, olvidando encomendar-me a vós nas tentações. Daí proveio a minha ruína. Mas, de hoje em diante, sereis vós minha esperança, minha fortaleza e assim tudo me será possível (Fp 4,13). Dai-me, pis, meu Jesus, por vossos méritos, a graça de encomendar-me sempre a vós, e de pedir vosso auxílio em todas as minhas necessidades. Amo-vos, Sumo Bem, digno de ser amado sobre todos os bens e só a vós amarei se me ajudais para isso.

Vós também, ó Maria, Mãe nossa, auxiliai-me por vossa intercessão; abrigai-me debaixo de vosso manto; fazei que vos invoque sempre na tentação, e vosso nome dulcíssimo será minha defesa.

PONTO III

“Filho, pecaste? Não tornes a pecar; mas roga pelas culpas antigas, a fim de que te sejam perdoadas” (Ecl 21,1). Assim te adverte, ó cristão, Nosso Senhor, porque deseja salvar-te. “Não me ofendas, filho, novamente, mas pede perdão dos pecados co-

metidos”. Quanto mais tiveres ofendido a Deus, meu irmão, tanto mais deves temer a reincidência em ofendê-lo; porque talvez mais um pecado que cometeres fará pender a balança da justiça divina, e serás condenado. Falando absolutamente, não quero dizer, porque não o sei, que não haja perdão se cometeres novo pecado; afirmo, porém, que isto pode acontecer. Por conseguinte, quando te assaltar a tentação, deves considerar: quem sabe se Deus me perdoará outra vez ou ficarei condenado? Dize-me, por favor: Provarias uma comida, que supusses estar provavelmente envenenada? Se presumisses fundamente que em determinado caminho estavam teus inimigos à espreita para matar-te, passarias por ali, podendo tomar outra via mais segura? Do mesmo modo, que certeza ou que probabilidade podes ter de que, tornando a pecar, sentirás logo verdadeira contrição e não voltarás à culpa detestável? Ou ainda, se novamente pecares, não te fará Deus morrer no próprio ato do pecado, ou te abandonará depois da queda? Ao comprar uma casa, tomas prudentemente as necessárias precauções para não perderes teu dinheiro. Se vais usar algum remédio, procurarás certificar-te que não te possa fazer mal. Ao atravessar um rio, evitas o perigo de cair nele. E, por um vil prazer, por um deleito brutal arriscas tua salvação eterna, dizendo: Eu me confessarei. Mas, pergunto eu: Quando te confessarás? — No domingo. — E quem te assegura que no domingo estarás vivo? — Amanhã mesmo. — E quem te afiança esse dia de amanhã, quando não sabes sequer se tens ainda uma boa hora de vida?

“Tendes um dia — diz Santo Agostinho — quando não tendes certeza de uma hora?” Deus — prossegue o mesmo Santo — promete o perdão ao que se arrepende, não promete o dia de amanhã a quem o ofende: Se agora pecares, Deus, talvez, te dará tempo de fazer penitência, ou talvez não. E se não to der, que será de ti eternamente? E, não obstante, queres perder tua alma por um mísero prazer e a expões ao perigo da perdição eterna. Arriscarias mil ducados por essa vil satisfação? Digo mais: darias tudo, fazenda, casa, poder, liberdade e vida, por um breve gosto ilícito? Não, sem dúvida. E, contudo, por esse mesmo indigno prazer, queres perder tudo: Deus, a alma e o céu. Dize-me, pois: as coisas que ensina a fé são verdades altíssimas, ou não passam de puras fábulas que haja céu, inferno e eternidade? Crês que se a morte te surpreender em pecado estarás perdido para sempre?... Que temeridade, que loucura, condenares a ti mesmo às penas eternas com a vã esperança de remediá-lo mais tarde! “Ninguém quer enfermar com a esperança de curar-se” — diz Santo Agostinho.

Não teríamos por louco a quem bebesse veneno dizendo: depois, por meio de um remédio, me salvarrei? E tu queres a condenação à morte eterna, fiado em que talvez mais tarde possas livrar-te dela?... Loucura terrível, que tantas almas tem levado e leva ao inferno, segundo a ameaça do Senhor! “Pecaste confiando temerariamente na misericórdia divina; mas o castigo virá de improviso sobre ti, sem que

saibas donde vem” (Is 47,10-11).

AFETOS E SÚPLICAS

Aqui tendes, Senhor, um desses insensatos, que tantas vezes perdeu a sua alma e a vossa graça, esperando recuperá-la depois. Ai de mim, se me tivésseis enviado a morte no instante em que pequei! Que seria de mim?... Agradeço de todo o coração à vossa clemência o ter-me esperado, dando-me a conhecer meu desvairamento. Reconheço que desejais salvar-me, e eu quero me salvar. Dói-me, Bondade infinita, de me ter afastado de vós tantas vezes. Amo-vos com todo o fervor de 59 meu coração, e espero, ó Jesus, que, pelos merecimentos de vosso precioso sangue, não recairei em tal demência. Perdoai-me, Senhor, e acolhei-me em vossa graça, que jamais quero separar-me de vós. In te, Domine, speravi non confundar in aeternum. Espero, ó meu Redentor, não ter de sofrer a desdita e confusão de ver-me privado outra vez de vosso amor e de vossa graça. Concedei-me a santa perseverança, e fazei que sempre vo-la peça, particularmente nas tentações, invocando vosso santo nome e o de vossa Mãe santíssima: “Meu Jesus, socorrei-me!...

Maria, nossa Mãe, amparai-me!...” Sim, Rainha e Senhora minha, enquanto recorrer a vós, não serei vencido. E se persistir a tentação, fazei, ó minha Mãe, que persista em invocar-vos.

CONSIDERAÇÃO XIX

Do bem inefável que é a graça divina e do grande mal que é a inimizade com Deus

Nescit homo pretium ejus.

Não compreende o homem o seu preço (Jo 28,13).

PONTO I

Diz o Senhor que aquele que sabe distinguir o precioso do vil é semelhante a Deus, que reprovava o mal e escolhe o bem (Jr 15,19).

Vejam como quão grande é a graça divina, e que mal mesmo é a inimizade com Deus. Os homens não conhecem o valor da graça divina (Jo 28,13).

Por isso é que trocam por ninharia, um fumo subtil, um punhado de terra, um deleite irracional. E, todavia, ela é um tesouro de valor infinito, que nos torna dignos da amizade de Deus (Sb 7,14); de modo que a alma no estado da graça é amiga do Senhor. Os pagãos, privados da luz da fé, julgavam impossível que a criatura pudesse manter relações de amizade com Deus; e, falando segundo o ditame de seu coração, não deixavam de ter razão, pois que a amizade — conforme diz São Jerônimo — torna os ami-

gos iguais. Deus, contudo, declarou repetidas vezes que, por meio de sua graça, podemos tornar-nos seus amigos se observarmos e cumprirmos sua lei (Jo 15,14). Exclama São Gregório: “Ó bondade de Deus! Não merecemos sequer ser chamados servos seus, e ele se digna chamar-nos seus amigos”.

Quanto se julgaria feliz aquele que tivesse a dita de ser amigo de seu rei! Mas, se a um vassalo fora temeridade pretender a amizade de seu príncipe, não obsta que uma alma aspire à amizade de Deus. Refere Santo Agostinho que, achando-se dois cortesãos num mosteiro, um deles começou a ler a vida de Santo Antônio Abade e, à medida em que ia lendo, seu coração se desprendia de tal modo dos afetos mundanos, que falou a seu companheiro nestes termos: “Amigo, que é que procuramos?...”

Servindo ao imperador, que mais poderemos pretender do que conseguir sua amizade? E, mesmo que a tanto chegássemos, exporíamos a grande perigo a salvação eterna. Com grande dificuldade lograríamos ser amigos de César, enquanto desde já, se o quiser, posso ser amigo de Deus”.

Aquele, portanto, que está na graça, é amigo do Senhor. E não é só isso, porque se torna filho de Deus (Sl 71,6). Tal é a dita inefável que nos alcançou o divino amor por meio de Jesus Cristo. “Considerai a caridade que nos fez o Pai Eterno, querendo que tenhamos o nome de filhos de Deus e o sejamos” (1Jo 3,1). Além disso, a alma que está na graça é esposa

do Senhor (Lc 15,22). Por isso, o pai do filho pródigo, ao acolhê-lo e recebê-lo de novo, deu-lhe o anel, sinal de esposais. Ainda mais: essa alma venturosa é templo do Espírito Santo. Soror Maria de Ogues viu sair o demônio do corpo de um menino, que estavam batizando, e notou que no neo-cristão ingressava o Espírito Santo, rodeado de anjos.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus, quando minha alma, por felicidade sua, possuía vossa graça, era vosso templo e vossa amiga, vossa filha e esposa. Mas pelo pecado perdeu tudo, e fez-se vossa inimiga e escrava do inferno. Com profundo agradecimento, meu Deus, vejo que me dais tempo de recuperar vossa graça. Arrependo-me de ter ofendido vossa bondade infinita, e vos amo sobre todas as coisas. Dignai-vos, pois, aceitar-me de novo em vossa amizade. Não me desprezeis, por piedade! Bem sei que merecia ser repelido, mas meu Senhor Jesus Cristo, pelo sacrifício que de si mesmo fez sobre o Calvário, merece que, ao ver-me arrependido, me aceiteis de novo. Adveniat regnum tuum. Meu Pai (assim me ensinou a chamar-vos vosso divino Filho), reinai em mim pela vossa graça, e fazei que somente a vós sirva, somente a vós ame e por vós viva. Et ne nos inducas in tentationem. Não permitais que me vençam os inimigos que me combatem. Sed libera nos a malo. Livrai-me do inferno, ou melhor: livrai-me do pecado, único mal que pode condenar-me.

Ó Maria, rogai por mim e livrai-me do mal horrível de me ver em pecado sem a graça de nosso Deus!

PONTO II

Disse São Tomás de Aquino que o dom da graça excede a todos os dons que uma criatura possa receber, porque a graça é a participação da própria natureza divina¹. Já antes havia dito São Pedro: “Para que por isso sejais participantes da divina natureza”. Tanta é sua dignidade que Jesus Cristo no-la mereceu por sua Paixão! Ele nos comunicou, de certo modo, o resplendor que recebeu de Deus (Jo 17,22). Deste modo, a alma que está na graça se une intimamente a Deus (1Cor 6,17), e, segundo afirma o Redentor, a Santíssima Trindade vem habitar nela (Jo 14,22).

É tão bela uma alma em estado de graça, que o Senhor se compraz nela e a elogia amorosamente: “Como és formosa, minha amiga, como és formosa!” (Ct 4,1). Parece que o Senhor não pode apartar os olhos de uma alma que o ama nem deitar os olhos de uma alma que o ama nem deixar de dar ouvido a quanto lhe peça (Sl 33,6). Dizia Santa Brígida que ninguém seria capaz de ver a beleza de uma alma em estado de graça, sem morrer de alegria. Santa Catarina de Sena, ao contemplar uma alma em estado tão feliz, disse que preferia dar sua vida para que aquela alma jamais viesse a perder tanta beleza. Era por isto que a Santa beijava a terra que os sacerdotes pisavam, considerando que por seu intermédio

recuperavam as almas a graça de Deus.

Que tesouro de merecimentos pode adquirir uma alma em estado de graça! Em cada instante lhe é dado merecer a glória; pois, segundo disse Santo Tomás, cada ato de amor, produzido por tais almas, merece a vida eterna. Por que, pois, invejar os poderosos do mundo? Estando na graça de Deus, podemos adquirir continuamente as maiores grandezas celestes.

Um irmão coadjutor da Companhia de Jesus, segundo refere o Padre Patrignani em seu “Menológico”, apareceu depois de sua morte e revelou que se tinha salvado, assim como Filipe II, rei da Espanha, e que ambos gozavam já a glória eterna. Quanto menor, porém, fora ele neste mundo em comparação ao rei, tanto mais elevado era agora o seu lugar no céu.

Só aquele que a desfrutou pode compreender quão suave é a paz de que goza, mesmo neste mundo, uma alma que se acha na graça (Sl 33,9). Confirmam-no as palavras do Senhor: “Muita paz aos que ama tua lei”. (Sl 118,165). A paz que provém dessa união com Deus excede a quantos prazeres possam oferecer os sentidos e o mundo (Fp 4,7).

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Jesus! Vós sois o Bom Pastor que se deixou crucificar para dar a vida a suas ovelhas. Quando eu fugia de vós, não deixastes de me procurar com

amorosa diligência. Acolhei-me agora que vos procuro e volto arrependimento a vossos pés. Concedei-me de novo vossa 61 graça, que miseramente perdi por minha culpa. Ao considerar que tantas vezes me tenho afastado de vós, quisera morrer de dor, e de todo o coração me arrependo. Perdoai-me, pela morte dolorosíssima que para mim padeceste na cruz. Prendei-me com as doces cadeias do vosso amor, e não permitais que outra vez me afaste de vós. Dai-me força para sofrer com paciência todas as cruces que me destinais, já que mereci as penas eternas do inferno. Fazei que abrace com amor os desprezos que receber dos homens, já que mereci ser eternamente atormentado pelos demônios. Fazei, em suma, que obedeça em tudo às vossas inspirações, e vença todo o respeito humano por amor a vós.

Estou resolvido a servir unicamente a vós. Insistam os outros quanto quiserem, eu somente quero amar a vós, meu Deus amabilíssimo. Só a vós desejo agradar. Ajudai-me, Senhor, que sem vós nada posso. Amo-vos, meu Jesus, de todo o coração, e confio em vosso sangue preciosíssimo...

Maria, minha esperança, auxiliai-me com vossa intercessão. Já que vos gloriais de salvar os pobres pecadores que a vós recorrem, — eis que sou vosso servo humilde — socorrei-me e salvai-me.

PONTO III

Consideremos agora o estado infeliz de uma al-

ma que cai no desagrado de Deus. Vive separado de seu Sumo Bem, que é Deus (Is 59,2); de sorte que ela já não é de Deus, nem Deus já é seu (Os 1,9). E não somente não a considera como sua, mas detesta-a e a condena ao inferno. O Senhor não detesta a nenhuma das suas criaturas, nem às feras, nem aos répteis, nem ao mais vil dos insetos (Sb 2,25). Entretanto, não pode deixar de aborrecer o pecador (Sl 5,7); porque, sendo impossível que não odeie o pecado, inimigo absolutamente contrário à sua divina vontade, deve necessariamente aborrecer o pecador que se conserva unido à vontade do pecado (Sb 14,9).

Ó meu Deus! Se alguém tem por inimigo a um príncipe do mundo, não pode repousar tranqüilo, receando a cada instante a morte. E aquele que for inimigo de Deus, como pode ter paz? Da ira de um rei se pode escapar, ocultando-se ou emigrando para outro país; mas quem pode livrar-se das mãos de Deus? “Senhor, — dizia David, — se subir ao céu, ali estás, se descer ao inferno, estás ali presente... A todo e qualquer lugar aonde vá, tua mão alcançar-me-á” (Sl 138,8-10).

Desgraçados pecadores! São amaldiçoados por Deus, amaldiçoados pelos anjos, amaldiçoados pelos santos, e ainda amaldiçoados na terra, todos os dias, pelos sacerdotes e religiosos que, ao recitar o ofício divino, proferem a maldição (Sl 118,2). Além disso, o desafeto de Deus traz consigo a perda de todos os

merecimentos. Ainda que uma pessoa tivesse merecido tanto como um São Paulo Eremita, que viveu noventa e oito anos numa gruta; tanto como um São Francisco Xavier, que conquistou para Deus dez milhões de almas; tanto como São Paulo, que por si só alcançou — segundo afirma São Jerônimo — mais merecimentos que todos os outros apóstolos, se tal pessoa cometesse um só pecado mortal, perderia tudo (Ez 18,24); tão grande é a ruína que produz a queda no desagrado do Senhor! De filho de Deus, o pecador converte-se em escravo de Satanás; de amigo predileto torna-se odioso inimigo; de herdeiro da glória, em condenado do inferno. Dizia São Francisco de Sales que, se os anjos pudessem chorar, certamente chorariam de compaixão ao verem a desdita de uma alma que comete um pecado mortal e perde a graça divina.

Entretanto, a maior tristeza é que os anjos chorariam, se pudessem chorar, e o pecador não chora. Aquele que perde um cavalo, uma ovelha — diz Santo Agostinho — já não come, já não descansa, mas chora e lastima-se. Mas, se perde a graça de Deus, come, dorme e não se queixa!

AFETOS E SÚPLICAS

Vede, Redentor meu, a que estado lamentável me acho reduzido! Para me tornardes digno de vossa graça, passastes trinta e três anos de trabalhos e sofrimentos, e eu, em um instante, por um momento de prazer envenenado a desprezei e perdi. Graças mil

rendo à vossa misericórdia, que ainda me dá tempo de recuperá-la, se, de fato, o quiser.

Sim, meu Senhor; quero fazer tudo quanto possa para readquiri-la.

Dizei-me o que devo fazer para obter o perdão. Quereis que me arrependa? Pois bem, meu Jesus, arrependo-me de todo o coração de ter ofendido a vossa bondade infinita... Quereis que vos ame? Amo-vos sobre todas as coisas. Mal andou na vida passada o meu coração, amando as criaturas e as vaidades do mundo. De agora em diante, só viverei para vós e só a vós amarei, meu Deus, meu tesouro, minha esperança e minha fortaleza (Sl 17,1). Vossos méritos, vossas sacratíssimas chagas, serão minha esperança. É de vós que espero a força necessária para vos ser fiel. Acolhei-me, pois, em vossa graça, ó meu Salvador, e não permitais que jamais vos abandone. Desprendeime dos afetos mundanos e inflamai meu coração em vosso santo amor.

Maria, minha Mãe, fazei que minha alma arda em amor de Deus, tal como arde a vossa eternamente.

CONSIDERAÇÃO XX

Loucura do pecador

Sapientia enim hujus mundi stultitia est apud Deum.

A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus (1Cor 3,19).

PONTO I

O bem-aventurado João d'Ávila dizia que neste mundo deveria haver dois grandes cárceres: um para aqueles que não têm fé, e outro para aqueles que, tendo-a, vivem em pecado e afastados de Deus. A estes, acrescentava, conviria o hospício de loucos. Mas a maior desdita destes miseráveis consiste em que, não obstante sua cegueira e insensatez, julgam ser sábios e prudentes. É pior é que seu número é infinito (Ecl 1,15). Há quem enlouqueça pelas honras; outros, pelos prazeres; não poucos, pelas futilidades da terra. E se atrevem a considerar loucos os santos, que desprezam os bens mesquinhos do mundo para conquistar a salvação eterna e o Sumo Bem, que é Deus. A seus olhos é loucura sofrer desprezos e perdoar ofensas; loucura, o privar-se dos prazeres sensuais e preferir a mortificação; loucura, renunciar às honras e às riquezas, e amar a solidão, a vida humilde e oculta. Não consideram, no entanto, que a essa sua sabedoria mundana Deus chama necessidade:

“A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1Cor 3,19). Ah!... Virá o dia em que confessarão e reconhecerão a sua demência...

Quando, porém? Quando já não houver remédio possível e tenham que exclamar desesperados: “Desgraçados de nós, que reputávamos loucura a vida dos santos! Agora compreendemos que os loucos fomos nós. Eles já se contam no número feliz dos filhos de Deus e compartilham a sorte dos bem-aventurados, que durará eternamente e os fará felizes para sempre... ao passo que nós ficamos escravos do demônio, condenados a arder neste cárcere de tormentos por toda a eternidade!... Enganamos, pois, querendo cerrar os olhos à luz divina (Sb 5,6), e nossa maior desventura é sabermos que o nosso erro não tem nem terá remédio enquanto Deus for Deus.

Que imensa loucura é, portanto, perder a graça de Deus em troca de um pouco de fumo, de um breve deleite!... Que não faz um vassalo para obter as boas graças de seu soberano?... E, no entanto, ó meu Deus, por uma miserável satisfação perder o Bem supremo, perder a glória, perder também a paz nesta vida, deixando que o pecado reine na alma e atormente com seus incessantes remorsos... Perder tudo, e condenar-se voluntariamente à desgraça interminável!... Entregar-te-ias àquele prazer ilícito, se, de antemão, soubesses que te queimarias a mão ou que ficarias encerrado por um ano, num túmulo? Comete-

rias tal pecado, se, por causa dele, perderias cem escudos? E, contudo, tens fé e crês que, pecando, perderás a Deus e serás condenado ao fogo eterno... Como te atreves a pecar?

AFETOS E SÚPLICAS

Deus de minha alma!... Que seria agora de mim se não tivésseis tido tanta misericórdia para comigo? Estaria no inferno, entre os insensatos a quem fui semelhante. Dou-vos graças, Senhor, e vos peço que não me abandoneis em minha cegueira. Bem o merecia, mas vejo felizmente que vossa graça ainda não me tem abandonado. Ouço que me chamais amorosamente e me convidais a pedir-vos perdão e esperar de vós a concessão de dons altíssimos, apesar das graves ofensas que vos fiz. Sim, meu Salvador, espero que me acolhereis como filho vosso.

Não sou digno de que me chameis filho, porque vos ultrajei atrevidamente (Lc 5,21). Sei, porém, que vos comprazeis em ir à procura da ovelha tresmalhada e em abraçar os filhos perdidos. Meu Pai amantíssimo, arrependo-me de vos ter ofendido; a vossos pés me prostro e os abraço e não me levantarei enquanto não me concederdes o perdão e a bênção! (Gn 32,26) Abençoai-me, meu Pai, e com vossa bênção despertai em mim grande dor de meus pecados e amor ardente por vós. Amo-vos meu Pai, de todo o coração. Não permitais que me afaste de vós! Privai-me de tudo, menos do vosso amor.

Ó Maria, se Deus é meu Pai, sois vós minha Mãe. Abençoai-me também, e, já que não mereço ser filho, recebei-me como vosso servo.

Fazei, porém, que seja um servo que vos ame sempre com ternura e confie sempre em vossa proteção.

PONTO II

Pobres pecadores! Afadigam-se com empenho para adquirir a ciência humana e procurar os bens da vida presente, que tão cedo se acaba, e desprezam os bens dessa outra vida, que jamais terá fim! De tal modo perdem o juízo, que não somente se tornam insensatos, mas se reduzem à condição dos brutos; porque, vivendo como irracionais, sem considerar o que é o bem e o mal, seguem unicamente o instinto das afeições sensuais, entregam-se ao que lisonjeia a carne, sem pensar no que perdem, nem na ruína eterna que os ameaça. Isto não é portar-se como homem, senão como besta. “Chamamos homem, — diz São João Crisóstomo, — aquele que conserva a imagem essencial do ser humano”. Ser homem é, por conseguinte, ser racional, isto é, governar-se segundo os ditames da razão e não segundo o apetite sensual.

Se Deus desse a uma besta o uso da razão, e ela conforme a razão procedesse, diríamos que procedia

como homem. E, ao contrário, quando o homem se deixa guiar pelos sentidos contra a razão, deve dizer-se que procede como besta.

“Oxalá que eles tivessem sabedoria e compreendessem e previssem o fim” (Dt 32,29). O homem que se guia razoavelmente em suas obras, prevê o futuro, isto é, considera o que lhe há de acontecer no fim da vida: a morte, o juízo, e depois dele o inferno ou a glória. Quanto mais sábio é um simples aldeão que se salva, do que um monarca que se condena. “Vale mais um moço pobre, mas sábio, do que um rei velho e néscio, que não sabe prever nada para o futuro” (Ecl 4,13). Ó Deus! Não teríamos por louco aquele que, para ganhar um real, se arriscasse a perder todos os bens? E não deve passar por louco aquele que, a troco de um breve prazer, perde a sua alma e se expõe ao perigo de perdê-la para sempre? Esta é a causa da condenação de muitíssimas almas: ocupam-se em demasia dos bens e dos males presentes, e não pensam nos eternos.

Deus não nos colocou neste mundo para alcançarmos riquezas, nem adquirirmos honras ou contentarmos os sentidos, senão para procurarmos a vida eterna (Rm 6,22). E a consecução desta finalidade deve ser o nosso único interesse. Uma só coisa é necessária (Lc 10,42).

Ora, os pecadores desprezam este fim. Só pensam no presente. Caminham até ao término da vida e se acercam da eternidade, sem saberem para onde

se dirigem. “Que diríeis de um piloto — diz Santo Agostinho — que mostrasse ignorar completamente o rumo que deve dar a seu navio? Todos diriam que leva a nau à sua perdição”. “Tais são — continua o Santo — esses sábios do mundo, que sabem ganhar dinheiro, entregar-se aos prazeres, obter altos cargos, mas não acertam salvar suas almas”. Sábio do mundo foi Alexandre Magno, que conquistou numerosos reinos; mas, decorrido pouco tempo, morreu, e se condenou para sempre. Sábio foi o rico avarento que soube enriquecer; e, todavia, morreu e foi sepultado no inferno (Lc 15,22). Sábio dessa espécie foi Henrique VIII, que soube manter-se no trono, apesar de sua revolta contra a Igreja. Mas, no fim de seus dias, reconhecendo que tinha perdida sua alma, exclamou: Tudo para mim está perdido! Quantos desgraçados gemem agora no inferno! Vede, dizem eles, como todos os bens do mundo passaram qual sombra e já não nos causam senão constante pesar e eterno pranto (Sb 5,8)! “Ante o homem, a vida e a morte: aquilo que ele escolher, ser-lhe-á dado” (Ecl 15,18). Cristão! diante de ti se apresentam a vida e a morte, isto é, a voluntária privação das coisas ilícitas para ganhar a vida eterna, ou o entregar-te a eles e à morte eterna... Que dizes? Que escolhes?...

Procede como homem e não como bruto. Escolhe como cristão que tem fé, e diz: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo todo e perder sua alma?” (Mt 16,26).

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Deus! Destes-me a razão, a luz da fé e, contudo, portei-me como um irracional, preterindo vossa divina graça aos vós prazeres mundanos, que se dissiparam como o fumo, deixando apenas remorsos de consciência e dívidas para com vossa justiça. Ah, Senhor, não me julgueis pelo que mereço (Sl 142, 2), mas tratai-me segundo vossa misericórdia! Iluminai-me, meu Deus; dai-me dor sobre meus pecados, e perdoai-me. Sou a ovelha tresmalhada; se me não procurardes, perdido continuarei (Sl 118, 176). Tende piedade de mim, pelo sangue precioso que por mim derramastes. Arrependo-me, meu Sumo Bem, de vos ter abandonado e de ter renunciado voluntariamente à vossa graça.

Quisera morrer de dor; aumentai em mim essa contrição profunda e fazei que chegue ao céu para exaltar ali vossa infinita misericórdia...

Nossa Mãe Maria, meu refúgio e minha esperança, rogai por mim a Jesus; intercedei para que me perdoe e me conceda a santa perseverança.

PONTO III

Compenetremo-nos bem de que o verdadeiro sábio é aquele que sabe adquirir a graça divina e a glória. Roguemos ao Senhor para que nos conceda a ciência dos Santos, ciência que ele dá a quem lha

pede (Sb 10,10). Que bela ciência, a de saber amar a Deus e salvar a nossa alma! Isto é, a de acertar na escolha do caminho da eterna salvação e dos meios para consegui-la. O livro da salvação é, sem dúvida, o mais necessário de todos. Se o soubermos todo, sem saber salvar-nos, de nada nos aproveitaria o nosso saber. Seríamos para sempre infelizes.

Mas, ao contrário, seremos eternamente venturosos, se soubermos amar a Deus, ainda que ignoremos todas as demais coisas, como dizia Santo Agostinho. Certo dia, Frei Gil disse a São Boaventura: “Sois feliz, Padre Boaventura, pelo vosso profundo saber. Eu, pobre ignorante, nada sei. Sem dúvida, podereis tornar-vos mais santo do que eu. — Persuadi-vos, — respondeu o Santo, — de que uma pobre velha ignorante, que sabe amar a Deus melhor que eu, será mais santa que eu. — Ouvindo isto, o santo frei Gil exclamou: “Ó pobre velhinha, se amares a Deus, podes tornar-te mais santa que o Padre Boaventura”.

Quantos ignorantes há — dizia Santo Agostinho — que nunca aprenderam a ler, mas que sabem amar a Deus, e se salvam, e quantos doutos do mundo que se condenam!... Quão sábios foram um São Pascoal, um São Félix, capuchinho, um São João de Deus, apesar de ignorarem as ciências humanas! Quão sábios todos aqueles que, renunciando ao mundo, se encerraram nos claustros ou viveram em desertos, como um São Bento, um São Francisco de

Assis, um São Luís de Tolosa, que renunciou a coroa! Quão sábios, tantos mártires e tantas virgens, que renunciaram a honras, prazeres e riquezas para morrer por Cristo!... Ainda os próprios mundanos reconhecem esta verdade, e proclamam feliz aquele que se entrega a Deus e sabe o que tem de fazer para salvar a sua alma. Em suma: aqueles que renunciam aos bens da terra para se consagrar a Deus são chamados homens desenganados.

Como deveremos chamar os que preferem a Deus os bens do mundo?... Homens enganados.

Meu irmão! a qual dessas duas falanges queres pertencer? Para fazer boa escolha nos aconselha São João Crisóstomo que visitemos os cemitérios. Os sepulcros são escola excelente para reconhecer a vaidade dos bens deste mundo e para aprender a ciência dos Santos.

Dizei-me — adverte o Santo — saberíeis distinguir ali o príncipe do nobre ou do letrado”? “Eu, por mim, nada vejo, senão podridão e vermes”.

Todas as coisas do mundo passarão em breve, dissipar-se-ão como fábulas, sonhos e sombras.

Entretanto, cristão, se quiseres adquirir a verdadeira sabedoria, não basta que reconheças a importância de tua finalidade, mas é mister seguir os meios estabelecidos para alcançá-la. Não há ninguém que se não quisera salvar e santificar, mas como não em-

pregam os meios convenientes, condenam-se. É preciso evitar as ocasiões de pecar, freqüentar os sacramentos, fazer oração, e, sobretudo, gravar no coração as máximas do Evangelho, como, por exemplo, as seguintes: “Que aproveita ao homem se ganhar o mundo todo? (Mt 16,26). Quem ama desordenadamente a sua alma, perdê-la-á” (Jo 12,25). Ou seja, convém perder a vida, se necessário for, para salvar a alma. “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo” (Mt 16,20). Para seguir a Jesus Cristo é preciso recusar ao amor próprio a satisfação que exige.

Nossa salvação consiste no cumprimento da vontade divina (Sl 29,61).

AFETOS E SÚPLICAS

Pai de misericórdia! Lançai um olhar sobre minha grande miséria e compadecei-vos de mim. Iluminai-me, Senhor; fazei que reconheça minha loucura passada para que a deplore e aprecie e ame vossa bondade infinita. Ó meu Jesus, que destes vosso sangue para me remir; não permitais que volte a ser, como fui, escravo do mundo! (Sl 19). Arrependo-me, Sumo Bem, de ter-vos abandonado. Amaldição todos os momentos em que minha vontade consentiu no pecado, e abraço-me com vossa santíssima vontade, que só deseja a minha felicidade. Concedei-me, Eterno Pai, pelos merecimentos de Jesus Cristo, força para executar tudo quanto vos agrade, e fazei que prefira morrer a opor-me à vossa vontade. Ajudai-me

com a vossa graça a depositar em vós todo o meu amor, e a desligar-me de todo afeto que não conduza a vós. Amo-vos, ó Deus de minha alma, amo-vos sobre todas as coisas e de vós espero toda a felicidade; o perdão, a perseverança em vosso amor e a glória para vos amar eternamente...

Ó Maria, alcançai-me estas graças! O vosso divino Filho nada vos recusa. Confio em vós, minha esperança!

CONSIDERAÇÃO XXI

Vida infeliz dos pecadores e vida ditosa do que ama a Deus

Non est pax impiis, dicit Dominus.

Não há paz para os ímpios, disse o Senhor (Is 58,24).

Pax multa diligentibus legem tuam.

Muita paz para os que amam tua lei (Sl 118, 65).

PONTO I

Nesta vida, todos os homens se esforçam para conseguir a paz.

Trabalham o comerciante, o soldado, o advogado, porque pensam que, realizando tal negócio, obtendo tal promoção, ganhando tal demanda, alcançarão os favores da fortuna e poderão gozar da paz. Mas, ó pobres mundanos, que procurais a paz no mundo, que não a pode dar! Deus somente no-la pode dar. Dá a teus servos, — diz a Igreja em suas preces, — aquela paz que o mundo não pode dar. Não, não pode o mundo com todos os seus bens satisfazer o coração humano, porque o homem não foi criado para essa espécie de bens, mas unicamente para Deus; de modo que somente em Deus pode encontrar felicidade e repouso.

O ser irracional, criado para gozos materiais, procura e encontra a paz nos bens terrestres. Dai a um jumento um feixe de capim, dai a um cão um pedaço de carne, e ficarão satisfeitos, sem desejar mais coisa alguma. Mas a alma, criada para amar a Deus e unir-se a ele, não encontra paz nos deleites sensuais; só Deus a pode fazer plenamente feliz.

Aquele rico de que fala São Lucas tinha obtido de seus campos abundantíssima colheita, e dizia de si para consigo: “Minha alma, agora possuis bens abundantes, armazenados para muitos anos; descansa, come, bebe...” (Lc 12,19). Mas este rico infeliz foi chamado louco, e com toda a razão, diz São Basílio. “Desgraçado — exclama o Santo. Acaso, te equiparas a um animal e pretendes contentar tua alma com beber e comer e com os deleites sensuais?’ O ho-

mem — escreve São Bernardo — poderá fartar-se, mas nunca satisfazer-se com os bens do mundo. O próprio Santo, comentando este texto do Evangelho: “Eis que abandonamos tudo” (Mt 19,27), diz que observou muitos loucos com diversas manias. Todos — acrescenta — sofriam de fome devoradora; mas uns se saciavam com terra, símbolo dos avarentos; outros, aspiravam o ar, figura dos vaidosos; outros, ao redor da boca de uma fornalha, recebiam as fugazes centelhas, imagem dos iracundos; aqueles, enfim, símbolo dos desonestos, de um lago fétido bebiam suas águas corrompidas. E, dirigindo-se depois a todos, exclama o Santo: “Ó insensatos, não vedes que todas estas coisas, longe de extinguirem a fome, só a atiçam?’ Os bens do mundo são bens aparentes, e, por isso, não podem satisfazer o coração humano (Ag 1, 6); assim o avarento, quanto mais entesoura, mais quer entesourar, diz Santo Agostinho. O impudico, quanto mais se engolfa nos prazeres de seu vício, maior desgosto e cada vez mais terríveis desejos sente: e como é que poderia tranqüilizar-se seu coração com a imundície sensual? O mesmo sucede ao ambicioso, que aspira saciar-se com o fumo subtil de vaidades, poder e riquezas; porque o ambicioso atende mais ao que lhe falta do que ao que possui.

Alexandre Magno, depois de ter conquistado tantos reinos, lamenta-se por não ter adquirido o domínio das demais nações. Se os bens da terra pudessem contentar o homem, os ricos e os monarcas seriam plenamente felizes; mas a experiência prova o

contrário. É o que afirma Salomão, que assegura não ter negado nada a seus desejos (Ecl 2,10), e, contudo, exclama: “Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade” (Ecl 1,2), o que quer dizer; tudo quanto há no mundo é mera vaidade, mentira e loucura...

AFETOS E SÚPLICAS

Que me resta, meu Deus, das ofensas que vos fiz, senão amarguras e penas e méritos para o inferno? Não me acabrunha a dor que sinto, antes me consola e alivia, porque é um dom de vossa graça que se une à esperança de que me quereis perdoar. O que me aflige é o muito que vos hei injuriado, meu Redentor, que tanto me amastes. Merecia então, Senhor, que me abandonásseis; em vez disso, vejo que me ofereceis o perdão e que sois o primeiro a procurar a paz. Sim, meu Jesus, desejo a paz convosco, e mais que todas as coisas, desejo a vossa graça. Arrependo-me, Bondade infinita, de vos ter ofendido e quisera morrer de pura contrição. Pelo amor que tivestes comigo, morrendo por mim na cruz, perdoai-me e acolhei-me em vosso coração; mudai o meu de tal modo que, se muito vos ofendeu no passado, mais passe a vos agradar no futuro. Renuncio, por vosso amor, a todos os prazeres que o mundo possa oferecer-me e tomo a resolução de perder antes a vida do que vossa graça. Dizei-me o que quereis que eu faça para servir-vos, pois que desejo executá-lo. Nada de prazeres, nem de honras e riquezas; só amo a vós, meu Deus, meu gozo, minha glória, meu tesouro, mi-

nha vida, meu amor e meu tudo. Socorrei-me, Senhor, para que vos seja fiel; concedei-me o dom do vosso amor e fazei de mim o que vos aprouver.

Maria, Mãe e esperança nossa depois de Jesus Cristo, acolhei-me sob vossa proteção, e fazei que eu seja todo de Deus.

PONTO II

Além disso, disse Salomão que os bens do mundo não apenas são vaidades que não satisfazem a alma, mas que são penas que afligem o espírito (Ecl 1,14). Os pobres pecadores pretendem ser felizes carregados de suas culpas, mas só encontram amarguras e remorsos (Sl 13,3). Nada de paz, nem de tranqüilidade. Deus nos disse: “Não há paz para os ímpios” (Is 48,22). Primeiramente, o pecado traz em si o temor profundo da vingança divina; pois, assim como um homem, que tem um poderoso inimigo, não vive tranqüilamente, como poderá o inimigo de Deus repousar em paz? “O caminho do Senhor causa espanto para os que praticam o mal” (Pr 10,29). Quando a terra treme ou o trovão ribomba, como estremece aquele que se acha em pecado! Até o suave movimento da folhagem, às vezes, lhe causa pavor: “O zunido do terror amedronta constantemente os seus ouvidos” (Jo 15,21). Foge sem ver quem o persegue (Pr 28,1), porque seu próprio pecado corre empós dele. Caim matou seu irmão Abel e exclamou logo:

“Todo aquele que me encontrar me matará” (Gn 4,14). E não obstante o Senhor lhe ter assegurado que nada lhe aconteceria (Gn 4,15), — diz a Escritura, — Caim andou sempre fugitivo e errante (Gn 4,16). Quem era o perseguidor de Caim, senão o seu pecado? Além disso, a culpa anda sempre acompanhada do remorso, esse verme roedor que jamais repousa. Dirija-se, embora, o pobre pecador a banquetes, saraus e teatros, a voz da consciência o acompanha e lhe diz: Estás no desafeto de Deus; se morreres, para onde é que irás? O remorso é pena tão angustiada, mesmo nesta vida, que alguns desgraçados, para se livrar de seu peso, suicidam-se. Um desses foi Judas que, como é sabido, desesperado, se enforcou. Conta-se de outro criminoso que, tendo assassinado uma criança, sentiu remorsos tão horríveis, que para acalmá-los se fez religioso; mas nem no claustro encontrou a paz. Foi ter com o juiz e declarou-lhe o seu delito, pelo qual foi condenado à morte.

Que é a alma privada de Deus?... Um mar tempestuoso, — diz o Espírito Santo (Is 57,20). Se alguém fosse convidado a uma festa, baile ou concerto, e ali lhe tivessem atado mãos e pés com ligaduras: poderia desfrutar daquela diversão? Tal é a situação do homem que vive na abundância dos bens do mundo sem possuir a Deus. Coma, beba, dance, ostente ricos vestidos, receba honras, ocupe altos cargos e adquira dignidades, mas jamais gozará paz. A paz vem unicamente de Deus e Deus a dá àqueles

que o amam; não a seus inimigos.

Os bens deste mundo — diz São Vicente Ferrer — são todos exteriores, não entram no coração. Aquele pecador ostenta, talvez, vestidos bordados e anéis de diamantes, tem mesa esplêndida; mas o seu pobre coração se conservará cheio de espinhos e de fel. Vê-lo-eis, por isso, sempre inquieto, mesmo no meio de tantas riquezas, prazeres e divertimentos. À menor contrariedade se impacienta e se enfurece como um cão hidrófobo. Aquele que ama a Deus, se resigna e se conforma à vontade divina na adversidade e encontra paz e consolo. Isto, porém, não pode fazer aquele que é inimigo da vontade de Deus. E por isso não encontra meio de tranqüilizar-se.

Este desgraçado serve ao demônio, tirano cruel, que lhe paga com aflições e amarguras. Cumpre-se deste modo a palavra do Senhor, que diz: “Porquanto não serviste com gozo ao Senhor teu Deus, servirás a teu inimigo com fome, com sede, com nudez e com toda espécie de miséria” (Dt 28,47-48). Quanto não sofre o vingativo, depois de se ter vingado! quanto o impudico, apenas tenha conseguido seus intuitos! quanto os ambiciosos e avaros!... Quantos seriam santos, se sofressem por causa de Deus o que padecem para se condenarem!

AFETOS E SÚPLICAS

Ó tempo que perdi!... Senhor, quantos merecimentos para a glória teria eu agora acumulado, se

houvesse sofrido em servir-vos as aflições e trabalhos que padeci, ofendendo-vos. Ah! meu Deus, por que vos abandonei e perdi vossa graça?... Por prazeres envenenados e fugitivos que, apenas desfrutados, desapareceram e me deixaram o coração cheio de feridas e de angústias... Pecados meus! maldigo-vos e detesto-vos mil vezes; assim como bendigo vossa misericórdia, Senhor, que com tamanha paciência me tem sofrido. Amo-vos, meu Criador e Redentor, que por mim destes a vida. E, por isso, vos amo, arrependo-me de todo o coração de vos ter ofendido... Meu Deus, meu Deus, por que vos perdi? Por que vos substituí? Agora reconheço o mal que pratiquei, e estou resolvido a perder tudo, inclusive a própria vida, do que perder vosso amor. Padre Eterno, iluminai-me pelo amor de Jesus Cristo.

Fazei-me conhecer o bem infinito, que sois vós, e a vileza dos bens que me oferece o demônio para me fazer perder a vossa graça. Amo-vos e desejo amar-vos cada vez mais. Fazei que vós sejais meu único pensamento, meu único desejo, meu único amor. Espero tudo da vossa bondade pelos merecimentos de vosso Filho...

Maria, nossa Mãe, pelo amor que tendes a Jesus Cristo, peço-vos que me alcanceis luz e força para servir-vos e amar-vos até à morte.

PONTO III

Se todos os bens e prazeres do mundo não po-

dem satisfazer o coração humano, quem o poderá contentar?... Só Deus (Sl 36,4). O coração humano anda sempre à procura de bens que o possam saciar.

Alcança riquezas, honras ou prazeres, mas não se satisfaz, porque tais bens são finitos e ele foi criado para o bem infinito. Quando, porém, encontra Deus e se une a ele, se aquieta, acha consolo e não deseja nada mais. Santo Agostinho, enquanto se ateuve à vida sensual, jamais gozou de paz; mas, quando passou a entregar-se a Deus, fez esta confissão ao Senhor: “Meu Deus, vejo agora que tudo é dor e vaidade, e que só vós sois a verdadeira paz da alma”. Feito assim mestre por experiência própria, escrevia: Que procuras, homem? procuras bens?...

Procura o único Bem, no qual se encerram todos os demais” (Sl 41,3).

Depois de ter pecado, o rei David entregava-se à caça, distraía-se nos seus jardins e em banquetes, gozava de todos os prazeres de um monarca.

Mas as festas, as florestas e as demais criaturas em que ele se comprazia, não faziam senão dizer-lhe a seu modo: “David, queres encontrar em nós paz e satisfação? Não te podemos contentar... Procura teu Deus (Ibid), pois que unicamente ele te pode satisfazer”. Por essa razão, David gemia no meio de seus prazeres, e exclamava: “Minhas lágrimas me têm servido de alimento dia e noite, e me dizem dia-a-dia: Onde está teu Deus?’ Como sabe Deus, ao contrário,

contentar as almas fiéis que o amam! São Francisco de Assis, que abandonou tudo por causa de Deus, achava-se descalço, meio morto de frio e de fome, coberto de farrapos, mas, só ao proferir as palavras “Meu Deus e meu tudo”, já sentia gozo inefável e celestial. São Francisco de Bórgia que, durante suas viagens de religioso, muitas vezes, teve de pernoitar sobre um monte de palha, experimentava tamanha consolação que o privava de dormir. Da mesma maneira, São Filipe Néri, despojado e livre de todas as coisas, não conseguia repousar à vista dos consolos que Deus lhe dava, em tal escala, que dizia: “Deixai-me descansar, meu Jesus”. O padre jesuíta Carlos de Lorena, da família dos príncipes de Lorena, punha-se, às vezes, a dançar de alegria, quando entrava em sua pobre cela. Nas Índias, São Francisco Xavier, no meio de seus trabalhos apostólicos, descobria o peito, exclamando: Basta, Senhor, de consolações, que meu coração já não as suporta. Santa Teresa dizia que dá mais contentamento uma gota de celestial consolação, que todos os prazeres do mundo. Efetivamente, não podem faltar as promessas do Senhor, que ofereceu dar, ainda nesta vida, aos que renunciaram por seu amor aos bens da terra, o cêntuplo de paz e de alegria (Mt 19,29).

Que andamos, pois, a procurar tanto? Procuremos a Jesus Cristo, que nos chama e diz: “Vinde a mim todos os que estais carregados e fatigados e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). A alma que ama a Deus, encontra essa paz que excede todos os prazeres e to-

das as satisfações que podem vir do mundo e dos sentidos (Fp 4,7). É verdade que nesta vida até os santos têm que sofrer; porque a terra é lugar para merecimentos e não se pode merecer sem sofrer. Diz, contudo, São Boaventura, que o amor divino é semelhante ao mel que torna doces e agradáveis as coisas mais amargas. Quem ama a Deus, ama sua divina vontade, e é por isso que goza espiritualmente nas próprias tribulações, porque sabe que, resignando-se, agrada e compraz ao Senhor... Ó meu Deus! Os pecadores desprezam a vida espiritual sem tê-la experimentado. Vêem somente, diz São Bernardo, as mortificações que sofrem os amigos de Deus e os deleites de que se privam; mas não consideram as inefáveis delícias espirituais com que o Senhor nos cumula e acaricia. Ah! se os pecadores provassem a paz de que desfruta a alma que só ama a Deus! “Experimentai e vede — diz David — quão suave é o Senhor” (Sl 33,9).

Começa, pois, meu irmão, a fazer meditação diária, a comungar com freqüência, a visitar devotamente o Santíssimo Sacramento; começa a desprezar o mundo e a entregar-te a Deus, e verás como o Senhor te dá, no pouco tempo que lhe consagras, maiores consolações que todas as que o mundo te deu com os seus prazeres. Provai e vereis.

Quem não experimentar, não poderá compreender o quanto Deus sabe contentar uma alma que o ama.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu amantíssimo Redentor, quanto fui cego ao apartar-me de vós, Sumo Bem, Fonte de todo consolo, entregando-me aos pobres e miseráveis prazeres do mundo! Minha cegueira assombra-me; porém mais ainda vossa misericórdia, que com tanta bondade me tem suportado.

Agradeço-vos de todo o coração por me terdes feito conhecer meu triste estado e o dever que me impele a amar-vos cada vez mais. Aumentai em mim o desejo e o amor... Fazei, ó Amabilidade infinita, que, enlevado eu de vós, considere que nada mais tendes a fazer para ser amado por mim e que desejais o meu amor. Se quiserdes, podereis purificar-me (Mt 8,8). Purificai, pois, meu coração, caríssimo Redentor; purificai-o de tantos afetos impuros que me não deixam amar-vos como quisera.

Não conseguem minhas forças que meu coração se una inteiramente a vós e a vós somente ame. Deve ser este um efeito de vossa graça, para a qual nada há de impossível. Desligai-me de tudo; arrancai-me de minha alma tudo o que não conduz a vós, e fazei que seja inteiramente vosso. Arrependo-me de todas as ofensas que vos fiz e proponho consagrar o restante da minha vida ao vosso santo amor. Vós, porém, o haveis de realizar. Fazei-o pelo sangue que derramastes por mim com tanto amor e dor. Seja pa-

ra glória da vossa onipotência que meu coração, outrora cativo de afeições terrenas, arda doravante em amor por vós, ó Bondade infinita!...

Mãe do belo amor! Alcançai que, por meio de vossas súplicas, minha alma se abraça, como a vossa, em caridade para com Deus.

CONSIDERAÇÃO XXII

Dos mau hábitos

Impius, cum in profundum venerit peccatorum, contemnit.

O ímpio, depois de ter caído no abismo dos pecados, tudo despreza (Pr 18,3).

PONTO I

Uma das maiores desventuras que nos legou a culpa de Adão é a nossa propensão ao pecado. Dela se lamenta o Apóstolo, sentindo-se levado pela concupiscência ao próprio mal que aborrecia: “Veio outra lei a meus membros que... me leva preso à lei do pecado” (Rm 8,25). Resulta daí que nós, infeccionados de tal concupiscência e cercados de tantos inimigos que nos incitam ao mal, dificilmente chegaremos sem

culpa à glória. Reconhecida, pois, esta fragilidade a que estamos sujeitos, pergunto eu: “Que dirias de um viajante que, devendo atravessar o mar durante forte tempestade e num barco meio avariado, quisesse carregá-lo com tal peso que, mesmo que não houvesse tempestade e ainda que o navio fosse de construção resistente, bastaria para fazê-lo soçobrar?... Que prognóstico formarias sobre a vida deste viajante? Pois pensa o mesmo do indivíduo de maus hábitos e costumes, que deve cruzar o mar tempestuoso da vida, em que tantos naufragam, num barco frágil e avariado, como é nosso corpo no qual viaja a alma. Que sucederá se o carregarmos ainda com o peso irresistível dos pecados habituais? É difícil que tais pecadores se salvem, porque os maus hábitos cegam o espírito, endurecem o coração e ocasionam provavelmente a obstinação completa na hora da morte.

Primeiramente, o mau hábito nos cega. Qual o motivo que fazia os Santos implorar incessantemente a luz divina, temendo converter-se nos pecadores mais abomináveis do mundo? É porque sabiam que, se chegassem a perder a luz divina, poderiam cometer culpas horrendas.

E como se explica que tantos cristãos vivem obstinadamente em pecados, até que irremediavelmente se condenam? Porque o pecado os cega, e por isso se perdem (Sb 2,21). Toda culpa traz consigo cegueira e, acumulando-se os pecados, agrava-se a cegueira do pecador.

Deus é nossa luz; quanto mais se afasta a alma de Deus, tanto mais se mergulha nas trevas. “Seus ossos se encherão de vícios” (Jo 20,11).

Assim como o sol não pode penetrar através de um vaso cheio de terra, assim não pode entrar a luz divina num coração cheio de vícios. Vemos, por isso, com frequência, muitos pecadores, sem luz que os guie, a cair de pecado em pecado e sem que procurem emendar-se (Sl 11,9). Caídos esses infelizes no abismo de trevas, só sabem pecar e falar em pecados; não pensam mais que em pecar e já não consideram sequer o grave mal que é o pecado. “O costume de pecar — diz Santo Agostinho — não deixa o pecador reconhecer o mal que pratica”. Vivem desta maneira como se não acreditassem na existência de Deus, do céu, do inferno e da eternidade.

Acontece que o pecado, que ao princípio causava horror, por efeito do mau hábito, já não repugna. “Agita-os como uma roda, e como uma palhinha diante do soprar do vento” (Sl 82,14). Vede — diz São Gregório — a facilidade com que é levantada uma palha pela brisa mais suave; assim também veremos muitos que antes da queda resistiam, ao menos por algum tempo, e combatiam até contra as tentações, mas agora, contraído o mau hábito, sucumbem a qualquer tentação, em toda ocasião de pecar que se apresente. E por quê? Porque o mau hábito os privou da luz. Diz Santo Anselmo que o demônio procede com certos pecadores como aquele que tem um passarinho pre-

so por um cordel.

Ele o deixa voar, mas, quando quer, o faz cair por terra. Tal semelhança — afirma o Santo — é aplicável àqueles que são dominados pelo mau hábito¹. Alguns há, acrescenta São Bernardino de Sena, que pecam sem que a ocasião se apresente. Compara-os este grande Santo aos moinhos de vento que qualquer aragem faz girar² e que continuam em movimento mesmo que não haja grão para moer, e, às vezes, até rodam contra a vontade do dono. Estes pecadores, observa São João Crisóstomo, vão forjando maus pensamentos, sem ocasião, sem prazer, quase contra sua vontade, tiranizados pela força do mau hábito.

Porque, segundo disse Santo Agostinho, o mau hábito se converte logo em necessidade. O costume, segundo nota São Bernardo, se muda em natureza. Daqui se segue que, assim como ao homem é necessário respirar, assim parece que o pecado se torna necessário para aqueles que habitualmente pecam e se fazem escravos do demônio.

Disse escravos, porque os criados trabalham por seu salário; mas os escravos servem à força, sem paga de espécie alguma. Nisto caem alguns desgraçados: chegam a pecar sem prazer nem desejo.

“O ímpio, depois de ter caído no abismo dos pecados, tudo despreza” (Pr 18,3). São João Crisóstomo aplica estas palavras ao pecador obstinado nos

maus hábitos, que, mergulhado naquele abismo tenebroso, despreza a correção, os sermões, as censuras, o inferno e até Deus. Menospreza tudo e se torna semelhante ao abutre voraz que, longe de fugir do cadáver em que se repasta, prefere que os caçadores o matem. Refere o padre Recúpito, que um condenado à morte, indo para o cadafalso, levantou os olhos e, vendo uma donzela formosa, consentiu logo num mau pensamento. O Padre Gisolfo conta que um blasfemo, também condenado à morte, proferiu uma blasfêmia no mesmo momento em que o verdugo o lançava na escada para enforcá-lo.

Com razão, pois, nos diz São Bernardo que é inútil, em geral, rezar pelos pecadores por hábito e que é melhor pranteá-los como condenados.

Como é que eles houveram de sair do precipício em que se lançaram, se perderam a vista? Seria necessário um milagre da graça. Abrirão os olhos no inferno, quando o reconhecimento de sua desgraça só lhes dá de servir para chorar mais amargamente a sua loucura.

AFETOS E SÚPLICAS

Haveis prodigalizado, meu Senhor e Deus, os vossos benefícios, favorecendo-me mais que a outros, e eu, em compensação, vos cumulei de ofensas, injuriando-vos mais que todos... Ó querido Coração do meu Redentor, que tão afligido e atormentado fostes na cruz pela perversidade de minhas culpas: con-

cedei-me, por vossos merecimentos, profundo conhecimento e viva dor dos meus pecados... Ah, meu Jesus! estou cheio de vícios, mas vós sois onipotente e podeis encher minha alma do vosso santo amor. Em vós, portanto, confio, porque sois a bondade e misericórdia infinitas. Arrependo-me, soberano Bem, de vos ter ofendido e quisera ter morrido antes de pecar. Esqueci-me de vós, mas vós não me esqueceis; reconheço-o pela luz com que agora iluminais minha alma. Já que me dais essa luz divina, concedei-me também força para servir-vos fielmente. Prefiro a morte a separar-me de vós, e ponho em vosso auxílio todas as minhas esperanças. In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum. Em vós espero, Jesus meu, que não hei de ver-me outra vez na confusão da culpa e privado da vossa graça. A vós também me recomendo, ó Maria, nossa Mãe. In te, Domina, speravi, non confundar in aeternum. Por vossa intercessão confio, ó esperança nossa, nunca mais me ver na inimizade do vosso divino Filho. Rogai-lhe que antes me envie a morte que permitir tamanha desgraça.

PONTO II

Os maus hábitos, além disso, endurecem o coração, permitindo-o Deus justamente em castigo da resistência que se opõe a seus convites.

Diz o Apóstolo que o Senhor “tem misericórdia de quem quer, e endurece a quem quer” (Rm 9,18). Santo Agostinho explica este texto⁶, dizendo que Deus

não endurece de um modo imediato o coração daquele que peca habitualmente, mas que o priva da graça em castigo da ingratidão e obstinação com que repeliu a que antes lhe havia concedido; e em tal estado o coração do pecador se endurece como se fosse de pedra.

Seu coração se endurecerá como pedra, e se apertará como a bigorna do ferreiro (Jo 41,15). Sucede assim que, enquanto alguns se enternecem e choram ao ouvir falar do rigor do juízo divino, das penas dos condenados e da Paixão de Cristo, os pecadores por hábito nem sequer se comovem. Falam e ouvem falar destas coisas com indiferença, como se dissessem não se importassem: e por causa destes golpes do mau costume, a consciência se endurece cada vez mais (Jo 41,15).

Por conseguinte, nem as mortes repentinas, nem os tormentos, trovões e raios, são capazes de atemorizá-los e fazê-los voltar a si. Ao contrário, mergulham cada vez mais profundamente no sono da morte em que, perdidos, repousam (Sl 85,7). O mau hábito sufoca, pouco a pouco, o remorso da consciência de tal modo, que ao pecador habitual os pecados mais enormes não passem de coisas sem importância (Santo Agostinho). Perdem pecando, diz São Jerônimo⁷, até essa vergonha que a ação culposa traz consigo naturalmente. São Pedro compara-os ao suíno que se revolve no lamaçal (2Pd 2,22), pois assim como este animal imundo não percebe o fétido da

estrumeira em que se revolve, assim aqueles pecadores são os únicos insensíveis à hediondez de suas culpas, que todas as outras pessoas percebem e detestam. E se este lodaçal lhes tira até a faculdade da visão, é, porventura, para admirar — diz São Bernardino — que não voltem a si, nem quando os açoita a mão de Deus. Daí resulta que, em vez de se afligir com os seus pecados, ainda se regozijam, se riem e se vangloriam deles (Pr 2,14).

Que indicam estes sinais de diabólica dureza? — pergunta São Tomás de Vila Nova. São todos sinais de eterna condenação. Teme, pois, meu irmão, que não te suceda esta desgraça. Se tens algum mau hábito, procura libertar-te agora que Deus te chama. Enquanto sentes moossa na consciência, regozija-te, porque é indício de que Deus ainda não te abandonou. Urge, porém, corrigir-te e sair o mais breve possível desse estado, doutra maneira gangrenar-se-á a ferida e te verás perdido.

AFETOS E SÚPLICAS

Como poderei, Senhor, agradecer-vos devidamente todas as graças que me haveis concedido? Quantas vezes me tendes chamado, e eu resistido! Em lugar de servir-vos e amar-vos, por me terdes livrado do inferno e chamado com tanto amor, continuei a provocar vossa indignação e corresponder com ofensas. Não, meu Deus, não; muitas vezes vos tenho ofendido, não quero ultrajar mais a vossa paciência. Só vós, que sois a Bondade infinita, pudestes

suportar-me até agora. Mas reconheço que, com justa razão, não podereis continuar a suportar-me.

Perdoai-me, pois, meu Senhor e Sumo Bem, todas as ofensas que vos fiz. De todo o coração me arrependo e proponho não tornar a injuriar-vos...

Porventura, hei de continuar a ofender-vos?... Aplacai-vos, portanto, Deus de minha alma, não pelos meus merecimentos, que somente valem para o castigo eterno, mas pelos merecimentos do vosso Filho, meu Redentor, nos quais deposito minha esperança. Pelo amor de Jesus Cristo, recebei-me na vossa graça e dai-me a perseverança no vosso amor. Desprendeime dos afetos impuros e atraí-me inteiramente a vós. Amo-vos, soberano Senhor, excelso, amante das almas, digno de infinito amor... Oh, se vos tivesse amado sempre!...

Maria, nossa Mãe, fazei que não empregue o restante da minha vida em ofender vosso divino Filho, mas somente em amá-lo e chorar os pecados que hei cometido.

PONTO III

Privado da luz que nos guia e endurecido o coração, que admira que o pecador tenha mau fim e morra obstinado em suas culpas? (Ecl 3,27). Os justos andam sempre pelo caminho reto (Is 26,7). Ao contrário, aqueles que pecam habitualmente caminham

sempre em linhas tortuosas (Sl 11,9). Se deixam o pecado por algum tempo, voltam de novo a ele; pelo que São Bernardo os ameaça com a condenação. Talvez algum deles queira emendar-se antes que lhe chegue a morte. Mas é precisamente nisto que está a dificuldade: o pecador por hábito, ainda que chegue à velhice, não se emenda. “O homem, segundo o caminho que tomou sendo jovem, — diz o Espírito Santo — não se afastará dele, mesmo quando for velho (Pr 22,6). A razão é que — diz São Tomás de Vilanova — nossas forças são muito débeis¹⁰, e, portanto, a alma privada da graça não pode abster-se de novos pecados. Além disso, não seria grande loucura se nos propuséssemos jogar e perder voluntariamente todos os nossos haveres, esperando reavê-los na última parti- 71 da? Não é menor a necessidade de quem vive em pecado e espera reparar tudo no derradeiro instante da vida. Pode, porventura, o etíope mudar a cor de sua pele, ou o leopardo as suas malhas? Tampouco poderá levar vida religiosa aquele que tem costumes perversos e inveterados (Jr 13,23), senão que, por fim, se entregará ao desespero e acabará desastrosamente os seus dias (Pr 28,14).

Comentando São Gregório o seguinte texto do livro de Jó: “Abriu-me chaga sobre chaga; caiu sobre mim como um gigante” (Jo 16,15), disse: Se alguém se vê assaltado por inimigos, mesmo que receba uma ferida, ainda poderá continuar a defender-se; mas se outra e mais vezes o ferirem, irá perdendo as forças, até que, afinal, cai desfalecido.

Assim acontece com o pecado. Depois da primeira ou da segunda queda, resta ainda alguma força ao pecador (assistido sempre por meio da graça); mas, se continuar pecando, o pecado se converte em gigante¹¹; enquanto o pecador, ao contrário, cada vez mais fraco e coberto de feridas, não pode evitar a morte. Jeremias compara o pecado a uma grande pedra que oprime a alma (Lm 3,53); e tão difícil é — acrescenta São Bernardo — converte-se quem habitualmente peca, como ao homem sepultado debaixo de enormes pedras e destituído de forças para movê-las, é o livrar-se do peso que o esmaga.

Estou, portanto, condenado e sem esperança? — perguntará, talvez, algum destes infelizes pecadores... Não, se deveras quiseses emendar-te. Mas os males gravíssimos requerem remédios heróicos. Fala-se a um doente em perigo de vida, e se não quer tomar medicamentos, porque ignora a gravidade da moléstia, o médico lhe diz que, se não usar o remédio receitado, morrerá indubitavelmente. Que responderá o enfermo? “Estou pronto a obedecer em tudo... Disso depende a minha vida”. Meu irmão, a mesma coisa há de fazer. Se incorres habitualmente em qualquer pecado, estás enfermo e atacado daquele mal que, segundo diz São Tomás de Vilanova, raras vezes se cura. Achas-te em grande risco de condenação. Se quiseses, entretanto, curar-te, eis aqui o remédio. Não debes esperar um milagre da graça. Impende evitar resolutamente as ocasiões perigosas, fugir das más companhias e resistir às tentações, re-

comendando-te a Deus. É preciso que te confesses a miúdo, que faças cada dia leitura espiritual e te entregues à devoção da Virgem Santíssima, pedindo-lhe continuamente que te alcance forças para não recair. É necessário que te domines e empregues violência.

Do contrário incorrerás na ameaça do Senhor: Morrereis em vosso pecado (Jo 8,21). Se não aplicares agora o remédio, quando Deus te ilumina, mais tarde dificilmente poderás remediá-lo. Ouve a voz do Senhor que te diz como a Lázaro: “Vem para fora”. Pobre pecador já morto! Sai do sepulcro de tua má vida. Responde depressa e entrega-te a Deus. Teme que não seja este o último apelo que te faz.

AFETOS E SÚPLICAS

Hei de esperar, ó meu Deus, que me abandoneis e condeneis ao inferno? Ó Senhor, esperai por mim; quero mudar de vida e entregar-me a vós. Dizei-me o que devo fazer, pois quero pô-lo em prática... Sangue de Jesus Cristo, ajudai-me! Virgem Maria, advogada dos pecadores, socorrei-me! E vós, Padre Eterno, pelos merecimentos de Jesus e Maria, tende misericórdia de mim! Arrependo-me, ó Deus de infinita bondade, de vos ter ofendido e amo-vos sobre todas as coisas. Perdoai-me, por amor de Cristo, e concedei-me o dom do vosso amor. Inspirai-me também grande temor de minha condenação eterna, se viesse a ofender-vos de novo. Dai-me, meu Deus, luz e força, que tudo espero da vossa misericórdia. Já que

tantas graças me outorgastes quando vivia afastado de vós, muitas mais espero agora, quando volto ao vosso seio, resolvido a que sejais meu único amor. Amo-vos, meu Deus, minha vida e meu tudo! Amo-vos também, Maria, nossa Mãe. Em vossas mãos encomendo minha alma para que, por vossa intercessão, a preserveis de cair na desgraça do desafeto de Deus.

CONSIDERAÇÃO XXIII

Dos enganos que o inimigo sugere ao pecador

(Apesar de que muitos pensamentos incluídos nesta meditação já tenham sido considerados nas precedentes, é útil, todavia, compendiar-los e reuni-los aqui a fim de combater os enganos usuais de que se serve o demônio para iludir os pecadores à reincidência em suas culpas.)

PONTO I

Imaginemos que um jovem, réu de graves pecados, se confessou e recobrou a graça divina. O demônio tenta-o novamente, a fim de que recaia em seus pecados. O jovem resiste no princípio, mas começa a vacilar em vista das ilusões que o inimigo lhe

sugere. “Meu irmão — lhe direi — que queres fazer? Desejas, porventura, sacrificar a uma vil satisfação essa excelsa graça de Deus, que reconquistaste, e cujo valor excede ao do mundo inteiro? Queres firmar por tuas próprias mãos a tua sentença de morte eterna e condenar-te a sofrer para sempre no inferno?” — “Não — responder-me-ás — não quero condenar-me, mas salvar a minha alma. Mesmo que cometa esse pecado, confessá-lo-ei logo...” Tal é a primeira sugestão do tentador. Confessar-se depois! Entretanto, perde-se a alma! Dize-me: se tivesses na mão uma formosa jóia de altíssimo valor, lançá-la-ias ao rio, dizendo: procurá-la-ei com cuidado, pois espero encontrá-la? Tens entretanto, em tua mão, essa jóia riquíssima de tua alma, que Jesus Cristo resgatou com seu sangue.

Voluntariamente a lanças no inferno, pois no ato de pecar caís condenado e dizes que a recobrarás pela confissão. E se não a recobras? Para recuperá-la é mister verdadeiro arrependimento, que é um dom de Deus. E Deus pode não te conceder. E se a morte vier e te arrebatou o tempo para a confissão? Asseguras que não deixas passar uma semana sem confessar tuas culpas. E quem te prometeu essa semana? Dizes que te confessarás amanhã. E quem te promete esse dia? O dia de amanhã — diz Santo Agostinho — Deus não te prometeu; talvez te concederá, talvez não², como aconteceu a muitos, que se recolheram sadios à noite para dormir em suas camas e amanheceram mortos. A quantos o Senhor feriu de morte

no próprio ato do pecado e os precipitou no inferno! E se fizesse o mesmo contigo? Como conseguirias remediar tua eterna perdição? Persuade-te, pois, de que com o dizer “depois me confessarei” o demônio tem arrastado ao inferno milhares e milhares de almas. Porque raras vezes se encontrarão pecadores tão desesperados que queiram condenar-se a si mesmos. Todos, ao pecar, o fazem com esperança de reconciliar-se depois com Deus. É esta a causa por que tantos infelizes têm sido condenados, tornando-se irremediavelmente perdidos.

Talvez digas que não poderás resistir à tentação que se apresenta.

Este é o segundo que sugere o inimigo, fazendo-te crer que não tens forças para combater e vencer tuas paixões. Em primeiro lugar, é mister que saibas — como diz o Apóstolo — que Deus é fiel e não permite que sejamos tentados com violência superior às nossas forças (2Cor 10,13).

Além disso, se agora não és capaz de resistir, como podes ter esperança de consegui-lo depois, quando o inimigo não cessar de induzir-te a novos pecados e tiver sobre ti muito mais força que antes, enquanto tu serás mais fraco? Se pensas que agora não podes extinguir essa chama, como crês que a apagarás mais tarde, quando ela lavrar com mais violência?... Afirmas que Deus te ajudará. Mas esse seu auxílio poderoso ele te dá agora. Por que não queres valer-te dele para resistir? Esperas, acaso, que Deus

multiplique seu auxílio e sua graça a teu favor, quando tiveres avolumado as tuas culpas? E se desejas maior socorro e mais forças, por que é que não os pedes a Deus? Duvidas, talvez, da fidelidade do Senhor, que prometeu conceder tudo o que se lhe pedir? (Mt 7,7). Deus não se esquece de suas promessas. Recorre a ele e dar-te-á a força de que necessitas para resistir à tentação. Deus — segundo a palavra do Concílio de Trento — não ordena coisas impossíveis.

Ao dar o preceito, quer que façamos o que estiver ao nosso alcance com o auxílio atual que nos proporciona; e se este auxílio não for suficiente para resistir, nos exorta a que o impetremos mais, pois, pedindo-lhe com os devidos requisitos, o concederá certamente.

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Deus, por terdes sido vós tão bondoso para comigo é que eu tenho sido tão ingrato para convosco? Como à porfia, Senhor, afastei-me de vós e vós a procurar-me. Vós a cumular-me de bens e eu a ofender-vos! Ó meu Senhor! mesmo que fosse somente pela vossa bondade para comigo, devia inflamar-me no amor que vos devo, porque, à medida em que eu avolumava as culpas, vós me aumentáveis a graça para emendar-me. Como é que mereci a luz com que iluminais a minha alma? Agradeço-vos, meu Deus, de todo o coração e espero ir agradecer-vos eternamente no céu, pois os merecimentos de vosso

sangue preciosíssimo me infundem consoladora esperança de salvação, fundada na imensa misericórdia que me tendes prodigalizado. Espero, entretanto, que me dareis força para nunca mais vos trair, e proponho, com o auxílio de vossa graça, preferir mil vezes a morte a tornar ofender-vos. Basta de ofensas que vos fiz! Quero passar o resto da vida, entregando-me a vosso amor. E como não hei de amar um Deus que morreu por mim e que me tem aturado com tanta paciência, apesar das ofensas que pratiquei?... Arrependo-me de todo o coração, Deus de minha alma, e quisera morrer de dor!... Se na vida passada me apartei de vós, agora amo-vos sobre todas as coisas, mais que a mim mesmo...

Eterno Pai, pelos merecimentos de Jesus Cristo, socorrei um miserável pecador que vos deseja amar...

Maria, minha esperança, ajudai-me! Alcançai-me a graça de recorrer sempre a vosso divino Filho e a vós, todas as vezes que o inimigo me excitar a cometer novos pecados.

PONTO II

Dizes que o Senhor é Deus de misericórdia. Aqui se oculta o terceiro engano, muito comum entre os pecadores, e pelo qual não poucos se condenam. Escreve um sábio autor que mais almas envia ao inferno a misericórdia do que a justiça de Deus, porque os pecadores, confiando temerariamente naquela,

não deixam de pecar, e se perdem.

O Senhor é Deus de misericórdia: quem o nega? Contudo, quantas almas manda Deus todos os dias às penas eternas! É, na verdade, misericordioso, mas é também justiceiro; e este predicado o obriga a castigar a quem o ofende. Usa de misericórdia com aqueles que o temem (Sl 102,11-13). Naqueles, entretanto, que o desprezam e abusam da clemência divina para continuar a ofendê-lo, tem que resplandecer somente a justiça de Deus. E com toda a razão, porque o Senhor perdoa o pecado, mas não pode perdoar a vontade de pecar. Aquele que peca — diz Santo Agostinho — pensando que se arrependerá depois de ter pecado, não é penitente, mas zomba de Deus e o menospreza.

Ora, o Apóstolo nos adverte de que Deus não consente que zombem dele (Gl 6,7). E que irrisão maior haveria do que ofendê-lo como e quando quiséramos, e ainda aspirar à glória? “Assim como Deus foi tão misericordioso para comigo em minha vida passada, espero que o será também no futuro”. “Este é o quarto engano. Porque o Senhor se compadeceu de ti até agora, porventura, usará sempre de clemência e não castigará jamais?... Muito pelo contrário.

Quanto maior tenha sido sua clemência, tanto mais debes temer que deixe de perdoar-te, e que te castigue com rigor se voltares a ofendê-lo.

“Não digais — exclama o Eclesiástico — pequei e

não recebi castigo, porque o Altíssimo, ainda que paciente, é justiceiro” (Ecl 5,4). Quando sua misericórdia chega ao limite que determinou para cada pecador, passa a castigá-lo por todas as culpas que o ingrato cometeu. E a pena será tanto mais dura, quanto mais tempo Deus esperou o culpado, disse São Gregório.

Se vires, pois, meu irmão, que, apesar de tuas freqüentes ofensas a Deus, ainda não foste castigado, debes dizer: “Senhor, grande é meu reconhecimento, porque ainda não me condenastes ao inferno, que tantas vezes mereci” (Lm 3,22). Considera que muitos pecadores, por culpas menos graves que as tuas, foram condenados irremediavelmente.

Trata, por isso, de satisfazer por teus pecados mediante o exercício da penitência e de outras boas obras. A benevolência com que Deus te tratou deve ensinar-te não só a deixar de ofendê-lo, mas a servi-lo e amá-lo sempre, tendo em vista a imensa misericórdia que te fez de preferência a outros.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Jesus crucificado, meu Redentor e meu Deus, a vossos pés se prostra este traidor infame, envergonhando-se de comparecer ante vossa presença. Quantas vezes vos tenho desprezado! Quantas vezes prometi não tornar a vos ofender! Entretanto, minhas promessas foram outras tantas traições, pois assim que se me ofereceu ocasião de pecar, es-

queci-vos e vos abandonei novamente. Dou-vos mil graças, porque ainda não me condenastes ao inferno e me permitis estar a vossos pés, iluminando minha alma e me atraindo a vosso amor. Quero amar-vos, Salvador, e jamais desprezar-vos, pois bastante me tendes esperado.

Infeliz de mim se, apesar de tantas graças recebidas, tornasse a ofender-vos! Senhor, estou resolvido a mudar de vida e quero amar-vos na proporção em que vos ofendi. O que me consola é o considerar que sois a bondade infinita. Arrependo-me de todo o coração de vos ter desprezado e vos ofereço, para o futuro, todo o meu amor. Perdoai-me pelos merecimentos de vossa sagrada Paixão. Esquecei os pecados com que vos injurie e dai-me forças para vos ser sempre fiel. Amo-vos, meu Sumo Bem; espero amar-vos eternamente, e não quero tornar a abandonar-vos...

Ó Maria, Mãe de Deus, uni-me a meu Salvador Jesus Cristo e alcançai-me a graça de jamais apartar-me de seus benditos pés!... Em vós confio.

PONTO III

“Ainda sou moço... Deus tem compaixão da mocidade; mais tarde entregar-me-ei a ele”. Consideremos este quinto engano. És moço: mas não sabes que Deus conta os pecados de cada homem e não os anos?...

Quantos tens cometido?... Muitos velhos haverá que não tenham feito nem a décima parte dos que cometeste. Ignoras que o Senhor fixou o número e a medida das culpas que a cada pecador há de perdoar? “O Senhor — diz a Escritura — espera com paciência para castigar as nações da plenitude de seus pecados, quando chegar o dia do juízo” (2Mc 6,14). Quer dizer que o Senhor é paciente e espera até certo limite; logo, porém, que se encha a medida dos pecados que a cada homem quer perdoar, cessa o perdão e ele executa o castigo, ferindo-o de morte súbita no estado de condenação em que se acha, ou abandonando-o a seu pecado, que é pior castigo que a morte (Is 5).

Se possuis um terreno, que cercaste e, apesar de cultivado durante longos anos com gastos consideráveis, vês que não te dá fruto algum: que farás?... Arrancas-lhe o cercado e o deixas abandonado. Pois bem, teme que Deus não proceda do mesmo modo contigo. Se continuas pecando, irás perdendo o remorso da consciência; não pensarás na eternidade nem em tua alma; perderás quase de todo a luz que nos guia; acabarás por perder todo o temor... Com isto podes considerar abatida a cerca que te defendia, para dar lugar ao abandono de Deus.

Examinemos, enfim, o derradeiro engano. Dizes: “É verdade que com este pecado perderei a graça de Deus e ficarei condenado ao inferno.

Pode assim suceder que me condene; mas tam-

bém pode acontecer que me confesse logo e me salve...” Concedo que assim possa ser.

Desejo que te salves. Não sou profeta e, portanto, não me é dado asseverar com certeza que, depois de cometido esse novo pecado, já não haverá para ti perdão de Deus. Contudo, não podes negar que se, depois de tantas graças que o Senhor te concedeu, voltas a ofendê-lo, é muito fácil que para sempre te percas. Assim o patenteia a Sagrada Escritura: “O coração rebelde será oprimido em seus males” (Ecl 3,27).

Os que cometem maldades serão exterminados (Sl 36,9). Aquele que semeia pecados, colherá por fim castigos e tormentos” (Gl 6,8). “Chamei-vos — disse Deus — e vós não quisestes ouvir-me... Também eu me rirei da vossa ruína” (Pr 1,24-26). “A mim pertence a vingança, e eu lhes darei o pagamento a seu tempo”. Deste modo fala a Sagrada Escritura dos pecadores obstinados, e assim o exigem a razão e a justiça.

E, não obstante, dizes que, apesar de tudo, talvez te salvarás. Repetirei que isso não é impossível. Entretanto, não constitui tremenda loucura arriscar a eterna salvação por um talvez e por um talvez tão pouco provável? É este negócio de tão pouco valor, que podemos pô-lo em tão grave risco?

AFETOS E SÚPLICAS

Meu amantíssimo Redentor, prostrado a vossos pés, agradeço-vos de toda a minha alma que, apesar de minhas ofensas, não me abandonastes. Quantos há que menos vos ofenderam do que eu e não receberam as inspirações que agora me dais! Vejo que quereis realmente salvar-me e eu uno aos vossos os meus desejos. Quero exaltar eternamente no céu a vossa misericórdia. Espero, Senhor, que já me haveis perdoado; se, entretanto, ainda não recuperei vossa graça porque não soube arrepende-me de minhas culpas, como devia, agora me arrependo de todo o coração, e as detesto mais que todos os males.

Perdoai-me, por piedade, e aumentai em mim a dor de vos ter ofendido, meu Deus, suma e inefável bondade. Enchei-me de dor e amor; mesmo que vos ame sobre todas as coisas, ainda é pouco. Quero amar-vos mais e vos peço e de vós espero alcançar esse grande amor. Ouvi-me, meu Jesus, já que prometestes ouvir a quem vos suplica...

Ó Virgem Maria, Mãe de Deus, o mundo inteiro afirma que nunca deixais de desconsolado a quem a vós se recomenda. Depois de Jesus Cristo, sois minha única esperança. A vós, Senhora, eu recorro e em vós confio. Recomendai-me a vosso divino Filho e salvai-me.

CONSIDERAÇÃO XXIV

Do juízo particular

Omnes nos manifestari oportet ante tribunal Christi.

Porque é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo (2Cor 5,10).

PONTO I

Consideremos o comparecimento do réu, a acusação, o exame e a sentença deste juízo. Primeiramente, quanto ao comparecimento da alma perante o juiz, dizem comumente os teólogos que o juízo particular se efetua no mesmo instante em que o homem expira, que no próprio lugar onde a alma se separa do corpo é julgada por Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual não delega seu poder, mas vem ele mesmo julgar esta causa. “Na hora que não cuidais, virá o Filho do homem” (Lc 12,40).

“Virá com amor para os fiéis — disse Santo Agostinho — e com terror para os ímpios”. Qual não será o

espanto daquele que, vendo pela primeira vez o seu Redentor, vir também a indignação divina! “Quem poderá subsistir ante a face de sua indignação?” (Na 1,6) Meditando nisto, o Padre Luís de la Puente estremecia de tal modo, que a cela em que se achava tremia com ele. O venerável Padre Juvenal Ancina se converteu ao ouvir cantar o Dies irae, porque, considerando o terror que se apodera da alma quando se apresentar em juízo, resolveu deixar o mundo, o que efetivamente fez. A indignação do juiz será prenúncio de eterna condenação (Pr 16,14); e fará sofrer mais as almas que as próprias penas do inferno, segundo afirma São Bernardo.

Têm-se visto criminosos banhados em copioso suor frio na presença dos juízes terrestres. Pison, em traje de réu, comparecendo no senado, sentiu tamanha confusão e vergonha, que ali mesmo se deu a morte. Que aflição profunda sente um filho ou um bom vassalo quando vê seu pai ou seu amo gravemente indignado!... Mágoa muito maior sentirá a alma quando vir indignado a Jesus Cristo, a quem desprezou! (Jo 19,37). Irritado e implacável, então, se lhe apresentará esse Cordeiro divino, que foi no mundo tão paciente e amoroso, e a alma, sem esperança, clamará aos montes que caíam sobre ela e a ocultem à indignação de Deus (Ap 6,16). Falando do juízo, disse São Lucas: “Então verão o Filho do homem” (Lc 21,27). Ver o seu juiz em forma humana aumentará a dor dos pecadores; porque a presença daquele Homem, que morreu para salvá-los, lhes recordará vi-

vamente a ingratidão com que o ofenderam.

Depois da gloriosa Ascensão do Senhor, os anjos disseram aos discípulos: “Este Jesus que, separando-se de vós, foi arrebatado ao céu, virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu” (At 1,11). Virá, pois, o Salvador a julgar-nos, ostentando aquelas mesmas chagas sagradas que tinha quando deixou a terra. “Grande alegria para os que contemplam, grande temor para os que esperam” — Exclama Ruperto.

Essas benditas chagas consolarão os justos e infundirão terror aos pecadores.

Quando José disse a seus irmãos: “Eu sou José, a quem vendestes”, ficaram eles — diz a Escritura — sem fala e imóveis de terror (Gn 45,3). Que responderá o pecador a Jesus Cristo? Acaso, terá coragem de lhe pedir misericórdia, quando antes dera prova do muito que desprezou essa mesma clemência? Que fará, pois — interroga Santo Agostinho — para onde fugirá quando vir o juiz indignado, por baixo o inferno aberto, a um lado os pecadores que o acusam, ao outro o demônio, disposto a executar a sentença, e dentro de si mesmo a consciência que remorde e castiga?

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Jesus! assim quero sempre chamar-vos, pois vosso nome me consola e anima, recordando-me que sois meu Salvador e que morrestes para me

salvar. Aqui me tendes aos vossos pés, reconheço que sou réu de tantos infernos quantas vezes vos ofendi mortalmente.

Não mereço perdão, mas vós morrestes para me perdoar... Recordare, Jesu pie, quod sum causa tuae viae. Perdoai-me, ó Jesus, agora, antes de virdes a julgar-me. Então, não me será dado pedir-vos clemência; agora posso implorá-la e a espero. Então, atemorizar-me-ão as vossas chagas; agora me infundem esperança. Amantíssimo Redentor meu, arrependo-me sobretudo de ter ofendido a vossa Bondade infinita. Proponho aceitar qualquer trabalho, qualquer tribulação, antes que perder vossa graça, porque vos amo de todo o coração. Tende misericórdia de mim. Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam...

Ó Maria, Mãe de misericórdia e Advogada dos pecadores, alcançai-me profunda dor dos meus pecados, o perdão deles e a perseverança no divino amor. Amo-vos, minha Rainha, e em vós confio.

PONTO II

Considera a acusação e o exame: “Começou o juízo e os livros foram abertos” (Dn 7,10). Haverá dois livros: o Evangelho e a consciência.

Naquele, ler-se-á o que o réu devia fazer; nesta, o que fez. Na balança da divina justiça não se pesarão as riquezas, nem as dignidades e a nobreza das

pessoas, mas somente suas obras. “Foste pesado na balança — diz Daniel ao rei Baltasar — e achado demasiadamente leve” (Dn 5,27). Quer dizer, segundo o comentário do Padre Álvares, que “não foram postos na balança o ouro e as riquezas, mas unicamente a pessoa do rei”. Virão logo os acusadores e em primeiro lugar o demônio. “O inimigo estará ante o tribunal de Cristo, — disse Santo Agostinho — e referirá as palavras de tua profissão”. “Recordar-nos-á tudo quanto temos feito, o dia e a hora em que pecamos”. Referir as palavras de nossa profissão significa que apresentará todas as promessas que fizemos, que esquecemos e, por conseguinte, deixamos de cumprir. Denunciar-nos-á nossas faltas, designando os dias e as horas em que as cometemos. Depois dirá ao juiz: “Senhor, eu não sofri nada por este réu; mas ele vos abandonou, a vós que destes a vida para salvá-lo, e se fez meu escravo. É a mim que ele pertence...” Os anjos da guarda também serão acusadores, segundo diz Orígenes, e “darão testemunho dos anos em que procuraram a salvação do pecador, a despeito do desprezo deste a todas as inspirações e avisos”.

Então, “todos os meus amigos o desprezarão” (Lm 1,2). Até as paredes, que viram o réu pecar, tornar-se-ão acusadoras (Hb 2,11). Acusadora será a própria consciência (Rm 2,15-16). Os pecados — disse São Bernardo — clamarão, dizendo: “Tu nos fizeste; somos tuas obras, e não te abandonaremos”. Acusadoras, por fim, serão as Chagas do Senhor,

como escreve São João Crisóstomo: “Os cravos se queixarão de ti; as cicatrizes contra ti falarão; a cruz clamará contra ti”.

Passar-se-á depois, ao exame. Disse o Senhor: “Com a luz na mão, esquadrinharei Jerusalém” (Sf 1,12). A luz da lâmpada penetra todos os recantos da casa, escreve Mendoza. Cornélio a Lápide, comentando a expressão *in lucernis*, do texto, afirma que Deus apresentará ao réu os exemplos dos Santos, todas as luzes e inspirações com que o favoreceu, todos os anos de vida que lhe concedeu para que os empregasse na prática do bem (Lm 1,15). Até de cada olhar tens que dar conta, exclama Santo Anselmo. Assim como se purifica e aquilata o ouro, separando-o das escórias, assim se aquilatarão e examinarão as confissões, comunhões e outras boas obras (MI 3,3). “Quando tomar o tempo, julgarei as justiças”. Em suma, diz São Pedro que no juízo até o justo a custo será salvo (1Pd 4,18). Se se deve dar conta de toda palavra ociosa, que contas se darão de tantos maus pensamentos voluntários, de tantas palavras impuras?. Especialmente falando dos escândalos, que lhe roubam inúmeras almas, diz o Senhor: “Eu lhes sairei ao encontro como uma urso a quem roubaram os seus cachorros” (Os 13,8). E, finalmente, referindo-se às ações do réu, dirá o Supremo Juiz: “Dei-lhe o fruto de suas mãos”, quer dizer, paguei-lhe conforme suas obras(Pr 31,31).

AFETOS E SÚPLICAS

Ah! meu Jesus, se quisésseis pagar-me agora segundo as obras que pratiquei, o inferno seria a minha recompensa... Quantas vezes, ó Deus, escrevi minha própria condenação a esse cárcere de tormentos! Imensa é minha gratidão pela paciência com que me tendes aturado. Ó Senhor, se agora tivesse de apresentar-me a vosso Tribunal, que conta daria de minha vida? Esperai, meu Deus, um pouco mais; peço-vos que não me julgueis ainda (Sl 142,2). Que seria de mim, se neste momento me julgásseis? Esperai-me, Senhor! E já que haveis usado comigo de tanta clemência, concedei-me ainda a misericórdia de uma grande dor de meus pecados. Arrependo-me, ó Sumo Bem, de ter-vos desprezado tantas vezes. Amo-vos sobre todas as coisas... Eterno Pai, perdoai-me por amor de Jesus Cristo e, pelos seus merecimentos, concedei-me a santa perseverança... Meu Jesus, tudo espero do infinito valor do vosso sangue precioso.

Maria Santíssima, em vós confio... Eia, ergo, advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte. Lançai um olhar sobre minha grande miséria e compadecei-vos de mim.

PONTO III

Em resumo: para que a alma consiga a salvação

eterna, o juízo há de patentear que a vida dessa alma fora conforme a vida de Cristo.

É o que fazia tremer Jó, quando exclamava: “Que farei quando Deus se levantar a julgar? E quando me perguntar, que lhe responderei?” (Rm 8,29). Repreendendo Filipe II um de seus criados, que o tinha enganado, disse-lhe apenas estas palavras: É assim que me enganas?...

Aquele infeliz, ao voltar à sua casa, morreu de pesar. Que fará pois, e que responderá o pecador a Jesus Cristo, seu juiz? Fará como aquele homem do Evangelho, que se apresentou ao banquete sem a veste nupcial. Não soube o que responder e calou-se (Mt 22,12). As próprias 77 culpas lhe fecharam a boca (Sl 106,42). A vergonha — diz São Basílio — será então para o pecador maior tormento que as próprias chamas infernais.

Finalmente, o juiz pronunciará a sentença: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno!” Quão terrivelmente ressoará aquele trovão — exclama Dionísio, o Cartuxo... “Quem não treme à consideração dessa horrenda sentença — observa Santo Anselmo — não está dormindo, mas morto”. Santo Eusébio acrescenta que será tão grande o terror dos pecadores ao ouvir a sua condenação, que se não fossem já imortais morreriam de novo. Então, — como escreve São Tomás de Vilanova, — já não será tempo de suplicar, já não haverá intercessores a quem recorrer. A quem, efetivamente, hão de recorrer?... Porventura, a

seu Deus a quem desprezaram?. Talvez aos Santos, à Virgem Maria?...

Ah! não! porque então as estrelas (que são os santos advogados) cairão do céu, e a tua (que é Maria Santíssima) não dará a sua luz (Mt 24,29). “Maria — diz Santo Agostinho — retirar-se-á das portas da glória”.

Ó Deus! — exclama o já citado São Tomás de Vilanova, — com que indiferença ouvimos falar do juízo, como se não pudéssemos merecer a sentença condenatória, ou como se não tivéssemos de ser julgados...

Que loucura estar tranqüilo no meio de tamanho perigo!” Não digas, pois, meu irmão — nos adverte Santo Agostinho: Será que Deus queira enviar-me ao inferno? não o digas jamais. Também os hebreus não queriam convencer-se de que seriam exterminados. Quantos réprobos blasonavam de que não seriam condenados às penas eternas! E, no entanto, chegou a hora do castigo: “O fim vem, vem o fim... Agora deramarei a minha ira sobre ti, e te julgarei” (Ez 7,6-8). É também o que te acontecerá. “Chegará o dia do juízo e verás que Deus não faz vãs ameaças”.

Presentemente ainda nos é dado escolher a sentença que preferimos.

Devemos, pois, ajustar as contas da alma, antes que chegue o juízo (Ecl 18,19), porque, segundo diz

São Boaventura, os negociantes prudentes, para se não exporem a uma falência, conferem e ajustam suas contas freqüentemente. “Antes do juízo, diz Santo Agostinho, podemos ainda aplacar o Juiz; mas durante o juízo, não”. Desejo, ó Juiz de minha alma, que me julgueis e castigueis nesta vida, porque ainda é tempo de misericórdia e de perdão. Depois da morte só será tempo de justiça.

AFETOS E SÚPLICAS

Se agora não aplaco, ó meu Deus, a vossa ira, mais tarde não será possível aplacar-vos. Como, porém, o conseguirei, depois de ter desprezado tantas vezes vossa amizade por vis e míseros prazeres? Paguei com ingratidão vosso imenso amor... Qual a satisfação meritória que pode oferecer a criatura pelas ofensas que fez a seu Criador?... Ah, meu Senhor! Como agradecer dignamente à vossa misericórdia os meios infalíveis que me proporcionais para satisfazer-vos e aplacar-vos?...

Ofereço-vos, o sangue e a morte de Jesus Cristo, vosso Filho, e desde já se acha aplacada e superabundantemente satisfeita a vossa justiça.

Necessário é, além disso, o meu arrependimento... Sim, meu Deus, arrependo-me de todo o coração de quantas ofensas vos fiz. Julgai-me agora, meu Redentor. Detesto minhas culpas mais que todo o mal e amo-vos sobre todas as coisas com toda a minha alma. Proponho amar-vos sempre, e preferir a

morte a ofender-vos outra vez. Prometestes o perdão a quem se arrepende. Julgai-me, pois, agora, e perdoai-me os pecados. Aceito a pena que mereço; mas restabelecei-me na vossa graça e fazei que nela persevere até à morte...

Ó Maria, nossa Mãe! Agradeço-vos tantos dons que para mim tendes alcançado da divina clemência. Dignai-vos continuar a proteger-me até ao fim de minha vida.

CONSIDERAÇÃO XXV

Do juízo universal

Cognosceatur Dominus judicium faciens.

Conhecido será o Senhor, que faz justiça (Sl 9,17)

PONTO I

Não há neste mundo, quando bem se considera, pessoa mais desprezada que Nosso Senhor Jesus Cristo. Respeita-se mais a um aldeão que o próprio Deus; porque se teme que esse aldeão, vendo-se injuriado e oprimido, se vingue, movido por violenta cólera. Mas a Deus se ofende e se ultraja sem receio, como se não pudesse castigar quando quisesse (Jó 22,17).

Por isso, o Redentor destinou o dia do juízo universal (chamado com razão, na Escritura, o dia do Senhor), no qual Jesus Cristo se fará reconhecer por todos como universal e soberano Senhor de todas as coisas (Sl 9,17). Esse dia não se chama dia de misericórdia e perdão, mas “dia da ira, da tribulação e da angústia, dia de miséria e calamidade” (Sf 1,15). Nele o Senhor se ressarcirá justamente da honra e da glória que os pecadores quiseram arrebatá-lhe neste mundo. Vejamos como há de suceder o juízo nesse grande dia.

A vinda do divino Juiz será precedida de maravilhoso fogo do céu (Sl 96,3), que abrasará a terra e tudo quanto nela exista (2Pd 3,10).

Palácios, templos, cidades, povos e reinos, tudo se reduzirá a um montão de cinzas. É mister purificar pelo fogo esta grande casa, contaminada de pecados. Tal é o fim que terão todas as riquezas, pompas e delícias da terra. Mortos os homens, soará a trombeta e todos ressuscitarão (1Cor 15,52). Dizia São Jerônimo: “Quando considero o dia do juízo, estremeço. Parece-me ouvir a terrível trombeta que chama: Levantai-vos, mortos, e vinde ao juízo”. Ao clamor pavoroso dessa voz descerão do céu as almas gloriosas dos bem-aventurados para se unirem a seus corpos, com que serviram a Deus neste mundo. As almas infelizes dos condenados sairão do inferno e se unirão a seus corpos malditos, que foram instrumentos para ofender a Deus.

Que diferença haverá então entre os corpos dos justos e os dos condenados! Os justos aparecerão formosos, cândidos, mais resplandecentes que o sol (Mt 13,43). Feliz aquele que nesta vida soube mortificar sua carne, recusando-lhe os prazeres proibidos, ou que, para melhor refreá-la, como fizeram os Santos, a macerou e lhe negou também os gozos permitidos dos sentidos!... Regozijar-se-á, então, de haver vivido assim, como se alegrou São Pedro de Alcântara, que pouco depois de sua morte apareceu a Santa Teresa de Jesus e lhe disse: “Ó feliz penitência, que tamanha glória me alcançou!” Pelo contrário, os corpos dos réprobos serão disformes, negros e hediondos. Que suplício então para o condenado ter de unir-se a seu corpo!... “Corpo maldito — dirá a alma — foi para te contentar que me perdi!” Responder-lhe-á o corpo: “E tu, alma maldita, tu que estavas dotada da razão, por que me concedeste aqueles deleites, que, por toda a eternidade, fizeram a tua e a minha desgraça?”

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Jesus e meu Redentor, que um dia deveis ser meu Juiz, perdoai-me antes que chegue esse dia terrível! Não apartes de mim o teu rosto (Sl 101,3). Agora sois meu Pai, e como tal recebi na vossa graça o filho que volta cheio de arrependimento a vós. Meu Pai, peço-vos perdão. Fiz mal em ofender-vos e afastar-me de vós: não merecíeis tratamento tão detestável. Eu me arrependo de tudo. Perdoai-me, pois;

não aparteis de mim o vosso rosto, nem me abandonais como mereço.

Lembraí-vos do sangue que por mim derramastes, e tende misericórdia de mim... Meu Jesus, não quero outro Juiz do que vós. Dizia São Tomás de Villanova: “Gostosamente me submeto ao juízo daquele que morreu por mim e que, para não me condenar, quis ser ele condenado ao suplício da cruz” (Rm 8,34). Já São Paulo havia dito: “Quem é aquele que condena? Cristo Jesus que morreu por nós”. Amovos, meu Pai, e desejo nunca mais me separar de vós. Esquecei as ofensas que vos fiz, e dai-me grande amor à vossa bondade. Desejo que este amor seja maior do que a ingratidão com que vos ofendi. Sem a vossa assistência, porém, não sou capaz de vos amar. Auxiliai-me, meu Jesus. Fazei que minha vida seja conforme ao vosso amor, a fim de que no dia derradeiro mereça ser contado no número dos vossos eleitos...

Ó Maria, minha Rainha e minha Advogada, socorrei-me agora, porque, perdendo-me eu, já não me podereis valer naquele dia terrível! 79 Vós, Senhora, rogai por todos. Rogai também por mim, que me prezo de ser vosso devoto e que tanta confiança tenho em vós.

PONTO II

Assim que os mortos ressuscitarem, farão os anjos que se reúnam todos no vale de Josafá para serem julgados (Jl 3,14) e separarão ali os justos dos réprobos (Mt 13,49). Os primeiros ficarão à direita; os condenados, à esquerda... Profunda mágoa sente quem se vê separado da sociedade ou da Igreja. Quanto maior será a dor de ver-se banido da companhia dos Santos! Que confusão experimentarão os ímpios, quando, apartados dos justos, se sentirem abandonados!. Disse São João Crisóstomo que, se os condenados não tivessem de sofrer outras penas, essa confusão bastaria para dar-lhes os tormentos do inferno.

Haverá filhos separados de seus pais; esposos, de suas esposas; amos, de seus servos... (Mt 24,40) Dize-me, meu irmão, em que lugar crês que te acharás então?... Queres estar à direita? Abandona, portanto, o caminho que conduz à esquerda.

Neste mundo, têm-se por felizes os príncipes e os ricos, e se desprezam os Santos, os pobres e os humildes... Ó cristãos fiéis, que amais a Deus! Não vos aflijais por viverdes tão atribulados e vilipendiados neste mundo. "Vossa tristeza se converterá em gozo" (Jo 16,20).

Então verdadeiramente sereis chamados bem-aventurados e tereis a honra de ser admitidos à corte de Cristo. Em que celestial formosura resplandecerá um São Pedro de Alcântara, que foi injuriado como apóstata; um São João de Deus, escarnecido como

louco; um São Pedro Celestino, que, renunciando ao Pontificado, morreu num cárcere! Que glória alcançaram tantos mártires entregues outrora à crueza dos verdugos! (1Cor 4,5). Que horrível figura, pelo contrário, fará um Herodes, um Pilatos, um Nero e outros poderosos da terra, condenados para sempre!... Ó amigos e cortejadores deste mundo! Ide para o vale, naquele vale vos espero. Ali, sem dúvida, mudareis de parecer; ali, chorareis vossa loucura. Infelizes! tendes de representar um brevíssimo papel no palco deste mundo e preferis o de réprobos na tragédia do juízo universal! Os eleitos serão colocados à direita, e para maior glória — segundo afirma o Apóstolo — serão elevados aos ares, acima das nuvens, e esperarão com os anjos a Jesus Cristo, que deve descer do céu (1Ts 4,17). Os réprobos, à esquerda, como reses destinadas ao matadouro, aguardarão o Supremo Juiz, que há de tornar pública a condenação de todos os seus inimigos.

Abrem-se, enfim, os céus e aparecem os anjos para assistir ao juízo, trazendo os sinais da Paixão de Cristo, disse São Tomás. Singularmente resplandece a santa Cruz. “E então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu; e todos os povos da terra chorarão” (Mt 24,30).

“Como, à vista da cruz, — exclama Cornélio a Lápide — hão de gemer os pecadores que desprezaram sua salvação eterna, que tanto custou ao Filho de Deus”. “Então — diz São João Crisóstomo — os

cravos se queixarão de ti; as chagas contra ti falarão; a cruz de Cristo clamará contra ti”.

Os santos Apóstolos serão assessores deste julgamento e todos aqueles que os imitaram. E com Jesus Cristo julgarão os povos. Ali também assistirá a Rainha dos Anjos e dos homens, Maria Santíssima.

Aparecerá, enfim, o Eterno Juiz em luminoso trono de majestade. “E verá o Filho do homem, que virá nas nuvens do céu, com grande poder e majestade (Sb 3,7-8). À sua presença chorarão os povos” (Mt 24,30). A presença de Cristo trará aos eleitos inefável consolo, e aos réprobos aflições maiores que as do próprio inferno — disse São Jerônimo. Dai-me o castigo que quiserdes; mas não me mostreis naquele dia o vosso rosto indignado. São Basílio disse: “Esta confusão excede toda a pena”. Cumprir-se-á então a profecia de São João: os condenados pedirão às montanhas que caiam sobre eles e os ocultem à vista do Juiz irritado (Ap 6,16).

AFETOS E SÚPLICAS

Meu caríssimo Redentor, Cordeiro de Deus que viestes ao mundo, não para castigar, mas para perdoar os pecados! Perdoai-me, Senhor, antes que chegue o dia em que deveis julgar-me. Ver-vos então, Cordeiro sem mácula, que com tanta paciência me tendes aturado, e perder-vos para sempre, seria o inferno do meu inferno. Perdoai-me, pois; reitero o meu pedido. Salvai-me, por vossas mãos misericor-

diosas, deste abismo em que me fizeram cair os pecados. Arrependo-me, ó Sumo Bem, de vos ter ofendido tantas vezes. Amo-vos, meu Juiz, que tanto me amais. Pelos merecimentos de vossa morte, dai-me a grande graça que me converta de pecador em santo. Prometestes exalçar a quem vos suplica (Jó 33,3). Não vos peço bens terrenos, mas a vossa graça e o vosso amor: nada mais desejo. Ouvi-me, Jesus, pelo amor que me consagrastes ao morrer por mim na cruz. Sou réu, ó Juiz amantíssimo, mas um réu que vos ama mais que a si próprio...

Maria, minha Mãe, tende misericórdia de mim, agora que ainda há tempo de assistir-me. Não me abandonastes quando me esquecera de 80 Deus e de vós. Socorrei-me agora que estou resolvido a amar-vos e servir-vos sempre e nunca mais ofender a meu Senhor... Ó Maria, vós sois minha esperança!

PONTO III

Começará o julgamento, abrindo-se os autos do processo, isto é, as consciências de todos (Dn 7,10). Os primeiros testemunhos contra os réprobos serão do demônio, que dirá — segundo Santo Agostinho: “Justíssimo juiz, sentencia, que são meus aqueles que não quiseram ser teus”. A própria consciência dos homens os acusará depois (Rm 2,15). A seguir, darão testemunho, clamando vingança, os lugares em que os pecadores ofenderam a Deus (Hb 2,11). Virá, enfim, o testemunho do próprio Juiz que esteve presente a quantas ofensas lhe fizeram (Jr 29,23).

Disse São Paulo que naquele momento o Senhor “porá às claras o que se acha escondido nas trevas” (1Cor 4,5). Descobrirá, então, ante os olhos de todos os homens as culpas dos réprobos, até as mais secretas e vergonhosas que em vida eles ocultaram aos próprios confessores (Na 3,5). Os pecados dos eleitos, no sentir do Mestre das Sentenças e de outros teólogos, não serão manifestados, mas ficarão encobertos, segundo estas palavras de David: “Bem-aventurados aqueles, cujas iniquidades foram perdoadas, e cujos pecados são apagados” (Sl 31,1). Pelo contrário — disse São Basílio — as culpas dos réprobos serão vistas por todos, ao primeiro relancear d’olhos, como se estivessem representadas num quadro. Exclama São Tomás, “Se no horto de Get-sêmani, ao dizer Jesus: Sou eu, caíram por terra todos os soldados que vinham para o prender, que sucederá quando, sentado no seu trono de Juiz, disser aos condenados: “Aqui estou, sou aquele a quem tanto haveis desprezado!” Chegada a hora da sentença, Jesus Cristo dirá aos eleitos estas palavras, cheias de doçura: “Vinde, benditos de meu Pai, e possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo” (Mt 25,34).

Quando São Francisco de Assis soube por revelação que era predestinado, sentiu altíssimo e inefável consolo. Que consolação não sentirão aqueles que ouvirem estas palavras do soberano Juiz: “Vinde, filhos benditos, vinde a meu reino. Já não há mais a sofrer, nem a temer.

Comigo estais e permanecereis eternamente. Abençoar as lágrimas que sobre os vossos pecados derramastes. Entrai na glória, onde juntos permaneceremos por toda a eternidade”. A Virgem Santíssima abençoará também os seus devotos e os convidará a entrar com ela no céu. E assim, os justos, entoando gozosos Aleluias, entrarão na glória celestial para possuírem, louvarem e amarem eternamente a Deus.

Os réprobos, ao contrário, dirão a Jesus Cristo: “E nós, desgraçados, que será feito de nós?” E o Juiz Eterno dir-lhes-á: Já que desprezastes e recusastes minha graça, apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno (Mt 24,34). Apartai-vos de mim, que nunca mais vos quero ver nem ouvir. Ide, ide, malditos, que desprezastes minha bênção...” Mas para onde, Senhor, irão estes desgraçados?... Ao fogo do inferno, para arder ali em corpo e alma... E por quantos séculos?... Por toda a eternidade, enquanto Deus por Deus.

Depois desta sentença — diz Santo Efrém — os réprobos despedir-se-ão dos anjos, dos santos e da Santíssima Virgem, Mãe de Deus.

“Adeus, justos; adeus, cruz; adeus, glória; adeus, pais e filhos; jamais nos tornaremos a ver! Adeus, Mãe de Deus, Maria Santíssima”. Nesse instante, abrir-se-á na terra um imenso abismo e nele cairão conjuntamente demônios e réprobos. Verão como atrás deles se fechará aquela porta que nunca mais se há de abrir... Nunca mais durante toda a eternida-

de!...

Ó maldito pecado! A que triste fim levarás um dia tantas pobres almas!... Ai! das almas infelizes às quais aguarda tão deplorável fim.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus e meu Salvador! Que sentença me reservais no dia do juízo? Se agora me pedísseis, Senhor, contas de minha vida, que poderia eu responder senão que mereço mil vezes o inferno? Sim, meu Redentor, é verdade que mereço mil vezes o inferno, mas sabei que vos amo mais que a mim mesmo, e que das ofensas que vos fiz de tal modo me arrependo, que preferiria ter sofrido todos os males do que ter-vos injuriado.

Condenais, ó meu Jesus, os pecadores obstinados, mas não a quem se arrepende e vos quer amar. Aqui estou, a vossos pés, arrependido... Dai-me a vossa palavra de perdão... Mas já me declarastes pela boca do vosso Profeta: “Convertei-vos a mim, e eu me voltarei a vós” (Zc 1,3). Tudo abandono, renuncio a todos os gozos e bens do mundo, e converto-me, abraçando a vós, meu amantíssimo Redentor. Recebei-me no vosso Coração e inflamai-me no vosso santo amor, de modo que jamais cogite em separar-me de vós... Salvai-me, meu Jesus, e que minha salvação seja amar-vos sempre e louvar sempre vossas misericórdias (Sl 88,2).

Maria, minha esperança, meu refúgio e minha mãe, ajudai-me e alcançai-me a santa perseverança. Ainda se não perdeu ninguém, que tenha recorrido a vós... A vós, pois, me recomendo. Tende piedade de mim.

CONSIDERAÇÃO XXVI

Das penas do inferno

Et ibunt in supplicium aeternum.

E irão estes ao suplício eterno (Mt 25,46).

PONTO I

O pecador comete dois males quando peca: aparta-se de Deus, Sumo Bem, e se entrega às criaturas. “Dois males fez meu povo: abandonaram-me a mim, que sou fonte de água viva, e cavaram para si cisternas rotas, que não podem reter a água” (Jr 2,13). Em vista de o pecador se ter dado às criaturas com ofensa a Deus, será justamente atormentado no inferno por essas mesmas criaturas, pelo fogo e pelos demônios: esta é a pena do sentido. Como, porém, sua maior culpa, na qual consiste a maldade do pecado, é a separação de Deus, o maior suplício do inferno é a pena do dano ou da privação da visão de Deus, per-

da irreparável.

Consideremos, em primeiro lugar, a pena do sentido. É de fé que existe inferno. No centro da terra se encontra esse cárcere, destinado ao castigo dos que se revoltaram contra Deus. Que é, pois, o inferno? O lugar de tormentos (Lc 16,28), como o chamou o mau rico; lugar de tormentos, onde todos os sentidos e todas as faculdades do condenado hão de ter o seu castigo próprio, e onde aquele sentido que mais tiver servido para ofender a Deus mais acentuadamente será atormentado (Sb 11,17; Ap 18,7). A vista padecerá o tormento das trevas (Jó 10,21). Digno de profunda compaixão seria um infeliz encerrado em tenebroso e acanhado calabouço, durante quarenta ou cinquenta anos de sua vida. Pois o inferno é cárcere fechado por completo e escuro, onde nunca penetrará raio de sol nem qualquer outra luz (Sl 48,20).

O fogo que aqui na terra ilumina, não será luminoso no inferno.

“Voz do Senhor, que despede chamas de fogo” (Sl 28,7). Explica São Basílio que o Senhor separará do fogo a luz; de modo que estas chamas arderão sem iluminar; o que Santo Alberto Magno exprime mais brevemente nestes termos: “Separará do calor o resplendor”. O fumo sairá dessa fogueira e formará a espessa nuvem tenebrosa que, como diz São Judas, cegará os olhos dos réprobos (Jd 13). Haverá ali apenas a claridade precisa para aumentar os tormentos. Uma sinistra claridade que permite ver a fealdade

dos condenados e dos demônios, assim como o aspecto horrendo que estes tomarão para causarem mais horror.

O olfato padecerá o seu tormento próprio. Seria insuportável se nos metêssemos num quarto acanhado, onde jazesse um cadáver em putrefação. O condenado deve ficar sempre entre milhões de réprobos, vivos para a pena, mas cadáveres hediondos quanto à pestilência que exalam (Is 34,3). Disse São Boaventura que, se o corpo de um condenado saísse do inferno, bastaria ele só para produzir uma infecção em consequência da qual morreriam todos os homens do mundo... E ainda há insensatos que se atrevem a dizer: “Se for ao inferno, não irei sozinho...” Infelizes! Quanto maior for o número de réprobos ali, tantos maiores serão os sofrimentos de cada um. “Ali — diz São Tomás — a companhia de outros desgraçados não alivia; antes aumenta a desventura geral”. Muito mais sofrerão, sem dúvida, pela fetidez asquerosa, pelos gritos daquela multidão desesperada, e pelo aperto em que se acharão amontoados e comprimidos os réprobos, à semelhança de ovelhas em tempo de inverno (Sl 48,15), ou como uvas esmagadas no lagar da cólera de Deus (Ap 19,15). E assim mesmo padecerão o tormento da imobilidade (Êx 15,16). Da maneira como o condenado cair no inferno, assim há de permanecer imóvel, sem que lhe seja dado mudar de posição, nem mexer mão nem pé, enquanto Deus for Deus.

O ouvido será atormentado com os contínuos gritos aflitivos daqueles pobres desesperados, e pelo barulho horroroso que, sem cessar, os demônios provocam (Jó 15,21). Quando desejamos dormir, é com o maior desespero que ouvimos o contínuo gemido de um doente, o choro de uma criança ou o ladrar de um cão... Infelizes réprobos, que são obrigados a ouvir, por toda a eternidade, os gritos pavorosos de todos os condenados!... A gula será castigada com a fome devoradora... (Sl 58,15)

Entretanto, não haverá ali nem uma migalha de pão. O condenado sofrerá sede abrasadora, que não se apagaria com toda a água do mar. Mas não se lhe dará uma só gota. Uma só gota d'água pedia o rico avarento, e não a obteve, nem a obterá jamais.

AFETOS E SÚPLICAS

Aqui tendes, Senhor, a vossos pés quem tão pouco caso fez da vossa graça e dos vossos castigos... Desgraçado de mim, se vós, meu Senhor, não tivésseis tido misericórdia! Há muitos anos que já estaria naquela fornalha infecta, onde ardem tantos pecadores como eu. Ah, meu Redentor, como poderia eu, no futuro, pensar em vos ofender? Não, isto não acontecerá, Jesus de minha vida; prefiro antes a morte.

Já que me tirastes do lodaçal dos meus pecados e tão amorosamente me convidais a amar-vos, fazei que empregue agora todo o tempo em vos servir.

Com quanto ardor, desejariam os condenados, um dia, uma hora desse tempo que a mim concedeis! E que farei eu? continuarei a malbaratá-lo em coisas que vos desagradem?... Não, meu Jesus, não o permitais, pelos merecimentos do vosso preciosíssimo sangue, que até agora me preservou do inferno. Amo-vos, soberano Bem, e, porque vos amo, pesa-me de vos ter ofendido. Proponho não tornar a ofender-vos, mas amar-vos sempre.

Maria Santíssima, minha Rainha e minha Mãe, rogai a Jesus por mim, e alcançai-me os dons da perseverança e do divino amor.

PONTO II

A pena do sentido que mais atormenta aos réprobos é o fogo do inferno, tormento do tacto (Ecl 7,19). O Senhor o mencionará especialmente no dia do juízo: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno” (Mt 25,41). Mesmo neste mundo, o suplício do fogo é o mais terrível de todos. Entretanto, há tamanha diferença entre as chamas da terra e as do inferno, que, segundo afirma Santo Agostinho, em comparação daqueles, as nossas são como fogo pintado; ou como se fossem de gelo, acrescenta São Vicente Ferrer. E a razão consiste em que o fogo terreal foi criado para utilidade nossa, ao passo que o do inferno foi criado expressamente para castigo. “Mui diferentes são — diz Tertuliano — o fogo que se utiliza para uso do homem e o que serve para a justiça de Deus”. A indignação de Deus é que acende essas chamas de

vingança (Jr 15,14); e por isso Isaías chama espírito de ardor ao fogo do inferno (Is 6,4). O réprobo estará dentro dessas chamas, envolvido por elas, como um pedaço de lenha numa fornalha. Terá um abismo de fogo debaixo de seus pés, imensas massas de fogo sobre sua cabeça e ao redor de si. Quando vir, apalpar ou respirar, fogo há de respirar, apalpar e ver. Estará submergido em fogo como o peixe em água. E essas chamas não cercarão apenas o condenado, mas penetrarão nele, em suas próprias entranhas, para atormentá-las. Todo o corpo será pura chama; arderá o coração no peito; as vísceras, no ventre; o cérebro, na cabeça; nas veias, o sangue; a medula, nos ossos. Cada condenado converter-se-á numa fornalha ardente (Sl 20,10).

Há pessoas que não suportam o ardor de um solo aquecido pelos raios do sol, que não sofrem estar junto a um braseiro num quarto fechado, que não resistem à chama de uma lâmpada, e contudo não temem este fogo devorador, como lhe chama Isaías (Is 33,14). Assim como uma fera devora um tenro cordeirinho, assim as chamas do inferno devorarão o condenado. Devorá-lo-ão sem o fazer morrer. “Continua, pois, insensato — diz São Pedro Damiano, dirigindo-se ao voluptuoso — continua a satisfazer tua carne, que virá um dia em que tuas impurezas se converterão em ardente pez dentro de tuas entranhas e tornarão mais intensa e mais abrasadora a chama infernal em que hás de arder” . Acrescenta São Jerônimo que aquele fogo trará consigo todos os tormentos e todas

as dores que nos atribulam na terra⁴; até o tormento do frio se padecerá ali (Jó 24,19). E tudo com tal intensidade que, segundo disse São João Crisóstomo, os padecimentos deste mundo são pálida sombra em comparação aos do inferno.

As faculdades da alma terão também o seu castigo apropriado. O tormento da memória será a viva recordação do tempo que, em vida, teve o condenado para salvar-se e que empregou em perder-se, e das graças que Deus lhe concedeu e que foram desprezadas. O entendimento sofrerá ao considerar o grande bem que perdeu perdendo a Deus e o céu, ponderando que essa perda é já irreparável. A vontade verá que se lhe nega tudo quanto deseja (Sl 140,10). O desventurado réprobo nunca obterá nada do que quer, e sempre terá aquilo que mais o aborreça, isto é, males sem fim. Quererá livrar-se dos tormentos e desfrutar paz. Mas sempre será atormentado, jamais encontrará momento de repouso.

AFETOS E SÚPLICAS

Vosso sangue e vossa morte são minha esperança, meu Jesus.

Morrestes para salvar-me da morte eterna. E quem, Senhor, recebeu maior parte dos merecimentos da vossa paixão do que este miserável, que tantas vezes mereceu o inferno?... Não permitais que continue sendo ingrato a tantas graças que me concedestes. Livrando-me do inferno, quisestes que não

ardesse eu nas chamas eternas, mas no doce fogo do vosso amor. Ajudai-me, pois, a cumprir os vossos desejos. Se estivesse no inferno, não poderia amar-vos. Mas, já que ainda posso amar, quero amar-vos... Amo-vos, Bondade infinita; amo-vos, meu Redentor, que tanto me tendes amado. Como é que pude viver tanto tempo sem me lembrar de vós? Agradeço-vos, Senhor, não me terdes esquecido. Ao contrário, estaria agora no inferno, ou não teria arrependimento dos meus pecados. Esta dor do coração por ter-vos ofendido, este desejo que sinto de muito vos amar, são dons da vossa graça, que me auxilia e vivifica... Agradecido, meu Deus. Espero consagrar-vos a vida, que me resta. A tudo renuncio; quero pensar unicamente em vos servir e agradecer. Imprimi em minha alma a recordação do inferno que mereci e da graça que me concedestes. Não permitais que, apartando-me outra vez de vós, volte a condenar-me eu mesmo aos tormentos daquele cárcere...

Ó Mãe de Deus, rogai por este pecador arrependido! Vossa intercessão livrou-me do inferno. Livrai-me também do pecado, único motivo capaz de acarretar-me nova condenação.

PONTO III

Todas as penas referidas nada são em comparação com a pena do dano. As trevas, a infecção, o pranto, as chamas não constituem a essência do inferno. O verdadeiro inferno é a pena de ter perdido a Deus! Dizia São Bruno: "Multipliquem-se os tormen-

tos, contanto que não se prive de Deus”. E São João Crisóstomo: “Se disseres mil infernos de fogo, nada dirás comparável à dor daquele”. Santo Agostinho acrescenta que, se os réprobos gozassem da visão de Deus, “não sentiriam tormento algum, e o próprio inferno se converteria em paraíso”.

Para compreender algo desta pena, consideremos: Se alguém perde, por exemplo, uma pedra preciosa que valha cem escudos, sentirá grande mágoa; mas se esta pedra valesse duzentos, muitos mais sentiria.

Portanto: quanto maior é o valor do objeto que se perde, tanto mais se sente a pena que ocasiona a perda... E como os réprobos perdem o bem infinito, que é Deus, sentem — como diz São Tomás — uma pena dalgum modo infinita.

Neste mundo somente os justos temem esta pena, disse Santo Agostinho. Santo Inácio de Loiola exclamava: “Senhor, tudo sofrerei, mas nunca de ficar privado de vós”. Os pecadores não fazem caso desta grande perda, porque vivem largos anos sem Deus, mergulhados em trevas. Na hora da morte, entretanto, reconhecerão a grandeza do bem que perderam. A alma, ao partir deste mundo, — diz Santo Antonino, — reconhece que foi criada por Deus e irresistivelmente deseja unir-se e abraçar-se com o Bem Supremo; achando-se, porém, em estado de pecado, Deus a repele.

Se um galgo acorrentado vê perto de si esquisita presa, esforça-se para romper a cadeia e lançar-se ao seu encalço. A alma ao separar-se do corpo se sente naturalmente atraída para Deus. O pecado, porém, a afasta e arremessa pedras nela (Is 50,2). Todo o inferno, pois, se resume nas primeiras palavras da sentença: “Apartai-vos de mim, malditos” (Mt 25,4). “Apartai-vos, dirá o Senhor, não quero que torneis a ver-me a face. Mesmo que se imaginassem mil infernos, nada se poderia conceber que eqüivalesse à pena de ser odiado por Cristo”. Quando David impôs a Absalão o castigo de que jamais comparecesse diante dele, Absalão sentiu dor tão profunda, que exclamou: “Dizei a meu pai que, ou me permita ver o seu rosto ou me dê a morte” (2Rs 14,15).

Vendo Filipe II que um nobre de sua corte se achava na igreja com pouco respeito, disse-lhe severamente: “Não consinto que doravante vos apresenteis diante de mim”. E tal foi a consternação e a dor daquele cortesão, que, ao chegar à sua casa, morreu de pesar... Que será, quando Deus despedir o réprobo para sempre?... “Esconderei dele a minha face... e cairão sobre ele todos os males e aflições” (Dt 31,17). Já não sois meus, nem eu vosso, dirá Cristo aos condenados (Os 1,9) no dia do juízo.

É dor imensa para um filho ou uma esposa pensar que nunca tornará a ver seu pai ou seu esposo, que acaba de morrer... Se, ao ouvir os gemidos da alma de um réprobo, lhe perguntássemos a causa de

tamanha dor, que sentiria ela ao dizer-nos: “Choro, porque perdi a Deus e nunca mais o tornarei a ver?” Se ao menos o desgraçado pudesse amar a Deus no inferno e conformar-se com a vontade de Deus! Mas não; se o pudesse fazer, o inferno deixaria de ser inferno. Nem poderá resignar-se, nem lhe será dado amar a Deus. Viverá a odiá-lo eternamente; e esse há de ser o seu maior tormento: conhecer que Deus é o Sumo Bem, digno de infinito amor, e ver-se forçado a aborrecê-lo para sempre.

“Sou aquele malvado despojado do amor de Deus”, respondeu o demônio, quando interrogado por Santa Catarina de Gênova. O réprobo odiará e amaldiçoará a Deus, e amaldiçoando-o, amaldiçoará também os benefícios que dele recebeu, a criação, a redenção, os sacramentos, especialmente os do batismo e da penitência, e sobretudo o Santíssimo Sacramento do Altar. Aborrecerá todos os anjos e com ódio implacável o seu anjo da guarda, os seus santos padroeiros e a Virgem Santíssima. Malditas serão por ele as três Pessoas divinas, especialmente a de Deus Filho, que morreu para salvar-nos, e as chagas, os trabalhos, o sangue, paixão e morte de Cristo Jesus.

AFETOS E SÚPLICAS

Vós sois, meu Deus, o soberano bem, o bem infinito e contudo quantas vezes vos perdi voluntariamente?... Sabia que com meus pecados vos feria profundamente e perdia vossa graça, e, no entanto, os cometi!... Ah, Senhor, se não soubesse que mor-

restes por mim cravado numa cruz, não ousaria pedir e esperar o vosso perdão!... Ó Pai Eterno! Não olheis para mim, contemplai, porém, vosso Filho amado, que vos pede misericórdia por mim; ouvi-o e perdoai-me. Já há muitos anos que mereci estar no inferno, sem esperança de amar-vos nem de recuperar a graça perdida. Detesto, meu Deus, de todo o coração, as injúrias que vos fiz, renunciando à vossa amizade e desprezando vosso amor por indignos prazeres deste mundo... Antes tivesse morrido mil vezes!...

Como pude ser tão cego e tão insensato?... Agradeço-vos, Senhor, o tempo que me dais para remediar o mal que cometi. Já que, por vossa misericórdia, não estou no inferno e posso amar-vos ainda, desejo amar-vos, meu Deus. Não quero adiar, por mais tempo, minha sincera e firme resolução... Amo-vos, bondade infinita; amo-vos, minha vida e meu tesouro, meu amor e meu tudo... Recordai-vos sempre, Senhor, do amor que me tivestes, e fazei que sempre tenha presente o inferno em que devia estar, a fim de que este pensamento me incentive no vosso amor e me anime a repetir mil vezes que vos amo verdadeiramente...

Ó Maria, Rainha, esperança e Mãe nossa, se estivesse no inferno já não vos poderia amar!... Mas agora vos amo, minha Mãe, e espero que jamais deixarei de amar a vós e ao meu Deus. Ajudai-me e rogai a Jesus por mim.

CONSIDERAÇÃO XXVII

Da eternidade do inferno

Et ibunt hi in supplicium aeternum.

E estes irão para o suplício eterno (Mt 25,46).

PONTO I

Se o inferno não fosse eterno, não seria inferno. A pena que dura pouco, não é grande pena. Se a um doente se rompe um abscesso ou queima uma ferida, não deixará de sentir dor vivíssima; como, porém, esta dor passa em breve não se pode considerá-la como tormento grave.

Seria, porém, grande suplício, se a intervenção cirúrgica perdurasse semanas ou meses. Quando a dor é intensa, ainda que seja breve, torna-se insuportável. E não apenas as dores, até os prazeres e as diversões, prolongando-se em demasia, um teatro, um concerto, continuando, sem interrupção, durante muitas horas, causaria tédio insuportável.

E se durassem um mês, um ano? Que será, pois, no inferno, onde não é música, nem teatro que sempre se ouve, nem leve dor que se padece, nem ligeira ferida ou superficial queimadura de ferro candente que atormenta, mas o conjunto de todos os males, de

todas as dores não em tempo limitado, mas por toda a eternidade? (Ap 20,10).

Esta eternidade é de fé; não é simples opinião, mas sim verdade revelada por Deus em muitos lugares da Sagrada Escritura. “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno. — E irão estes ao suplício eterno. — Pagarão a pena de eterna perdição. Todos serão assolados pelo fogo” (Mt 25,41.46; 2Ts 1,8; Mc 9,48). Assim como o sal conserva o alimento, o fogo do inferno não só atormenta os condenados, mas, ao mesmo tempo, tem a propriedade do sal, conservando-lhes a vida. “Ali o fogo consome de tal modo — disse São Bernardo — que conserva sempre”.

Insensato seria aquele que, para desfrutar um dia de divertimentos, quisesse condenar-se a uma prisão de vinte ou trinta anos num calabouço! Se o inferno durasse, não cem anos, mas apenas dois ou três, já seria loucura incompreensível que por um instante de prazer nos condenássemos a esses dois ou três anos de tormento gravíssimo.

Mas não se trata de trinta nem de cem, nem de mil, nem de cem mil anos, trata-se de sofrer para sempre penas terríveis, dores sem fim, males incalculáveis sem alívio algum. Portanto, os santos gemiam e tremiam com razão, enquanto subsistia, com a vida neste mundo, o perigo de se condenarem. O bem-aventurado Isaías, posto que passasse os dias no deserto entre jejuns e penitências, exclamava: “Infeliz de mim, que ainda não estou livre das chamas infer-

nais”.

AFETOS E SÚPLICAS

Se me tivésseis lançado no inferno, meu Deus, como tantas vezes mereci, e depois me tirásseis de lá em virtude da vossa grande misericórdia, quanto vos seria agradecido e que vida santa procuraria eu levar!...

E agora que, com clemência ainda maior, me tendes preservado da condenação eterna, que direi, Senhor? Tornarei a vos ofender e provocar a vossa ira a fim de que me condeneis àquele cárcere dos réprobos, onde tantos ardem por culpas menores que as minhas? Ah, meu Redentor, é o que fiz na vida passada! Em vez de empregar o tempo que me destes para chorar meus pecados, abusei dele para vos ofender.

Agradeço à vossa infinita bondade o ter-me atuado tanto tempo.

Se não fosse infinita, como houvera tolerado meus delitos? Agradecido, por me terdes esperado com tanta paciência até agora; agradecido, pela luz com que me iluminais, a fim de que reconheça minha demência e o mal que cometi, ofendendo-vos com meus pecados. Detesto-os, meu Jesus, e de todo o coração me arrependo. Perdoai-me, pela vossa sagrada paixão e morte; assisti-me com vossa graça

para que jamais torne a ofender-vos. Devo temer, com razão, que, em caso de cometer novo pecado mortal, me abandonareis. Senhor, ponde diante de meus olhos esse temor justo, sempre que o demônio me provocar a ofender-vos.

Amo-vos, meu Deus, e não quero perder-vos. Ajudai-me com vossa divina graça.

Auxiliai-me também, Virgem Santíssima; fazei que sempre me valha de vós nas minhas tentações, a fim de que nunca mais perca o meu Deus. Ó Maria, vós sois a minha esperança.

PONTO II

Aquele que entrar uma vez no inferno jamais sairá de lá. A este pensamento o rei David exclamava trêmulo: “Não me trague o abismo, nem o poço feche sobre mim a sua boca” (Sl 68,16). Apenas um réprobo cai naquele poço de tormentos, fecha-se sobre ele a entrada para nunca mais se abrir. No inferno só há porta para entrar e não para sair, disse Eusébio Emiseno; e explicando as palavras do salmista escreve: “O poço não fecha a sua boca, porque se fechará a abertura em cima e se abrirá em baixo para devorar os réprobos”. Enquanto vivo, o pecador pode ter alguma esperança, mas, se a morte o surpreender em pecado, perderá toda a esperança (Pr 11,7). Se os condenados pudessem ao menos embalar-se em al-

guma enganosa ilusão que aliviasse o seu desespero horrível!... O pobre enfermo, ferido e prostrado em seu leito, enganado dos médicos, talvez se iluda a respeito de seu estado, pensando que encontre algum médico ou remédio novo que o possa curar. O infeliz delinqüente, condenado à prisão perpétua, também procura alívio em seu pesar na esperança remota de evadir-se e desta maneira obter a liberdade... Conseguisse sequer o condenado iludir-se assim, pensando que algum dia poderia sair da sua prisão!... Mas não; no inferno não há esperança, nem certa nem provável; não há até um quem sabe? consolador (Sl 49,21). O desgraçado réprobo verá sempre diante de si a sentença que o obriga a gemer perpetuamente nesse cárcere de sofrimentos. “Uns para a vida eterna, e outros para o opróbrio que terão sempre diante dos olhos” (Dn 12,2). O réprobo não sofre somente a pena de cada instante, mas a cada instante a pena da eternidade.

“O que agora sofro, dirá, hei de sofrê-lo sempre”. “Gemem os condenados, diz Tertuliano, sob o peso da eternidade”.

Dirijamos, pois, ao Senhor a súplica que lhe fazia Santo Agostinho: “Queimai, cortai e não nos poupeis aqui, para que sejamos perdoados na eternidade”. Os castigos da vida presente são transitórios: “As tuas setas passam. A voz do teu trovão rolou” (Sl 76,19). Mas os castigos da outra vida nunca têm fim. Temamos-os, pois. Temamos a voz do trovão com que o

Supremo Juiz pronunciará, no dia do juízo, sua sentença contra os réprobos. “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno”. Diz a Escritura in rota, porque a roda é símbolo da eternidade, que não tem fim. Grande é o castigo do inferno, porém o que mais nos deve assustar é ser irrevogável (Ez 21,5).

Dirá, porém, o incrédulo: Onde está a justiça de Deus ao castigar com pena eterna um pecado que dura um instante?... E como, responderemos, como se atreve o pecador, por um prazer momentâneo, a ofender um Deus de majestade infinita? “Até a justiça humana, disse São Tomás, mede a pena, não pela duração, mas pela qualidade do crime. Não é porque o homicídio se cometa em um momento que se há de castigar também com pena momentânea”. Para o pecado mortal, 86 um inferno é pouco. A ofensa feita à Majestade infinita deve merecer castigo infinito, diz São Bernardino de Sena. Mas como a criatura, escreve o Doutor Angélico, não é capaz da pena infinita em intensidade, é com justiça que Deus torna a pena infinita em duração.

Além disso, a pena deve ser necessariamente eterna, porque o réprobo jamais poderá prestar satisfação por sua culpa. Nesta vida, o pecador penitente pode satisfazer pela aplicação dos merecimentos de Jesus Cristo; mas o condenado não participa desses méritos, e, portanto, não podendo por si satisfazer a Deus, sendo eterno o pecado, eterno também deve ser o castigo (Sl 48,8-9). “Ali a culpa — disse o Bellu-

acense — poderá ser castigada, mas jamais expiada” (Lib. II, 3p), porque, segundo Santo Agostinho, “ali o pecador é incapaz de arrependimento”.

O Senhor, portanto, estará sempre irado contra ele (Mt 1,4). E ainda que Deus quisesse perdoar ao réprobo, este não aceitaria a reconciliação, porque sua vontade obstinada e rebelde está confirmada no ódio contra Deus. Disse Inocêncio III: “Os condenados não se humilharão; pelo contrário, crescerá neles a perseverança do ódio”. São Jerônimo afirma que “nos réprobos, o desejo de pecar é insaciável” (Pr 27,20). A ferida de tais desgraçados é incurável; porque eles mesmos recusam a cura (Jr 15,18).

AFETOS E SÚPLICAS

Se atualmente estivesse condenado, como tantas vezes mereci, encontrar-me-ia obstinado no ódio contra vós, meu Redentor e meu Deus, que destes a vida por mim. Ó Senhor, quão terrível seria o inferno em que deveria aborrecer-vos, a vós que tanto me tendes amado, que sois beleza e infinita bondade, digna de infinito amor! Se estivesse no inferno, verme-ia em estado tão triste, que nem quisera o perdão que agora me ofereceis!... Agradeço-vos, meu Jesus, a clemência que comigo tivestes. Já que ainda me é permitido amar-vos e esperar perdão, desejo reconciliar-me convosco e quero amar-vos... Ofereceis-me o perdão, e eu vo-lo peço e espero alcançá-lo pelos vossos merecimentos infinitos. Arrependo-me, Suma Bondade, de todas as ofensas que vos fiz. Perdoai-

me, Senhor... Que mal me fizestes para que vos houvesse de aborrecer para sempre como meu inimigo?... Qual o amigo que haja feito e sofrido por mim o que vós, meu Jesus, fizestes e sofrestes?... Não consentais que incorra em vosso desagrado e perca o vosso amor. Antes morrer mil vezes do que cair em tal desgraça!...

Ó Maria, abrigai-me com o vosso manto, e não permitais que saia de baixo dele para rebelar-me contra Deus e contra vós!

PONTO III

No inferno, o que mais se deseja é a morte. “Buscarão os homens a morte e não a encontrarão” (Ap 9,6). Por isso, exclama São Jerônimo.

“Ó morte, quão agradável serias àqueles para quem foste tão amarga!” . Disse David que a morte se apascentará com os réprobos (Sl 48,15). E explica-o São Bernardo, acrescentando que, assim como, ao pastar, os rebanhos comem apenas as pontas das ervas e deixam a raiz, assim a morte devora os condenados, mata-os a cada instante e conserva-lhes a vida para continuar a atormentá-los com castigo eterno.

De sorte que, diz São Gregório, o réprobo morre continuamente sem morrer nunca. Quando um homem sucumbe de dor, todos têm compaixão dele. Mas o condenado não terá quem dele se compadeça.

Estará sempre a morrer de angústia e não encontrará comiseração... O imperador Zenão, sepultado vivo numa masmorra, gritava e pedia que, por piedade, o retirassem dali, mas não o atenderam e, depois, o encontraram morto. As mordeduras que a si mesmo havia feito nos braços, patenteavam o horrível desespero que sentira... Os condenados, exclama São Cirilo de Alexandria, gritam no cárcere infernal, mas ninguém acode a libertá-los, ninguém deles se compadecerá jamais.

E quanto tempo durará tão triste estado?... Sempre, sempre. Lê-se no Exercícios Espirituais, do Pe. Segneri, publicados por Muratori, que, em Roma, se interrogou a um demônio (na pessoa de um possesso), quanto tempo devia ficar no inferno... Respondeu com raiva e desespero: Sempre, sempre!... Foi tal o terror que se apoderou dos circunstantes, que muitos jovens do Seminário Romano, ali presentes, fizeram confissão geral, e sinceramente mudaram de vida, consternados por esse breve sermão de duas palavras apenas...

Infeliz Judas!... Há mais de mil e novecentos anos que já está no inferno e, não obstante, se diria que seu castigo apenas vai em princípio!...

Desgraçado Caim!... Há cerca de seis mil anos que sofre o suplício infernal e pode-se dizer que ainda se acha no princípio de sua pena! Um demônio a quem perguntaram quanto tempo estava no inferno, respondeu: Desde ontem. E como se lhe replicou que

isso não era possível, porque sua condenação já transcorrera há mais de cinco mil anos, exclamou: “Se soubésseis o que é a eternidade, compreenderíeis que, em comparação a ela, cinqüenta séculos nem sequer chegam a ser um instante”.

Se um anjo fosse dizer a um réprobo: “Sairás do inferno quando se tiverem passado tantos séculos quantas gotas houver de água na terra, folhas nas árvores e areia no mar”, o réprobo se regozijaria tanto como um mendigo que recebesse a nova de que ia ser rei. Com efeito, passarão todos esses milhões de séculos e outros inumeráveis a seguir, e contudo o tempo de duração do inferno estará sempre no seu começo...

Os réprobos desejariam propor a Deus que lhes aumentasse quanto quisesse a intensidade das penas e as prolongasse tanto quanto fosse.

Esse fim e essa limitação, entretanto, não existem nem existirão. A voz da divina justiça só repete no inferno as palavras sempre, nunca! Os demônios, por escárnio, perguntarão aos réprobos: “Vai muito adiantada a noite?” (Is 21,11). Quando amanhecerá? Quando acabarão essas vozes, esses prantos, essa infecção, esses tormentos e essas chamas? E os infelizes responderão: Nunca! Nunca!... Mas quanto tempo hão de durar?... Sempre! Sempre!... Ah, Senhor! Iluminai a tantos cegos que, sendo advertidos para tratarem de sua salvação, respondem: “Deixai-nos. Se formos para o inferno, que havemos de fa-

zer?...

Paciência?..." Meu Deus! não têm paciência para suportar, às vezes, os incômodos do calor e do frio, nem para sofrer uma leve ofensa, e hão de ter paciência, depois, para serem mergulhados num mar de fogo, suportar tormentos diabólicos o abandono absoluto de Deus e de todos, durante toda a eternidade?

AFETOS E SÚPLICAS

Pai das misericórdias! Nunca abandonais a quem vos procura. Se na vida tantas vezes me apartei de vós sem que me abandonasses, não me desprezeis agora que vos procuro. Pesa-me, Sumo Bem, de ter feito tão pouco caso de vossa graça, trocando-a por coisas de somenos valor. Contemplai as chagas de vosso Filho, ouvi sua voz que clama perdão para mim. Perdoai-me, pois, Senhor... E vós, meu Redentor, recordai-me sempre os sofrimentos que por mim passastes, o amor que me tendes e a minha ingratidão, que tantas vezes me fez merecer a condenação eterna, a fim de que chore minhas culpas e viva ardendo em vosso amor... Ah, meu Jesus! Como não hei de abrasar-me em vosso amor ao pensar que há muitos anos já devia estar queimando nas chamas infernais durante toda a eternidade, e que vós morrestes para me livrar das mesmas e efetivamente me livrastes com tão grande misericórdia? Se estivesse no inferno, vos aborreceria eternamente. Mas agora vos amo e desejo amar-vos sempre. Espero, pelos merecimentos do vosso precioso sangue, que assim

me concedereis... Vós, Senhor, me amais e eu vos amo também: amar-me-eis sempre, se de vós não me apartar. Livrai-me, meu Salvador, da grande desdita de separar-me de vós e fazei o que vos aprouver... Mereço todos os castigos, e os aceito voluntariamente, contanto que não me priveis do vosso amor...

Ó Maria Santíssima, amparo e refúgio meu, quantas vezes me condenei por mim próprio ao inferno e dele me tendes livrado!... Livrai-me, no futuro, de todo pecado, causa única que me pode privar da graça de Deus e lançar-me ao inferno.

CONSIDERAÇÃO XXVIII

Remorsos do condenado

Vermis eorum non moritur.

O seu verme não morre (Mc 9,47).

PONTO I

Este verme que não morre nunca significa, segundo São Tomás, o remorso de consciência dos réprobos, o qual há de atormentá-los eternamente no inferno. Muitos serão os remorsos com que a consci-

ência roerá o coração dos condenados. Mas há três que principalmente os atormentarão, a saber: o pensar no nada das coisas pelo qual o réprobo se condenou, no pouco que tinha a fazer para salvar-se e no grande Bem que perdeu. Depois que Esaú tinha comido o prato de lentilhas, preço do seu direito de primogenitura, ficou tão magoado por ter consentido na perda que, conforme a Escritura, pôs-se a rugir... (Gn 27,34) Que gemidos e clamores soltarão os réprobos ao ponderar que, por prazeres fugidios e envenenados, perderam um reino eterno de felicidade, e se vêem condenados para sempre a contínua e interminável morte! Chorarão mais amargamente que Jônatas, sentenciado a morrer por ordem de Saul, seu pai, sem ter cometido outro delito do que provar um pouco de mel (1Rs 14,43). Que pesar sofrerá o condenado ao recordar-se da causa de sua ruína!... Sonho de um instante nos parece nossa vida passada. O que hão de parecer ao réprobo os cinqüenta ou sessenta anos de sua vida terrena, quando se encontra na eternidade, onde, depois de terem decorrido cem ou mil milhões de anos, vir que então aquela sua vida está começando? E, além disso, os cinqüenta anos de vida na terra são, acaso, cinqüenta anos de prazer? O pecador que vive sem Deus goza sempre de doçuras em seu pecado? Um momento só dura o prazer culpável; no demais, para quem vive separado de Deus, é tempo de penas e aflições... Que serão, portanto, para o infeliz réprobo esses breves momentos de deleite? Que lhe parecerá, particularmente, o último pecado pelo qual se condenou?... "Por um vil

prazer que durou apenas um instante e que como o fumo se dissipou, exclamará, hei de arder nestas chamas, desesperado e abandonado, enquanto Deus for Deus, por toda a eternidade!”

AFETOS E SÚPLICAS

Dai-me luz, Senhor, a fim de reconhecer minha maldade em ofender- vos e a pena eterna que por ela mereci. Sinto, meu Deus, grande dor de ter-vos ofendido, mas essa dor me consola e alivia. Se me tivésseis precipitado no inferno, como mereci, o remorso seria ali o meu maior castigo ao considerar a miséria e a vileza das coisas que provocaram minha eterna desgraça. Agora, porém, a dor reanima, consola e me infunde esperança de alcançar perdão, que oferecetes ao que se arrepende.

Meu Deus e Senhor, arrependo-me de vos ter ultrajado; aceito com alegria essa pena dulcíssima da dor de minhas culpas, e vos rogo que a aumenteis e conserveis até à morte, a fim de que não deixe de deplorar um só instante os meus pecados... Perdoai-me, meu Jesus e Redentor, que, por terdes misericórdia de mim, não a tivestes de vós mesmo, e vos condenastes a morrer de dor para livrar-me do inferno. Tende piedade de mim! Fazei, portanto, que meu coração se conserve sempre contrito e inflamado no vosso amor, pois que tanto me tendes amado e atuado com tanta paciência, a ponto de, em vez de castigar-me, me cumulardes de luz e de graça... Agradeço-vos, meu Jesus, e vos amo de todo o coração.

Não sabeis desprezar a quem vos ama; peço, pois, que não aparteis de mim o vosso rosto divino. Acolhei-me na vossa graça e não permitais que torne a perdê-la...

Maria, Mãe e Senhora nossa, recebei-me como vosso servo e uni-me a vosso Filho Jesus. Suplicai-lhe que me perdoe e que me conceda, juntamente com o dom do seu amor, a graça da perseverança final.

PONTO II

Diz São Tomás que o principal tormento dos condenados será a consideração de que se perderam por verdadeiros nada, e que podiam ter alcançado facilmente, se o quisessem, o prêmio da glória¹. O segundo remorso de sua consciência consistirá, portanto, no pensar quão pouco cumpria fazer para salvar-se. Um condenado que apareceu a Santo Humberto revelou-lhe que sua maior aflição no inferno era reconhecer a indignidade do motivo que o levara à condenação e a facilidade com que a poderia ter evitado. O réprobo dirá então: “Se me tivesse mortificado para não olhar aquele objeto, se tivesse vencido o respeito humano ou tal amizade, não me teria condenado... Se me tivesse confessado todas as semanas, se tivesse freqüentado as associações piedosas, se tivesse feito todos os dias leitura espiritual e se me tivesse recomendado a Jesus e a Maria, não teria recaído em minhas culpas...”

Muitas vezes, resolvi fazer tudo isso, mas, infelizmente, não perseverei.

Dava começo à prática do bem, mas, em breve, desprezei o caminho encetado. Por isso, me perdi”.

Aumentará o pesar causado por este remorso a lembrança dos exemplos de companheiros virtuosos e de amigos do condenado, assim como dos dons que Deus lhe concedeu para salvar-se: dons naturais, como boa saúde, fortuna e talento, que, bem aproveitados segundo a vontade de Deus, teriam servido para a santificação; dons sobrenaturais, como luzes, inspirações, convites, largos anos para reparar as faltas cometidas. O réprobo, porém, deverá reconhecer que, no estado em que se acha, já não há remédio. Ouvirá a voz do Anjo do Senhor, que exclama e jura: “por Aquele que vive pelos séculos dos séculos, que já não haverá tempo...” (Ap 10,5-6). Como espadas agudas atuarão sobre o coração do condenado as recordações de todas as graças que recebeu, quando vir que já não é possível reparar a ruína eterna. Exclamará com seus companheiros de desespero: “Passou a ceifa, findou o estio, e nós não fomos salvos” (Jr 8,20). Se tivesse empregado no serviço de Deus o tempo e o trabalho passado em perder-me, teria sido um santo... E agora, que me restam, senão remorsos e mágoas sem fim? Sem dúvida, o pensamento de que poderia ser eternamente feliz e que será para sempre desgraçado, atormentará mais terrivelmente o condenado do que todos os demais cas-

tigos infernais.

AFETOS E SÚPLICAS

Como é que pudestes, meu Jesus, aturar-me tanto tempo? Tantas vezes que me apartei de vós, outras tantas viestes procurar-me; ofendi-vos e me perdoastes; voltei a ofender-vos e novamente me concedestes perdão... Fazei, Senhor, que participe da dor amarga que, sob suores de sangue, sofrestes por meus pecados no horto de Getsêmani. Arrependo-me, caríssimo Redentor, de ter tão indignamente desprezado o vosso amor... Malditos prazeres, detesto-vos e vos amaldiçoô, porque me fizestes perder a graça de Deus!... Meu diletíssimo Redentor, amo-vos sobre todas as coisas; renuncio a todas as satisfações ilícitas e proponho antes morrer mil vezes do que tornar a ofender-vos... Pelo afeto com que me amastes na cruz e oferecestes a vida por mim, concedei-me luz e força para resistir à tentação e pedir vosso poderoso auxílio...

Ó Maria, meu amparo e minha esperança, que tudo podeis conseguir de Deus, alcançai-me a graça de que não me aparte nunca mais de seu amor santíssimo!

PONTO III

Considerar o grande Bem que perderam, será o terceiro remorso dos condenados, cuja pena, segun-

do São João Crisóstomo, será mais grave pela privação da glória do que pelos próprios tormentos do inferno.

“Conceda-me Deus quarenta anos de reinado e renunciarei gostosamente ao seu paraíso”, disse a infeliz princesa Isabel da Inglaterra...

Obteve, de fato, os quarenta anos de reinado. Mas que dirá agora a sua alma na outra vida? Certamente, não pensará o mesmo. Que aflição e que desespero sentirá ao ver que, por reinar quarenta anos entre angústias e temores, gozando um trono temporal, perdeu para sempre o reino dos céus! Maior aflição, entretanto, sentirá o réprobo ao reconhecer que perdeu a glória e o Sumo Bem, que é Deus, não por acidentes de má sorte nem pela malevolência de outros, mas por sua própria culpa. Verá que foi criado para o céu, e que Deus lhe permitiu escolher livremente a vida ou a morte eterna. Verá que teve em sua mão a faculdade de tornar-se, para sempre, feliz e que, apesar disso, quis lançar-se, por sua livre vontade, naquele abismo de suplício, donde nunca mais poderá sair, e do qual ninguém o livrará. Verá como se salvaram muitos de seus companheiros que, não obstante terem de passar por perigos idênticos ou maiores de pecar, souberam vencê-los, recomendando-se a Deus, ou, se caíram, não tardaram a levantar-se e se consagraram novamente ao serviço do Senhor. Ele, porém, não quis imitá-los e foi cair desastrosamente no inferno, nesse mar de tormentos,

onde não existe a esperança.

Meu irmão! Se até aqui foste tão insensato que, para não renunciar a um mísero deleite, preferiste perder o reino dos céus, procura a tempo remediar o dano. Não permaneças em tua loucura e teme ir chorá-lo no inferno. Quem sabe se estas considerações que lêes sejam o último apelo de Deus? Se não mudares de vida e cometeres outro pecado mortal, Deus, talvez, te abandonará e te condenará a sofrer eternamente entre aquela multidão de insensatos que agora reconhecem o seu erro (Sb 5,6) e o confessam desesperados, porque não ignoram que é irremediável. Quando o inimigo te induzir a pecar, pensa no inferno e 90 recorre a Deus e à Santíssima Virgem. O pensamento do inferno poderá livrar-te do próprio inferno. “Lembra-te de teus novíssimos e não pecarás jamais” (Ecl 7,40), porque esse pensamento te fará recorrer a Deus.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, soberano Bem! Quantas vezes vos perdi por um nada, e quantas vezes mereci perder-vos para sempre! Reanimam-me e consolam-me, entretanto, aquelas palavras do Profeta: “Alegre-se o coração dos que buscam ao Senhor” (Sl 104,3). Não devo, pois, perder a esperança de recuperar vossa graça e vossa amizade, se vos procuro com sinceridade.

Sim, meu Senhor, suspiro por vossa graça mais que por qualquer outro bem. Prefiro ver-me privado

de tudo, até da vida, a perder o vosso amor. Amo-vos, meu Criador, amo-vos sobre todas as coisas; e porque vos amo pesa-me de vos ter ofendido... Meu Deus, desprezei-vos e perdi-vos; perdoai-me e permiti que vos encontre, porque não quero tornar a vos perder. Admiti-me de novo na vossa amizade e abandonarei tudo para amar unicamente a vós. Assim o espero da vossa misericórdia...

Pai Eterno, ouvi-me; por amor de Jesus Cristo, perdoai-me e concedei-me a graça de nunca mais me separar de vós. Se de novo e voluntariamente vos tornasse a ofender, teria justa razão para rezear que me abandonásseis...

Ó Maria, esperança dos pecadores, reconciliai-me com o meu Deus e guardai-me debaixo do vosso manto, a fim de que nunca mais me separe do meu Redentor.

CONSIDERAÇÃO XXIX

Da glória

Tristitia vestra vertetur in gaudium.

Vossa tristeza há de converter-se em alegria (Jo 16,20).

PONTO I

Procuraremos sofrer com paciência as aflições da vida presente, oferecendo-as a Deus, em união com as dores que Jesus Cristo sofreu por nosso amor e alentando-nos com a esperança da glória. Esses trabalhos, penas, angústias, perseguições e temores não de acabar um dia e, se nos salvarmos, serão para nós motivos de gozo e alegria inefável no reino dos bem-aventurados. É o próprio Senhor que nos anima e consola: “Vossa tristeza há de converter-se em alegria” (Jo 16,20).

Meditemos, portanto, sobre a felicidade da glória... Mas que diremos desta felicidade, quando nem os Santos mais inspirados souberam dar uma idéia acertada das delícias que Deus reserva aos que o amam?...

David apenas soube dizer que a glória é o bem infinitamente desejável... (Sl 83,2).

E tu, insigne São Paulo, que tiveste a dita de ser arrebatado ao céu, dize-nos alguma coisa ao menos do que viste ali!... Não, — respondeu o grande Apóstolo, — o que vi não é possível exprimir. Tão sublimes são as delícias da glória, que não pode compreendê-las quem não as desfruta (2Cor 12,9). Tudo o que posso dizer, é que ninguém nesta terra viu, nem ouviu, nem compreendeu as belezas, as harmonias e os prazeres que Deus preparou para aqueles que o amam (1Cor 2,9).

Neste mundo, não somos capazes de imaginar os bens do céu, porque só formamos idéia do que o mundo nos apresenta... Se, por maravilha excepcional, um ser irracional fosse dotado de razão e soubesse que um rico senhor ia celebrar esplêndido banquete, imaginaria que o repasto haveria de ser o melhor e o mais seletto, mas semelhante ao que ele usa, porque não poderia conceber nada melhor como alimento.

Assim acontece conosco relativamente aos bens da glória... Quanto é belo contemplar, em serena noite de verão, a magnificência do firmamento recamado de estrelas! Quão agradável é admirar as águas tranquilas de um lago transparente, em cujo fundo se descobrem peixes a nadar e pedras cobertas de musgo! Quanta formosura num jardim cheio de flores e de frutos, circundado de fontes e riachos, matizado por lindos passarinhos, que cruzam o ar e o alegram com seu canto mavioso!... Dir-se-ia que tantas belezas são o paraíso... Mas não! Muito diferentes são os gozos e a formosura do paraíso. Para deles fazemos uma vaga idéia, consideremos que ali está Deus onipotente, enchendo de delícias inenarráveis as almas que ele ama... Quereis saber o que é o céu? — dizia São Bernardo, — pois sabeis que ali não há nada que desagrade, e existe todo bem que deleita.

Que dirá a alma quando entrar naquela mansão felicíssima?... Imaginemos um jovem ou uma virgem, que, tendo consagrado toda a sua vida ao amor e ao

serviço de Cristo, acaba de morrer e deixa este vale de lágrimas. Sua alma apresenta-se ao juízo; o juiz a acolhe com bondade e lhe declara que está salva. O anjo da guarda a acompanha e felicita, e ela lhe mostra sua gratidão pela assistência que recebeu dele.

“Vem, pois, alma querida, diz-lhe o anjo; regozija-te porque estás salva.

Vem contemplar a face do Senhor!” E a alma se eleva, transpõe as nuvens, passa além das estrelas, e entra no céu... Meu Deus!... Que sentirá a alma ao penetrar, pela primeira vez, naquele reino de venturas e vir aquela cidade de Deus, insuperável em formosura?... Os anjos e os santos a recebem alegres e lhe dão amorosas boas-vindas... Ali encontrará, sob indizível júbilo, os seus santos padroeiros e os parentes e amigos que a precederam na vida eterna. A alma quererá prostrar-se diante deles, mas estes a impedirão, recordando-lhe que são também servos do Senhor (Ap 22,91). Levá-la-ão depois a beijar os pés da Santíssima Virgem, Rainha dos céus. A alma sentirá imenso delíquio de amor e de ternura vendo, pela primeira vez, sua excelsa e divina Mãe que tanto lhe ajudou a salvar-se e que agora lhe estende amorosamente os braços, fazendo-lhe reconhecer todas as graças que alcançou por sua intercessão perante nosso Rei Jesus Cristo, que a receberá como esposa amantíssima, e lhe dirá: “Vem do Líbano, minha esposa; vem e serás coroada” (Ct 4,8); alegra-te e consola-te, que passaram já as lágrimas, as penas e os

temores; recebe a coroa imarcessível que te alcancei a preço de meu sangue...” Jesus a apresentará ao Pai Eterno que lhe lançará a sua bênção, dizendo: Entra na alegria do teu Senhor (Mt 25,21) e lhe comunicará uma bem-aventurança sem fim, com felicidade semelhante à que ele goza.

AFETOS E SÚPLICAS

Eis aqui, Senhor, a vossos pés um ingrato que criastes para a glória, mas que tantas vezes, por indignos prazeres, renunciou a ela, preferindo ser condenado ao inferno... Espero que já me tenhais perdoado todas as ofensas que vos fiz e das quais sempre de novo me arrependo, querendo renovar sem cessar o meu arrependimento até à morte, a fim de que renoveis o vosso perdão... Mas, ó meu Deus! mesmo que já me tenhais perdoado, não é menos certo que tive a audácia de desagradar-vos, meu Redentor, que, para me levar ao vosso reino, sacrificastes a vida. Seja sempre louvada e bendita vossa misericórdia, meu Jesus, que com tanta paciência me tendes aturado e que, longe de me punir, só tendes multiplicado para mim graças, inspirações e convites.

Reconheço, meu amado Salvador, que desejais a minha salvação e que me chamais à pátria celestial para ali vos amar eternamente; mas quereis também que antes disso vos consagre meu amor neste mundo...

Quero amar-vos, meu Deus, e, mesmo que não

houvesse glória, quisera amar-vos enquanto vivesse, com todas as minhas forças. Basta-me saber que vós o desejais assim... Ajudai-me, meu Jesus, com vossa graça e não me abandoneis... Minha alma é imortal: estou, pois, na alternativa de amar-vos ou de aborrecer-vos eternamente. Que hei de preferir senão amar-vos sempre, consagrar-vos meu amor nesta vida, para que na vida futura esse amor perdure sem fim... Disponde de mim como vos aprouver; castigai-me como quiserdes; não me priveis, porém, do vosso amor e fazei de mim o que vos parecer... Meu Jesus, vossos merecimentos são minha esperança...

Ó Maria, confio em vossa intercessão! Livrastes-me do inferno quando me achava em pecado; agora que amo a Deus, não deixareis de salvar-me e santificar-me.

PONTO II

Depois que a alma entra a gozar a divina beatitude, não terá mais nada a sofrer. “Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos, e já não haverá morte, nem pranto, nem gemido, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E o que estava sentado no trono disse: Eis que eu renovo todas as coisas” (Ap 21,4-5). Não existe ali a sucessão de dias e noites, de calor e frio, mas um dia perpétuo sempre sereno, contínua primavera deliciosa e perene. Não há perseguições nem ciúmes, porque nesse reino de amor

todos se amam com ternura, e cada um goza da felicidade dos demais como se fosse sua própria.

Desconhecem-se ali angústias e temores, porque a alma confirmada na graça já não pode pecar nem perder a Deus. Todas as coisas ostentam renovada e completa formosura (Ap 21,5), e todas satisfazem e consolam. Os olhos deslumbrar-se-ão na admiração daquela cidade de perfeita beleza (?). Que delicioso espetáculo seria vermos uma cidade cujas ruas fossem calçadas de terso e límpido cristal e cujas viviendas, de prata brunida, fossem cobertas de ouro puríssimo e ornadas de grinaldas de flores... Quanto mais bela é ainda a cidade da glória! Como será agradável ver os seus felizes moradores vestidos com pompa real, porque, segundo diz Santo Agostinho, todos são reis! Que prazer será contemplar a Virgem Santíssima, mais bela que o próprio céu; e o Cordeiro imaculado, Nosso Senhor Jesus Cristo, divino esposo das almas! Santa Teresa conseguiu ver, certo dia, apenas uma das mãos do Redentor e ficou maravilhada à vista de tanta beleza... Nas moradas celestiais recenderão suavíssimos perfumes, aromas de glória, e se ouvirão músicas e cânticos de sublime harmonia... São Francisco ouviu, certa vez, por breves instantes, a execução dessa harmonia angélica e julgou morrer de dulcíssimo prazer... Que será, pois, a audição dos coros de anjos e santos, que, conjuntamente, cantam as glórias divinas (Sl 83,5), e a voz puríssima da Virgem Imaculada que louva o seu Deus!...

Como o canto do rouxinol num bosque excede e supera ao das demais aves, assim é a voz de Maria no céu... Numa palavra: haverá na glória todas as delícias que se podem desejar.

Mas esses prazeres até aqui considerados são apenas os menores bens do céu. O bem essencial da glória é o bem supremo: Deus. A recompensa que o Senhor nos promete não consiste unicamente na beleza, na harmonia e nos encantos daquela cidade bem-aventurada; a recompensa principal é Deus, mesmo, é amá-lo e contemplá-lo, face a face (Gn 15,1). Assegura Santo Agostinho que, se Deus mostrasse seu rosto aos condenados, “o inferno se transformaria de súbito em delicioso paraíso”. E acrescenta que, se fosse dada a uma alma, ao sair deste mundo, a escolha de ver a Deus, ficando no inferno, ou de não vê-lo e livrar-se das penas infernais, “preferiria, sem dúvida, a visão de Deus ainda que com os tormentos eternos”.

A felicidade de amar a Deus e vê-lo face a face não podemos compreender cabalmente neste mundo. Procuremos, porém, avaliá-la de alguma maneira, considerando que os atrativos do divino amor, mesmo na vida mortal, chegam a arrebatam não somente a alma, mas até o corpo dos santos. São Filipe Néri foi uma vez arrebatado ao ar juntamente com o banco em que estava sentado. São Pedro de Alcântara elevou-se também sobre a terra abraçado a uma árvore, cujo tronco se separou da raiz. Sabemos, além

disso, que os santos mártires, graças à suavidade e doçura do amor divino, se regozijam no meio dos seus atrozes padecimentos. São Vicente, durante o seu martírio, falava de tal modo — diz Santo Agostinho — “que não parecia ser o mesmo que estava falando e o que estava sofrendo”. São Lourenço, estendido sobre as grelhas em fogo, dizia ao tirano com assombrosa serenidade: Vira-me e devora-me, porque, como observa Santo Agostinho, Lourenço “in-cendido do amor divino, não sentia o fogo material que o devorava”.

Além disso, quão suave doçura encontra o pecador ao chorar as suas culpas! Se tão doce é chorar por ti — exclama São Bernardo — o que não será gozar de ti? Que inefável consolação não sente a alma, quando um raio de luz celeste descobre, durante a oração, algo da bondade e da misericórdia divina, do amor que lhe teve e ainda tem Nosso Senhor Jesus Cristo! Parece-lhe que a alma se consome e desfalece de amor. E, no entanto, neste mundo não vemos a Deus tal qual é; divisamo-lo entre sombras. Presentemente, temos uma venda ante os olhos e Deus se nos oculta sob o véu. Que sucederá, porém, quando desaparecer essa venda e se rasgar aquele véu, e nossos olhos virem quanto Deus é belo, quanto é grande e justo, perfeito, amável e amoroso? (1Cor 13,12).

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Sumo Bem, eu sou aquele desgraçado que

tantas vezes se apartou de vós e renunciou ao vosso amor. Não mereço ver-vos nem amar-vos. Mas vós, Senhor, sois aquele que, compadecendo-vos de mim, não tivestes compaixão de vós mesmo e vos condenastes à morte dolorosa do madeiro infamante e afrontoso. Espero que, por vossa morte, terei algum dia a dita de ver-vos e de gozar de vossa presença, amando-vos com todo o meu ser. Agora que estou ainda em risco de vos perder para sempre, tendo-vos já perdido por meus pecados, que farei no resto da vida? Continuarei a ofender-vos?... Não, meu Jesus; detesto as ofensas que vos fiz. Pesa-me de vos ter ofendido e vos amo de todo o meu coração... Repeli-reis uma alma que se arrepende e vos ama? Não. Bem sei que dissestes, amantíssimo Redentor, que não sabeis repelir aqueles que, arrependidos, recorrem a vós (Jo 6,37).

Renuncio a tudo, meu Jesus; entrego-me a vós; abraço-vos e vos aperto ao coração. Abraçai-me e apertai-me também ao vosso Coração sacratíssimo... Ouso falar-vos assim, por que falo e trato com a Bondade infinita, com um Deus que morreu por meu amor. Meu caríssimo Redentor, dai-me a perseverança no vosso santo amor.

93 Santíssima Virgem Maria, nossa Mãe, alcançai-me a graça da perseverança, em atenção ao grande amor que tendes a Cristo Jesus. Assim o espero, e assim seja.

PONTO III

A maior tribulação, que neste mundo aflige as almas que amam a Deus, é a de se acharem desoladas e sem consolo; é o receio de não o amarem e de não serem amadas por ele (Ecl 19,1). No céu, porém, a alma está certa de que se acha venturosamente abismada no amor divino, e de que o Senhor a abraça como filha predileta, sem que esse amor jamais possa acabar-se. Ao contrário, essas chamas se hão de intensificar ainda mais na alma com o conhecimento mais perfeito que terá então do amor que impeliu Jesus a morrer por nós e a instituir o Santíssimo Sacramento, no qual Deus mesmo se dá como alimento ao homem. Verá a alma distintamente todas as graças que Deus lhe prodigalizou, livrando-a de tantas tentações e perigos de perder-se, e reconhecerá que aquelas tribulações, enfermidades, perseguições e reveses, que chamara desgraças e tivera por castigos, eram manifestações do amor de Deus e meios que a Divina Providência punha em prática para a levar ao Paraíso. Reconhecerá, primordialmente, a paciência que Deus teve em esperá-la depois de tê-lo ofendido tanto, e a nímia misericórdia de conceder-lhe não só o perdão, mas ainda cumulá-la de luzes e convites amorosos. Daquelas alturas venturosas, verá que existem no inferno muitas almas condenadas por culpas menores que as suas e aumentar-se-lhe-á a gratidão por ter-se santificado, gozar da posse de

Deus e jamais perder o Bem soberano e infinito.

O bem-aventurado gozará eternamente dessa felicidade incomparável que a cada instante lhe parecerá nova, como se então a começasse a desfrutar. Desejará ter sempre essa felicidade e a possuirá sem cessar: sempre desejosa e sempre satisfeita; sempre ávida e sempre saciada. O desejo, no paraíso da glória, não vai acompanhado de temor, nem o gozo engendra nenhum enfado. Em suma: assim como os réprobos são vasos de ira, assim os eleitos são vasos de júbilo e de felicidade, de sorte que nada lhes resta a desejar. Diz Santa Teresa, que, mesmo aqui na terra, quando Deus admite as almas em sua adega, isto é, no seu amor divino, as embriaga de tal felicidade que perdem toda a afeição às coisas terrenas. Mas, no céu, muito mais perfeita e plenamente os eleitos de Deus, segundo diz David, serão embriagados na abundância de sua casa. A alma, então, face a face com o seu Senhor e unindo-se ao Sumo Bem, presa de amoroso delíquio, abismar-se-á em Deus e, esquecida de si mesma, só pensará em amar, louvar e bendizer o Bem infinito que possui.

Quando as cruzes da vida nos oprimem, esforçemo-nos por suportá-las pacientemente com a esperança do céu. À hora da morte, o abade Zósimo perguntou a Santa Maria Egipcíaca, como tinha podido viver tantos anos no deserto, ao que a Santa respondeu: — Com a esperança na glória... Quando ofereceram a São Filipe Néri a dignidade de cardeal, atirou

para longe de si o barrete, exclamando: O céu, o céu é que eu desejo. Frei Gil, religioso franciscano, elevava-se extático, cada vez em que ouvia o nome do paraíso celeste. Pois bem! quando nos atormentarem e angustiarem as misérias deste mundo, levantemos os olhos ao céu e consolemo-nos com a esperança da felicidade eterna.

Consideremos que, sendo fiéis a Deus, não de em breve acabar-se todos esses trabalhos, essas misérias e inquietações, e seremos admitidos à pátria celestial, onde viveremos plenamente felizes, enquanto Deus for Deus. Ali nos esperam os Santos, ali a Virgem Santíssima, ali Jesus Cristo nos prepara a coroa imarcescível do reino da eterna glória.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu querido Salvador, vós mesmo me ensinaste a rezar deste modo: *Adveniat regnum tuum*. Suplico-vos, pois, Senhor, que venha o vosso reino à minha alma, de maneira que tomeis dela posse completa e que ela vos possua a vós, como Bem sumo e infinito. Meu Jesus, nada poupastes para salvar-me e para conquistar o meu amor. Salvai-me, pois. Seja minha salvação amar-vos sempre nesta e na vida eterna.

Apesar de tantas vezes vos ter abandonado, sei que não desdenhareis de abraçar-me eternamente no céu com tanta ternura como se nunca vos tivesse ofendido. E sabendo disso, como não poderia eu amar-vos sobre todas as coisas, a vós, que me quereis

dar o paraíso, apesar de que tantas vezes merecesse o inferno?... Oxalá, Senhor, nunca vos tivesse ofendido! Se pudesse renascer, quisera amar-vos sempre!... Mas o que está feito, está feito. Só posso oferecer-vos o restante da minha vida. Sem reserva, vou-la dou; consagro-me inteiramente ao vosso serviço...

Saí do meu coração, afetos terrestres, dai lugar ao meu Deus e Senhor, que o quer possuir unicamente!... Todo ele é vosso, meu Redentor, meu Amor e meu Deus. De hoje em diante, só quero pensar em vos ser agradável. Ajudai-me com a vossa graça: assim o desejo eficaz de servir-vos... Ó glória, ó céu!... Quando vos poderei ver face a face, Senhor?...

Meu Deus, guiai-me e protegei-me para que jamais vos ofenda!...

94 Ó Maria Santíssima, quando me verei a vossos pés na glória do paraíso? Socorrei-me, minha Mãe; não permitais que me condene e que me veja longe de vós e do vosso divino Filho.

CONSIDERAÇÃO XXX

Da oração

Petite et dabitur vobis... omnis enim qui petit, accipit.

Pedi e dar-se-vos-á... porque todo aquele que pede receberá (Lc 9,9- 10)

PONTO I

Não é só num, mas em muitos lugares do Antigo e Novo Testamento que Deus promete atender aos que se recomendam a ele. “Clama a mim e ouvir-te-ei (Jr 33,3). Invoca-me... e livrar-te-ei (Sl 49,15). Se pedirdes alguma coisa em meu nome, vô-la será concedida (Jo 14,4).

Pedireis o que quiserdes e se vos outorgará (Jo 15,7). E assim outros textos semelhantes. Verdade é que a oração é uma, diz Teodoreto; mas ela nos pode alcançar tudo; pois, segundo afirma São Bernardo, o Senhor nos dá, ou a graça que pedirmos, ou outra que julga nos ser mais útil¹. Por essa razão, o Profeta nos incita a rezar, afiançando-nos que Deus é todo misericórdia para aqueles que o invocam e recorrem a ele (Sl 85,5). Com mais eficácia, nos exorta o apóstolo São Tiago, dizendo que, quando rogamos a Deus, este nos concede mais do que se lhe pede, sem vingar-se das ofensas que lhe causamos (Tg 1,5). Ao ouvir nossas orações, parece esquecer nossas culpas.

Diz São João Clímaco que a oração comove de algum modo a Deus e o obriga a conceder-nos o que lhe pedimos. É violência — escreve Tertuliano — mas violência que agrada ao Senhor e que a deseja de nós, pois, segundo diz Santo Agostinho, maiores desejos tem Deus de prodigalizar-nos os seus bens do que nós de recebê-los, porque Deus, por sua natureza, é a bondade infinita, conforme observa São Leão e se compraz sempre em comunicar-nos os seus bens. Disse Santa Maria Madalena de Pazzi que Deus contrai, de certo modo, obrigações com a alma que o implora, porque ela mesma oferece oportunidade ao Senhor de satisfazer o seu desejo de conceder-nos suas graças e seus favores. David afirmou que esta bondade do Senhor em ouvir-nos, quando lhe dirigimos as nossas súplicas, demonstrava-lhe que ele era o verdadeiro Deus (Sl 55,10). Adverte São Bernardo, que muitos se queixam de que Deus não lhes é propício; com maior razão se lamenta o Senhor de que muitos o ofendem e deixam de recorrer a ele para lhe pedir graças. Nosso Redentor disse, por isso, a seus discípulos: “Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, a fim de que vosso gozo seja completo” (Jo 16,24); ou seja: “não vos queixeis de mim, se não tendes sido completamente felizes; queixai-vos de vós mesmos que não me pedistes as graças que vos tenho preparado. Pedi, pois, e sereis satisfeitos”.

Os antigos monges afirmaram que não há exercício mais proveitoso para alcançar a salvação do que

a oração contínua, dizendo: Auxiliai-me, Senhor! Deus, in adjutorium meum intende. O venerável Padre Segneri, referindo-se a si mesmo, disse que costumava, em suas meditações, entregar-se largamente a afetos piedosos, mas que, depois, persuadido da grande eficácia da oração, procurava dedicar a ela a maior parte do tempo... Façamos nós também o mesmo, porque Deus nos ama ternamente, deseja a nossa salvação e se mostra solícito em ouvir as nossas súplicas. Os príncipes do mundo só a poucos dão audiência, disse São João Crisóstomo; mas Deus a concede a todos os que a pedem.

AFETOS E SÚPLICAS

Adoro-vos, Deus Eterno, e agradeço-vos todos os benefícios que me tendes concedido, especialmente criando-me, resgatando-me com o sangue de Jesus Cristo, tornando-me filho da sua santa Igreja, esperando o meu arrependimento quando me achava no pecado e perdoando-me tantas vezes... Ah, meu Deus, nunca teria caído em pecado, se a vós tivesse recorrido nas tentações... Agradeço-vos também a luz que me fez reconhecer que toda a minha felicidade se funda na oração, na súplica dos dons de que necessitamos. Peço-vos, pois, em nome de Jesus Cristo, que me deis grande dor de meus pecados, a perseverança na vossa graça, uma morte boa e piedosa e, enfim, a glória eterna; sobretudo vos peço o sumo dom do vosso amor e a perfeita conformidade com a vossa vontade santíssima. Bem sei que não

mereço esses favores, mas os oferecestes a quem os pedisse em nome de Jesus Cristo. E eu, pelos merecimentos de Jesus Cristo, vo-los peço e espero obtê-los...

Ó Maria, as vossas súplicas alcançam quando pedem. Orai por mim.

PONTO II

Consideramos, além disso, a necessidade da oração. Afirma São João Crisóstomo que, assim como o corpo sem alma está morto, assim quem não reza se acha sem vida. Acrescenta ainda que tanto necessitam as planta de água para não murcharem como nós da oração para nos não perdermos. Deus quer que nos salvemos todos e que ninguém se perca (1Tm 2,4). “Usa de paciência convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos se convertam à penitência” (2Pd 3,9). Quer, porém, que lhes peça-mos as graças necessárias para nossa salvação, porque, de um lado, não podemos cumprir os preceitos divinos e salvar-nos sem o auxílio atual do Senhor e, de outro lado, Deus não nos quer dar, ordinariamente falando, essas graças, se lhes não pedirmos. Por esta razão, disse o santo Concílio de Trento que Deus não impõe preceitos impossíveis, porque, ou dá-nos a graça próxima e atual necessária para cumpri-los, ou dá-nos a graça de pedir-lhe essa graça atual. Ensina-nos Santo Agostinho que Deus, exceto

as primeiras graças, tais como a vocação para a fé, ou da penitência, todas as demais e especialmente a perseverança, concede unicamente àqueles que as pedem.

Inferem daqui os teólogos, entre os quais São Basílio, Santo Agostinho, São João Crisóstomo, São Clemente de Alexandria e muitos outros, que a oração é necessária para os adultos, como necessidade de meio. Portanto, sem rezar, não é possível salvar-se. E isto, diz o doutíssimo Léssio, se deve considerar artigo de fé.

Os testemunhos da Sagrada Escritura são concludentes e numerosos: “É preciso orar sempre. Orai, para não cairdes em tentação. Pedi e recebereis. Orai sem cessar”. As citadas palavras “é preciso, orai, pedi”, segundo a opinião geral dos teólogos com a do angélico São Tomás (3 p., q. 29, a. 5), têm força de preceito, o qual obriga sob pena de pecado grave, especialmente em dois casos: 1º quando o homem está em pecado; 2º quando está em perigo de pecar. Acrescentam ainda ordinariamente os teólogos que aquele que deixa de rezar por espaço de um mês ou mais tempo, não está livre de pecado mortal. (Veja-se Léssio no lugar citado). Como vimos acima, toda essa doutrina se baseia em que a oração é um meio sem o qual não é possível obter os socorros necessários para salvar-nos.

Pedi e recebereis. Quem pede alcança. Por conseguinte — diz Santa Teresa — quem não pede, não

alcançará. E o apóstolo São Tiago exclama: Não alcançais, porque não pedis (Tg 4,2). A oração é particularmente necessária para obter a virtude da continência. “E como cheguei 96 a entender que de outra maneira a não podia alcançar, se Deus não me desse... recorri ao Senhor e lhe roguei” (Sb 8,21). Resumindo o que ficou exposto, conclui-se que se salva aquele que reza e que se condena na certa aquele que não reza. Todos quantos se salvaram, o conseguiram por meio da oração. Todos quantos se condenaram, condenaram-se porque não rezaram. E a consideração de que, por meio da oração, teriam podido salvar-se facilmente e que já não é tempo de remediar o mal, aumentar-lhe-á seu desespero no inferno.

AFETOS E SÚPLICAS

Como é que pude, Senhor, viver até agora esquecido de vós? Pusestes à minha disposição todas as graças que deveria ter procurado; esperáveis somente que as pedisse; mas eu só pensei em contentar minha sensualidade, sem que me importasse verme privado do vosso amor e da vossa graça. Esqueci, Senhor, minha ingratidão e tende misericórdia de mim; perdoai-me as ofensas que vos fiz, e concedei-me a graça da perseverança, auxiliando-me sempre, ó Deus de minha alma, para que não torne a ofender-vos. Não permitais que me esqueça de vós, como vos desprezei no passado. Dai-me luz e força a fim de que me recomende a vós, especialmente quando

o inimigo me provocar ao pecado. Concedei-me, meu Deus, esta graça pelos merecimentos de Jesus Cristo e pelo amor que lhe tendes. Basta, Senhor, basta de ofensas.

Quero amar-vos no restante de minha vida. Dai-me vosso santo amor e que esse amor me faça recorrer a vós sempre que me encontre em perigo de pecar...

Maria Santíssima, minha esperança e meu amparo, pela vossa intercessão espero a graça de recomendar-me a vós e a vosso divino Filho em todas as tentações. Socorrei-me, minha Rainha, pelo amor que tendes a Jesus Cristo.

PONTO III

Consideremos, finalmente, as condições da oração bem feita. Muitas pessoas rezam e não alcançam nada, porque não pedem como convém (Tg 4,3). Para bem rezar é preciso, primeiro que tudo, humildade.

“Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes dá sua graça” (Tg 4,6). Deus não ouve as petições do soberbo; mas nunca despreza a súplica dos humildes (Ecl 35,21), ainda que anteriormente tenham sido pecadores, “Não desprezarás, Senhor, um coração contrito e humilhado” (Sl 50,19).

Em segundo lugar, é necessária a confiança.

“Ninguém esperou no Senhor e foi confundido” (Ecl 2,11). Ensinou-nos Jesus Cristo que, ao pedirmos a Deus alguma graça, lhe demos o vocativo de Pai nosso, a fim de que lhe roguemos com aquela confiança que um filho tem ao recorrer ao seu próprio pai. Quem reza com confiança, tudo obtém. Para todas as coisas que pedirdes na oração, tende viva fé de consegui-las e vo-las serão concedidas (Mc 2,24). E quem pode ter receio, diz Santo Agostinho, de ser enganado na sua expectativa, se a promessa lhe foi feita pela própria Verdade, que é Deus? Deus não é como os homens, que, às vezes, deixam de cumprir o que prometem, ou porque mentiram quando prometeram, ou porque mudaram depois de vontade (Nm 23,19). Se o Senhor — acrescenta Santo Agostinho — não quisesse conceder-nos as suas graças, para que nos havia de exortar continuamente a pedir-lhes?. Prometendo, contraiu a obrigação de nos conceder as graças que lhe suplicarmos.

Talvez pense alguém que, por ser pecador, não merece ser atendido.

Mas responde São Tomás que a oração, por meio da qual pedimos graças, não se funda em nossos méritos, mas na misericórdia divina.

“Todo aquele que pede, recebe (Lc 11,10); isto é, todos, sejam justos ou pecadores”. O próprio Redentor nos tirou todo o temor e desvaneceu toda dúvida, dizendo: “Em verdade, em verdade vos digo que o Pai vos dará tudo o que pedirdes em meu nome” (Jo

16,23); ou seja: se careceis de merecimentos, eis que aqui estão os meus; servi-vos deles junto a meu Pai. Pedi em meu nome, e eu vos prometo que alcançareis o que pedirdes...” É preciso observar, entretanto, que tal promessa não se refere às dádivas temporais, como saúde, fortuna e outros, porque o Senhor, muitas vezes, nos nega estes bens, prevendo que iriam de encontro à nossa salvação. O médico conhece melhor do que o doente o que lhe é proveitoso¹¹, diz Santo Agostinho; e acrescenta que Deus recusa a alguns, por misericórdia, o que a outros concede sob a condição de serem convenientes ao bem da alma. As espirituais, como o perdão, a perseverança, o amor de Deus e outras graças semelhantes, ao contrário, devem pedir-se absolutamente e com firme confiança de obtê-las.

“Se vós, posto que maus, disse Jesus Cristo, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial dará espírito bom aos que lhe pedirem?” (Lc 11,13).

É necessária, sobretudo, a perseverança. Disse Cornélio a Lápide que o Senhor “quer que perseveremos na oração até que sejamos importunos” (In Lc 11); o que a Sagrada Escritura exprime com os textos seguintes: “É preciso orar sempre”. — “Vigiai, pois, orando sem cessar”.

— “Orai sem intermissão” (Lc 18,1; 21,36; 1Ts 5,17); o mesmo diz esta passagem: “Pedi e recebereis; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á (Lc

11,9). Bastava dizer: pedi; mas o Senhor quis demonstrar-nos que devemos proceder como os mendigos, que não cessam de pedir, de insistir e de bater à porta, até que, por fim, recebam a esmola. A perseverança final é especialmente uma graça que não se alcança sem oração contínua. Por nós mesmos, não podemos merecer essa graça, mas por meio da oração, disse Santo Agostinho, de algum modo a merecemos.

Rezemos sempre, e não cessemos de rezar, se nos quisermos salvar. Os confessores e pregadores não se cansam de exortar-nos à oração, se desejarmos salvar nossas almas. E, segundo a recomendação de São Bernardo, recorramos sempre à intercessão de Maria Santíssima. “Impetremos a graça, mas impetremo-la pela intercessão de Maria, que tudo alcança e que não pode enganar-se”.

AFETOS E SÚPLICAS

Espero, Senhor, que já me tenhais perdoado; entretanto, os meus inimigos não deixarão de me combater até à hora da morte. Se não me valerdes, tornarei a perder-me. Pelos merecimentos de Cristo, peço-vos a santa perseverança. Não permitais que me aparte de vós. E o mesmo favor vos peço para todos os que estão na vossa graça. Confiado em vossa promessa, estou certo de que me concedereis a perseverança, se continuar a vo-lo pedir. E, contudo, receio, Senhor, deixar de recorrer a vós nas tentações e recair, por isso, no pecado. Rogo-vos, pois que me

concedais a graça de jamais deixar de rezar. Fazei que nos perigos de pecar me recomende a vós e invoque em meu auxílio os nomes de Jesus e de Maria. É isto, meu Deus, estou resolvido a praticar e assim espero consegui-lo mediante a vossa graça. Atendei-me, pelo amor a Jesus Cristo...

E vós, Maria, nossa Mãe, alcançai-me que, nos perigos de perder a Deus, recorra sempre a vós e a vosso divino Filho.

CONSIDERAÇÃO XXXI

Da perseverança

Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit. Aquele que perseverar até ao fim, este será salvo (Mt 24,13).

PONTO I

Disse São Jerônimo que muitos começam bem, mas poucos são os que perseveram¹. Um Saul, um Judas, um Tertuliano, começaram bem, mas acabaram mal, porque não perseveraram como deviam. “Nos cristãos não se procura o princípio, mas o fim”. O Senhor — prossegue o mesmo Santo — não exige somente o começo da boa vida, quer também seu bom termo; o fim é que alcançará a recompensa. É por isso que São Lourenço Justiniano chama a perseverança de porta do céu. Quem não der com essa

porta, não poderá entrar na glória.

Tu, meu irmão, que abandonaste o pecado e esperas, com razão, que tenham sido perdoadas as tuas culpas, gozas da amizade de Deus; todavia ainda não estás salvo, nem o estarás enquanto não tiveres perseverado até ao fim (Mt 10,22). Começaste bem e santamente a vida.

Agradece mil vezes a Deus; mas adverte que, segundo disse São Bernardo, não é ao que começa que se oferece o prêmio, mas sim, unicamente, ao que persevera. Não basta correr no estádio; mas impende prosseguir até alcançar a coroa, conforme a expressão do apóstolo (1Cor 9,24).

Lançaste mão do arado: principiaste a viver bem; portanto, agora mais do que nunca, deves recear e tremer... (Fp 2,12) Por quê?... Porque, se retrocederes (o que Deus não permita) e tornares a trilhar o mau caminho, Deus te excluirá do prêmio da glória (Lc 9,62). Por conseguinte, evita, fortalecido pela graça de Deus, as ocasiões más e perigosas, freqüenta os sacramentos, faz cada dia meditação. Serás feliz se assim continuares até que Nosso Senhor Jesus Cristo venha julgar-te (Mt 24,46). Não esperes, no entanto, que, por teres resolvido servir a Deus, cessem as tentações e não voltem a combater-te. Considera o que diz o Espírito Santo: “Filho, quando chegas ao serviço de Deus, prepara a tua alma para a tentação” (Ecl 2,1). Atende que, então, mais que nunca, deves estar prevenido para o combate, porque

nossos inimigos, o mundo, o demônio e a carne, agora mais que nunca, se armarão para te atacar e fazer-te perder tudo o que tiveres conquistado. São Dionísio Cartusiano afirma que, quanto mais uma alma se entrega a Deus, com tanto maior empenho e inferno procura arrebatá-la. Esta verdade se exprime claramente no evangelho de São Lucas, onde diz: “Quando o espírito imundo foi expulso duma alma, anda por lugares áridos procurando repouso e, não o encontrando, diz: “Tornarei à minha casa donde saí... Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, entram na alma e moram ali. E as últimas coisas deste homem serão piores que as primeiras” (Lc 11,24-26); ou seja: quando o demônio se vê expulso de uma alma, não encontra descanso e emprega todas as suas forças para dominá-la novamente. Pede auxílio a outros espíritos maus, e, se consegue reentrar naquela alma, provocará uma segunda ruína, mais grave que a primeira.

Considera, pois, quais as armas que vais empregar para defender-te desses inimigos e conservar a graça de Deus. Para não seres vencido pelo demônio, não há arma mais eficiente do que a oração. Disse São Paulo que não temos que combater contra os homens de carne e osso como nós, mas contra príncipes e potestades do inferno (Ef 6,12), querendo assim advertir-nos que carecemos de forças especiais para resistir a tamanho poder, e que, por conseguinte, necessitamos do socorro de Deus. Com a assistência divina, podemos tudo (Fp 4,13), dizia o Apóstolo-

lo, e todos devemos repetir o mesmo. Esse auxílio, porém, só se alcança pedindo-o por meio da oração. Pedi e receberéis. Não nos fiemos em nossos propósitos, que estaremos perdidos. Toda a nossa confiança, quando o demônio nos tentar, temos que depositar no auxílio divino, recomendando-nos a Jesus e a Maria Santíssima. Mui especialmente, devemos fazer isto nas tentações contra a castidade, porque são as mais temíveis e as que oferecem ao demônio mais freqüentes vitórias. Por nós mesmos, não dispomos de forças para conservar a castidade. É preciso que Deus no-las dê. “Cheguei à conclusão — exclama Salomão — que doutra maneira não podia guardar continência, se Deus não me desse... recorri ao Senhor e lhe roguei” (Sb 8,21).

Impende, pois, em tais tentações, recorrer logo a Jesus Cristo e à sua santa Mãe, invocando freqüentemente os santíssimos nomes de Jesus e Maria. Quem assim fizer, vencerá; o que fizer o contrário, será vencido.

AFETOS E SÚPLICAS

Ne projicias me a facie tua. Meu Senhor, não me afasteis da vossa face! (Sl 50,13) Bem sei que me não abandonareis, salvo se for o primeiro a abandonar-vos. Entretanto, a experiência de minha fraqueza me inspira temor. Dai-me, meu Deus, a força necessária contra o poder do inferno, que deseja novamente reduzir-me à sua odiosa escravidão.

Por amor de Jesus Cristo vo-la peço. Estabelecei, Senhor, entre mim e vós uma paz perpétua, que jamais se altere. Para este efeito, dai-me vosso santo amor. Morto está aquele que não vos ama (1Jo 3,14). Livrai-me dessa morte desgraçada, ó Deus da minha alma. Sabeis que estava perdido e que, por efeito de vossa bondade, cheguei ao estado em que me acho, nutrindo a esperança de que possuo a vossa graça... Em virtude da morte amaríssima que por mim padecestes, não permitais, meu Jesus, que voluntariamente perca prerrogativa de tão alto valor. Amo-vos sobre todas as coisas, e espero ficar sempre preso nos laços desse divino amor, com ele morrer e nele viver eternamente.

Ó Maria, a quem chamamos Mãe da perseverança, por vossa intercessão é que se alcança essa grande mercê. A vós a peço e de vós a espero.

PONTO II

Vejam agora como se deve vencer o mundo. O demônio é um inimigo terrível, mas o mundo é pior ainda. Se o demônio não se servisse dele, isto é, dos homens maus, que compõem o que vulgarmente se entende por mundo, não conseguirá as vitórias que obtém. O próprio Redentor nos admoesta que nos acautelemos mais dos homens que do demônio (Mt 10,17). Aqueles são freqüentemente piores do que estes, porque os demônios fogem diante da oração e

da invocação dos nomes de Jesus e de Maria, mas os maus amigos, quando tentam arrastar alguém ao pecado e se lhes responde com palavras edificantes e cristãs, longe de fugirem e de se recolherem, cada vez mais perseguem o coitado que lhes cai nas mãos, ridicularizando-o, chamando-o de néscio, covarde e destituído de caráter; e, quando outra coisa não conseguem, tratam-no de hipócrita, que quer fingir santidade. Certas almas tímidas ou fracas, para escapar a tais ataques e zombarias, cedem àqueles ministros de Lúcifer e pecam miseravelmente. Fica persuadido, portanto, meu irmão, de que serás menosprezado e exposto à zombaria dos maus e dos ímpios, se quiseres viver piedosamente (Pr 21,27). O que vive mal não pode tolerar os que vivem bem, porque a vida destes é para eles uma contínua repreensão e, por isso, desejam que todos lhes sigam o exemplo, a fim de atenuar o espicaçar do remorso causado pelo procedimento cristão dos demais. O que serve a Deus, diz o Apóstolo, tem que ser perseguido pelo mundo (2Tm 3,12). Todos os Santos sofreram rudes perseguições. Quem foi mais santo que Jesus Cristo? E, no entanto, o mundo o perseguiu até dar-lhe afrontosa morte de cruz.

Isto não é surpresa, porque as máximas do mundo são inteiramente contrárias às de Jesus Cristo. Ao que o mundo estima, chama Jesus Cristo loucura (1Cor 3,19). Por sua parte, o mundo trata de demência ao que é estimado por Nosso Senhor, como as cruzes, os sofrimentos e os desprezos (1Cor 1,18).

Consolemo-nos, todavia, que, se os maus nos censuram e amaldiçoam, Deus nos louva e exalta (Sl 28).

Já não nos basta sermos louvados por Deus, por Maria Santíssima, pelos anjos, pelos santos e por todas as pessoas de bem? Deixemos, pois, que os pecadores digam o que quiserem e continuemos a servir a Deus que é tão fiel e amoroso para aqueles que o amam. Quanto maiores forem os obstáculos e as contradições que encontrarmos na prática do bem, tanto mais acendrada será a complacência do Senhor e tanto maior o nosso mérito. Imaginemos que neste mundo só Deus e nós existíssemos e, quando os mundanos nos perseguirem, encomendemo-nos ao Senhor, agradecendo-lhe a luz com que nos favorece e que nega a eles e prossigamos em nosso caminho. Nunca nos cause rubor o sermos e parecermos cristãos, porque, se corássemos diante de Cristo, ele se envergonharia de nós, segundo afirmou, e não nos receberia à sua direita no dia do juízo (Lc 9,23).

Se nos quisermos salvar, é mister que estejamos firmemente resolvidos a sofrer e a empregar constantemente violência sobre nós mesmos. “O caminho que conduz à vida é estreito”.

O reino dos céus se alcança à viva força e só os que a empregam é que o arrebatam (Mt 7,14; 11,12). Quem não fizer violência a si mesmo, não se salvará. Isto é imprescindível, porque, se quisermos praticar o bem, teremos que lutar contra a nossa natureza rebelde. É particularmente necessário violentarmo-nos

no princípio para extirpar os maus hábitos e adquirir os bons. Formado o bom costume, torna-se fácil e até doce a observância da lei divina.

O Senhor disse a Santa Brígida que, na prática das virtudes, os espinhos se mudam em rosas, quando, com valor e paciência, sofremos as primeiras dores desses espinhos. Atende, pois, meu irmão, a Jesus cristo, que te diz como ao paralítico: “Vê que já estás curado, não peques doravante, para que não te suceda pior mal” (Jo 5,14). Pondera ainda São Bernardo que, se por desgraça recaíres, tua ruína será pior que todas as tuas quedas precedentes. Ai daqueles, diz o Senhor, que seguem o caminho do céu e depois o abandonam! (Is 30,1) Serão punidos como rebeldes à luz (Jo 3,20). O castigo desses infelizes, que Deus favoreceu e iluminou com suas luzes e que, depois, lhe foram infiéis, é serem feridos de cegueira e morrerem assim nos seus pecados. “Mas, se o justo se desviar de sua justiça... porventura viverá? Não se fará memória de nenhuma de suas obras justas... morrerá por seu pecado” (Sl 88,2).

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Deus! Quantas vezes mereci tal castigo, porque tantas vezes deixei o pecado, graças às luzes que me destes, e a seguir recaí miseravelmente em minhas culpas! Dou-vos infinitas graças por me não ter deixado vossa bondade entregue à minha cegueira, privando-me das vossas luzes como o merecia. Obrigadíssimo vos fico e muito ingrato seria se tor-

nasse a separar-me de vós. Não será assim, meu Redentor! Antes espero que no restante de minha vida e em toda a eternidade hei de louvar e cantar as vossas misericórdias (Ez 18,24), amando-vos sempre sem perder vossa divina graça. A ingratidão de que me tornei culpado, e que maldigo e aborreço sobre todo o mal, servir-me-á de estímulo para chorar as ofensas que vos fiz e para inflamar-me no vosso amor, que me acolheu apesar de meus pecados e que me concedeu tantas graças. Amo-vos, meu Deus, digno de infinito amor. Desde hoje sereis meu único amor, meu único bem. Pai Eterno, pelos merecimentos de Jesus Cristo vos peço a graça da perseverança final no vosso amor. Sei que me concedereis, uma vez que continuo a vo-la pedir.

Mas quem me afiança de que assim o farei? Peço-vos, por isso, a graça de que sempre vos implore esse dom precioso...

Ó Maria, minha advogada, minha esperança e meu refúgio! Alcançai-me, por vossa intercessão, constância para pedir a Deus a perseverança final. Rogo-vos pelo amor que tendes a Jesus Cristo.

PONTO III

Consideremos o terceiro inimigo, a carne, que é o pior de todos, e vejamos como deveremos combatê-la. Em primeiro lugar por meio da oração, conforme já

vimos acima. Em segundo lugar, evitando as ocasiões como iremos ver e ponderar atentamente. Disse São Bernardino de Sena que o conselho mais excelente (que é para bem dizer a base e o 100 fundamento da vida religiosa) consiste em evitar sempre as ocasiões do pecado. Constrangido pelos exorcismos, confessou certa vez o demônio que, entre todos os sermões, o que mais detesta é aquele em que se exortam os fiéis a fugirem das más ocasiões. E com efeito, o demônio se ri de todas as promessas e propósitos que formule o pecador arrependido, se este não evitar tais ocasiões.

Em matéria de prazeres sensuais, a ocasião é como uma venda posta diante dos olhos e que não permite ver nem propósitos, nem instruções, nem verdades eternas; numa palavra, cega o homem e o faz esquecer-se de tudo. Tal foi a perdição de nossos primeiros pais: não fugiram da ocasião. Deus lhes havia dito que não colhessem o fruto proibido. “Ordenou Deus — disse Eva à serpente — que não o comêssemos nem tocássemos”(Gn 3,3). Mas o imprudente “o viu, o tomou e comeu”. Começou a admirar a maçã, colheu-a depois com a mão, até que por fim comeu dela. Quem voluntariamente se expõe ao perigo, nele perecerá (Ecl 3,27). Adverte São Pedro que o demônio anda ao redor de nós, procurando a quem devorar. Para tornar a entrar numa alma donde foi expulso, diz São Cipriano, somente aguarda a ocasião oportuna. Quando a alma se deixa seduzir pela ocasião do pecado, o inimigo se apoderará novamen-

te dela e a devorará irremediavelmente.

O abade Guerico diz que Lázaro ressuscitou com as mãos e pés atados, e por isso ficou sujeito à morte. Infeliz daquele que ressuscitar e ficar preso nos laços das ocasiões do pecado! Apesar de sua ressurreição, tornará a morrer. Quem quiser salvar-se, precisa renunciar, não somente ao pecado, mas também às ocasiões de pecado, isto é, deve afastar-se deste companheiro, daquela casa, de certas relações de amizade...

Poderá alguém objetar que, ao mudar de vida, abandonou inteiramente o fim ilícito em suas relações com determinadas pessoas e que, portanto, já não há receio de tentações. A propósito, recordarei o que se conta de certa espécie de ursos da Mauritânia, que vão à caça de macacos.

Estes animais, ao ver o inimigo, trepam para o alto das árvores.

O urso estende-se junto ao tronco, fingindo-se morto, e quando os macacos, confiados, descem ao solo, levanta-se, apanha-os e os devora.

Tal é a astúcia do demônio: persuade que as tentações estão mortas e quando os homens condescendem com as ocasiões perigosas, apresenta-lhes de súbito a tentação que os faz sucumbir. Quantas almas infelizes, que praticavam a oração, que frequentavam a comunhão e que se podiam chamar

santas, deixaram-se prender nos tentáculos do inferno, porque não evitaram as más ocasiões. Lê-se na História Eclesiástica que uma senhora virtuosa, no tempo da perseguição aos cristãos, dedicava-se à piedosa obra de recolher e enterrar os corpos dos mártires. Entre eles encontrou um que ainda respirava. Levou-o para casa, tratou-o e chegou a curá-lo. Aconteceu, porém, que pela ocasião próxima, essas duas pessoas, que se podiam chamar santas, perderam primeiramente a graça de Deus e depois até a fé cristã.

O Senhor ordenou a Isaías que pregasse que toda a carne não é mais que feno (Is 40,6). Comentando este texto, disse São João Crisóstomo: É possível que o feno deixe de arder, quando se lhe deita o fogo? Com efeito, acrescenta São Cipriano: É impossível ficar numa fogueira e não queimar-se. A nossa força, adverte o profeta, é como a estopa posta ao fogo (Is 1,31). Também Salomão nos diz que seria um louco aquele que quisesse caminhar por cima de um braseiro sem que se lhe queimassem as plantas dos pés (Pr 6,27-28). Não é menor a loucura daquele que pretende expor-se às ocasiões e não cair em falta.

É preciso fugir do pecado, como de uma serpente venenosa (Ecl 21,2).

É preciso evitar, não apenas a mordedura da serpente, escreve Gualfrido, mas também o seu contato e até a sua aproximação.

Dirás, talvez, que aquela casa, aquela amizade favorecem os teus interesses. Entretanto, se aquela casa é para ti caminho do inferno (Pr 7,27) e não renuncias a salvar-te, torna-se, em absoluto, necessário que a abandones resolutamente. Se teu olho direito, disse o Senhor, te pode ser causa de condenação, deves arrancá-lo e atirá-lo para longe de ti... (Mt 5,29). Note-se a expressão abs te do texto: é necessário atirá-lo, não a teu lado, mas para longe de ti, isto é: impende evitar todas as ocasiões.

Disse São Francisco de Assis que o demônio tenta as pessoas espirituais, que se dão a Deus, de modo mui diferente do que costuma tentar as de má vida. A princípio não as prende com uma corda, mas com um cabelo; depois, com um fio; a seguir, com um barbante e, por fim, com uma corda grossa, que as arrasta ao pecado. Aquele, portanto, que deseja escapar de tais ardis, deve evitar, desde o princípio, o enredar de um cabelo, fuja de todas as ocasiões perigosas, relações, cumprimentos, obsequiosidades e outras semelhantes; e, sobretudo, aquele que já teve o hábito da impureza não se limite a evitar as ocasiões próximas; pois, se não fugir também das remotas, cairá de novo.

Quem quiser verdadeiramente salvar-se, terá de robustecer e renovar com muita freqüência a resolução de nunca mais se separar de Deus, repetindo muitas vezes aquela máxima dos Santos: “Antes perder tudo do que perder a Deus”. Não basta, porém, a

resolução de não perder a Deus, se não empregamos os meios estabelecidos para a conservação desse bem supremo. O primeiro é, como já ficou dito, evitar as 101 ocasiões. O segundo, freqüentar os sacramentos da confissão e comunhão, porque a casa que muitas vezes se limpa não pode deixar de ser asseada. A confissão mantém a alma pura e alcança, não somente a remissão dos pecados, mas também a força necessária para resistir às tentações. A sagrada comunhão chama-se pão do céu, porque, assim como o corpo não pode viver sem sustento terrestre, assim a alma não pode viver sem o alimento celeste. “Se não comerdes a carne do Filho do homem nem beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6,54). Ao contrário, a vida eterna é prometida a quem come com freqüência este pão divino (Jo 6,52). Por isso, o Concílio de Trento chama a comunhão antídoto que nos livra dos pecados veniais e nos preserva dos mortais. O terceiro meio é a meditação ou oração mental: “Lembra-te de teus novíssimos, e não pecarás jamais” (Ecl 7,40). Aquele que não perder de vista as verdades eternas, a morte, o juízo, a eternidade, não cairá no pecado. Deus ilumina-nos na meditação (Sl 53,6) e nos fala interiormente, ensinando-nos o que devemos praticar e o que temos a evitar. “Levá-lo-ei ao deserto e lhe falarei ao coração” (Os 2,14).

A meditação assemelha-se a uma fogueira benzefaja, na qual nos inflamamos de amor divino (Sl 38,4). Enfim, como já temos considerado, para conservar-nos na graça de Deus, é absolutamente ne-

cessário rezar sempre e pedir as graças de que hemos mister. Quem não pratica a oração mental dificilmente reza; e não rezando se perderá certamente.

Impende, pois, empregar todos esses meios para nos salvar e levar vida regrada. De manhã, ao levantar-nos, temos de fazer os atos cristãos de agradecimento, de amor, de oferecimento e bom propósito, com orações a Jesus e a Maria para que nos preservem do pecado nesse dia. A seguir, faremos a meditação e assistiremos à santa missa.

Durante o dia dediquemo-nos à leitura espiritual, visitemos a Jesus Sacramentado e a divina Mãe. À noite, rezemos o rosário e não deixemos o exame de consciência. Devemos comungar uma ou duas vezes por semana, segundo o conselho do diretor espiritual que escolhemos para lhe obedecer constantemente. Muito útil seria fazer exercícios espirituais em alguma casa religiosa. Cumpre honrar também a Maria Santíssima com alguma prática especial, como, por exemplo, jejuar aos sábados. É Mãe da perseverança e promete este dom a quem a serve.

“Aqueles que por mim trabalham, não pecarão” (Ecl 24,30). Por fim, e sobretudo, é necessário que peçamos a Deus a santa perseverança, especialmente no tempo das tentações, invocando então frequentemente os santíssimos nomes de Jesus e Maria enquanto a tentação persistir.

Se assim o fizeres, serás salvo; contrariamente a

condenação será certa.

AFETOS E SÚPLICAS

Meu amantíssimo Redentor, agradeço-vos as luzes com que me iluminais e os meios que me oferecis para salvar-me. Prometo empregá-los com diligência. Dai-me vosso auxílio para vos ser fiel. Desejais que me salve e eu também o desejo principalmente para agradar ao vosso Coração amantíssimo, que tanto deseja a minha felicidade. Não quero, meu Deus, resistir por mais tempo ao amor que me manifestais, e pelo qual me suportastes com tanta paciência quando eu vos ofendia.

Convidais-me a que vos ame e amar-vos, Senhor, é o meu único desejo...

Amo-vos, bondade infinita... Amo-vos, infinito bem. Pelos merecimentos de Jesus Cristo, rogo-vos que não permitais que me torne ingrato novamente. Ou acabai com minha ingratidão ou acabai com minha vida... Concluí, meu Deus, a obra que começastes (Sl 67,26). Dai-me luzes, força e amor...

Maria Santíssima, que sois a dispensadora das graças, socorrei-me! Admiti-me, como o desejo, por vosso servo, e rogai a Jesus por mim. Pelos merecimentos de Jesus Cristo, e depois pelos vossos, espero salvar-me.

CONSIDERAÇÃO XXXII

Da confiança na proteção de Maria Santíssima

Qui invenerit me, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino.

Quem me encontrar, encontrará a vida, e alcançará do Senhor a salvação (Pr 8,35).

PONTO I

Quantas graças devemos render à misericórdia divina, exclama São Boaventura, por ter-nos dado como advogada a Virgem Maria, cujas súplicas podem alcançar-nos todas as mercês que desejamos!... Pecadores, meus irmãos, mesmo que nos acharmos já condenados ao inferno em vista das nossas iniquidades, não desesperemos, entretanto.

Recorramos a esta divina Mãe, abriguemo-nos debaixo do seu manto, e ela nos salvará. Ela apenas

exige de nós a resolução de mudar de vida. Tomemo-la, pois; confiemos verdadeiramente em Maria Santíssima, e ela nos alcançará a salvação... Porque Maria é advogada piedosíssima, advogada que a todos nós deseja salvar.

Consideremos, primeiramente, que Maria é advogada poderosa, que tudo pode junto ao soberano Juiz, em proveito e benefício daqueles que devotamente a servem... Singular privilégio concedido pelo mesmo Juiz, Filho da Virgem! “É grande privilégio que Maria seja poderosíssima junto a seu Filho”. Afirmar Gerson que a bem-aventurada Virgem nos obtém de Deus quando lhe pedirmos com firme vontade e que como rainha ordena aos anjos que iluminem, aperfeiçoem e purifiquem os seus devotos. À vista disto, a Igreja, querendo inspirar-nos confiança nessa nossa grande advogada, induz-nos a invocá-la com o título de Virgem poderosa: *Virgo potens, ora pro nobis...* E por que é tão eficaz a proteção de Maria Santíssima? Porque é a Mãe de Deus. As petições da Virgem Maria — disse Santo Antonino, — sendo como é Mãe do Senhor, são em certo modo ordens para Jesus Cristo; assim não é possível que, quando peça, não alcance o que pede. São Gregório, arcebispo de Nicomédia, diz que o Redentor, para satisfazer a obrigação que tem com sua Santa Mãe, da qual recebeu a natureza humana, concede tudo quanto Maria solicita. E Teófilo, bispo de Alexandria, escreve estas palavras: “Deseja o Filho que sua Mãe lhe peça, porque quer outorgar-lhe quanto peça, a fim

de lhe recompensar assim o favor que dela recebeu”. Com razão, pois, exclamava São Metódio, mártir: “Alegra-te e regozija-te, Maria, que lograste a ventura de ter por devedor ao Filho de quem todos nós somos devedores, porque tudo quanto possuímos é dívida sua!....

Do mesmo modo, Cosme de Jerusalém repete que o auxílio de Maria é onipotente, e o confirma Ricardo de São Lourenço, observando quão justo é que a Mãe participe do poder do Filho, e que, sendo este onipotente, comunique à sua Mãe a onipotência. O Filho é onipotente por natureza; a Mãe é onipotente pela graça, de modo que obtém com suas súplicas quando deseja, conforme o célebre verso: “Quod Deus imperio, tu prece, Virgo, potes”. (Podes, Virgem, com tuas preces, — o que Deus com seu império).

A mesma doutrina consta das Revelações de Santa Brígida (Liv. I, cap. IV). Ouviu essa Santa que Jesus disse à sua bendita Mãe que lhe pedisse quanto quisesse e que, quaisquer que fossem suas súplicas, nunca rogaria em vão. O próprio Senhor foi quem deu o motivo desse privilégio, dizendo: “Já que nada me recusaste quando vivias na terra, justo é que nada te recuse agora que estás comigo no céu”.

Em suma: não há ninguém, por mais malvado que seja, que Maria não possa salvar por meio de sua intercessão... Ó Mãe de Deus! exclamava São Gregório de Nicomédia — nada pode resistir ao vos-

so poder, porque aquele que vos criou considera e estima a vossa glória como se fosse propriamente dele. Vós, Senhora, podeis tudo, — diz também São Pedro Damiano, — podeis até salvar os desesperados.

AFETOS E SÚPLICAS

Amantíssima Rainha e minha Mãe, dir-vos-ei com São Germano: “Sois onipotente para salvar os pecadores e não tendes necessidade perante Deus de outro encômio do que ser a Mãe da verdadeira vida.

Assim, minha Senhora, recorrendo a vós, todo o peso dos meus pecados não pode fazer-me desconfiar de minha salvação. Por meio de vossas súplicas, alcançais quanto quereis e se rogardes por mim certamente me salvarei. Rogai, pois, por mim — direi com São Bernardo, — porque vosso divino Filho vos escuta e vos concede quanto lhe pedirdes.

Sou pecador, é verdade, mas quero emendar-me e me desvaneço em ser vosso servo dedicado. Sou indigno também da vossa proteção, mas 103 sei que nunca desamparais aquele que em vós deposita a sua esperança.

Podeis e quereis salvar-me, e, por isso, confio em vós... Quando vivia afastado de Deus e não pensava em vossa bondade, vós vos lembráveis de mim e me alcançastes a graça de emendar-me. Quanto mais devo confiar em vossa clemência, agora que me con-

sagro ao vosso serviço, que em vós espero e me recomendo a vós! Ó Maria, rogai por mim e tornai-me santo. Alcançai-me a graça da perseverança e do amor profundo ao vosso Filho e a vós mesma. Amovos, minha Rainha e Mãe amabilíssima, e espero amar-vos sempre. Amai-me também e pelo vosso amor transformai-me de pecador em santo.

PONTO II

Consideremos, em segundo lugar, que Maria é advogada tão clemente quanto poderosa, e que não sabe negar sua proteção a quem recorre a ela. Os olhos do Senhor estão voltados sobre os justos, disse David. Mas esta Mãe de misericórdia, segundo afirma Ricardo de São Lourenço, fita os olhos nos justos como nos pecadores, a fim de que não caiam; e, se tiverem caído, para ajudar-lhes a que se levantem.

Afigurava-se a São Boaventura, quando contemplava a Virgem, que estava vendo a própria misericórdia. São Bernardo nos exorta a que em todas as nossas necessidades recorramos a essa poderosa advogada, porque é toda doçura e bondade, para aqueles que se lhe recomendam.

É por isso que Maria é chamada formosa como a oliveira. Quasi oliva speciosa in campis (Ecl 24,19); pois assim como a oliveira produz azeite suave, símbolo da piedade, assim da Virgem Santíssima pro-manam graças e misericórdias para todos aqueles que se refugiam na sua proteção.

Tem, pois, razão Dionísio Cartusiano para lhe chamar advogada dos pecadores que a ela recorrem. Qual não será a mágoa do cristão que se condena, quando pensar que tão facilmente se podia ter salvo, recorrendo a esta Mãe de misericórdia, e que não o fez, nem haverá já tempo para remediá-lo! A bem-aventurada Virgem disse a Santa Brígida: “Eu sou chamada Mãe de misericórdia e, na verdade, o sou, porque assim o quis a bondade de Deus”.... Quem é que constituiu tal advogada para a nossa defesa, senão a misericórdia divina, que quer salvar todos?... “Desgraçado, acrescentou a Virgem, e eternamente desgraçado, será aquele que, podendo recorrer a mim, que sou misericordiosa e benigna, não procura o meu auxílio e se condena!” Tememos, acaso, diz São Boaventura, que Maria nos negue o socorro que lhe pedimos?... Não; Maria não sabe nem soube jamais olhar sem compaixão, nem deixar sem socorro aos desgraçados que recorrem a ela. Não sabe, nem pode, porque foi destinada por Deus para ser a Rainha e Mãe de misericórdia, e como tal incumbe-lhe velar pelos necessitados. Sois rainha de misericórdia, disse São Bernardo, e quem são os súditos da misericórdia senão os miseráveis? E logo o Santo, por humildade, acrescenta; “Ó Mãe de Deus, já que sois a rainha da misericórdia, é de mim que deveis ter o maior cuidado, porque sou o mais miserável dos pecadores”. Com maternal solicitude, sem dúvida, livrará da morte a seus filhos enfermos, pois a bondade e clemência de Maria a convertem em Mãe de todos os que sofrem. São Basílio a chama casa de saúde,

porque, assim como nos hospitais de enfermos pobres os mais necessitados é que têm mais direito de ser recebidos, assim Maria, como disse aquele Santo, há de acolher e abrigar com piedade solícita e amorosa os maiores pecadores que a ela recorrerem.

Não duvidemos, portanto, da misericórdia de Maria Santíssima.

Santa Brígida ouviu o divino Salvador dizer à Virgem: “Até do próprio demônio terias compaixão se te pedisse com humildade”. Nunca o soberbo Lúcifer se humilhará; mas, se esse desgraçado se humilhasse diante dessa soberana Senhora e lhe pedisse auxílio, a intercessão da Virgem o livraria do inferno. Com essas palavras, Nosso Senhor deu-nos a entender o mesmo que sua querida Mãe disse à Santa, isto é, que quando um pecador, por vultosas que sejam suas culpas, se lhe recomenda sinceramente, ela não procura saber os pecados que o acabrunham, mas sim a intenção que o move; e se vem com boa vontade de emendar-se, acolhe-o logo e o cura de todos os males que o afligem.

“Por muito que o homem haja pecado, se recorre a mim verdadeiramente arrependido, apresso-me a recebê-lo, não considero o número de suas culpas, mas a intenção que o anima. Nem me desdenho de ungir e curar as suas feridas porque me chamam e realmente sou a Mãe de Misericórdia”.

Em verdade, pois, São Boaventura nos estimula,

dizendo: “Não desesperéis, pobres e perdidos pecadores, levantai os olhos a Maria e respirai, confiados na piedade desta boa Mãe”. Procuremos a graça perdida, disse São Bernardo, e procuremo-la por intermédio de Maria.

Esse alto dom, perdido por nós, acrescenta Ricardo de São Lourenço, Maria o encontrou; é, pois, a ela que devemos recorrer para o recobramos. Quando o arcanjo São Gabriel anunciou à Virgem a divina maternidade, disse: “Não temas, Maria, porque achaste graça” (Lc 1,30). Se Maria, porém, sempre cheia de graça, jamais esteve privada dela, como diz o Anjo que a encontrou? A isto respondeu o Cardeal 104 Hugo que a Virgem não achou a graça para si, pois que sempre a gozou, mas para nós que a tínhamos perdido. Daí infere que devemos apresentar-nos a Maria Santíssima e dizer-lhe: “Augusta Senhora, o bem deve ser restituído a quem o perdeu. Essa graça que encontrastes não é vossa, porque sempre a possuístes; mas é nossa e por nossa culpa a perdemos. É, portanto, a nós que a deveis restituir”. Acorram, pois, acorram pressurosos à Virgem os pecadores que, por sua culpa, tiverem perdido a graça e digam-lhe sem receio: “Restituí-nos o nosso bem que achastes”...

AFETOS E SÚPLICAS

Eis que aqui a vossos pés, ó Mãe de Deus, um miserável pecador que deixou perder voluntariamente, não uma, mas muitas vezes, a divina graça que

vosso Filho lhe conquistou com sua morte. Ó Mãe de misericórdia, com a alma cheia de feridas, recorro a vós. Não me desprezeis ao ver o estado em que me acho; antes olhai-me com maior compaixão e apresai-vos a socorrer-me. Vede a confiança que me inspirais e não me abandoneis. Não procuro bens terrestres, mas a graça de Deus e o amor a vosso divino Filho. Orai por mim, minha Mãe.

Não cesseis de rogar, a fim de que por vossa intercessão e em virtude dos merecimentos de Jesus Cristo alcance a salvação. É vosso ofício interceder pelos pecadores, exercei-o para comigo — como dizia São Tomás de Vilanova. — Recordai-me a Deus e defendei-me. Não há causa, por mais desesperada que seja, que se perca quando é defendida por vós. Sois a esperança dos pecadores e a minha esperança... Nunca deixarei, Virgem Santa, de servir-vos, de amar-vos e de recorrer a vós...

Não deixeis de socorrer-me, sobretudo quando me virdes em perigo de perder novamente a graça do Senhor.

Ó Maria, excelsa Mãe de Deus, tende compaixão de mim!

PONTO III

Consideremos, em terceiro lugar, que Maria Santíssima é advogada tão caridosa, que não somente auxilia aos que recorrem a ela, mas que vai procu-

rando por si mesma os desgraçados para os defender e salvar.

Convida a todos, a fim de alentar-nos a esperança de todos os bens, se nos acolhermos sob sua proteção. “Em mim há toda a esperança de vida e virtude. Vinde todos a mim” (Ecl 24,26). “A todos nos chama, justos e pecadores”, exclama o devoto Pelbardo, comentando esse texto.

Anda o demônio ao redor de nós, procurando a quem devorar, diz São Pedro (1Pd 5,8). Mas esta divina Mãe, como diz Bernardino de Bustos, vai procurando sempre a quem possa salvar. Maria é Mãe de misericórdia, porque sua caridade e clemência a obriga a compadecer-se de nós e cuidar constantemente de salvar-nos, como mãe carinhosa, que não pode ver os filhos em risco de perder-se sem logo os socorrer.

E efetivamente, quem, depois de Jesus Cristo, tem mais cuidado da nossa salvação do que vós? exclama São Germano. São Boaventura acrescenta que Maria se mostra tão solícita em socorrer aos pecadores, que não parece ter outro desejo além deste.

Ela ajuda certamente aos que se lhe recomendam e a ninguém desampara. É tão benigna — exclama Idiota — que não repete a ninguém. “Mas isto não basta para satisfazer o coração terníssimo de Maria, disse Ricardo de São Vitor; ela antecipa-nos as súplicas e serve os nossos interesses, ainda antes

de lhe pedirmos. E é tão misericordiosa que, onde vê misérias, acode logo e não pode ver ninguém necessitado sem socorrer. “Assim procedia na sua vida mortal, como bem se depreende do que sucedeu nas bodas de Caná, na Galiléia, quando faltou vinho, e ela, sem ser rogada por ninguém, vendo a aflição em que se achavam os jovens esposos, suplicou ao divino Filho que lhes poupasse aquele desgosto, dizendo: “Não têm vinho” (Jo 2,3), alcançando assim do Senhor que, milagrosamente, transformasse água em vinho.

Se a compaixão de Maria para com os aflitos era tão grande enquanto residia na terra, o seu desejo de nos socorrer — diz São Boaventura — é de certo maior agora, que reside no céu, donde vê melhor as nossas misérias e melhor se pode compadecer de nós”. E se Maria, sem ser rogada, se mostrou tão solícita em socorrer-nos, quanto mais atenderá aos que lhe dirigem os seus rogos!...

Não deixemos de recorrer a esta Mãe divina em todas as nossas necessidades, pois quem sempre a encontramos disposta a socorrer a quem a invoca, disse Ricardo de São Lourenço, porque, segundo afirma Bernardino de Bustos, a Virgem tem mais desejo de conceder-nos favores do que nós em recebê-los dela. Portanto, quando recorremos a Maria encontramos-la sempre cheia de misericórdia e de graças. É tão vivo esse desejo de nos fazer bem e de salvar-nos — diz São Boaventura — que se dá por ofendida,

não tanto de quem positivamente a injuria, mas daqueles que lhe não pedem amparo e proteção. Ao contrário, salva a quantos se recomendam a ela, com firme vontade de se emendar, pelo que o mesmo Santo a chama Salvação dos que a invocam.

Recorramos, pois, a esta excelsa Mãe, e digamos-lhe com São Boaventura: In te, domina, speravi, non confundar in aeternum!... Ó Mãe de Deus, Maria Santíssima; porque em vós pus minha esperança, espero que não serei condenado.

AFETOS E SÚPLICAS

Aqui tendes a vossos pés, ó Maria, um infeliz escravo do inferno que vos pede misericórdia. E ainda que não mereça nenhum bem, vós sois a Mãe de Misericórdia, e a misericórdia se pode exercer com aquele que não a merece. Todo mundo vos chama esperança e refúgio dos pecadores, portanto sois meu refúgio e minha esperança. Sou uma ovelha tresmalhada; mas para salvar a esta ovelha perdida o Verbo Eterno veio do céu à terra e se fez vosso Filho e é ele que nos manda recorrer a vós e que me socorrais com vossas súplicas. Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus... Ó excelsa Mãe de Deus, porque rogais por todos, orai também por mim. Dizei a vosso Filho que sou vosso servo e que me protegeis. Dizei-lhe que em vós pus minhas esperanças.

Dizei-lhe que me perdoe, porque me arrependo de todas as ofensas que lhe fiz, e que me conceda a

graça de amá-lo de todo o coração.

Dizei-lhe, enfim, que me quereis salvar, pois ele faz tudo o que lhe pedis...

Ó Maria, minha esperança e meu consolo, em vós confio! Tende piedade de mim.

CONSIDERAÇÃO XXXIII

Do amor de Deus

Nos ergo diligamus Deum, quoniam Deus prior dilexit nos.

Amemos nós a Deus, porque Deus nos amou primeiro (1Jo 4,19).

PONTO I

Considera, antes de tudo, que Deus merece o teu amor, porque ele te amou antes de ser amado por ti, e, de todos quantos te hão amado, é o primeiro (Jr 31,3). Os primeiros que te amaram neste mundo foram teus pais, mas só te amaram depois que te conheceram. Mas Deus já te amava antes de existires. Mesmo antes da criação do mundo, Deus já te amava. E quanto tempo antes de ter criado o mundo começou a te amar?... Talvez mil anos, mil séculos?... Mas não computemos anos nem séculos. Deus te

amou desde toda a eternidade (Jr 31,3). Enfim: desde que Deus é Deus, sempre te tem amado; desde que se amou a si mesmo, também amou a ti. Com razão, dizia a virgem Santa Inês: “Outro amante me cativou primeiro”. Quando o mundo e as criaturas requestaram o seu amor, ela respondia: Não, não vos posso amar. Meu Deus foi o primeiro a amar-me, e é justo, portanto, que só a ele consagre todo o meu amor.

Assim, meu irmão, Deus te tem amado desde toda a eternidade; e só por amor te escolheu entre tantos homens que podia criar, deu-te a existência, colocou-te no mundo e, além disso, tirou do nada inúmeras e formosas criaturas que te servem e te lembram esse amor que ele te dedica e que tu lhe deves. “O céu, a terra e todas as criaturas, dizia Santo Agostinho, me convidam a amar-vos”. Quando este Santo contemplava o sol, a lua, as estrelas, os montes e os rios, parecia-lhe que tudo falava, dizendo: Ama a Deus, que nos criou para ti, a fim de que o ames. O Padre Rancé, fundador da Trapa, não via os campos, as fontes e os mares, sem recordar-se, por meio dessas coisas criadas, do amor que Deus lhe tinha. Também Santa Teresa disse que as criaturas lhe repreendiam a ingratidão para com Deus. E Santa Margarida de Pazzi, ao contemplar a formosura de alguma flor ou de um fruto, sentia o coração transpassado pelas flechas do amor divino e exclamava: O Senhor, desde toda a eternidade, pensou em criar estas flores, a fim de que o ame! Considera, além disso, o particular amor de Deus, fazendo-te nascer num país

cristão e no seio da santa Igreja. Quantos vêm ao mundo entre idólatras, judeus, maometanos e heréticos, e por isso se perdem!...

Poucos são relativamente os homens que têm a felicidade de nascer onde reina a verdadeira fé, e o Senhor te pôs entre eles... Oh! quão sublime é o dom da Fé! Quantos milhões de almas se vêem privadas dos sacramentos, das prédicas, dos bons exemplos de homens santos! E Deus quis conceder-te todos esses grandes recursos sem nenhum merecimento de tua parte, ou, para melhor dizer, prevendo os teus desmerecimentos. Ao pensar em criar-te e dar-te essas graças, já previa as ofensas que lhe havias de fazer.

AFETOS E SÚPLICAS

Soberano Senhor do céu e da terra! Bem infinito e infinita Majestade, como é que os homens podem menosprezar-vos, se tanto os tendes amado?... Entre eles, Senhor, a mim amastes particularmente, favorecendo-me com graças especialíssimas, que não concedestes a todos; e eu desprezei-as mais que os outros. A vossos pés me prostro, ó Jesus, meu Salvador! Não me repilais da vossa presença (Sl 50,13), ainda que bem o mereça por causa de minha ingrati-dão; mas dissestes que não sabeis desprezar um coração contrito que volta para vós (Jo 6,37). Meu Jesus, pesa-me de vos ter ofendido; e se na vida passada não vos conheci, agora vos reconheço por meu Senhor e Redentor, que morreu para salvar-me e pa-

ra ser amado por mim... Quando, meu Jesus, acabará a minha ingratidão? Quando começarei a amar-vos verdadeiramente?...

Hoje, Senhor, tomo a resolução de amar-vos de todo o meu coração, e não amar a ninguém mais do que a vós. Ó bondade infinita, adoro-vos por todos os que vos não amam. Creio em vós, espero em vós, amo-vos e me ofereço inteiramente a vós. Assisti-me com a vossa graça... Se me favoreceste quando não vos amava nem desejava amar-vos, quanto mais deverei esperar de vossa misericórdia agora que vos amo e desejo vos amar? Dai-me, Senhor, o vosso amor... amor fervoroso, que me faça olvidar as criaturas todas; amor fortíssimo, que supere todos os obstáculos que se oponham ao que vos agrada; amor perpétuo, que não possa cessar. Tudo espero dos vossos merecimentos, ó meu Jesus, e da vossa poderosa intercessão, ó Maria, Mãe e Senhora nossa!

PONTO II

Deus não se limitou a dar-nos todas essas formosas criaturas do universo, mas não viu satisfeito o seu amor enquanto não veio a dar a si próprio por nós (Gl 2,20). O maldito pecado nos fez perder a graça divina e o céu, tornando-nos escravos do demônio. Mas o Filho de Deus, com espanto do céu e da terra, quis vir a este mundo, fazer-se homem para remir-nos da morte eterna e reconquistar-nos a graça e o paraíso perdido. Que maravilha seria ver um poderoso monarca tomar a forma e a natureza de um

verme por amor aos homens. “Humilhou-se a si mesmo, tomando a forma de servo... e reduzindo-se à condição de homem...” (Fl 2,7). Um Deus revestido de carne mortal! E o Verbo se fez carne (Jo 1,14). Mas o prodígio ainda aumenta, quando se considera o que fez e sofreu depois por nosso amor esse Filho de Deus. Para nos remir, era bastante uma só gota de seu sangue preciosíssimo, uma só lágrima, uma só súplicas, porque esta oração, sendo um ato de pessoa divina, teria infinito valor e era suficiente para resgatar não só um mundo, mas uma infinidade de mundos que houvesse. Observa, entretanto, São João Crisóstomo que aquilo que bastava para resgatar-nos, não era bastante para satisfazer o imenso amor, que Deus nos tinha. Não queria unicamente salvar-nos, mas que muito o amássemos, porque ele muito nos amava. Escolheu vida de trabalhos e de humilhações e a morte mais amargurada entre todas as mortes, a fim de nos fazer compreender o infinito e ardentíssimo amor em que ardia por nós. “Humilhou-se a si mesmo, fez-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,8). Ó excesso de amor divino que nunca os anjos nem os homens chegarão a compreender! Digo excesso, porque é exatamente assim que se exprimiam Moisés e Elias no Tabor, falando da Paixão de Cristo (Lc 9,31). “Excesso de dor, excesso de amor”, disse São Boaventura.

Se o Redentor não tivesse sido Deus, mas simplesmente um parente ou amigo, que maior prova de afeto nos poderia dar do que morrer por nós? “Nin-

guém tem amor em maior grau do que ele, porque dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Se Jesus Cristo tivesse de salvar seu próprio pai, que mais poderia ter feito por amor dele? Se tu, meu irmão, fosses Deus e Criador de Jesus Cristo, que mais poderia fazer por ti além de sacrificar sua vida num abismo de humilhações e de dores? Se o mais vil dos homens deste mundo tivesse feito por ti o que fez o Redentor, poderias viver sem o amar? 107 Crês na encarnação e na morte de Jesus Cristo?... Crês e não o amas? Podes sequer pensar em outras coisas, que não seja Jesus Cristo? Duvidas, talvez, do seu amor?... O divino Salvador, diz Santo Agostinho, veio ao mundo para sofrer e morrer por vós, a fim de vos patentear o amor que vos tem. Antes da Encarnação o homem, talvez, poderia pôr em dúvida que Deus o amasse ternamente; mas, depois da Encarnação e morte de Jesus Cristo, quem pode duvidá-lo? Que prova mais evidente e terna podia dar-nos do seu amor do que sacrificar a sua vida por nós?... Estamos habituados a ouvir falar de criação e redenção, de um Deus que nasce num presépio e morre numa cruz... Ó santa fé, ilumina nossas almas!

AFETOS E SÚPLICAS

Meu Jesus, vejo que fizestes tudo o que pudesdes para obrigar-me a vos amar, e que eu, com minhas ingratidões, vos pus na obrigação de me abandonardes. Bendita seja vossa paciência, que me tem aturado tanto tempo! Merecia um inferno criado de

propósito para mim, mas vossa morte me inspira esperança firme de perdão. Ensinai-me, Senhor, quanto mereceis ser amado e o dever que tenho de amar-vos, ó Bondade infinita! Bem sabia que morrestes por mim, ó Jesus; e como pude viver esquecido de vós, tantos anos?... Se pudesse recomeçar a minha vida, ó Senhor, toda inteira vo-la quisera consagrar, mas os anos passados não voltam... Fazei ao menos que empregue o que me resta da existência unicamente em vos servir e amar. Meu amantíssimo Redentor, amo-vos de todo o coração. Aumentai em mim o amor, recordando-me quanto bem me fizestes, e não permitais que volte a ser ingrato.

Não quero resistir por mais tempo à luz que me dais. Desejais que vos ame e eu desejo amar-vos. A quem hei de amar senão amar a meu Deus, beleza infinita e infinita bondade, a um Deus que morreu por mim e me suportou com tanta paciência, e em vez de castigar-me como o merecia, transformou o castigo em graças e favores? Sim, amo-vos, ó Deus digno de infinito amor, e não desejo nem aspiro a outra coisa do que dedicar-me ao vosso amor, esquecido de todo mundo. Ó caridade infinita de meu Senhor: socorrei a uma alma que arde no desejo de ser toda vossa para sempre.

Auxiliai-me também com vossa intercessão, ó Maria, excelsa Mãe de Deus! Rogai a Jesus Cristo que me conceda a graça de ser todo dele para sempre.

PONTO III

Aumentará em nós a admiração, se considerarmos o desejo veementíssimo que tinha Nosso Senhor Jesus Cristo de sofrer e morrer por nós. “Hei de ser batizado com o batismo do meu próprio sangue e sinto-me morrer no desejo de ver chegar a hora da minha paixão e morte, a fim de que o homem reconheça o amor que lhe tenho” (Lc 12,50). Assim dizia o Filho de Deus em sua vida terrena. O mesmo sentimento lhe fez ainda dizer na noite que precedeu a sua dolorosa paixão: “Desejei ardentemente celebrar esta Páscoa convosco” (Lc 22,15). Parece, pois, diz São Basílio de Selêucia, que nosso Deus tem amor insaciável pelos homens¹.

Meu Jesus! Os homens não vos amam porque não ponderam o amor que lhes dedicais. Como é possível que a alma que considera um Deus morto por amor dela, e com tão grande desejo de morrer para lhe demonstrar o seu afeto, viva sem o amar?... São Paulo diz que não é tanto o que Jesus Cristo fez e sofreu, como o amor que nos testemunhou sofrendo por nós, que nos obriga e quase nos força a que o amemos (2Cor 5,14). À consideração deste sublime mistério, São Lourenço Justiniano exclamava: Vimos um Deus enlouquecido de amor por nós.

E, na verdade, se a fé não o afirmasse, quem é que poderia crer que o Criador quis morrer pelas su-

as criaturas?... Santa Madalena de Pazzi, num dos seus êxtases, tendo nas mãos uma imagem do Crucificado, chamava Jesus louco de amor. O mesmo diziam os gentios, quando ouviam pregar a morte de Cristo, que lhes parecia incrível loucura, segundo nos atesta o Apóstolo: “Pregamos o Cristo crucificado, escândalo para os judeus, necessidade para os gentios” (1Cor 1,23). Como é possível, diziam eles, que um Deus perfeitamente feliz em si mesmo e que nada necessita, desça à terra para fazer-se homem e morrer por amor dos homens, suas criaturas? Equivaleria a crer que Deus enlouqueceu por amor dos homens. É, contudo, de fé que Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus, se entregou à morte, por nosso amor. “Amou-nos e ele mesmo se entregou por nós (Ef 5,2). E qual a razão desse sacrifício? Fê-lo, a fim de que não vivêssemos para o mundo, mas para esse bom Senhor que quis morrer por nós (2Cor 5,15). Fê-lo com o fim de ganhar, pela manifestação do seu amor, todos os afetos dos nossos corações. Assim os Santos, ao considerarem a morte de Cristo, tiveram em pouca conta o dar a vida e sacrificar tudo pelo amor de seu amantíssimo Jesus.

Quantos ilustres personagens, quantos príncipes abandonaram riquezas, famílias, pátria e até coroas, para se encerrarem nos claustros e viver no amor de Deus! Quantos mártires lhe sacrificaram a vida! Quantas virgens, renunciando às bodas deste mundo, correram alegres para a morte, a fim de assim poderem corresponder ao afeto de um Deus, morto

por seu amor!... E tu, meu irmão, que tens feito até agora por amor de Cristo?... Assim como o Senhor morreu pelos Santos, por um São Lourenço, por uma Santa Luzia, por uma Santa Inês... também morreu por ti... Que pensas ao menos fazer no resto da vida, que Deus te concede para que o ames? Lança repetidas vezes os olhos sobre a imagem do Crucificado, contemplando-o! Lembra-te do amor que lhe deves e diz em teu interior: “Meu Deus, foi por mim que quisestes morrer?” Faze ao menos isto; faze-o frequentemente, e assim te sentirás docemente constrangido a amar a Deus, que tanto te ama.

AFETOS E SÚPLICAS

Não vos amei como devia, amantíssimo Redentor, porque não pensei no amor que me tivestes! Ah! meu Jesus! quão ingrato sou!...

Destes a vida por mim, sofrendo a mais amarga das mortes, e eu mostrei-me tão insensato que nem quis pensar em vós. Perdoai-me, Senhor; prometo-vos que, de hoje em diante, ó meu Amor crucificado, sereis o único objeto dos meus pensamentos e afetos. Quando o demônio e o mundo me apresentarem seus frutos venenosos, recordai-me, amado Salvador, os trabalhos que por meu amor sofrestes, e fazei que vos ame e não vos ofenda... Ah, se um de meus servos houvesse feito por mim o que vós fizestes, não me atreveria a dar-lhe o menor desgosto.

E, no entanto, muitas vezes ousei apartar-me de

vós, que morrestes por mim!... Ó belas chamas de amor, que obrigastes um Deus a dar a sua vida por mim; vinde, abraçai-me e enchei todo o meu coração e consumi nele o afeto às coisas criadas! Meu amantíssimo Redentor, como é possível que se não sinta inflamado de amor por vós o que vos considera no presépio de Belém, na cruz do Calvário, e agora no Santíssimo Sacramento do Altar?... Amo-vos, meu Jesus, com toda a alma, e no resto da minha vida sereis o meu único bem, o meu único amor. Não devo aumentar a soma dos anos desventurados, que passei desgraçadamente no esquecimento da vossa Paixão e dos vossos afetos.

A vós me entrego inteiramente e se não sei dar-me como devo, acolhei-me vós e reinai no meu coração. Adveniat regnum tuum. Não volto a ser escravo, a não ser do vosso amor. Que todas as minhas palavras, todos os passos, todos os meus pensamentos, todos os suspiros não tenham outro objeto senão amar-vos e servir-vos. Assisti-me com vossa graça a fim de que vos seja fiel; é nos vossos merecimentos que confio, ó meu Jesus? Ó Mãe do belo amor, fazei que ame muito ao vosso divino Filho, que é tão digno de ser amado e que tanto me tem amado!

CONSIDERAÇÃO XXXIV

Da sagrada comunhão

Accipite et comedite: hoc est Corpus meum.
Tomai e comei; este é meu Corpo (Mt 26,26).

PONTO I

Consideremos a grandeza do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, o amor imenso que Jesus Cristo nos manifestou nesta dádiva tão preciosa e o vivo desejo que nutre de ser por nós recebido. Vejamos, em primeiro lugar, a grande mercê que nos fez o Senhor ao dar-se a nós como alimento na santa comunhão. Disse Santo Agostinho que, sendo Jesus Cristo Deus onipotente, nada melhor pôde dar-nos. Que maior tesouro pode receber ou desejar uma alma do que o sacrossanto corpo de Cristo? Exclamava o profeta Isaías: “Publicai as amorosas invenções de Deus” (Is 12,4). E em verdade, se nosso Redentor não nos tivesse obsequiado com dádiva tão valiosa, quem é que ousaria pedi-la? Quem é que se atreveria a dizer-lhe: “Senhor, se quereis demonstrar o vosso amor, ocultai-vos sob as espécies do pão e permiti que as recebamos para o nosso sustento...”? Tal pensamento houvera de ser considerado como loucura. “Não parece loucura dizer: comei minha carne e bebei meu sangue?” — exclamava Santo Agostinho.

Quando Jesus Cristo anunciou a seus discípulos este dom do Santíssimo Sacramento e afastaram-se

do Senhor, murmurando: “Como pode este dar-nos a comer sua carne?... Dura é esta doutrina, e quem a pode ouvir?” (Jo 6,53). Mas o que ao homem nem sequer é dado imaginar, concebeu-o e realizou-o o grande amor de Cristo.

Segundo São Bernardino, o Senhor nos deixou este Sacramento em memória do amor que nos manifestou em sua Paixão, conforme suas próprias palavras: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Não satisfez Cristo seu divino amor — acrescenta o mesmo Santo — sacrificando a sua vida por nós, mas, impelido por esse mesmo soberano amor, legou-nos antes de morrer a maior de todas as dádivas, dando-se ele mesmo para nosso sustento. Portanto, neste Sacramento levou a efeito o mais generoso esforço do amor¹; o que o Concílio de Trento exprime com eloqüentes palavras, dizendo que Jesus Cristo na Eucaristia prodigalizou aos homens todas as riquezas do seu amor.

Não se estimaria como sinal de especial distinção — disse São Francisco de Sales — se um príncipe enviasse a um pobre algumas iguarias de sua mesa? Que se diria, se lhe enviasse um banquete completo? Que seria, enfim, se o obséquio consistisse em um pedaço da própria carne do príncipe, para que servisse de alimento ao pobre?...

Jesus, na sagrada Comunhão, nos alimenta, não apenas com uma parte de sua mesa, nem com um pedaço de seu corpo, mas com ele inteiro: “Tomai e

comei; este é meu corpo” (Mt 26,26). E com seu corpo dá-nos também seu sangue, alma e divindade. Numa palavra — diz São João Crisóstomo — Jesus Cristo, dando-se a si próprio na sagrada comunhão, dá tudo o que tem sem a menor reserva; ou, segundo se expressa São Tomás: “Deus na Eucaristia se entrega todo ele, quanto é e quanto tem”. Vê, pois, como esse Altíssimo Senhor, que não cabe no mundo — exclama São Boaventura — se faz nosso prisioneiro na Eucaristia...

E, dando-se a nós real e verdadeiramente no Santíssimo Sacramento, como poderemos rezear que nos recuse as graças que lhe pedirmos? (Rm 8,32).

AFETOS E SÚPLICAS

Ó meu Jesus! O que é que vos pôde mover a dar-vos inteiramente a nós para alimento? E que mais podeis conceder-nos, depois deste dom inefável, para obrigar-nos a vos amar? Iluminai-me, Senhor, e fazei-me conhecer esse excesso de amor, que vos levou a transformar-vos em manjar divino, a fim de vos unirdes a nós, pobres pecadores... Mas, se vos dais todo a nós, justo é que nos entreguemos inteiramente a vós... Ó meu Redentor! Como é que pude ofender-vos, que tanto que amais e que não poupastes esforço para conquistar meu amor?... Por mim vos fizestes homem; por mim morrestes; por amor a mim vos transformastes em meu sustento!... Que vos resta fazer ainda?... Amo-vos, Bondade infinita, amo-vos, infinito amor. Vinde, Senhor, freqüen-

temente à minha alma e inflamai-a em vosso amor santíssimo.

Fazei que de todo me esqueça e somente pense em vós e a vós somente ame...

Maria, minha Mãe, rogai por mim e tornai-me digno, por vossa intercessão, de receber muitas vezes o vosso divino Filho no Sacramento do amor! 110

PONTO II

Consideremos, em segundo lugar, o grande amor que nos manifestou Jesus Cristo ao outorgar-nos este dom preciosíssimo; pois que o Santíssimo Sacramento é dádiva unicamente do amor. Segundo os decretos divinos, foi necessário que o Redentor morresse para nos salvar.

Mas que necessidade há para que Jesus Cristo, depois de sua morte, permaneça conosco a fim de ser sustento de nossas almas?...

Assim o quis o seu amor. Foi unicamente para manifestar-nos o imenso amor que nos tem que o Senhor instituiu a Eucaristia — disse São Lourenço, expressando o mesmo que São João refere em seu evangelho: “Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de trânsito deste mundo ao Pai, tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jó 13,1). Isto é, quando o Senhor viu que se aproximava o tempo de afastar-se deste mundo, quis deixar-nos maravilhosa prova de seu amor, dando-nos o

Santíssimo Sacramento, como precisamente significam estas palavras: “amou-os até ao fim”, ou seja “amou-os extremamente, com sumo e ilimitado amor”, segundo a explicação de Teofilacto e São João Crisóstomo.

Notemos, como observa o Apóstolo, que o tempo escolhido pelo Senhor para nos fazer este inestimável donativo foi o de sua morte.

“Naquela noite em que foi entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: Tomai e comei; este é meu corpo” (1Cor 11,23-24). Enquanto os homens lhe preparavam açoites, espinhos e cruz para dar-lhe morte cruelíssima, o nosso amante Salvador quis obsequiá-los com o penhor mais sublime do seu amor... Por que naquela hora tão próxima à sua morte e não antes, instituiu ele este Sacramento? Proce- deu assim, — diz São Bernardino — porque as provas de amor, dadas no transe da morte por quem nos ama, perduram mais fundamente na memória e as conservamos com mais vivo afeto.

Jesus Cristo — continua o mesmo Santo — já se nos tinha dado por vários modos: por mestre, pai e amigo; por luz, exemplo e vítima.

Restava-lhe o último grau de amor, que era dar-se por alimento nosso, a fim de unir-se inteiramente a nós, assim como se une e se incorpora a comida com quem a toma. É o que ele fez, entregando-se a nós no Santíssimo Sacramento. O divino Redentor não se

contentou em unir-se apenas à nossa natureza humana, mas quis, por meio deste Sacramento, unir-se também a cada um de nós em particular e intimamente.

“É impossível — dizia São Francisco de Sales — considerar nosso Salvador em ação mais amorosa e mais terna do que esta, na qual, por assim dizer, se aniquila e se reduz a alimento para penetrar em nossas almas e unir-se intimamente aos corações e aos corpos de seus fiéis”.

Assim se dirige São João Crisóstomo a esse mesmo Senhor que nem os anjos se atrevem a fitar: “Nós nos unimos e nos convertemos com ele em um só corpo e uma só carne”. Qual o pastor — acrescenta o Santo — que alimenta as suas ovelhas com sua própria carne? Às vezes, as mães ainda procuram nutrizes e amas para que alimentem seus filhos. Mas Jesus no Santíssimo Sacramento nos mantém com seu próprio corpo e sangue e se une a nós. E por que é que ele se tornou nosso sustento? Porque nos ama ardentemente e deseja ser conosco uma coisa única por meio dessa inefável união. Opera, pois, Jesus Cristo na santa Eucaristia o maior de todos os milagres. Deixou memória de suas maravilhas; deu sustento aos que o temem” (Sl 110,4), para satisfazer seu desejo de permanecer conosco e unir o coração ao seu Sacratíssimo Coração. Ó admirável milagre de amor, — exclama São Lourenço Justiniano — meu Senhor Jesus Cristo, que quisestes de tal modo

unir ao nosso o vosso corpo, que tivéssemos um só coração e uma só alma, inseparavelmente unidos convosco!” O Pe. de La Colombière, grande servo de Deus, dizia: “Se alguma coisa pudesse abalar minha fé no mistério da Eucaristia, nunca duvidaria do poder, mas do amor manifestado por Deus neste soberano Sacramento.

Como o pão se converte em corpo de Cristo? Como o Senhor está presente em toda parte? Respondo que Deus tudo pode. Mas, se me perguntam como Deus ama tanto os homens que se lhes dá por alimento, não sei responder, porquanto não o entendo; esse amor de Jesus é para nós incompreensível”.

Dirá alguém: Senhor, esse excesso de amor, pelo qual vos dais como alimento a nós, não convém a vossa Majestade divina... Mas São Bernardo nos diz que pelo amor o amante esquece a própria dignidade.

E São João Crisóstomo acrescenta que o amor não cuida das razões da conveniência quando se trata de manifestar-se ao ser amado; não vai aonde convém, vai aonde o guia seu desejo. Mui acertadamente, São Tomás chamava a Eucaristia Sacramento do amor⁷, e São Bernardo, amor dos amores. Santa Maria Madalena de Pazzi chamava o dia de quinta-feira santa, em que foi instituído o SS. Sacramento, o dia do amor.

AFETOS E SÚPLICAS

Ó amor infinito de Jesus, digno de infinito amor! Quando, Senhor, vos amarei como vós me amais?... Nada mais pudestes fazer para que eu vos amasse. E eu me atrevi a abandonar-vos, meu Sumo Bem, para correr atrás de coisas vis e miseráveis... Iluminai, ó meu Deus, minha 111 ignorância, descobri-me cada vez mais a grandeza de vossa bondade, a fim de que me inflame todo no vosso amor. Desejo unir-me a vós, Senhor, freqüentemente neste Sacramento, a fim de que me aparte mais e mais de todas as coisas e só a vós consagre a minha vida...

Ajudai-me, meu Redentor, pelos merecimentos de vossa Paixão.

Socorrei-me também, ó Mãe de Jesus e minha Mãe! Intercedei para que me inflame em seu santo amor.

PONTO III

Consideremos, finalmente, o grande desejo que tem Jesus Cristo de que o recebamos na santa comunhão... Sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora... (Jo 13,1), mas por que Jesus Cristo chamava a sua hora aquela noite em que devia começar sua dolorosa Paixão?... É porque naquela noite ia legar-nos este divino Sacramento, com o fim de unir-se ele mesmo às almas queridas de seus fiéis. Este sublime desígnio fê-lo exclamar então: “desejei ardentemente celebrar convosco esta Páscoa” (Lc 12,15), denotando com estas palavras o divino Redentor o veemente

desejo que nutria de estabelecer conosco essa união na Eucaristia...

Desejei ardentemente... Assim o obriga a falar o amor imenso que nos tem — disse São Lourenço Justiniano.

Quis ocultar-se sob as espécies de pão, a fim de ser acessível a todos. Se houvesse escolhido para este portento algum alimento esquisito e caro, os pobres não poderiam recebê-lo freqüentemente. Outra classe de alimento, mesmo que não fosse seleta e precioso, não se encontraria em toda parte. Por isso, o Senhor preferiu esconder-se sob as espécies do pão, porque o pão facilmente se encontra e todos os homens o podem procurar.

O vivo desejo que tem o Redentor de que com freqüência o recebamos sacramentado, movia-o a exortar-nos muitas vezes: “Vinde, comei o pão; e bebei o vinho que vos preparei. Comei, amigos, e bebei; inebriai-vos, meus muito amados” (Pr 9,5; Ct 5,1); venho a vô-lo impor como preceito: “Tomai e comei; este é meu corpo” (Mt 26,26). E para nos atrair a recebê-lo, estimula-nos com a promessa da vida eterna. “Quem come a minha carne, tem a vida eterna. Quem come este pão, viverá eternamente” (Jo 6,55.59). E no caso contrário ameaça-nos com a exclusão do paraíso da glória: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem, não tereis a vida em vós” (Jo 6,54). Tais convites, promessas e ameaças nascem do desejo de Cristo de unir-se a nós na Eucaristia; e

este desejo procede do amor que Jesus nos tem, porque — segundo disse São Francisco de Sales, — a finalidade do amor não é outra do que unir-se ao objeto amado; ora, neste Sacramento Jesus mesmo se une a nossas almas (aquele que come minha carne e bebe meu sangue, fica em mim e eu nele (Jo 6,57). É este o motivo por que deseja tanto que o tomemos neste Sacramento. “O amoroso ímpeto com que a abelha esvoaça sobre as flores para lhes extrair o mel — disse o Senhor a Santa Matilde — não pode ser comparado ao amor com que eu me uno às almas que me amam”.

Compreendessem os fiéis o grande amor que a santa comunhão traz às almas!... Cristo é o senhor de toda riqueza, e o Pai Eterno depositou tudo em suas mãos (Jo 13,3). Quando Jesus toma posse da alma pela sagrada Eucaristia, traz consigo riquíssimo tesouro de graças. Vieram a mim todos os bens juntamente com ela (Sb 7,11), — disse Salomão, falando da eterna Sabedoria.

Segundo São Dionísio, o Santíssimo Sacramento possui virtude suprema para santificar as almas. E São Vicente Ferrer deixou escrito que mais aproveita aos fiéis uma comunhão do que jejuar a pão e água uma semana inteira. A comunhão, como ensina o Concílio de Trento, é o grande remédio que nos livra das culpas veniais e nos preserva das mortais. Por esse motivo, Santo Inácio Mártir chama a Eucaristia “medicina da imortalidade”. Inocêncio III disse que

Jesus Cristo, por meio de sua Paixão e Morte, nos livrou das penas do pecado, mas que com a Eucaristia nos livra do pecado.

Este sacramento nos inflama no amor de Deus. “Introduziu-me na adega do vinho; ordenou em mim o amor. Confortai-me com flores, fortalecei-me com frutas, porque desfaleço de amor” (Ct 2,4-5). São Gregório Nisseno disse que esta adega é a santa comunhão, na qual a alma de tal modo se embriaga do amor divino, que esquece as coisas da terra e tudo o que é criado; desfalece, enfim, de amor vivíssimo.

Também o venerável Pe. Francisco de Olímpio, teatino, dizia que nada nos inflama tanto no amor de Deus como a sagrada Eucaristia. Deus é amor; é fogo consumidor (Jo 4,8; Dt 4,24). Foi esse fogo de amor que o Verbo Eterno veio acender na terra (Lc 12,49). E na verdade, que ardentíssimas chamas de amor divino acende Jesus Cristo na alma que o recebe sacramentado com vivo desejo! Santa Catarina de Sena viu um dia Jesus Sacramentado nas mãos de um sacerdote e a sagrada hóstia lhe parecia brilhantíssima fogueira de amor, ficando a Santa maravilhada como os corações dos homens não ardessem todos e se reduzissem a cinza por tamanho incêndio.

Santa Rosa de Lima assegurava que, ao comungar, parecia-lhe que recebia o sol. O rosto da Santa resplandecia de tanta luz, que deslumbrava aos que a viam, e da boca exalava tal calor, que a pessoa que lhe dava de beber depois da comunhão sentia a

mão quente como se a tivesse junto a um forno. O Santo rei Venceslau, quando ia visitar o Santíssimo Sacramento, sentia-se inflamado de ardor tão intenso, mesmo exteriormente, que a um criado seu, que o acompanhava, ao caminhar certa noite pela neve atrás do rei, bastou pôr os pés nas pisadas do Santo para não sentir frio algum. São João Crisóstomo dizia, que, sendo o Santíssimo Sacramento fogo abrasador, deveríamos, ao retirar-nos do altar, sentir tais chamas de amor que o demônio não se atrevesse a tentar-nos.

Dizes, talvez, que não te atreves a comungar com freqüência porque não sentes em ti esse fogo do amor divino. Mas essa escusa, como observa Gerson, seria a mesma que dizer que não te queres aproximar do fogo porque tens frio. Quanto maior for a tibi-eza que sentimos, tanto mais freqüentemente devemos receber o Santo Sacramento, contanto que tenhamos desejo de amar a Deus. “Se acaso te perguntarem os mundanos — escreve São Francisco de Sales em sua “Introdução à vida devota” — por que é que comungas tão a miúdo... dize-lhes que há duas classes de pessoas que devem comungar com freqüência: os perfeitos, porque, estando bem dispostos, ficariam prejudicados em se não achegando ao manancial e fonte da perfeição; e os imperfeitos, para terem justo direito de aspirar a ela...” E São Boaventura diz igualmente: “Ainda que sejais tíbio, aproxima-te da Eucaristia, confiando na misericórdia de Deus. Quanto mais enfermos estivermos, tanto mais neces-

sitamos do médico”. E, finalmente. Cristo mesmo disse a Santa Matilde: “Quando houveres de comungar, deseja ter todo o amor que tenha tido o coração mais fervoroso, e eu aceitarei teu desejo como se tivesses realmente esse amor a que aspiras”.

AFETOS E SÚPLICAS

Ó amantíssimo Senhor das almas! Já não podeis dar-nos maior prova do vosso amor. Que mais poderíeis inventar para que vos amássemos?...

Fazei, ó Bondade infinita, que doravante vos ame viva e eternamente! A quem é que o meu coração deve amar com afeto mais profundo do que a vós, meu Redentor, que, depois de terdes dado a vida por mim, vos dais neste Sacramento?... Ah! meu Senhor! recorde eu sempre vosso excelso amor e me esqueça a mim inteiramente, a fim de amar-vos sem intermissão e sem reserva!... Amo-vos, meu Deus, sobre todas as coisas, e só a vós desejo amar. Afastai do meu coração todo afeto que não seja para vós... Dou-vos graças por me terdes concedido tempo de amar-vos e de chorar as ofensas que vos fiz. Desejo, meu Jesus, que sejais o único objeto do meu amor. Socorrei-me, salvai-me e minha salvação seja amar-vos com toda a minha alma nesta e na vida futura...

Maria, minha Mãe, ajudai-me a amar a Cristo. Rogai por mim.

CONSIDERAÇÃO XXXV

Da amorosa presença de Cristo no Santíssimo Sacramento do altar

Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos.

Vinde a mim todos os que vos achais sobrecarregados e atribulados, que eu vos aliviarei (Mt 11,28).

PONTO I

Ao partir deste mundo, depois de ter completado a obra da nossa redenção, o nosso amantíssimo Salvador não quis deixar-nos sós neste vale de lágrimas. “Nenhuma língua pode exprimir — dizia São Pedro de Alcântara — a grandeza do amor que Jesus tem às almas; por isso, ao deixar esta vida, o divino Esposo, receando que sua ausência fosse ocasião de olvido, deu-lhes como recordação este Sacramento santíssimo, no qual ele mesmo permanece; e não quis que entre ele e nós houvesse outro penhor para

manter viva a memória”. Esta preciosa dádiva de Nosso Senhor Jesus Cristo merece todo o amor de nosso coração e por esse motivo dispôs que nestes últimos tempos fosse instituída a festa do seu Sagrado Coração, segundo revelou à sua serva Irmã Margarida Alacoque, a fim de que lhe rendêssemos homenagem por sua presença amorosa sobre o altar, e reparássemos, ao mesmo tempo, os desprezos e as injúrias que neste Sacramento tem recebido e recebe ainda da parte dos hereges e dos maus cristãos.

Permanece Jesus no Santíssimo Sacramento: primeiro, para que todos lhe falemos sem dificuldade; segundo, para conceder-nos audiência; e terceiro, para dispensar-nos suas graças. Fica presente em tantos altares diferentes para estar no alcance de todos os que o desejam encontrar. Na noite em que o Redentor se despediu de seus discípulos para morrer, estes, cheios de tristeza, choravam, porque deviam separar-se de seu querido Mestre. Jesus, porém, os consolou, dizendo-lhes e a todos nós: “Meus filhos, vou morrer por vós para provar o amor que vos tenho; porém, mesmo depois de minha morte não quero privar-vos da minha presença. Enquanto estiverdes neste mundo, estarei convosco no Santíssimo Sacramento do Altar. Deixo-vos meu corpo, minha alma, divindade, em suma, a mim mesmo. Não me separarei de vós”. Ficai certos de que eu mesmo estarei convosco até à consumação dos séculos (Mt 28,20). “Queria o Esposo — diz São Pedro de Alcântara — deixar companhia à esposa, para que em ta-

manha ausência não ficasse só, e por isso Ihe deixou este Sacramento, no qual ele mesmo reside e era a melhor companhia que podia dar-Ihe”. Os gentios, que imaginaram tantos deuses, não engendraram nenhum tão amoroso como o nosso Deus, que está tão perto de nós e com tanto amor nos assiste. “Não há outra nação tão grande que tenha os seus deuses tão perto dela, como o nosso Deus está presente a todos nós” (Dt 4,7).

A Santa Igreja, com razão, aplica esta passagem do Deuteronomio à festa do Santíssimo Sacramento.

Jesus Cristo, portanto, vive nos altares como encerrado em prisões de amor. Os sacerdotes o fazem sair do sacrário para expô-lo aos fiéis ou para a santa comunhão e depois o encerram novamente. E o Senhor se compraz em permanecer ali de dia e de noite... E para que fim, meu Redentor, resolvestes ficar em tantas igrejas, mesmo que os homens fechem as portas do templo e vos deixem só? bastava que habitásseis ali conosco durante as horas do dia?... Mas, não! O Senhor quer morar no sacrário mesmo nas trevas da noite, não obstante a ausência de todos, esperando paciente que ao raiar do arrebol já o encontre quem deseja estar a seu lado. A esposa andava a procurar o seu Amado e perguntava a todos os que pelo caminho vinham: Vistes, porventura, aquele que ama a minha alma? (Ct 3,3). Como não o encontrasse, levantava a voz, dizendo: “Onde estás, meu esposo?... Dize-me, ó amado de minha alma, onde é

que apascentas... onde é que repousas ao meio-dia (Ct 1,6). A esposa não o encontrava porque ainda não existia o Santíssimo Sacramento; mas agora, se uma alma deseja unir-se a Jesus Cristo, o seu Amado a está esperando em muitos templos. Não há aldeia, por mais pobre que seja, não há convento de religiosos que não tenha o Sacramento Santíssimo. Em todos esses lugares, o Rei do céu se regozija em poder permanecer aprisionado na pobre moradazinha de pedra ou de madeira onde muitas vezes fica só, sem ter quem o sirva e apenas, iluminado por uma lâmpada de azeite...

Ó Senhor! — exclama São Bernardo — isto não convém à vossa infinita majestade... Nada importa, responde Jesus Cristo: se isto não convém à minha majestade, satisfaz, entretanto, o meu amor.

Que ternos afetos experimentam os peregrinos, quando visitam a 114 santa igreja de Loreto, ou os lugares da Terra Santa, o estábulo de Belém, o Calvário, o Santo Sepulcro, lugares, onde Cristo nasceu, morreu e foi sepultado!... Muito maior, porém, deve ser o nosso amor quando nos achamos na igreja em presença do próprio Jesus Cristo que reside no Santíssimo Sacramento! Dizia o venerável João d'Ávila que não havia para ele santuário de maior devoção e consolo que uma igreja em que houvesse Jesus Sacramentado. O Padre Baltasar Álvares lamentava-se por ver os palácios reais repletos de gente, e os templos, onde mora Cristo, solitários e abandonados... Ó

meu Deus!... Se o Senhor tivesse concedido o privilégio de sua presença a uma única igreja na terra, à de São Pedro em Roma, por exemplo, e ali residisse apenas um dia por ano, quantos peregrinos, quantos personagens nobres, quantos monarcas procurariam ter a felicidade de estar naquele templo, no dia marcado, para reverenciar ao Rei do céu, que tinha desido novamente à terra! Que rico sacrário de ouro e de pedras preciosas lhe não seria preparado! Com quanta luz se iluminaria a igreja a fim de solenizar a presença de Cristo!... Mas não — disse o Redentor — não quero morar apenas numa igreja, nem por um dia só, nem procuro ostentação, nem riqueza, mas desejo viver contínua, diariamente, onde meus fiéis estão, para que todos me encontrem facilmente, sempre e a qualquer hora.

Se Jesus Cristo não tivesse inventado este inefável obséquio de amor, quem é que teria sido capaz de descobri-lo? Se, ao aproximar-se a hora da ascensão ao céu, alguém lhe tivesse dito: Senhor, para mostrar-nos vosso afeto, ficai conosco nos altares sob as espécies de pão, a fim de que vos encontremos quando for de nossa vontade, — quão temerária teria parecido tal petição! Mas o que nenhum homem jamais poderia imaginar, nosso amantíssimo Salvador o concebeu e realizou...

E onde está, Senhor, nossa gratidão por mercê tão excelsa?... Se um príncipe poderoso viesse de longínquas terras com o fito expresso de que fosse

visitado por um obscuro aldeão, não seria este extremamente ingrato se se recusasse a ver o príncipe, ou a querer vê-lo apenas de passagem?

AFETOS E SÚPLICAS

Ó Jesus, meu Redentor e amor de minha alma! A quão alto preço pagastes vossa morada na Eucaristia! Sofrestes primeiramente morte dolorosa antes de viver sobre nossos altares e, a seguir, inumeráveis injúrias no Sacramento, só porque quereis assistir-nos e regalar-nos com vossa presença real. Em compensação, nos descuidamos e nos esquecemos de visitar-vos, posto que bem sabemos que desejais as nossas visitas, com o fim de nos cumular de bens, quando permanecemos ante vós. Perdoai-me, Senhor, que também eu me conto no número destes ingratos... Mas doravante, meu Jesus, estou resolvido a visitar-vos freqüentemente e a conservar-me o mais tempo possível na vossa presença, a fim de dar-vos graças e amar-vos e pedir-vos mercês, pois tal é o fim que vos impeliu a ficar entre nós, recolhido aos sacrários e prisioneiro nosso de amor. Amo-vos, Bondade infinita, amo-vos, Pai amantíssimo; amo-vos, Sumo Bem, mais digno de ser amado do que todas as coisas. Fazei que me esqueça a mim mesmo e a todas as coisas, e que somente do vosso amor me recorde, para viver o restante de meus dias unicamente ocupado em servir-vos. Fazei que a partir de hoje seja a minha maior delícia permanecer prostrado a vossos pés. Inflamai-me, inteiramente no vos-

so amor!...

Maria, minha mãe, alcançai-me grande amor ao Santíssimo Sacramento, e quando me virdes negligente, recordai-me a promessa que agora faço de o visitar diariamente!

PONTO II

Consideremos, em segundo lugar, como Jesus Cristo na Eucaristia dá audiência a todos nós. Dizia Santa Teresa que não a todos os homens é dada a honra de falar com os reis deste mundo. Os pobres, quando o necessitam, apenas conseguem comunicar-se com o soberano por meio de uma terceira pessoa. Mas o rei da glória não tem necessidade de intermediários. Todos, nobres e plebeus, podem tratar com ele, rosto a rosto, no Santíssimo Sacramento. Não é em vão que Jesus se chama a si mesmo “Flor dos campos” (Ct 2,1): Eu sou flor dos campos e lírio dos vales. Assim como as flores do jardim estão reservadas e ocultas para muitos, as do campo se oferecem generosas a todas as visitas. Sou flor do campo, porque me deixo ver por todos quantos me procuram, disse, comentando este texto, o Cardeal Hugo.

Jesus Cristo, na Eucaristia, é acessível a todos e a qualquer hora do dia. São Pedro Crisólogo, falando do nascimento de Cristo no estábulo de Belém, observa que nem sempre os reis dão audiência a seus

súditos. Acontece mesmo freqüentemente que, quando alguém se apresenta para falar ao soberano, os guardas o despedem, dizendo que não é hora de audiência e que volte depois. Mas o Redentor quis nascer num estábulo aberto, sem portas e sem guardas, a fim de receber a qualquer momento a quem o procura. Não há ali criados que digam: ainda não é hora. O mesmo sucede com o Santíssimo Sacramento. As portas da igreja estão abertas, e todos nós podemos entrar e falar com 115 o Rei dos céus sempre que nos apraz. E Jesus tem prazer em receber-nos e deseja que lhe falemos ali com ilimitada confiança. Para isto é que se oculta sob as espécies do pão, porque se Cristo aparecesse sobre o altar em resplandecente trono de glória, como há de apresentar-se no dia do juízo final, quem ousaria aproximar-se dele? Como, porém, o Senhor — diz Santa Teresa — deseja que lhe falemos e impetremos suas graças com toda a confiança e sem temor algum, encobriu sua majestade divina sob as espécies do pão. Segundo Tomás de Kempis, quer que tratemos com ele como se trata um amigo fraternal.

Quando a alma, ao pé do altar, está em amorosos colóquios com Cristo, parece que o Senhor lhe dirige aquelas palavras do Cântico dos Cânticos: “Levanta-te, apressa-te, minha amiga, minha formosa, e vem” (Ct 2,10). Surge, e levanta-te, alma, lhe diz, e nada temas. Propera, apressa-te, aproxima-te de mim. Amica mea, já não me és desagradável, mas bela, porque minha graça te tornou formosa. Et veni,

vem e dize-me o que desejas, que, para ouvir-te, estou neste altar... Que gozo terias, meu leitor, se o rei te chamasse a seu palácio e dissesse: Que desejas? que necessitas? Muito te estimo e desejo ser útil a ti!... O mesmo diz Cristo, o rei do céu, a todos os que o visitam. “Vinde a mim todos os que estais sobrecarregados e atribulados, que eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Vinde, pobres enfermos, aflitos, que posso e quero enriquecer-vos, curar-vos e consolar-vos: é para este fim que estou nos altares (Is 58,9).

AFETOS E SÚPLICAS

Já que residis nos altares, meu amantíssimo Jesus, para ouvir as súplicas que vos dirigem os desgraçados que recorrem a vós, ouvi, Senhor, os rogos deste pobre pecador... Ó Cordeiro de Deus, sacrificado e morto na cruz! Minha alma foi resgatada com vosso sangue; perdoai-me as ofensas que vos tenho feito e socorrei-me com vossa graça, a fim de que não volte a perder-vos jamais. Fazei-me partícipe, meu Jesus, daquela profunda dor dos pecados que sofrestes no horto de Getsêmani... Meu Deus, se eu morresse no pecado, não poderia amar-vos nunca; mas vossa clemência esperou por mim a fim de que vos amasse! Agradeço-vos o tempo que me concedestes e, já que me é dado amar-vos, consagro-vos o meu amor. Dai-me a graça do vosso divino amor em grau tal que de tudo me esqueça inteiramente e somente me ocupe em servir e agradar a vosso sagrado Coração. Ó meu Jesus! Dedicastes-me a vossa

vida toda; permiti que vos consagre o restante da minha. Atraí-me ao vosso amor e fazei-me vosso inteiramente antes que chegue a hora de minha morte. Assim o espero pelos merecimentos da vossa sagrada Paixão e também, ó Maria Santíssima, pela vossa poderosa intercessão. Bem sabeis que vos amo; tende misericórdia de mim.

PONTO III

Jesus no Santíssimo Sacramento ouve e recebe a todos para comunicar-nos sua graça, porque mais deseja o Senhor favorecer-nos com seus dons do que nós recebê-los. Deus, que é a Bondade infinita, generosa e difusiva por sua própria natureza, compraz-se em comunicar os seus benefícios a todo mundo e se entristece quando as almas não acodem a pedir-lhes. Por que — diz o Senhor — não vos dirigis a mim? Porventura, hei sido para vós semelhante à terra estéril, quando me pedistes graças?... O apóstolo São João viu que o peito do Senhor resplandecia adornado por um cinto de ouro, símbolo da misericórdia de Cristo e da amorosa solícitude com que deseja dispensar-nos sua graça (Ap 1,15). O Senhor sempre está pronto a auxiliar-nos; mas no Santíssimo Sacramento, como afirma o discípulo, concede e distribui, de modo especial, abundantíssimos favores. O beato Henrique Suso dizia que Jesus na Eucaristia atende com a maior complacência a nossas petições e súplicas.

Assim como as mães acham consolo e alívio, dando o peito generosamente, não só a seu próprio filho, mas também a outros pequeninos, o Senhor neste Sacramento a todos convida e nos diz: “Como a mãe acaricia a seu filho, assim eu vos consolarei” (Is 66,13). Ao Pe. Baltasar Álvares apareceu visivelmente Cristo na Eucaristia, mostrando-lhe as graças inumeráveis que trazia à disposição para prodigalizá-las aos homens; mas não havia quem as pedisse.

Bem-aventurada a alma que, ao pé do altar, se detém para solicitar a graça do Senhor! A condessa de Feria, que depois se fez religiosa de Santa Clara, permanecia ante o Santíssimo Sacramento todo o tempo de que podia dispor. Por isso, a chamavam a esposa do SS. Sacramento.

Ali recebia continuamente riquíssimos tesouros de graças. Perguntada por que passava tantas horas prostrada ante o Senhor Sacramentado, respondeu: “Desejaria ficar ali por toda a eternidade...”

Perguntais o que se faz na presença do Santíssimo Sacramento... E que é que se deixa de fazer? Que faz um pobre na presença de um rico? E um enfermo diante do médico?... Agradece-se, ama-se, roga-se”.

Queixou-se o Senhor à sua fiel serva Irmã Margarida Alacoque da ingratidão com que os homens o tratam neste Sacramento de Amor.

Mostrando-lhe seu sagrado Coração em trono de chamas, cercado de espinhos e uma cruz ao alto, dá-lhe a entender a amorosa presença de Cristo na Eucaristia e diz: “Contempla este Coração que tanto tem amado aos homens e que nada omitiu, nem mesmo o consumir-se, para demonstrar-lhes seu amor. Mas em reconhecimento só recebo ingratidões da maior parte deles, pelas irreverências e os desprezos com que me tratam neste Sacramento. E o que mais deploro é que assim procedem não poucas almas que me são especialmente consagradas”.

Os homens deixam de entreter-se com Cristo, porque não o amam.

Recreiam-se horas inteiras falando com um amigo, mas enfadam-se logo em ficar com o Senhor! Como há de Jesus Cristo conceder-lhes seu amor? Se não afastam de seu coração os afetos terrenos, como há de entrar nele o amor divino? Ah, se pudessem dizer verdadeiramente de coração o que dizia São Filipe Néri ao ver o Santíssimo Sacramento: “Eis o meu amor” e não te cansarias nunca de estar horas e dias ante Jesus Sacramentado.

Para a alma que ama a Deus, essas horas parecem momentos.

São Francisco Xavier, fatigado pelo diário trabalho da salvação das almas, encontrava à noite apropriado descanso em permanecer diante do Santíssimo Sacramento. São João Francisco de Regis, famo-

so missionário da França, depois de ter empregado todo o dia na pregação, dirigia-se à igreja; e quando a encontrava fechada, ficava à porta, exposto às inclemências do tempo com o propósito de homenagear, ao menos de longe, a seu amado Senhor. São Luís Gonzaga desejava estar sempre na presença de Jesus Sacramentado; como, porém, os Superiores lhe proibissem que se entretivesse nesses atos prolongados de adoração, acontecia que, quando o santo jovem passava diante do altar, sentia de um lado que Jesus o atraía docemente para que com ele permanecesse, e de outro, obrigado pela obediência, a afastar-se.

Nesse caso dizia amorosamente: “Apartai-vos, Senhor, apartai-vos de mim; não me prendais junto de vós; deixai que de vós me separe, porque devo obedecer”. Portanto, meu irmão, se não sentes tão alto amor a Cristo, procura visitá-lo diariamente, que Ele saberá inflamar o teu coração. Sentes frio ou tibi-eza? Aproxima-te do fogo, como dizia Santa Catarina de Sena, e ditoso de ti se Jesus te conceder a graça de abraçar-te em seu amor! Então, não amarás mais as coisas da terra, mas as desprezarás todas, pois, segundo observa São Francisco de Sales: Quando em casa há fogo, tudo se lança pela janela.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Jesus! Fazei que vos conheçamos e amemos! Sois tão amável, que só isto é suficiente para que vos amem todos os homens...

E quão poucos são aqueles que se dedicam ao vosso amor! Ó Senhor! Entre estes ingratos também me achava eu. Não neguei minha gratidão às criaturas quando delas recebi mercês ou favores. Somente para convosco, que vos destes todo a mim, fui tão ingrato que cheguei a ofender-vos gravemente e ultrajar-vos com meus pecados. E vós, Senhor, em vez de abandonar-me, persistis em procurar-me e reclamais o meu amor, inspirando-me a lembrança daquele amoroso mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração (Mc 12,30). Pois bem! Já que, apesar de minha ingratidão, quereis que vos ame, prometo amar-vos, meu Deus. Assim o desejais, e eu, favorecido por vossa graça, não desejo outra coisa. Amo-vos, meu amor e meu tudo. Pelo sangue que derramastes por mim, ajudai-me e socorrei-me. Nele ponho a minha esperança, assim como na intercessão de vossa Mãe Maria Santíssima, cujas súplicas quereis que contribuam para a nossa salvação.

Rogai por mim, Santa Virgem Maria, a Jesus Cristo, meu Senhor; e posto que abrasais no amor divino a todos os que se vos consagram, com insistência vos peço: inflamai nele o meu coração, que tanto vos ama sempre.

CONSIDERAÇÃO XXXVI

Da conformidade com a vontade de Deus

Et vita in voluntate ejus.

E a vida, em sua vontade (Sl 29,6).

PONTO I

Todo fundamento da saúde e da perfeição das nossas almas consiste no amor de Deus. “Quem não ama está morto. A caridade é o vínculo da perfeição” (Jó 3,14; Cl 3,14). Mas a perfeição do amor é a união da nossa própria vontade com a vontade divina; porque nisto se cifra — como disse o Areopagita — o principal efeito do amor, em unir de tal modo a vontade dos amantes, que não tenham mais que um só coração e um só querer. Portanto, as nossas obras, penitências, esmolas, comunhões, só agradam ao Senhor enquanto se conformam com sua divina vontade; de outra maneira não seriam virtuosas, mas viciosas e dignas de castigo.

Isto, particularmente, nos manifestou com seu exemplo o nosso Salvador, quando do céu desceu à terra. Isto, como ensina o Apóstolo, disse o Senhor ao entrar neste mundo: “Vós, meu Pai, recusastes as vítimas oferecidas pelo homem e quereis que vos sacrifique a vida deste corpo que me destes. Cumpra-se vossa divina vontade” (Hb 10,57).

Isto também declarou muitas vezes, dizendo que tinha vindo à terra só para fazer a vontade de seu Pai (Jo 6,38). Quis assim patentear-nos o infinito amor que tem ao Pai, a ponto de entregar-se à morte para obedecer à sua divina ordem (Jo 14,31). Declarou, além disso, que reconheceria por seus unicamente aqueles que fazem a vontade de seu Pai (Mt 12,50) e, por esta razão, o único fim e desejo dos Santos em todas as suas obras tem sido o cumprimento da mesma. O beato Henrique Suso exclama: “Preferiria ser o verme mais miserável da terra, por vontade de Deus, do que um serafim por minha vontade própria”. Santa Teresa disse que aquele que se exercita na oração terá que procurar conformar sua vontade com a divina e que nisto consiste a mais elevada perfeição; o que mais sobressair nesta prática receberá de Deus maiores dons e se adiantará mais na vida interior. Os bem-aventurados na glória amam a Deus perfeitamente porque sua vontade está unida e conforme inteiramente com a vontade divina. Por isso, Jesus Cristo nos ensinou a pedir a graça de fazer na terra a vontade de Deus assim como os Santos a fazem no céu. *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in*

terra. Quem assim o fizer será homem segundo o coração de Deus, como o Senhor chamava David¹, porque este estava sempre pronto a cumprir o que Deus queria (Sl 6,8: 107,1); e continuamente lhe pedia que lhe ensinasse a executá-lo (Sl 142,10).

Que merecimento tem um só ato de perfeita resignação à vontade de Deus! Bastaria para santificarnos... Quando Paulo persegue a Igreja, Cristo lhe aparece, ilumina-o e o converte com sua graça. O Santo, então, se oferece a cumprir o que Deus lhe mandar... “Senhor, que queres que eu faça? (At 9,6). E Jesus Cristo o proclama “vaso de eleição e apóstolo das gentes” (At 9,15). Aquele que jejua, dá esmola e se mortifica por amor de Deus, dá uma parte de si mesmo; aquele, porém, que submete a Deus a sua vontade dá-lhe tudo quanto tem. É isto o que Deus nos pede, quer dizer, o coração, a vontade (Pr 23,26). Este fito hão de ter, em suma, todos os nossos desejos, devoções, comunhões e demais obras de piedade: o cumprimento da vontade divina. Este é o norte e a mira de nossa oração: impetrar a graça de fazer o que Deus exige de nós. Para a execução destas resoluções, incumbe pedir a intercessão de nossos santos protetores, especialmente a de Maria Santíssima, a fim de que nos alcancem luzes e forças para conformidade da nossa vontade com a de Deus em todas as coisas e sobretudo naquelas que repugnam ao nosso amor próprio... Dizia o beato M. P.

Ávila: “Mais vale um bendito seja Deus dito na

adversidade, que mil ações de graças nas ocasiões prósperas”.

AFETOS E SÚPLICAS

Ah, meu Senhor! Todas as minhas desgraças procedem de não querer render-me à vossa santa vontade. Maldigo e aborreço mil vezes aqueles dias e aquelas ocasiões em que, para satisfazer ao meu desejo, contradisse e me opus ao vosso querer, ó Deus de minha alma!...

Agora vos consagro minha vontade sem reserva. Aceitai-a, meu Deus, e predeei-a de tal modo ao vosso amor, que não possa rebelar-se outra vez. Amo-vos, Bondade infinita, e pelo amor que vos professo, ofereço-me inteiramente a vós. Disponde de mim e de todas as minhas coisas como vos aprouver e que eu em tudo me resigne gostosamente à vossa 118 santíssima vontade. Livrai-me da desgraça de contrariar os vossos desejos, e fazei de mim o que vos agrada. Ouvi-me, ó Pai Eterno, pelo amor a Jesus Cristo. Ouvi-me, meu Jesus, pelos merecimentos de vossa Paixão.

E vós, Maria Santíssima, socorrei-me e alcançai-me a graça de cumprir sempre a vontade divina, na qual se cifra minha salvação. E nada mais vos pedi-rei.

PONTO II

Devemos conformar-nos com a vontade divina, não apenas nas coisas que recebemos diretamente de Deus, como sejam enfermidades, desolações espirituais, reveses de fortunas, morte de parentes, mas também nas que só indiretamente vêm de Deus e que ele nos envia por intermédio dos homens, como, por exemplo, a desonra, desprezos, injustiças e toda sorte de perseguições. E note-se que quando alguém nos ofende em nossa honra ou nos causa dano em nossos bens, não é Deus que quer o pecado de quem nos ofende ou causa dano, mas sim a humilhação ou a pobreza que dele resulta. É certo, portanto, que tudo quanto sucede acontece por vontade divina. “Eu sou o Senhor que formo a luz e as trevas; faço a paz e crio a desdita” (Is 45,7). E no Eclesiástico lemos: “Os bens e os males, a vida e a morte vêm de Deus”. Tudo, em suma, de Deus procede, tanto os bens como os males.

Chamam-se males certos acidentes porque nós assim os denominamos e em males os transformamos; entretanto, se os aceitássemos como era devido, resignando-nos à mão de Deus, seriam para nós bens em vez de males. As jóias que mais resplandecem e mais valorizam a coroa dos Santos são as tribulações que aceitaram das mãos de Deus.

Quando o santo homem Jó soube que os sabeus lhe haviam roubado os bens, não disse: “O Senhor nos deu e os sabeus nos tiraram, mas “O Senhor nos

deu e o Senhor nos tirou” (Jó 1,21). E, dizendo-o, bendizia a Deus porque sabia que tudo sucede por vontade divina (Jó 1,21). Os santos mártires Epicteto e Aton, atormentados a ferro e fogo, exclamavam: Senhor, cumpra-se em nós a vossa santa vontade! Ao expirarem, foram estas as suas últimas palavras: “Bendito sejas, ó eterno Deus, por nos terdes dado a graça de cumprir a vossa vontade santíssima”.

Refere Cesário² que certo monge, cuja vida não era mais austera que a dos outros, operava muitos milagres. Maravilhado, o abade perguntou-lhe quais eram as devoções que praticava. O monge respondeu que, sem dúvida, era mais imperfeito que os outros e que unicamente se aplicava, com especial cuidado, em conformar-se em todas as coisas com a vontade de Deus. “E aquele prejuízo — acrescentou o abade — que há dias o inimigo causou em nossas terras, não te causou pena alguma?” — “Ó Padre — disse o monge — antes dou graças a Deus, que tudo faz ou permite para nosso bem”. Estas palavras descobriram ao abade a grande santidade daquele bom religioso.

O mesmo devemos fazer quando nos sucedam contrariedade: recebamo-las todas da mão de Deus, não só com paciência, mas até com alegria, imitando o exemplo dos apóstolos, que se regozijavam de ser maltratados por amor de Cristo. “Saíram alegres do sínédrio, porque foram achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus” (At 5,41).

Pois que maior contentamento pode haver do que sofrer alguma cruz e saber que, abraçando-a, podemos ser agradáveis a Deus?... Se quisermos viver em paz contínua, procuremos unir-nos à vontade divina e dizer sempre, aconteça o que acontecer: “Senhor, se assim for do vosso agrado, faça-se assim” (Mt 11,26). Para este caminho devemos dirigir todas as nossas meditações, comunhões, orações e visitas a Jesus Sacramentado, rogando continuamente a Deus, que nos conceda essa preciosa conformidade com sua vontade divina. Ofereçamo-nos sempre a ele, dizendo: Aqui me tendes, meu Deus; fazei de mim o que vos agrada... Santa Teresa se oferecia ao Senhor mais de cinqüenta vezes por dia, a fim de que dispusesse dela à sua vontade.

AFETOS E SÚPLICAS

Amantíssimo Redentor, divino Rei de minha alma, reinai nela, doravante!... E só vós unicamente!... Aceitai minha vontade inteiramente, de modo que não deseje nem queira senão o que vós quiserdes.

Bem sei quantas vezes vos tenho ofendido, opondo-me à vossa santa vontade. Desses delitos me sinto profundamente magoado e arrependo-me de todo o coração. Mereço castigo e não o recuso: aceito-o com o pedido único de que não me imponhais a pena da privação do vosso amor. Concedei-me esta graça e fazei de mim o que vos agrada. Amo-vos, meu Redentor, amo-vos, Senhor, e porque vos amo quero fazer tudo o que quiserdes. Ó vontade divina,

sois o meu amor!... Ó sangue de Jesus Cristo, sois a minha esperança! por vós espero que desde agora ficarei sempre unido à vontade de Deus. Ela será meu norte e guia, meu amor e minha paz. Nela desejo viver e repousar. Em tudo o que me acontecer, direi sempre: Meu Deus, nada quero senão o que vós quiserdes; cumpra-se em mim a vossa vontade: Fiat voluntas tua...

Concedei-me, meu Jesus, pelos vossos merecimentos a graça de que 119 repita sempre essa súplica amorosíssima: Fiat voluntas tua...

Ó Maria, Mãe e Senhora nossa, que cumpristes sempre a vontade divina! Fazei que também eu doravante a possa cumprir! Rainha da minha vida, alcançai-me esta graça, que espero pelo amor que tendes a Jesus Cristo.

PONTO III

Aquele que se conserva unido à vontade de Deus, goza, mesmo neste mundo, de paz admirável e constante. “Não se contrista o justo por coisa que lhe aconteça” (Pr 12,21), porque uma alma se alegra e se satisfaz ao ver todos os seus desejos cumpridos; ora, quem só quer o que Deus quer, tem tudo o que deseja, pois que tudo o que acontece é por efeito da vontade de Deus. Quando a alma resignada, diz Salviانو, recebe humilhações, quer ser humilhada;

quando cai na pobreza, compraz-se em ser pobre; em suma, fica contente com tudo quanto lhe sucede e por isso goza de felicidade nesta vida. Faça frio ou calor, caia chuva ou sopra o vento, com tudo ela se conforma e se alegra, porque assim Deus o quer. Quando sofre reveses, perseguições, enfermidades e até lhe sobrevenha a própria morte, quer ser pobre, perseguida, enferma, quer morrer, porque tudo é da vontade de Deus. Aquele que deste modo descansa na vontade de Deus e se compraz naquilo que a Providência dispuser, é como se estivesse sobranceiro às nuvens do céu e visse a seus pés furiosa tempestade, sem recear perturbação ou dano. Esta é aquela paz que — como disse o Apóstolo — supera a todas as delícias do mundo (Fp 4,7); paz constante, serena, imutável.

“O néscio é inconstante como a lua, o sábio se mantém na sabedoria como o sol” (Ecl 27,12). O pecador é variável como a luz da lua, que hoje cresce e noutros dias minguia. Hoje o vemos rir; amanhã, chorar; ora se mostra alegre e tranqüilo; ora, aflito e furioso. Varia, enfim, à mercê das coisas prósperas ou adversas que lhe sucedem.

O justo, pelo contrário, se mantém sempre com igualdade e constância.

Nenhum acontecimento o priva de sua feliz tranqüilidade, porque essa paz de que goza é filha de sua conformidade perfeita com a vontade de Deus. “Paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2,14).

Santa Maria Madalena de Pazzi, só com o ouvir falar na vontade de Deus, já sentia consolação tão profunda, que ficava arrebatada em êxtases de amor... É verdade que as faculdades de nossa parte inferior não deixarão de fazer-nos sentir alguma dor na ocorrência de coisas adversas; mas em nossa vontade superior, se estiver unida a Deus, reinará sempre paz profunda e inefável. A vossa alegria, ninguém vo-la tirará (Jo 16,22).

Indizível loucura é a daqueles que se opõem à vontade de Deus. O que Deus quer não pode deixar de acontecer. Quem é que resiste à sua vontade? (Rm 9,19). De sorte que esses desgraçados, quer queiram, quer não, têm de levar a sua cruz, mesmo que seja sem paz nem proveito.

Quem é que lhe resistiu e teve paz? (?).

E, afinal, que quer Deus senão o nosso bem? Quer que sejamos santos para fazer-nos felizes nesta vida e bem-aventurados na outra.

Persuadamo-nos de que as cruzes que Deus nos envia concorrem para o nosso bem (Rm 8,28) e de que os próprios castigos temporais não são enviados para a nossa ruína, mas para nos corrigir e alcançar a eterna felicidade (Jt 8,27).

Deus ama-nos todos, que não somente deseja nossa salvação, mas é todo solícito em procurar-nos (Sl 39,18). E que nos poderá recusar quem nos deu o

seu próprio Filho?... (Rm 8,32) Entreguemo-nos, portanto, sem reserva às mãos de Deus, que jamais deixa de atender ao nosso bem (1Pd 5,7). “Pensa tu em mim, — dizia o Senhor a Santa Catarina de Sena — que eu pensarei em ti”. Digamos sempre como a Esposa: “Meu amado para mim e eu para ele” (Ct 2,16). Meu amado trata do meu bem, e eu não hei de pensar noutra coisa que em agradar-lhe e unir-me à sua santa vontade. Não devemos pedir, dizia o santo abade Nilo, que Deus faça o que desejamos, mas sim que façamos o que ele quer.

Quem proceder assim, passará uma vida feliz e terá morte santa.

Aquele que morre inteiramente resignado com a vontade divina nos deixa certeza moral de sua salvação. Mas aquele que não vive unido à vontade de Deus, também não estará resignado na hora da morte e não se salvará. Procuremos, pois, familiarizar-nos com certas passagens da Sagrada Escritura, que nos podem ajudar a conservar essa união incomparável: “Dizei-me, Senhor, o que quereis que eu faça, pois desejo fazê-lo (At 9,6). “Eis aqui a vossa serva: mandai e sereis obedecido” (Lc 1,38). “Salvai-me, Senhor, e fazei de mim o que quiserdes. Sou vosso e não meu” (Sl 118,94). E quando nos suceda alguma adversidade, digamos logo: “Seja assim, meu Deus, porque assim o quereis” (Mt 11,26). Não nos esqueçamos especialmente do terceiro pedido da oração dominical: “Seja feita a vossa vontade, assim na terra

como no céu”.

Digamo-lo a miúdo, com grande afeto, e repitamo-lo muitas vezes...

Felizes de nós se vivermos e morrermos, dizendo: Fiat voluntas tua!

AFETOS E SÚPLICAS

Ó Jesus, meu Redentor, à força de dores, consumistes na cruz a 120 vossa vida, a fim de salvar-me e remir-me... Tende compaixão de mim e não permitais que uma alma por vós resgatada a preço de tantos trabalhos e com tanto amor seja condenada a odiar-vos eternamente no inferno.

Nada deixastes de fazer para me obrigar a amar-vos, o que manifestastes claramente momentos antes de expirar no Calvário com estas palavras amorosas: Consummatum est! E como tenho eu correspondido ao vosso amor?... Bem posso dizer que por minha parte nada omiti para ofender-vos e obrigar-vos a aborrecer-me... Graças vos dou pela paciência com que me tendes aturado e pelo tempo que me concedeis para reparar a minha ingratidão e amar-vos e servir-vos antes de morrer... Sim, meu Deus, quero amar-vos, quero fazer tudo quanto quiserdes; dou-vos toda a minha vontade, minha liberdade e tudo o que me pertence. Consagro-vos, desde já, a minha vida e aceito a morte que me destinardes, com todas as suas dores e circunstâncias que a acompanharem,

unindo este sacrifício ao grande sacrifício da vossa vida, que vós, meu Jesus, oferecestes por mim na cruz. Quero morrer para cumprir a vossa vontade... Ó Senhor, pelos merecimentos da vossa Paixão sacratíssima, dai-me a graça de que nesta vida seja sempre resignado e obediente às vossas disposições e, na hora de minha morte, fazei, Senhor, que abrace e aceite com inteira conformidade a vossa vontade santíssima! Quero morrer, ó Jesus, para agradar-vos; quero morrer dizendo: Fiat voluntas tua..

Maria, nossa Mãe, foi assim que vós morrestes; alcançai-me a dita inefável de que também eu termine assim os meus dias!

